

KEVIN FRANCO DOS SANTOS

**CONTATOS IMEDIATOS COM O LEITOR: A IMPRENSA
UFOLÓGICA NO BRASIL (1985-1996)**

DOURADOS – 2023

KEVIN FRANCO DOS SANTOS

**CONTATOS IMEDIATOS COM O LEITOR: A IMPRENSA
UFOLÓGICA NO BRASIL (1985-1996)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *Sociedade, Política e Representações.*

Orientador: Prof. Dr. **Fabiano Coelho.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S237c Santos, Kevin Franco Dos

Contatos Imediatos com o Leitor: A imprensa ufológica no Brasil (1985-1996) [recurso eletrônico] / Kevin Franco Dos Santos. -- 2023.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Fabiano Coelho.

Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2023.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. História da Imprensa. 2. Ufologia. 3. História cultural. I. Coelho, Fabiano. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

KEVIN FRANCO DOS SANTOS

**CONTATOS IMEDIATOS COM O LEITOR: A IMPRENSA
UFOLÓGICA NO BRASIL (1985-1996)**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em _____ **de** _____ **de** _____.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador:

Fabiano Coelho (Dr., UFGD) _____

2º Examinador:

Tânia Regina de Luca (Dra., UNESP) _____

3º Examinador:

Fernando Perli (Dr., UFGD) _____

A minha família, orientador, amigos e todos e todas que contribuíram para a obtenção desse título.

AGRADECIMENTOS

Não estava em meus planos fazer a inscrição do Mestrado em 2021. À época, estava trabalhando como professor da educação básica em Dourados e ansiando pelo retorno da vida cotidiana anterior ao isolamento ocasionado pela pandemia de COVID-19. Estava desestimulado e sem perspectivas. Após duas fracassadas tentativas de ingresso ao PPGH, com dois projetos confusos e sem inspiração, o sonho da Pós-Graduação estava distante e eu não fazia questão de persegui-lo. Até que, em janeiro daquele ano, meu antigo professor e orientador, Fabiano Coelho, me incentivou a fazer a inscrição para aquele ano. Mas eu devia me inscrever com a temática de ufologia, pois essa era a temática que eu devia seguir na Historiografia. Eu, que tentava fugir do estudo dos discos voadores, vi neles como a última alternativa. Nesse sentido, é impossível iniciar essa seção de agradecimentos sem começar pela pessoa que me fez estar aqui.

Professor Fabiano e eu sempre tivemos uma relação acadêmica meio conturbada. Embora sempre mantivesse o respeito e admiração, nas orientações que fizemos, principalmente, a do Bacharelado em História, as discordâncias eram a tônica de nosso trabalho. Como o mesmo ressaltou em minha banca de Monografia em 2019, “é difícil” trabalhar comigo. E realmente assumo que, muitas vezes, bati de frente com o mesmo e levei adiante convicções e percepções históricas que somente eu tinha, mesmo com os avisos de que eu seria questionado nas bancas que se seguiram. Justamente por isso, quando soube da aprovação no processo seletivo de 2021 para o Mestrado e a seleção de Fabiano novamente como meu orientador, decidi que, ao contrário de antes, tentaria apenas me deixar levar pela experiência de meu orientador, executando suas sugestões, mas sem perder minhas próprias visões e aspirações. E esse é o produto final de nossa parceria

Ao professor Fabiano, meu mais profundo agradecimento por ter me tirado do estado de letargia que estava, por sempre ter me incluído em seus projetos e nunca ter me esquecido após a saída da universidade. Por ter acreditado e confiado em meu trabalho. Por ter sido paciente com este aluno difícil. E por sempre acreditar que posso mais em minha vida.

A minha família, por terem me auxiliado, me incentivado, me motivado a continuar com os estudos. A meu pai e minha mãe, que exerceram essa função com tanto esmero até os dias de hoje. Que se orgulham de mim em todas as minhas conquistas, e me consolam nas minhas derrotas. Que se sacrificaram de todas as formas possíveis em prol dos seus filhos. A minha irmã, que me segurou no percurso das aulas remotas, na escrita dos artigos. Fez o

isolamento na pandemia ser menos insuportável; a meu cunhado, que sempre era um momento de alívio quando ia para casa; e a meu amor, Alisson, que sempre me incentivou, esteve comigo durante toda a graduação, meus fracassos e minhas vitórias, me apoiou e foi a principal razão para eu vencer o medo e me desafiar novamente ao sair de casa e alçar voos solos em Campo Grande. Eu os amo profundamente e essa dissertação é em homenagem a vocês, que estiveram e estarão comigo para sempre.

“A verdade, senhor Mulder, é que eles estão
aqui há muito tempo.”

(Arquivo X)

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Edição extra da Revista <i>O Cruzeiro</i> (1952)	41
Imagem 2: Reportagem da <i>Cruzeiro</i> com as cinco fotografias dos OVNIS, da ed. n° 32, de maio de 1952	42
Imagem 3: Coluna esportiva do <i>Última Hora</i> , de 13 de maio de 1952	47
Imagem 4: Edição especial n° 143-B de <i>Planeta</i> abordando a ufologia, em 1984.	51
Imagem 5: Capa da edição N° 6 da <i>OVNI Documento</i>	60
Imagem 6: Capa da edição N° 63 da <i>UFO Especial</i>	61
Imagem 7: Capa da edição n° 4 da revista <i>Disco Voador</i>	63
Imagem 8: Capa do jornal <i>Correio do Estado</i> , relatando o “espetáculo” do OVNI em Campo Grande	70
Imagem 9: Capa da edição n° 1 de <i>Ufologia Nacional & Internacional</i> , de março de 1985	77
Imagem 10: Capa da edição n° 1 de <i>Parapsicologia Hoje</i> , de novembro/dezembro de 1985	78
Imagem 11: Capa da edição n° 1 de <i>PSI-UFO</i> , de setembro de 1986	79
Imagem 12: Editorial expediente da edição n° 2 da <i>Ufologia Nacional & Internacional</i>	82
Imagem 13: Editorial expediente da edição n° 2 de <i>Parapsicologia Hoje</i>	83
Imagem 14: Editorial expediente da edição n° 2 da <i>PSI-UFO</i>	84
Imagem 15: Editorial expediente da <i>Planeta</i> especial, edição n° 187, de 1983	91
Imagem 16: Editorial expediente da edição n° 6 de <i>Ufologia Nacional & Internacional</i>	92
Imagem 17: Anúncio presente na edição n° 03 de <i>Ufologia Nacional & Internacional</i>	93
Imagem 18: Publicidade da revista <i>Executivo Plus</i> , na edição n° 4 de <i>Ufologia Nacional & Internacional</i>	95
Imagem 19: Campanha publicitária da Prefeitura de Campo Grande na edição n° 3 de <i>Ufologia Nacional & Internacional</i>	96
Imagem 20: Editorial que anunciava a criação de um Instituto em Brasília dedicado a	

tecnologias alternativas, e um projeto de lei, que criava a cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do Brasil	100
.....	
Imagem 21: Capa da edição nº 3 da <i>Parapsicologia Hoje</i> , de março de 1986, em que se vê a ação de seres extraterrestres na cura de um homem.	102
.....	
Imagem 22: Anúncio indicando o fim de <i>Parapsicologia Hoje</i> , na edição nº 5, de maio de 1986	104
.....	
Imagem 23: Capa da edição nº 6 de <i>Ufologia Nacional & Internacional</i> , destacando o cometa Halley	106
.....	
Imagem 24: Contracapa da edição nº 7 de <i>Ufologia</i> , patrocinada pela Enersul, em que se recomendava economizar energia para ver o cometa Halley:	108
.....	
Imagem 25: Reportagem do <i>The New York Times</i> relatando o ‘fim do mundo’, com a passagem do Halley em 1910	110
.....	
Imagem 26: Anúncio do fim da <i>Ufologia Nacional & Internacional</i> e lançamento da <i>PSI-UFO</i>	113
.....	
Imagem 27: Capa da ed. nº 10 de <i>Ufologia Nacional & Internacional</i> , de junho de 1986	115
.....	
Imagem 28: Contracapa da edição de nº 10 de <i>Ufologia Nacional & Internacional</i>	116
.....	
Imagem 29: Editorial expediente e seção <i>Conversa com o Leitor</i> , da edição nº 2, de outubro de 1986	118
.....	
Imagem 30: Editorial expediente e índice da edição nº 6, de maio/junho de 1987	119
.....	
Imagem 31: Carta de Neuzi Bragança, da ed. nº 1; uma das leitoras que criticaram a união das duas revistas	122
.....	
Imagem 32: Capa do fascículo nº 13 da revista <i>Inexplicado</i> , de 1985	123
.....	
Imagem 33: Sumário da edição nº 13 da revista <i>Inexplicado</i> , destacando as matérias abordadas nesta edição	124
.....	
Imagem 34: Contracapa da ed. nº 1 de <i>UFO</i> , apresentando informações essenciais da ufologia	132
.....	
Imagem 35: Anúncio de publicações internacionais de interesse da ufologia, presente na edição nº 1 de <i>Ufologia Nacional & Internacional</i> , destacando a <i>International UFO Reporter</i> no canto inferior direito (1985)	134
.....	
Imagem 36: Capa da primeira edição de <i>UFO</i> , de março de 1988	135
.....	
Imagem 37: Capa da ed. nº 5 de <i>PSI-UFO</i> , de março/abril de 1987	136
.....	

Imagem 38: Editorial de abertura da edição nº 1 de <i>UFO</i> , de março de 1988	137
Imagem 39: Capa da edição nº 9 de <i>UFO</i> , de junho de 1990	141
Imagem 40: Anúncio publicitário vindo na página final da primeira edição de <i>UFO</i> , de março de 1988	143
Imagem 41: Anúncio publicitário presente nas edições 3 e 4 de <i>UFO</i> (1988)	145
Imagem 42: Capa da edição nº 40 de <i>UFO</i> , de outubro de 1995, destacando o novo layout das capas e a polêmica do vídeo da autópsia do extraterrestre de Roswell	155
Imagem 43: Desenho que ilustra o suposto ser extraterrestre submetido à autópsia em Roswell.	158
Imagem 44: Capa da edição nº 43 de <i>UFO</i> , abril de 1996, destacando o suposto extraterrestre avistado em Minas Gerais	165

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Exemplares selecionados das revistas	26
Tabela 2: Número de tiragens da <i>Ufologia Nacional & Internacional</i>	81
Tabela 2: Preço de <i>Ufologia Nacional & Internacional</i>	83
Tabela 3: Preços anuais e bianuais de <i>PSI-UFO</i>	119

RESUMO

Esta dissertação analisa o surgimento e o estabelecimento da imprensa ufológica no Brasil, no período de 1985 a 1996, seus objetivos e suas representações. Por imprensa ufológica, denomina-se o conjunto de revistas de temática de ufologia editadas por Ademar José Gevaerd, ufólogo que residia em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, durante a década de 1980. A pesquisa reverbera no estudo histórico da ufologia no Brasil, na história da imprensa, e analisa os mecanismos que possibilitaram o estabelecimento desse gênero de imprensa no país. As quatro revistas ufológicas estudadas, *Ufologia Nacional & Internacional*, *Parapsicologia Hoje*, *PSI-UFO* e *UFO*, surgiram num contexto de transição política, econômica e cultural no país, sendo produtos de sua época, em que casos e incidentes ufológicos ganhavam manchetes na imprensa, o paranormal estava em alta no Brasil e produtos culturais de temática extraterrestre tinham alto interesse público. Dessa forma, as revistas eram alimentadas por esse interesse do público, objetivando, porém, a investigação e publicização séria da ufologia no Brasil. Concomitante a isso, conviviam com um cenário econômico adverso, que dificultou o estabelecimento e continuidade, tendo as três revistas se sucedendo uma a outra, não sob um projeto de imprensa, mas sim como tentativas editoriais. A revista *UFO* foi a única que angariou sucesso, se tornando a mais longa e duradoura revista de ufologia no mundo, funcionando até os dias atuais. A imprensa ufológica no Brasil surgiu pela iniciativa de Gevaerd e se manteve com a revista *UFO* pelo bom cenário da economia com o Plano Real e o estabelecimento de uma linha editorial contínua e representativa à comunidade ufológica brasileira, que se reuniu no entorno da revista, constituindo num raro espécime editorial brasileiro.

Palavras-chave: Ufologia. História da Imprensa. UFO. História da Ufologia.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the emergence and establishment of the ufological press in Brazil, between 1985 and 1996, its objectives and representations. The ufological press is the set of ufology-themed magazines edited by Ademar José Gevaerd, a ufologist who lived in Campo Grande, Mato Grosso do Sul, during the 1980s. This study reverberates in the historical study of ufology in Brazil, in the history of the press, and analyzes the mechanisms that made possible the establishment of this type of press in the country. The four ufological magazines studied, *Ufologia Nacional & Internacional*, *Parapsicologia Hoje*, *PSI-UFO* and *UFO*, emerged in a context of political, economic and cultural transition in the country, being products of their time, in which ufological cases and incidents gained headlines in the press, the paranormal was on the rise in Brazil and extraterrestrial cultural products had high public interest. In this way, the magazines were fueled by this public interest, aiming, however, at the serious investigation and publication of ufology in Brazil. Concomitantly with this, they lived with an adverse economic scenario, which made establishment and continuity difficult, with the three magazines succeeding one another, not under a press project, but rather as editorial attempts. The *UFO* magazine was the only one that achieved success, becoming the longest-lasting and most enduring ufology magazine in the world, running until the present day. In conclusion, the ufological press in Brazil emerged on the initiative of Gevaerd and remained with the *UFO* magazine due to the good scenario of the economy with the Real Plan and the establishment of a continuous and representative editorial line to the brazilian ufological community, which gathered around of the magazine, constituting a rare brazilian editorial specimen.

Keywords: Ufology. Press History. Representations. History of Ufology.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-5 - Ato Institucional nº 5
A.J GEVAERD – Ademar José Gevaerd
CBPDV – Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores
CBS – Columbia Broadcasting System
CBU - Comissão Brasileira de Ufólogos
CDR - Centro de Documentação Regional da UFGD
CIA – *Central Intelligence Agency*
CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPDV - Centro de Pesquisas de Discos Voadores
Cr\$ - Cruzeiro
Cz\$ - Cruzado
COMAR - Comando Aéreo Regional
DOPS - Departamento de Ordem Política e Social
EBE – Entidade Biológica Extraterrestre
ENEPE - Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão
ENERSUL – Empresa de Energia Elétrica de Mato Grosso do Sul
ESA – Escola de Sargentos das Armas
E.T - Extraterrestre
FAB - Força Aérea Brasileira
GEP - Grupo Editorial Paracientífico
HSBC - *Hong Kong and Shanghai Banking Corporation*
IBIS – Instituto Brasileiro de Investigação da Sobrevivência
INFA - Instituto Nacional de Investigação de Fenômenos Aeroespaciais
INFRAERO - Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária
INPE - Instituto de Pesquisas Espaciais
MIB – *Men in Black*
OVNI – Objeto Voador Não Identificado
PIBIC – Programa de Bolsa de Iniciação Científica
PIBID – Programa de Bolsa de Iniciação à Docência
PM - Polícia Militar
PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
PROPP – Pró-reitoria de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa
SNI - Serviço Nacional de Informações
SIOANI - Sistema de Investigação de Objetos Aéreos não Identificados
SPIPDV - Sociedade Pelotense de Investigação e Pesquisa de Discos voadores
UFGD – Universidade Federal da grande Dourados
UFO – *Unidentify Flying Objects*
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
UOL – Universo Online

SUMÁRIO

Introdução	17
Capítulo 1	
“O ESPETÁCULO DOS DISCOS VOADORES”: A INVENÇÃO DA UFOLOGIA NO BRASIL À LUZ DA IMPRENSA	36
1.1. O Caso da Barra da Tijuca (1952)	36
1.2. Os discos voadores no período militar (1964-1979)	47
1.3. Operação Prato e a efemeridade das revistas ufológicas: <i>OVNI Documento e Disco Voador</i> (1977-1980)	54
Capítulo 2	
“TUDO QUE EXISTE TEM SUA HISTÓRIA”: A IMPRENSA UFOLOGICA NOS ANOS 1980	66
2.1. Onde tudo começou: o caso Moreirão (1982)	66
2.2. O estabelecimento da imprensa ufológica: <i>Ufologia Nacional & Internacional, Parapsicologia Hoje e PSI-UFO</i> (1985-1987)	74
2.3. “O princípio de tudo”: <i>Ufologia Nacional & Internacional</i> (1985-1986)	83
2.4. Diversificando abordagens: <i>Parapsicologia Hoje</i> (1985-1986)	96
2.5. 1986: o ano do cometa	104
2.6. O festival dos discos voadores e o abrupto fim da <i>Ufologia Nacional & Internacional</i>	111
2.7. <i>PSI-UFO</i> , disputas e dissidências e uma nova tempestade econômica (1986-1987)	116
Capítulo 3	
“ASSIM CAMINHA A UFOLOGIA BRASILEIRA”: EXPANSÃO E CONTINUIDADE DA REVISTA UFO (1988-1996)	129
3.1. “Fenômeno UFO: Hora de mudanças”: qual o destino da ufologia brasileira? (1988-1993)	129
3.2. “A hora da verdade”: um polêmico vídeo e o caso que definiu a <i>UFO</i> (1994-1996)	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES	176

INTRODUÇÃO

Como fui abduzido pelos extraterrestres

Toda pesquisa histórica se articula com um lugar de produção social, econômico, político e cultural (DE CERTEAU, 1982, p.65). Um historiador, segundo as percepções de Michel de Certeau, traz consigo bagagens culturais, políticas e socioeconômicas na práxis de seu ofício que, ao debruçar-se sobre um determinado objeto de pesquisa, evidenciam-se não na forma de apologia, mas sim de influência, de vivências.

Meu lugar de produção, nesse caso, foi moldado por elementos da cultura pop¹ que muito vicejaram (e ainda permanecem vigentes) desde o início do século XXI. Nascido sob a égide da geração Harry Potter², desde criança consumia produtos de entretenimento, como filmes, desenhos animados, livros, novelas e séries, em que o fantástico era apresentado de forma heroica e atrativa; e assim cresci, como tantos de minha geração, com essa aproximação da realidade fantástica, de seres mutantes com poderes especiais, bruxos e feiticeiros e claro, extraterrestres e alienígenas. O fantástico, portanto, sempre me exerceu fascínio.

A adolescência foi um período em que o interesse por essas temáticas evoluiu para um pequeno estudo, em que leituras mais aprofundadas sobre a ufologia, teorias da conspiração, criptozoologia³, paranormalidade e bruxaria, dentre outros assuntos imaginários e fantasiosos, tomavam meu tempo e competiam com os estudos do ensino regular. Se tratando da ufologia, há um avanço significativo nesta época da adolescência por conta do impacto causado pelo

¹ A cultura pop é um conjunto de manifestações artísticas originadas do movimento *Pop-Art.*, da década de 1960, que buscava a reprodução artística de ícones do cinema, música e da televisão. A cultura pop massificou-se de forma que abrangeu a música, artes plásticas, o cinema e a literatura, nascendo em meio ao predomínio do consumo individual. Segundo Gelson Santana Penha, a cultura pop é consumo em detrimento da vivência. É mais consumida que vivida. Fonte: KOBAYASHI, Eliza. *O que é cultura pop?* Revista Nova Escola. Site. 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1528/o-que-e-cultura-pop>. Acesso em 20 dez. 2022

² “Harry Potter” refere-se à uma coleção de livros escrita pela britânica J.K Rowling. Os livros de Rowling tornaram-se uma franquia de filmes, que de 2001 a 2011 lançou setes produções cinematográficas que alcançaram recordes de bilheteria mundial.

³ Criptozoologia, do grego “kryptos” = “oculto” + zoologia, é o nome que se dá ao estudo de espécies de animais lendários, mitológicos, hipotéticos ou avistados por poucas pessoas. In: Dicionário Informal. *Criptozoologia*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/criptozoologia/>. Acesso em 10 jan. 2023

contato com a série Arquivo X⁴, que passei a acompanhar em fins de 2011, aos 16 anos. “A verdade está lá fora”, dizia o seriado...

Com o passar dos anos e ao entrar na graduação em História na UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), embora ainda tivesse prazer em ler esses conteúdos, tais assuntos deixaram de ser lidos com maior frequência e considerados enquanto explicação científica, ou uma utopia de mundo, como na adolescência. Isso se deu em partes pela maturidade adquirida, mas também com a mudança de pensamento proporcionado pela leitura dos textos históricos, já que o teor crítico e o pensamento analítico começaram a se fazer presentes. O olhar crítico de um historiador estava nascendo. Porém, mesmo com essa formação do pensamento crítico, não me desliguei totalmente das leituras em torno dessas temáticas. Elas passaram a ser um *hobby*, mas agora também havia o desejo de encontrar uma maneira de ligar esses assuntos com a História, a partir de uma abordagem científica. Até que, no terceiro ano de graduação, ocorreu uma mudança de visão em torno de tais conteúdos e um norteamento, uma hipótese, em especial a respeito da ufologia: passaria a ter um olhar historiográfico sobre a mesma enquanto um fenômeno social. Em vez de provar ou não a existência de extraterrestres, era preciso pensar o campo da ufologia enquanto um fenômeno humano. Bingo! Havia conseguido relacionar a ufologia, uma antiga paixão, à História, que seria meu ganha pão. Mas como sistematizar isso?

A pesquisa apresentada nesta dissertação começou a ser trilhada por volta do ano de 2016. À época, no quinto semestre, cursava a disciplina de Estágio Supervisionado em História I, no curso de História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), junto aos professores Fabiano Coelho e Carlos Barros Gonçalves. No curso da disciplina, o professor Fabiano nos pediu para desenvolvermos microaulas com temáticas variadas, mas sob a ótica da História Regional. Nesse conteúdo, optei em abordar um caso ufológico ocorrido em Campo Grande e que se tornou conhecido na cidade: o caso Morenã⁵.

A surpresa, porém, foi o professor Fabiano também manifestar interesse no tema. Iniciava-se, assim, os caminhos que levariam até esse momento. Esta aula, por conseguinte, foi o embrião de uma pesquisa de iniciação científica⁶, uma monografia⁷, capítulo de um

⁴ “Arquivo X” foi uma série de ficção científica da televisão norte-americana, que estreou em 1993. O seriado girava em torno da história dos agentes federais Fox Mulder (interpretado por David Duchovny) e Dana Scully (Gillian Anderson), que investigavam casos originados do “Arquivo X”, departamento do FBI que se dedicava a crimes sem explicação aparente.

⁵ Caso ufológico de expressão ocorrido em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, na noite do dia 6 de março de 1982 durante uma partida de futebol no estádio Pedro Pedrossian, o Morenã.

⁶ FRANCO, Kevin. *Revista UFO: Reflexões Históricas*. Pesquisa de Iniciação Científica. PIBIC. Universidade Federal da Grande Dourados. 2018

livro⁸ e, atualmente, desta pesquisa de mestrado. Posteriormente, o professor Fabiano me convidou a propor uma pesquisa de iniciação científica via PROPP (Pró-reitoria de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa). A pesquisa, no âmbito do PIBIC (Programa de Bolsas de Iniciação Científica) teve início por volta de 2017, quando deixei o PIBID (Programa de Bolsa de Iniciação à Docência) para dedicar-me integralmente às atividades de pesquisa. Intitulada “Revista UFO: reflexões históricas”, foi financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) durante um ano, em que pesquisei a historicidade da *UFO* como imprensa, constituindo o primeiro contato com este objeto de pesquisa e um preâmbulo do atual trabalho.

A pesquisa analisou o contexto de surgimento da revista *UFO* e sua materialidade enquanto produto de imprensa, estabelecendo conexões com o mundo editorial e a função social do periódico, elementos também abordados, com maior profundidade, nesta dissertação. Na segunda metade de 2017, contatei o editor A.J Gevaerd, que disponibilizou uma gama de revistas, datando de 1994 a 2004. Essa doação foi essencial para o desenvolvimento da Iniciação Científica e também desta dissertação, visto que possibilitou o contato com a materialidade, seus componentes físicos, imprescindíveis para a análise de um periódico.

Com a formatura no grau de licenciatura em 2018, optei por continuar com a complementação de grau de bacharelado na UFGD, em preparação para o processo seletivo do PPGH (Programa de Pós-Graduação em História) de 2019 e também para concluir a pesquisa. Assim, dei continuidade ao PIBIC, que findou em meados de agosto daquele ano, cujo produto final, um artigo, foi apresentado no 12º ENEPE da UFGD (Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão) e também no XIV Encontro de História da ANPUH–MS. Em abril, viajei à Curitiba para entrevistar A.J Gevaerd. Esta entrevista foi muito importante na compreensão do contexto de lançamento das revistas ufológicas, sendo uma das fontes utilizadas nesta pesquisa, e também pela investigação do caso Morenã, que subsidiou a monografia do Bacharelado.

Em fins de 2018, para obter o grau de Bacharel em História defendi a monografia intitulada “A Ufologia como representação: o caso ufológico do Morenã”, em que discuti a o caráter histórico da ufologia apropriando-se do conceito de representação abordado por

⁷ FRANCO, Kevin. *A ufologia como representação: O Caso ufológico do Morenã*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História). Universidade Federal da Grande Dourados. 2018

⁸ FRANCO, Kevin. A Ufologia e suas representações: o caso ufológico do Morenã. In: COELHO, Fabiano (ORG). *Práticas de Pesquisa em Movimento: experiências do Bacharelado em História da UFGD (Vol. II)*. Curitiba: Appris. 2021.

Sandra Jatahy Pesavento, em que a representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção a partir dele (PESAVENTO, 2003, p. 40). Nesse sentido, interpretei o teor ufológico do Caso Morenãõ como uma representação a partir do imaginário constituído dos discos voadores.

Entre 2019 e 2020, após duas tentativas infrutíferas de ingresso ao PPGH, dei pausa aos estudos ufológicos, retornando em meados do último ano com o convite do professor Fabiano para compor capítulo de um livro que estava organizando para comemorar o primeiro decênio do curso de Bacharelado em História da UFGD. Dessa forma, reformulei a monografia apresentada, que se tornou capítulo do livro “Práticas de Pesquisa em Movimento experiências do Bacharelado em História da UFGD (Vol. II)” (2021).

Ingressei no PPGH/UFGD na seleção de 2021 com o anteprojeto intitulado “A Ufologia em um periódico: Revista UFO, o início e fim de uma imprensa ufológica (1985-2020), que posteriormente foi reformulado com a reflexão vinda das disciplinas e da orientação do professor Fabiano, designado como meu orientador. Na pesquisa de Mestrado, tive como desafio a investigação da imprensa ufológica, compreendendo as revistas *Ufologia Nacional & Internacional*, *Parapsicologia Hoje*, *PSI-UFO* e *UFO*. Assim, estudei a trajetória dessas revistas enquanto um tipo de imprensa especializado em ufologia, seus discursos e suas especificidades, num recorte temporal que vai de 1985 a 1996, tendo como referência o lançamento da revista *Ufologia Nacional & Internacional* até o momento em que a revista *UFO* chega a 40 edições e consegue se estabelecer enquanto veículo de imprensa. A pesquisa, por fim, visa contribuir para os estudos da história da imprensa, de modo a aprofundar o olhar da historiografia para a ufologia, em que pese a escassez de trabalhos desta temática na área.

Uma história a partir e dos periódicos

Sobre a Historiografia da imprensa no Brasil, esta se tornou uma das áreas mais promissoras para os historiadores a partir de 1960. Com a obra de Nelson Werneck Sodré, “História da imprensa no Brasil (1961)”, inaugurou-se uma leva de possibilidades de o historiador ter periódicos⁹, como fontes e objetos em uma pesquisa histórica.

A imprensa registra, comenta e participa da história. Manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso da humanidade através do tempo (CAPELATO, 1988, p. 13). Isso aproxima a História e a

⁹ Em definição simples, periódico refere-se a publicações de imprensa que são divulgadas em tempos distintos. Jornais, revistas, boletins, cartilhas podem ter publicações regulares e periódicas.

imprensa, que lidam com a ação humana em uma temporalidade. A imprensa registra o presente, o imediato, o que acaba de acontecer. A História se volta à temporalidade, que pode ser presente, mas também distante no passado. Não à toa, é a ciência que estuda os homens no tempo (BLOCH, 2001, p. 55), numa intervenção já clássica de Marc Bloch e que ressalta o papel da ciência histórica e sua forma de atuação.

A imprensa pode ser, ao mesmo tempo, fonte e objeto de estudo. Estudar a imprensa é lidar com leituras da história sendo escritas e/ou registradas num tempo imediato. Dessa forma, o trabalho do historiador com essa fonte/objeto é historicizá-la e situá-la em uma temporalidade, problematizando-a e buscando interpretar as ações humanas nela registradas ou silenciadas.

Outrossim, a imprensa, assim como a História, é produto de mãos e mentes humanas. Sua análise precisa levar em conta a materialidade, as iconografias e, principalmente os discursos, as intenções e as motivações de seus autores, elementos imprescindíveis para a constituição da análise de fontes oriundas da imprensa pois, como demonstra Roger Chartier (2010), o processo de publicação, seja qual for sua modalidade, sempre é coletivo, já que não separa a materialidade do texto da textualidade do livro (CHARTIER 2010, p. 40), numa relação síncrona entre o que é escrito pelo autor e o que é recebido e lido pelo leitor, mas também referenciando os diversos atores envolvidos na publicação de produtos oriundos da imprensa.

Da História e da imprensa, corriqueiramente, é exigida uma imparcialidade de ambas em sua prática, embora essa imparcialidade não exista. O historiador e o jornalista são seres pensantes com formulações e pensamentos próprios. Sendo assim, a imprensa e a História são parciais por natureza. Exigir neutralidade delas é voltar a um paradigma já superado:

O documento histórico oriundo da imprensa não pode ser considerado o reflexo da realidade, mas o lugar onde há a representação do real. Logo, ao se trabalhar com notícias de jornais deve-se ficar atento à subjetividade dos redatores e do corpo editorial responsável pelo material trabalhado. Ora, todo autor está ligado a sua classe social e seu momento histórico, portanto aí reside a impossibilidade de sua imparcialidade, pressuposto básico que conduziu uma vez a pesquisa positivista (CABRAL FILHO, SOUZA, 2013, p. 4).

O passado, porém, como ocorreu, não pode ser revivido ou recuperado (GADDIS, 2003, p. 17). Não se dispõe ainda de um *DMC Delorean*¹⁰ que transporte as pessoas de volta para o passado. O que nos resta, enquanto historiadores, é representar este passado, esta temporalidade que se quer abordar. Pois, a rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais que chegam até ele (PESAVENTO, 2003, p.23): as fontes. Estas, por sua vez:

[...] são indícios que se colocam no lugar do acontecido, que se substituem a ele. São, por assim dizer, representações do acontecido, e que o historiador visualiza como fontes ou documentos para sua pesquisa, porque os vê como registros de significado para as questões que levanta. Estamos, pois, diante de representações do passado que se constroem como fontes através do olhar do historiador. [...] Fonte como representação do passado, meio para o historiador chegar às representações construídas no passado (PESAVENTO, 2003, p. 23).

A imprensa, enquanto fonte para o historiador, constitui representações do real produzidas por seus autores no âmbito de uma pesquisa histórica. A imprensa é fruto de subjetividades, de indagações e de visões de seus propositores. Deste modo, jornais, revistas e editoriais, chefiados por autores especializados, tem convicções e posturas que transmitem visões de mundo.

O campo da imprensa é vasto e abrange diversas tipologias: imprensa escrita, de jornais e revistas, quadrinhos, dentre outras; imprensa audiovisual, que hoje compreende a TV, rádio e, mais recentemente, podcasts; imprensa virtual, de portais e sites da internet. A imprensa se modifica com o passar do tempo, se adapta à evolução da tecnologia e do pensamento humano. Mas a sua essência continua: informar ao público sobre um determinado assunto. Ou vários assuntos.

Dentro do gênero imprensa escrita, os periódicos, com maior ênfase às revistas, que é a especificidade deste trabalho, se dedicam a trazer conteúdo de origens variadas: policiais, culinárias, entretenimento, celebridades, política, cultura, variedades. Tânia Regina de Luca aponta que tais publicações forneciam um lauto cardápio que procurava agradar a diferentes leitores justificando o termo variedades (LUCA, 2008, p. 121). As revistas, pela sua natureza, construção e abrangência, são alvos da indústria publicitária, constituindo grande fonte de

¹⁰ Veículo utilizado no filme “De volta para o futuro”, de 1985, como uma máquina do tempo, que transportou o personagem do ator Michael J Fox para o passado.

verbas destinadas à propaganda e publicidade de vários produtos. Ana Cristina Teodoro da Silva considera que a revista é um espaço privilegiado para a indústria publicitária:

[...] quem pode comprar revista é consumidor em potencial. Por isso a revista é uma mídia privilegiada para o mercado publicitário: tem público selecionado, específico, significando retorno garantido de investimentos em propaganda. Além disso, as revistas semanais são consideradas “transmissoras de ideias” e “meios de maior credibilidade” (SILVA, 2003, p. 46).

As revistas, produtos que originam esta pesquisa, fazem parte de um diverso e heterogêneo campo de imprensa em funcionamento no Brasil. Tem uma natureza característica que se difere dos jornais e demais produtos da imprensa. A periodicidade das revistas faz com que as mesmas necessitem cativar o seu público leitor, recorrendo a um conjunto de estratégias para garantir sua existência que vão além de sua composição teórica.

Ademais, há uma robusta variedade de gêneros de revistas em circulação no país, voltadas a diversas temáticas: política, culinária, esportes, artes, cada uma representando um universo de possibilidades a serem exploradas pelo profissional historiador. Assim, com inúmeras possibilidades de atuação, empreende-se nesta pesquisa, uma história a partir e dos periódicos que serão abordados.

O que a História tem a dizer sobre os discos voadores?

No interior do universo dos gêneros de imprensa, há um no Brasil praticamente desconhecido e que é o foco desta pesquisa: a imprensa voltada aos discos voadores, à ufologia e paranormalidade, num fenômeno nomeado como imprensa ufológica. Por imprensa ufológica, nos referimos ao conjunto de revistas especializadas em ufologia editadas sob a edição geral do ufólogo A.J Gevaerd na década de 1980: *Ufologia Nacional & Internacional* (1985-86); *Parapsicologia Hoje* (1985-86); *PSI-UFO* (1986-1987), e a revista *UFO* (1988-atualmente). O termo, porém, aplica-se, também, à primeira revista de ufologia lançada no país, sob idealização de Irene Granchi, pioneira na ufologia brasileira, cujo periódico, *Ovni Documento*, de 1978, exerceu forte influência sobre as revistas de Gevaerd na década de 1980; e também a quase desconhecida *Disco Voador*, editada entre 1979 e 1980.

Esse tipo de imprensa estudado neste trabalho, porém, é caracterizado pela formação de um único bloco, um conjunto de revistas lançadas e organizadas por um único grupo, evidenciando uma posição única e postura homogênea, constituindo não um setor, mas um

caso de imprensa. Assim, o conjunto de revistas lançadas por A.J Gevaerd e o CBPDV (Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores) pouco diferem entre si em conteúdo e amostragem. A diferença reside no sucesso de apenas uma delas.

Ufologia, o campo que norteia tais periódicos, é o estudo, pesquisa e conhecimento sobre discos voadores e objetos voadores não identificados, comumente associados à vida extraterrestre. É uma área de pesquisa polêmica e jogada ao campo das pseudociências, visto que a ciência não corrobora com suas teses de pesquisa e de pensamento. Mas, vale ressaltar, a ufologia utiliza de artifícios científicos no desenvolvimento de suas pesquisas, ainda que o produto contradiga amplamente o que defende o método científico. O uso da ciência, nesse caso, tem fins de credibilizar a área como campo de conhecimento legítimo e confiável. Como observa-se, a relação da ufologia com a ciência sempre foi carregada de tensão e conflito.

O discurso norteador dessas revistas baseia-se numa escatologia de cunho ufológico, em que se anseia e se espera continuamente pelo contato com civilizações extraterrestres. Essa ânsia ora provoca reações de êxtase, quando na ocorrência de casos ufológicos, ora de desilusão, discordância, provocando atritos na comunidade ufológica, que ecoam nas revistas. A expectativa do contato com esses seres é o que move os periódicos. A ausência do contato os desestimula. Em dois momentos abordados nesta dissertação esse discurso se cristaliza: em 1986, quando ocorre a “Noite oficial dos Ovnis no Brasil”, em que a ocorrência é festejada pela comunidade ufológica, para que nos anos seguintes provoquem crises no entorno da revista; e em 1995/1996 no seguimento da divulgação de um polêmico vídeo sobre uma autópsia de extraterrestre e a explosão do caso Varginha (1996), eventos que confirmam as expectativas dos ufólogos brasileiros e alavancam as cifras da revista nos anos posteriores.

Para esta pesquisa, foram selecionados exemplares que antecederam e sucederam eventos relevantes para a ufologia, sejam ufológicos ou não, em virtude destes contextos exporem o discurso escatológico das revistas, que revelam as disputas dentro do campo ufológico, e que também evidenciam as mudanças pelos quais os periódicos passaram ao longo do tempo. Da primeira leva de revistas lançadas na década de 1980, resultam em 22 exemplares de *Ufologia Nacional & Internacional*, *Parapsicologia Hoje* e *PSI-UFO*. Desse montante, foram selecionadas como fontes seis exemplares, além de um exemplar de *Disco Voador* e *OVNI Documento*. De *UFO*, de 1988 até 1996, foram lançadas 48 edições, sendo selecionadas oito edições como fontes históricas. Desse modo, compreendem as edições que foram tomadas como fonte neste trabalho: da primeira edição de *Ufologia Nacional &*

Internacional até a quadragésima terceira edição de *UFO*, um recorte temporal de 1985 a 1996, os seguintes exemplares e suas justificativas:

Tabela 1: Exemplares selecionados das revistas

Revista	Cidade	Exemplares selecionados	Justificativa
OVNI Documento	Rio de Janeiro - RJ	05	Retrata o caso Pelotas e o I Congresso Internacional de Ufologia
Disco Voador	Porto Alegre - RS	04	Único material disponível para análise
Ufologia Nacional & Internacional	Campo Grande - MS	01, 06, 10	Edição nº 1: edição inaugural; edição nº 6: retratou a passagem do Cometa Halley; edição nº 10: edição final, dedicada à “Noite Oficial dos OVNI’s” no Brasil.
Parapsicologia Hoje	Campo Grande - MS	03	Edição dedicada às curas espirituais e medicinas “alternativas”
PSI-UFO	Campo Grande - MS	01, 05	Edição nº 1: edição inicial, dando continuidade a “Noite oficial dos OVNI’s”; edição nº 5: retratou o conflito público entre pares da revista.
UFO	Campo Grande - MS	01, 04, 09,15, 21, 30, 40, 43	Edição nº 1: edição inaugural; edição nº 4: aborda a casuística ufológica de Mato Grosso do Sul; edição nº 9: primeira mudança estética, atrasos na publicação; edição nº 15: atrasos da publicação; edição nº 21: retorno de <i>UFO</i> após hiato

			considerável; edição nº 30: edição comemorativa de edições lançadas; edição nº 40: dedicada ao vídeo da autópsia do extraterrestre; edição nº 43: dedicada ao caso Varginha.
--	--	--	--

Fonte: Arquivo pessoal

A imprensa voltada aos discos voadores surgiu na década de 1970. De iniciativa de Irene Granchi, *OVNI Documento* foi lançada em 1978, durando até meados de 1980. *Disco Voador*, dirigida por Neyte R. Abreu, foi lançada em 1979, saindo de circulação em 1980. Na década de 1980, Ademar José Gevaerd, então estudante de Química em Maringá, lançou quatro revistas ufológicas após um caso ufológico famoso de Campo Grande: em março de 1982, a cidade foi sacudida por um avistamento de um objeto voador não identificado num jogo de futebol no estádio Pedro Pedrossian, o Moreirão. O ocorrido entraria para os anais da ufologia brasileira como “Caso Moreirão”, supostamente o maior avistamento coletivo de um OVNI no mundo: cerca de 20 mil torcedores estavam no estádio.

Posteriormente, Gevaerd se mudou para a capital sul-mato-grossense para investigar o caso e fundou o CPDV (Centro de Pesquisas de Discos Voadores), um grupo de pesquisa e investigação de discos voadores que emulava um instituto científico, responsável por lançar quatro revistas ufológicas a partir de 1985. Num contexto de abertura política, grave crise econômica, aumento de interesse público pela ufologia e parapsicologia, e ocorrências de casos ufológicos cada vez mais midiáticos, as revistas ufológicas seriam lançadas com irregularidade de publicações, dificuldades financeiras e econômicas, sucedendo gradativamente uma à outra, não sob um projeto de imprensa, mas numa série de tentativas de estabelecerem-se enquanto produtos midiáticos sob uma ótica capitalista. Nesse sentido, há uma notória testagem de mercado por parte de Gevaerd em lançar diversos produtos para averiguar como se comportam no mercado editorial. A grave crise econômica pós-Ditadura, porém, impactou diretamente o funcionamento das revistas, em virtude dos custos de editoração, de distribuição e divulgação de um produto com temática de nicho e fora do eixo Rio-São Paulo, além de que as mesmas não deslançaram em vendas e fracassaram em angariar um amplo público consumidor.

A *UFO*, quarta tentativa do CPDV, foi lançada em 1988 repetindo a trajetória de suas antecessoras, porém, a partir de 1993 conseguiu se estabilizar enquanto veículo de imprensa, estabelecendo uma regularidade mensal de publicações, chegando a inéditas 40 edições em 1995, momento em que atingiu seu primeiro recorde de longevidade no campo de periódicos ufológicos a nível mundial. A isso se dá pela calmaria econômica e estabilização da nova moeda, o Real, que havia sido implementado com sucesso a partir de 1994.

O intuito deste trabalho é compreender como estes periódicos se comportaram em suas temporalidades, quais eram seus discursos, as tensões, concordâncias, dificuldades, refletindo sobre esse caso de imprensa de um único grupo, além de analisar a atuação desta imprensa no território de Mato Grosso do Sul, contribuindo para a historiografia da imprensa a nível local, relacionando-a com a de âmbito nacional.

Sobre ufologia, raros são os trabalhos que se propõe a estudá-la no âmbito da ciência histórica. Mais raros ainda os que investigam os periódicos e revistas de orientação ufológica, o que atribui a esta pesquisa um grau de originalidade na historiografia brasileira. A primeira pesquisa do gênero que se tem conhecimento é a dissertação de mestrado de Claudio Tsuyoshi Suenaga “A dialética do real e do imaginário: uma proposta de interpretação do fenômeno OVNI”, defendida em 1999, no campus de Assis da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), que se propôs a interpretar o fenômeno Ovní como uma relação dialética entre real e os imaginários, em que a crença em discos voadores se manifesta numa sociedade industrial, e para atender aos anseios de uma era técnico-científica, da astronáutica e da bomba atômica, da velocidade supersônica e da televisão, só mesmo a retórica dos discos voadores (SUENAGA, 1999, p. 2). Suenaga, ressalta-se, foi autor de colunas e textos da revista *UFO* de 1995 até 2008.

Dez anos depois, em 2009, a dissertação de mestrado de Rodolpho Gauthier Cardoso dos Santos intitulada “A invenção dos discos voadores. Guerra Fria, imprensa e ciência no Brasil (1947-1958)”, ofereceu um leque de oportunidades para este texto em virtude de o autor investigar a historicidade dos discos voadores e o surgimento do fenômeno Ovnis no Brasil a partir dos discursos e debates da imprensa. Esta pesquisa investigou a construção da ufologia no Brasil a partir do célebre caso da Barra da Tijuca, em que dois fotógrafos da extinta revista *O Cruzeiro* falsificaram fotografias de discos voadores com intuito mercadológico, inaugurando o campo ufológico no Brasil, ainda que com uma enorme fraude. Essa análise é pertinente em virtude de demonstrar que a ufologia se inicia no Brasil sob enorme polêmica e descrédito capitalizados pela ação da imprensa, evidenciando os discursos

que a mídia traria ao abordar os discos voadores e as disputas de narrativas entre os atores envolvidos, e o surgimento do imaginário dos discos voadores e da associação entre Ovnis e a ufologia. O primeiro capítulo desta dissertação foi influenciado pelo trabalho de Cardoso dos Santos.

Ainda em 2009, Milton José Giaconetti também apresentou uma interpretação do fenômeno dos discos voadores no contexto de Guerra Fria, em sua dissertação “As luzes no céu e a Guerra Fria: do limiar do conflito ao imaginário sobre os discos voadores (1945-1953)”. Giaconetti, nesta pesquisa, discorreu sobre a criação do imaginário popular sobre as luzes vistas no céu como de origem alienígena ou soviética, à sombra do contexto beligerante do mundo ocidental no pós-Segunda Guerra Mundial.

Em 2016, João Francisco Schramm defendeu a dissertação “A Força Aérea Brasileira e a investigação acerca de objetos aéreos não identificados (1969-1986): segredos, tecnologias e guerras não convencionais” no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Em sua pesquisa, Schramm investigou a relação que a FAB (Força Aérea Brasileira) teve com a incidência de Ovnis no espaço aéreo brasileiro, enfatizando a marcante experiência da Noite Oficial dos Ovnis, em 1986.

Destaca-se também um Trabalho de Conclusão de Curso em História, de 2018, de autoria de Felipe Idalino Vieira do Nascimento, concluído na Universidade Federal de Alagoas intitulado “MIB à brasileira: A criação do Centro de Investigação de Objetos Voadores Não Identificados na Força Aérea brasileira (1969-1972)”, que investigou a atuação do CIOANI, o principal órgão de investigação da FAB no que tange os Ovnis na década de 1960 e 1970.

Como observado, a produção historiográfica referente aos discos voadores e a ufologia compreende um panorama que versa desde a História cultural, como o texto de Giaconetti e Suenaga; a História militar e política, como a dissertação de Schramm; além da História da imprensa, presente no texto de Santos. Esta dissertação propõe uma investigação oriunda da História da Imprensa, que perpassa de forma breve pelos setores da História econômica e da História cultural

A Antropologia tem se atentado à pesquisa dos discos voadores, como a dissertação de Daniel Pícaro Carlos, de 2007, intitulada “Extraterrestres: ciência e pensamento mítico no mundo moderno”. Esta pesquisa foi importante por trazer uma análise da Antropologia em relação aos discos voadores, ao considerar que a Ufologia identifica o *não identificado*. Transforma o não identificado em conhecido, objetivamente descrito e bem caracterizado.

Isso é feito a partir de um “salto”, que associa imediatamente os termos “OVNI” e “UFO” à imagem dos discos voadores relatados por Arnold (CARLOS, 2007, p. 10). Sandra Jatahy Pesavento considera que representações são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (2003, p. 21). O “salto” que liga os OVNIS e UFOS aos discos voadores são construídos a partir de representações advindas das mitologias que rondam a ufologia.

O surgimento da ufologia moderna: expectativas e construções humanas a partir de um objeto desconhecido

O conceito de representação é amplamente debatido pela historiografia. Um de seus principais estudiosos, Roger Chartier, conceitua representação com um duplo sentido: uma das interpretações da representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; a outra, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa (CHARTIER, 1991, p. 184). As representações que norteiam a ufologia têm a característica de se basearem em um símbolo jamais visto, mas carregado de idealizações e expectativas humanas.

Os imaginários que rondam a ufologia e a representação moderna dos discos voadores advém de um contexto político de beligerância e vigilância, produtos da seara cultural e avanço científico, que atinge seu auge no findar da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Porém, seu início se processou décadas antes deste acontecimento histórico.

O interesse pela vida fora da Terra esteve em alta na virada do século XIX para o século XX, que foi o período em que surgem os elementos responsáveis pelo advento da ufologia moderna a partir de 1947. Descobertas científicas sobre o universo e o avanço de várias áreas científicas neste período, sobretudo a Química e a Física, modificaram o plano intelectual e a compreensão das sociedades sobre o espaço sideral e os planetas. A respeito disso, Hobsbawm pondera:

A transformação era de dois tipos. Intelectualmente, implicava o fim da compreensão do universo na imagem do arquiteto ou do engenheiro: um edifício ainda inacabado, mas cujo término não tardaria muito; um edifício baseado "nos fatos", ligados entre si pelos firmes andaimes de causas determinando efeitos e pelas "leis da natureza", e construído com as ferramentas confiáveis da razão e do método científico; uma construção do intelecto, mas que também expressava, quando vista de forma mais acurada, as realidades objetivas do cosmos. Para a mentalidade do mundo burguês

triumfante, o gigantesco mecanismo estático do universo, herdado do século XVII e, desde então, ampliado por extensão a novos campos, produzia não apenas permanência e previsibilidade, mas também transformação. Produziu a evolução (que podia facilmente ser identificada como o "progresso" secular, ao menos nos assuntos humanos). Foram esse modelo do universo e a maneira de a mente humana compreendê-lo que agora faliam (HOBSBAWM, 1988, p.374-375).

Dessa forma, ruía a mentalidade estática e progressiva do universo estabelecido pela mecânica newtoniana, para dar lugar à incerteza das descobertas, num período ainda anterior à teoria da relatividade de Albert Einstein. O contexto fez surgir, tanto na área científica como também na cultural, um triplo padrão de representações sobre o tópico da existência de vida extraterrestre: a tecnológica e científica, em que o possível contato seria resultante do progresso e do conhecimento técnico-científico da sociedade europeia; a beligerante, em que a humanidade corria risco frente à invasões e ataques de seres alienígenas hostis; e a política, centrada numa ótica exploratória e de superioridade, influenciada pelo imperialismo europeu vigente, que viam esses seres como inferiores aos humanos da Terra.

Descobertas sobre o planeta Marte, a partir de 1870, inquietaram os terráqueos com a possibilidade de se encontrarem espécimes inteligentes no planeta vermelho. Esse sentimento foi sintetizado pelo astrônomo Carl Sagan, ainda que extemporâneo dessas descobertas, que indagou em sua obra “Reflexões sobre o cosmo” (1980) que “Marte tornou-se uma espécie de arena mítica na qual projetamos nossas esperanças e medos terrenos” (SAGAN, 1980, p. 125). Presenciando o não humano, o não terrestre, a humanidade conseguiria abstrair sua real natureza. Sagan, ao refletir o interesse dos seres humanos por Marte em fins do século XIX, exteriorizou o padrão humano de produzir representações em torno do medo do desconhecido e do supostamente visto, que outrora já havia povoado a imaginação dos europeus com os bestiários medievais e os monstros marinhos das Grandes Navegações, como foi pontuado por Jean Delumeau em sua obra de 1978, “História do Medo no Ocidente (1300-1800)”. Neste caso, porém, saíam os monstros marinhos e bestas ferais e entravam seres alienígenas, à imagem e semelhança dos humanos, mas vindos de outros planetas.

Um dos primeiros a propor a teoria dos habitantes de Marte no século XIX foi o astrônomo italiano Giovanni Schiaparelli que, em 1877, apresentou ao mundo mapas do planeta com canais que supostamente foram feitos por civilizações inteligentes¹¹. O legado de Schiaparelli foi significativo a ponto de seu sobrenome dar nome a uma cratera em Marte.

¹¹ Andrade, Jorge. *Longe da Terra, próximo de Marte. O namoro do século XIX com o "Planeta Vermelho"*. Disponível em: <https://www.dn.pt/ciencia/longe-da-terra-proximo-de-marte-o-namoro-do-seculo-xix-com-o-planeta-vermelho--14091859.html>. Acesso em 28 nov. de 2022.

Nikola Tesla, incompreendido cientista e inventor sérvio, em 1899 achou que havia descoberto sons vindos de comunicação via rádio, cujo destino mais provável era Marte¹². Em 1892, a empresa norte-americana de sabões e produtos de limpeza *Kirk's Soap* publicou um anúncio num jornal de Chicago fazendo referência ao Observatório Astronômico *Yerkes*, e a ideia do povoamento de Marte, com os dizeres: “Marte está povoado, e eles querem *Kirk's soap*”¹³.

Em 1897, o escritor britânico Herbert George Wells lançou sua obra mais conhecida: *A Guerra dos Mundos*, um romance que narra uma invasão de *marcianos* à Terra. O romance de Wells foi o primeiro a trazer o ideal de invasão extraterrestre ao planeta, apresentando uma visão bélica e conflituosa, invertendo o sistema do imperialismo europeu ao propor que os terráqueos eram vítimas de exploradores alienígenas. Wells evidenciou em sua obra a separação entre humanos e invasores não humanos e o medo do desconhecido frente às descobertas sobre o universo. A euforia e curiosidade em torno de possíveis contatos dava lugar ao pavor da possibilidade das imprevisíveis intenções desses seres. A obra de Wells alcançou notoriedade mundial quando, em 1938, uma transmissão deste romance por rádio, nos Estados Unidos, provocou pânico generalizado na população estadunidense, que acreditava estar testemunhando o plantão de uma invasão extraterrestre¹⁴.

Em 1902 foi lançado *Le voyage dans la lune*, um dos primeiros filmes que abordaram seres alienígenas, e que inaugurou o gênero de ficção científica na sétima arte. Em um trecho do filme, que apresenta os seres habitantes da Lua, há uma semelhança clara no figurino dos seres lunares com adornos e símbolos de povos do continente africano, ao passo que os seres da Lua são representados com comportamentos bestiais e selvagens. O final, em que os humanos vencem os seres e conseguem voltar à Terra, demonstra a vitória do povo terráqueo e europeu, frente à selvageria de povos hostis, sejam também terrenos ou não.

Tais elementos pavimentaram o caminho trilhado pela ufologia a partir de 1947. Esta, porém, diferenciou-se do fenômeno dos marcianos e da ânsia por outras formas de vida do final do século XIX por abraçar, desde seus primórdios, um ingrediente primordial que a afastou do âmbito científico, característica principal deste fenômeno no século XIX: o conspiracionismo. As teorias conspiratórias são, até hoje, o combustível elementar da

¹² TESLA, Nikola. *Talking with the planets*. Collier's Weekly, 1901, p. 4- 5. Disponível em: <http://earlyradiohistory.us/1901talk.htm>. Acesso em 28 nov. de 2022

¹³ THE DAILY INTER OCEAN. *Kirk's soap* anúncio publicitário. 1892. Chicago, Illinois, p. 8

¹⁴ TSCHKE, Jean. *1938: Pânico após transmissão de "Guerra dos mundos"*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2017/10/30/1938-panico-apos-transmissao-de-guerra-dos-mundos.htm>. Acesso em 15 nov de 2022

ufologia, que mantém em funcionamento uma área dedicada ao estudo e pesquisa de algo que nunca se viu e nunca foi visto.

A ufologia geralmente é situada nos eventos de Roswell, em 1947, porém, o incidente de Aurora, nos Estados Unidos, em 1897, pode ser identificado como ufológico cinquenta anos antes de Roswell. Este, ocorrido na cidade de Aurora, no estado do Texas, tratou-se de uma alegação de queda e morte de um ser de fora da Terra. O fato foi narrado pela imprensa local, a partir do jornal *The Dallas Morning News*, que escreveu que o suposto ser era do planeta Marte, e que foi enterrado com ritos cristãos (HAYDON, 1897, p. 5).

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tripulações de aviões aliados passaram a encontrar, nas longas missões de bombardeio até a Alemanha nazista, estranhas luzes e objetos que foram inicialmente atribuídas ao arsenal inimigo (SUENAGA, 1999, p. 10). A surpresa foi grande quando, após o conflito, os arquivos nazistas foram analisados e descobriu-se que seus pilotos encontraram coisas semelhantes que foram, por sua vez, atribuídas a armas secretas dos Aliados. Esse fenômeno ficou conhecido como *foo-fighters* - um jogo de palavras misturando o termo francês *feu* (fogo) e o inglês *fighter* (avião) - pelos pilotos da 415a Esquadra de Caças Noturnos dos EUA, baseada em Dijon (SUENAGA, 1999, p. 10).

Já os “discos voadores relatados por Arnold”, citados anteriormente por Daniel Pícaro Carlos, referem-se a uma série de avistamentos por parte do piloto Kenneth Arnold em 24 de junho de 1947. Atravessando os céus do Monte Rainier, no estado norte-americano de Washington, Arnold avistou nove objetos cintilantes que voavam a enorme velocidade muito próximos uns dos outros e, como que “brincando”, davam “rasantes” sobre o topo das montanhas (CARLOS, 2007, p. 5). Ao aterrissar em Oregon, Arnold, após relatar a outros pilotos e gerar burburinho na imprensa, relatou o avistamento a repórteres, descrevendo a cena como “um disco que deslizasse sobre a água” (CARLOS, 2007, p. 5). Esta seria a primeira vez que o termo “disco voador”, ou em inglês *flying saucer*, seria utilizado pra se referir a objetos voadores não identificados. Dias depois, em 7 de julho de 1947, a queda de um suposto balão meteorológico numa fazenda em Roswell, cidade do Novo México e uma reportagem, depois desmentida, de que teria sido resgatado o corpo de um ser extraterrestre, inaugurou de vez a era moderna dos discos voadores (CARLOS, 2007, p. 5) e o nascimento da ufologia moderna.

Ressalta-se o caráter “internacional” da ufologia. A palavra ufologia, compreendida como área de estudo e pesquisa surgida no âmbito do caso Roswell, uma ocorrência em

território norte-americano, é formada pela expressão “UFO”, que significa objeto voador não identificado em inglês, e o sufixo “logia”, que expressa uma noção de estudo, pesquisa, aprofundamento. A palavra foi usada pela primeira vez, segundo o *Oxford English Dictionary*, em 1959, em um artigo do *The Times Literary Supplement*, uma publicação semanal de críticas literárias, para se referir ao estudo dos Ufos.

No Brasil, a primeira vez que o termo ufologia foi usado na imprensa, conforme dados do site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, foi pelo jornal “A Tribuna”, da Baixada Santista, em 1967 para referenciar os estudos sobre discos voadores. Ou seja, o termo ufologia, o estudo dos objetos voadores não identificados, é um termo importado dos Estados Unidos da América, no contexto da virada da década de 1940 para a de 1950. Não somente a etimologia, a prática ufológica e grande parte dos mitos que envolvem a ufologia contemporânea são oriundas dos Estados Unidos.

As visões em torno da fenomenologia ufológica se deram sobre construções categóricas do real, que se misturam com a visão cristalizada e popular dos discos voadores, capitaneado pelo relato de Arnold e pela ocorrência de Roswell e disseminadas por uma série de produtos culturais. Filmes *hollywoodianos* tiveram grande influência na construção do imaginário extraterrestre. Os seus produtos, textos e imagens (visuais), auxiliaram, com certeza na construção do mito do disco voador (GIACONETTI, 2009, p. 85), lapidando a opinião pública sobre o que é um extraterrestre e como estes seres agiriam frente a um contato com a Terra. *O dia em que a Terra Parou* (1951); *Guerra dos Mundos* (1953); *Planeta dos Macacos* (1968); *Contatos Imediatos de terceiro grau* (1977); *E.T – O Extraterrestre* (1982); e *Sinais* (2002); são alguns exemplos de produtos cinematográficos que modelaram a visão em torno da casuística ufológica e da imagem dos extraterrestres.

Objeto voador não identificado (OVNI) é um termo genérico utilizado para se referir a qualquer objeto que trafegue um espaço aéreo sem autorização e sem conhecimento de rota ou origem. Pode ser um meteorito, um drone, um balão meteorológico e até mesmo destroços de satélites, não tendo necessariamente a alcunha de extraterrestre. Mas sua categoria de “não identificado” até a sua identificação abre espaço para a ufologia. Caso não haja a descoberta sobre sua natureza, ganha-se definitivamente a alcunha de ufológico.

Corroborar esse pensamento ao analisarmos um caso bastante famoso da década de 1980, que repercute na revista *Ufologia Nacional & Internacional*: a noite oficial dos ovnis no Brasil. Este acontecimento foi uma revoada de OVNI pelo espaço aéreo do Sudeste, na noite do dia 18 e madrugada de 19 de maio de 1986. A área, de intensa circulação de

aeronaves comerciais, civis e militares, foi invadida pela presença de 21 objetos trafegando sem autorização expressa e de origem desconhecida. A situação se tornou grave por ameaçar a integridade e soberania do espaço aéreo brasileiro, ao ponto de caças da Força Aérea Brasileira serem deslocados com autorização para abater esses objetos. Nos dias que se seguiram, o furor da imprensa levou o então ministro da Aeronáutica da época, Brigadeiro Octavio Moreira Lima, a uma coletiva de imprensa em que reconhecia e admitia a repórteres a veracidade dos acontecimentos, o que deu a alcunha de “oficial” ao ocorrido: foi a primeira vez que altas autoridades de um governo no mundo admitiram que o espaço aéreo de seu país fora invadido por OVNIS.

Na capa da edição nº 10 de *Ufologia*, de junho de 1986, a revista apresentou a ocorrência sob a seguinte manchete: “VOLTAM OS DISCOS VOADORES. A grande onda ufológica que abalou o Brasil em maio, depoimentos de pilotos da FAB, o posicionamento da Ufologia brasileira” (UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL, 1986, p. 1). Embora recebessem oficialmente a alcunha de OVNI, já que se desconhecia sua natureza, imediatamente tais objetos foram identificados como discos voadores de natureza extraterrestre pela revista em razão da imagem construída dos discos voadores, pelo teor ufológico da expressão OVNI e pelo discurso escatológico que a mesma tem sobre a fenomenologia ufológica.

A hipótese extraterrestre, de certa forma, reforça a noção de que a ciência é incapaz de explicar tudo. O universo, afinal de contas, é imenso e não pode ser facilmente esquadrihado pela razão. Os astrônomos podem provar que existe vida inteligente fora da Terra, mas não o contrário. Assim, a hipótese extraterrestre se configurou como terreno no qual quase tudo era possível, já que pouca coisa podia ser negada e tampouco confirmada pela ciência. Diante de um cosmos gigantesco e desconhecido todos estavam igualmente impotentes (SANTOS, 2009, p. 212)

A ufologia, por conseguinte, é um campo que nasceu do conspiracionismo, da expectativa, da escatologia, da incerteza, e essa expectativa contínua pelo contato é o que move as revistas ufológicas estudadas nesta pesquisa. A ufologia sobrevive não porque há comprovação de vida extraterrestre, mas justamente por que não há, já que o que a subsidia é o desconhecido. E a busca pelo contato é a utopia matriz que move a ufologia e as revistas ufológicas aqui estudadas.

Por fim, chama atenção ao fato de que o interesse pela vida extraterrena mobiliza argumentos e justificativas utópicas e distópicas das mais diversas, incluindo a ufológica, numa tentativa de recolocar o planeta Terra e os terráqueos no centro do universo. Uma nova

versão do geocentrismo anterior ao período moderno, que não congregava a existência de outros planetas orbitando o sol, mas sim o centro do universo numa ótica terrestre, que é objeto de interesse desses seres e que visitam a Terra paulatinamente de tempos em tempos, abduzindo e sequestrando pessoas para estudos. Como se observa, a solidão humana no universo e as tensões e discursos dela resultantes produzem uma série de justificativas e tentativas de subverter esse vazio existencial do ser humano.

A dissertação se estrutura em três capítulos. O primeiro capítulo aborda o surgimento da ufologia no país sob a ótica da imprensa, através do estudo de um famoso caso ufológico do Brasil. Em seguida, abordo como o surgimento da imprensa ufológica se deu sob a Ditadura Militar e o contexto ufológico que a propiciou. Neste capítulo, utilizo uma fonte oral, uma entrevista com A.J Gevaerd, o principal nome por trás da imprensa ufológica, gravada em abril de 2018 no âmbito da Iniciação Científica que origina este trabalho, que traz elucidções sobre o contexto de criação das revistas ufológicas, as dificuldades sofridas pelo corpo editorial da revista, e também considerações sobre o Caso Morenã, que será abordado no segundo capítulo.

O segundo capítulo se concentra no desenvolvimento da imprensa dos discos voadores na década de 1980, com o estudo do caso Morenã, tendo como fonte principal a entrevista com Gevaerd, e como as revistas foram conduzidas nessa década, bastante afetada pela crise econômica pós-Ditadura. Este capítulo traz as características das revistas, os discursos apresentados e o panorama ufológico dos anos 1980, que reverbera nas revistas lançadas. O capítulo também traz as expectativas e discursos provocados pela passagem do cometa Halley, em 1986, na maneira como os ufólogos encararam este evento astronômico, e a euforia causada pela “Noite oficial dos Ovnis”, um acontecimento ufológico que marcou a ufologia brasileira desde então.

O terceiro capítulo, que encerra esta dissertação, discute os desafios e percalços da revista *UFO* em seus primeiros anos, vindo do quase desaparecimento em 1992 até a divulgação do caso Varginha em 1996. Este capítulo traz os primeiros anos da revista *UFO* e suas dificuldades com a depressão econômica do período Collor (1990-1992), a ênfase na casuística ufológica de Mato Grosso do Sul, e as tentativas da revista de sobreviver em meio à crise econômica, se valendo de anúncios publicitários mesclados com a temática ufológica da revista. O capítulo aborda, também, o crescimento da revista a partir de 1994, e os benefícios advindos com a divulgação de um vídeo controverso sobre uma autópsia alienígena, e as representações construídas a partir de um incidente na cidade mineira de Varginha, em 1996.

CAPÍTULO I

“O ESPETÁCULO DOS DISCOS VOADORES”: A INVENÇÃO DA UFOLOGIA NO BRASIL À LUZ DA IMPRENSA

1.1. O Caso da Barra da Tijuca (1952)

No ano de 2002, a revista *UFO*, publicação de ufologia brasileira, chegou a 80 edições no mês de abril. Aumentando seu recorde de edições e de tempo de funcionamento no setor de periódicos ufológicos, este ano foi especial para a ufologia brasileira em razão da “comemoração” de cinquenta anos de um caso que foi reconhecido como o fundador do campo no Brasil, e um dos mais famosos do mundo à época, ainda que tenha sido uma enorme fraude. Na octogésima segunda edição, de novembro de 2002, foi publicada uma extensa reportagem rememorando este caso e suas implicações na infante ufologia brasileira. Este foi o Caso da Barra da Tijuca.

Era 1952, o mundo ainda vivia sob os impactos da Segunda Guerra Mundial. Dentro da esteira psicológica do pós-guerra e dos horrores praticados pelo nazifascismo, sobretudo no Holocausto¹⁵, o legado político e técnico-científico do conflito fez surgir uma nova dinâmica social no mundo, capitaneado pelo conflito entre as superpotências vencedoras da guerra. Eram os primórdios da Guerra Fria (1945-1991)¹⁶, que instaurou no mundo a paranoia da bomba atômica e da ameaça comunista, resultando num estado de vigilância constante. Na área ufológica, o avistamento de Kenneth Arnold no Monte Rainer¹⁷ já havia sido exposto ao mundo, assim como o incidente de Roswell¹⁸, em 1947, os marcos iniciais da ufologia contemporânea.

¹⁵ Genocídio praticado pela Alemanha nazista contra a população judaica e uma série de populações que contrariavam a tese de pureza racial durante a Segunda Guerra Mundial.

¹⁶ Conflito político-ideológico que marcou o século XX, opondo as potências vencedoras da Segunda Guerra Mundial Estados Unidos, representando o capitalismo, e a União Soviética, líder do bloco socialista.

¹⁷ Em 24 de junho de 1947, o piloto de avião Kenneth Arnold, em decolagem, avistou cerca de nove objetos perto do Monte Rainer, no estado norte-americano de Washington. Após pousar no estado vizinho Oregon, Arnold foi entrevistado e relatou o ocorrido como “pires voadores flutuando sobre a água”. Foi a primeira vez que o termo “*flying saucer*” ou em português, disco voador, foi utilizado para se referir a Ovnis. Para saber mais: EQUIPE UFO. *Nostalgia: Kenneth Arnold, o início de tudo em 24 de junho de 1947*. 2010. Revista UFO. Site. Disponível em: <https://ufo.com.br/noticias/nostalgia-kenneth-arnold-o-inicio-de-tudo-em-24-de-junho-de-1947/>. Acesso em 07 ago. 2022.

¹⁸ A queda de um suposto balão meteorológico em uma fazenda em Roswell, Novo México – EUA, em 08 de julho de 1947, é considerada como o marco inicial da ufologia mundial. O incidente foi noticiado por jornais

Na esteira cultural, o filme *O dia em que a Terra parou*, que retrata a chegada de um ser extraterrestre à Terra, lançado em 1951, havia se tornado um sucesso crítico e um símbolo do movimento antiarmamentista e contrário à Guerra Fria. Segundo Giacometti (2009), *O Dia em que a Terra Parou* definitivamente respondeu à época em que foi filmado. Não havia segurança alguma (GIACOMETTI, 2009, p. 90). De fato, a instabilidade a nível mundial causado pela escalada da corrida armamentista e o desenrolar da Guerra da Coreia (1951-1953)¹⁹ urgiam a chamada pela paz e cessar do clima bélico.

Anos antes, em 1938, a transmissão radiofônica da novela “Guerra dos Mundos”, na emissora de rádio CBS e suas afiliadas, tornou-se célebre ao desencadear uma onda de pânico generalizada na população norte-americana, com o que se pensava ser o anúncio de uma invasão alienígena²⁰. Neste mesmo ano, era trazido ao mundo nas mãos de Joe Shuster e Jerry Siegel, cartunistas norte-americanos, o super-herói mais famoso de todos os tempos: Superman, a identidade secreta de Clark Kent, ou Kal-El, um alienígena do fictício do planeta Krypton que caiu na Terra numa nave espacial. As palavras “disco voador”, “alienígena” e “extraterrestre”, portanto, já não eram estranhas ao grande público entre as décadas de 1930 e 1950.

Esse período da história mundial, a Guerra Fria, caracterizada pelo belicismo e pela oposição entre capitalismo e o socialismo, foi significativa para o contexto ufológico, sendo um dos mais notáveis em notícias de aparições e evento de natureza ufológica, pois

Naquele momento, os Estados Unidos viviam muito preocupados com a possibilidade de revoluções socialistas na Europa e na Ásia. Em 1947, havia instabilidade política em muitas regiões do globo, além de guerras civis na Grécia e na China. Embora nenhum outro país além dos Estados Unidos tivesse conseguido fabricar bombas atômicas, vivia-se um momento de tensão (SANTOS. 2009, p. 27).

Concomitante a isso, surge a corrida pelo controle do espaço sideral e do universo entre as superpotências, com a disputa de tecnologia espacial para levar o ser humano a lugares nunca explorados no universo. A União Soviética, porém, dava passos largos nessa

locais e rapidamente repercutiu na opinião pública americana, com a presença constante do alto escalão do Exército americano na região fez nascer a era das teorias da conspiração e marco inicial da ufologia.

¹⁹ A Guerra da Coreia foi um conflito que aconteceu na Península da Coreia (1950 e 1953) entre os diferentes governos que haviam sido formados na Coreia do Norte e na Coreia do Sul. Esse conflito foi um dos mais mortais de todo o século XX, causando um total de 2,5 milhões de vítimas. Também contribuiu para agravar a divisão existente entre as duas Coreias. Ver: HISTÓRIA DO MUNDO. *Guerra da Coreia*. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-da-coreia.htm>. Acesso em 07 set. de 2022

²⁰ Ver: TSCHKE, Jean. 1938: *Pânico após transmissão de "Guerra dos mundos"*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2017/10/30/1938-panico-apos-transmissao-de-guerra-dos-mundos.htm>. Acesso em 13 jan. de 2022

disputa: o primeiro satélite artificial (Sputnik, 1957), o primeiro voo espacial tripulado por homem e mulher (1961; 1963) e os primeiros passeios espaciais foram todos russos (HOBSBAWN, 1995, p. 527).

Apoiado por um clima de beligerância mundial, desconfiança, inquietação e instabilidade política no bloco capitalista no pós-guerra, assistia-se a um avanço consistente do fantasmagórico inimigo soviético no controle do espaço e o Ocidente passou a noticiar cada vez mais aparições e ocorrências ufológicas em seu território e ao redor do mundo, centrado na ótica da Guerra Fria e na identificação dos inimigos comunistas. As pessoas, incluindo civis e militares, jornalistas e governantes, não conseguiam explicar a origem dessas aparições e sua natureza, o que eram e quais seus objetivos, mas a julgar pelo contexto em que estavam imersos - era notória a desconfiança e dúvida de qual seria a origem daquelas naves: extraterrestre ou soviética? As duas respostas assombravam o Ocidente. Desse modo, o avanço da ocorrência ufológica nesses anos acirrou os temores e o clima de disputa no período da Guerra Fria.

No Brasil de 1952, no segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954), os discos voadores já haviam aterrissado: a imprensa não se policiava e noticiava fartamente as ocorrências internacionais, em especial as dos Estados Unidos, que garantiam maior publicidade. O caso de Roswell foi noticiado pelo jornal paulista de grande circulação *Estado de S. Paulo* e vários outros jornais menores. Em 1947, em meio a grande onda de avistamentos ocorridas em terras norte-americanas, o Brasil também noticiava suas primeiras ocorrências na pequena cidade de Presidente Prudente, em São Paulo (SANTOS, 2009, p. 34). Rodolpho Gauthier Cardoso dos Santos detalha que, em julho de 1947, houve um grande *noticiamento* da imprensa brasileira de avistamentos de discos voadores ocorridas em território nacional. Aparições, sobretudo ocorridas no Sudeste, locais sede dos veículos de imprensa, enchiam as manchetes dos jornais e periódicos da época:

Notamos que os discos voadores começaram a aparecer timidamente nos jornais brasileiros por volta dos dias 5 e 6, quando eles trouxeram as primeiras informações sobre o que ocorria nos Estados Unidos. O espaço no noticiário cresceu bastante até o dia 10, momento em que atingiu seu ápice. O interesse se manteve alto até o dia 16 e diminuiu lentamente depois disso. Já nos últimos dias de julho e primeiros dias de agosto poucos diários tocavam no assunto. No total, foram 116 notícias nos nove periódicos pesquisados, o que fez dos discos voadores um dos assuntos mais comentados daquele mês (SANTOS, 2009, p.34-35).

Esses avistamentos e noticiamentos se encaixam no que se costuma na imprensa nomear como *fait-divers*, expressão francesa que designa notícias impressionantes, casos peculiares, curiosos, fantásticos que despertam a curiosidade tão logo são publicados. Assim percebeu-se o interesse do público pelos *fait-divers* de temática extraterrestre, já que o aumento da cobertura de jornais e revistas sugere que havia demanda para este tema. Nesse contexto, um caso polêmico dividiu opiniões e teve enorme repercussão na parte sudestina do país: em 17 de maio de 1952, a revista *O Cruzeiro* apresentava ao público aquilo que considerava “um furo jornalístico espetacular, a mais sensacional documentação jamais conseguida sobre o mistério dos discos voadores.” (O CRUZEIRO apud UFO, 2002, p. 10)

Fundada em 1928 por Assis Chateaubriand, a *Cruzeiro* foi uma das revistas semanais ilustradas de maior circulação no Brasil. O periódico atingiu a média de 550 mil exemplares em meados da década de 1950, patamar que seria mantido até o início dos anos 1960. O recorde de setecentos mil exemplares foi atingido na edição que circulou dois dias após o suicídio de Vargas em agosto de 1954 (VELASQUES, 2022, p.6). A revista também circulou em espanhol em alguns países da América Latina na década de 1950, e cobriu acontecimentos nacionais e internacionais. Tratava-se, então, de uma revista de renome no mercado editorial.

O acontecimento em questão tratou-se de um suposto registro de um disco voador em um bar da Barra da Tijuca, na zona oeste carioca por dois fotógrafos renomados da revista: Ed Keffel e João Martins²¹. O caso rodou o mundo e foi amplamente divulgado. Claudeir Covo e Paola Lucherini Covo, na edição de novembro de 2002 da *UFO* abordaram o caso em uma reportagem comemorativa de cinquenta anos. Segundo os autores:

[...] em 07 de maio de 1952, entre as 16:00 e 16:30, os repórteres Ed Keffel e João Martins estavam naquele local da zona sul carioca fotografando casais apaixonados, que para lá se dirigiam em busca de privacidade. [...] Keffel e Martins saíram da redação da revista por volta das 12:00 e, perto das 13:00 h, atravessaram a pequena laguna que separava o Grande Rio de Janeiro da Barra da Tijuca. Keffel e Martins chegaram, então, ao Bar do Compadre, de propriedade de Antônio Teixeira, na Ilha dos Amores, e almoçaram camarões. Por diversas vezes, se levantaram para acompanhar as acrobacias da FAB (Força Aérea Brasileira). [...] Depois, sentaram na areia e ali ficaram. Por volta das 16:00h, segundo contam na matéria, um disco voador apareceu vindo do mar. Martins pediu para Keffel bater fotos do objeto. A primeira teria obtido foi contra o Sol. A segunda deu-se com o objeto acima do morro Dois Irmãos, que fica nas imediações. A terceira foi com o suposto

²¹ Ed Keffel era alemão. Veio para o Brasil no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), estabelecendo-se como fotógrafo no Rio de Janeiro. Notabilizou-se por ser altamente técnico e capacitado na fotografia; João Martins era baiano, exercendo a função de fotógrafo e posteriormente redator na *Cruzeiro*. Fonte: SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. *O Cruzeiro – A maior e melhor revista da América Latina*. Governo do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro Junho de 2002.

disco voador sobre a Pedra da Gávea e, a quarta, sobre o morro que desce para o mar, onde havia uma palmeira. A quinta e última foto mostrava o objeto retornando para o mar, tendo ao fundo as ilhas Alfavaca e Pontuda (COVO, COVO, 2002, p. 11-12).

As fotos foram divulgadas em edição extra (imagem) da edição 31 da *O Cruzeiro*, com data de 17 de maio de 1952, mas lançada nas bancas em 8 de maio de 1952, gerando comoção instantânea na população, que avidamente esgotou as edições da revista: “Assim que a notícia foi para as bancas, a revista esgotou rapidamente. Foi um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos em nosso país” (COVO, COVO, 2002, p. 12).

Imagem 1: Edição extra da Revista *O Cruzeiro* (1952)

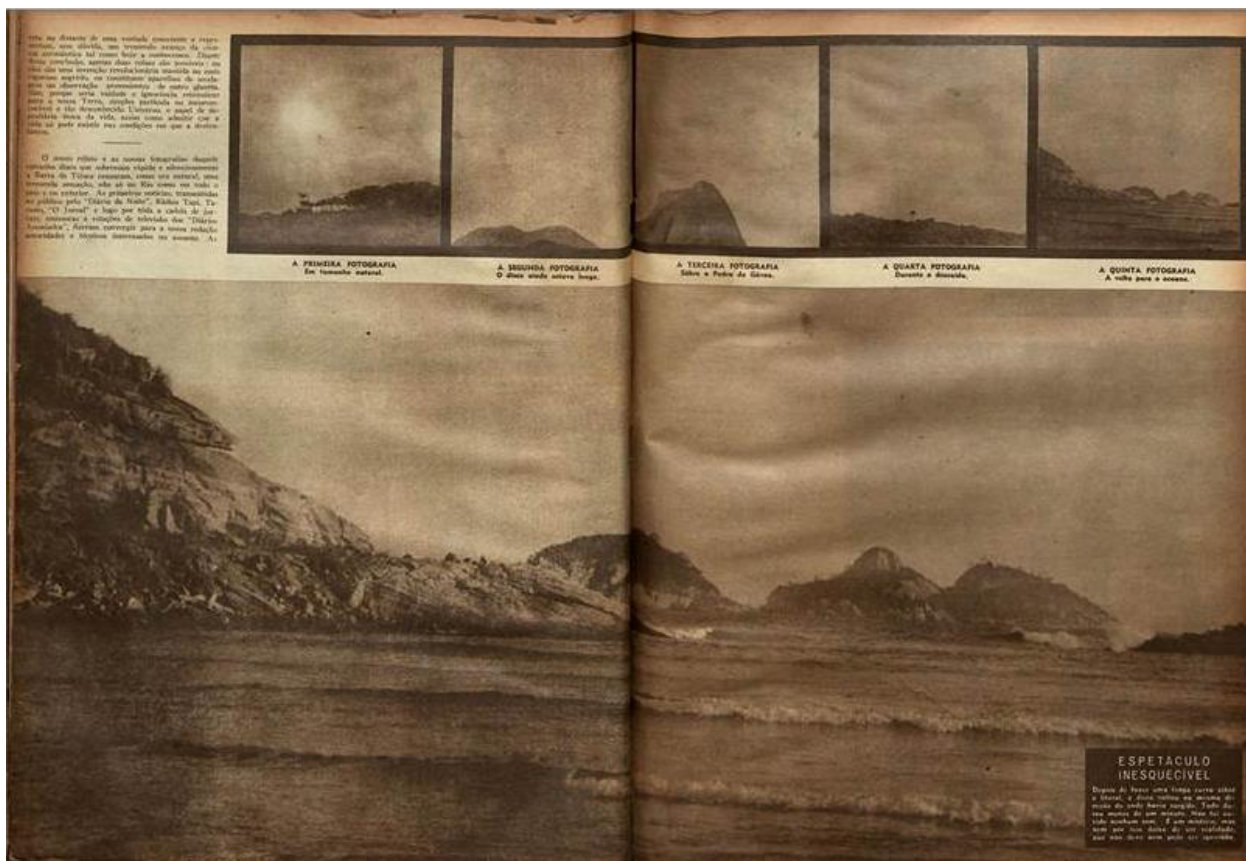


Fonte: *O Cruzeiro*, ed. 31, 1952.

A imagem noticiou o caso da Barra da Tijuca, com uma foto do suposto OVNI sobrevoando a Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro. Logo abaixo, revelam-se as fotos dos fotógrafos que registraram a ocorrência. O título superior “EXTRA” denota a exclusividade e a urgência da *Cruzeiro* em noticiar este fato.

A edição posterior à publicação original trazia uma extensa reportagem abordando o impacto da publicação, com uma lista de testemunhas que corroboravam as fotos do editorial, desde pessoas desconhecidas como comerciantes e estudantes, que afirmavam terem observado objetos parecidos com os que foram registrados pela revista, até pessoas públicas e cientistas, como Domingos Costa, chefe do Observatório Nacional à época, que afirmou não ter “mais dúvida a respeito da existência dos discos voadores” (SANTOS, 2009, p. 117), como é mostrado na imagem 2, da edição nº 32 de 1952. Mas, salienta-se, não foram apresentadas testemunhas oculares dos objetos divulgados pelas fotos àquela ocasião:

Imagem 2: reportagem da *Cruzeiro* com as cinco fotografias dos OVNIS, da edição nº 32, de maio de 1952



Fonte: O Cruzeiro, ed. 32, 1952, p. 16-17.

A reportagem acima, inclusive, oferece um tom artístico e de fascínio à ocorrência, evidenciando a beleza da paisagem onde supostamente deu-se o avistamento, de forma a priorizar a qualidade das fotografias e a própria cidade do Rio de Janeiro, ao ter o Pão de Açúcar como testemunha ocular e cenário deste “espetáculo inesquecível” (O CRUZEIRO, 1952, p. 17) que os discos voadores trouxeram; elementos que caracterizam uma criação de aura fantástica sobre o ocorrido.

A rapidez na repercussão e a grande vendagem da revista após a divulgação das fotos não foi à toa: a *Cruzeiro*, à época, fazia parte dos Diários Associados, o enorme conglomerado de revistas, jornais, programas de rádio sob a liderança de Assis Chateaubriand, que passou a noticiar o evento em cadeia em seus veículos de informação. Dessa forma, a repercussão, embora tratando-se de uma temática de interesse do público à época, não ocorreu de forma tão espontânea.

Mesmo assim, a divulgação da revista provocou alvoroço, à medida em que militares da Força Aérea Brasileira e até mesmo o ministro da Guerra de Vargas, General Ciro do Espírito Santo Cardoso, compareceram na redação da revista nos dias que se seguiram à publicação das fotos e no local onde estas foram registradas para averiguar e investigar a veracidade da ocorrência. Todos foram unânimes em suas considerações: as fotos eram reais (SANTOS, 2009, p. 117).

A Aeronáutica e a FAB (Força Aérea Brasileira), entusiasmados com o caso, destacaram uma comissão especial encarregada de investigar os Ovnis sob orientação do Ministério da Aeronáutica, chefiada pelo então coronel João Adil de Oliveira, em 1954, e rebateram declarações de desconfianças em relação às fotos, que logo começaram a aparecer:

Não se pode duvidar da autenticidade do filme. Em número (a sequência perfeita de 5 chapas) e em qualidade (focalização), os dois repórteres de O CRUZEIRO bateram um recorde internacional. Há outras fotografias de discos nos Estados Unidos, nunca porem com a nitidez e os detalhes espantosos desses negativos. Ninguém, especialmente os técnicos, poderá duvidar da honestidade das fotos, visto que não se poderia fazer uma “montagem” ou um arranjo qualquer que tivesse os ângulos de perspectiva e de local, incluindo a paisagem ambiente, que se observam nos negativos” (O CRUZEIRO, 1954, p.18-20).

O coronel Adil, além de sua carreira promissora enquanto militar, que chegou ao cargo de Marechal, o último a receber tal patente no Brasil, era um notório defensor da ufologia e parapsicologia dentro do Exército. Era membro da Sociedade de Parapsicologia, uma incipiente organização responsável pela investigação do paranormal, o que justifica ter se encantado pelas fotos de Keffel e Martins e as defendido com afinco.

Tão logo as fotos foram divulgadas, a revista *Ciência Popular*, periódico pioneiro em divulgação científica no país, iniciou uma cruzada contra as fotos e o fato em si, e se manifestou, por meio de seu editor, Ary Maurell Lobo²², em sua edição de junho de 1952, alertando sobre possíveis fraudes:

²² Ary Maurell Lobo nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 27 de abril de 1900. Era filho de Elisa Maurell Lobo, natural do Rio Grande do Sul e de Ayres da Costa Lobo, natural do Rio de Janeiro. Engenheiro de

A respeito do ‘disco voador’ que marcou entrevista na Barra da Tijuca com os fotógrafos... salientamos as molecagens que têm sido feitas nos EE. UU e Europa, com o lançamento de pequenos discos no espaço, e fotografando-os. Tudo quanto saiu publicado nos periódicos mencionados pode ser facilmente obtido por êsse processo, ou mediante uma montagem especial, com sucessivas fotografias. Não queremos afirmar que a sensacional reportagem seja de tão criminoso natureza, mas não a aceitamos (LOBO, 1952, p. 45).

As “molecagens” denunciadas por Lobo referem-se à uma série de embustes ocorridos principalmente nos Estados Unidos no período, em que pessoas almejavam fama e notoriedade ao emular o voo de discos voadores jogando pratos e discos no ar e fotografando-os. A tática, inclusive, foi uma das hipóteses levantadas pela *Ciência Popular* para explicar as fotos da Barra da Tijuca, devido a seu enquadramento e presença de sombra de forma irregular, que não deviam ocorrer pela posição dos discos fotografados.

Em janeiro de 1955, a mesma revista, em sua edição 76, divulgou, em um tom mais duro e irônico, que as imagens de Keffel e Martins não eram genuínas, denunciando num só parágrafo a qualidade das fotos, o (ou falta de) poderio bélico do Brasil e as intenções da revista e dos fotógrafos com a matéria:

[...] Finalmente, os ‘discos voadores’ rumaram para o Brasil. Marcaram primeiro encontro, na Barra da Tijuca, com dois ladinos repórteres de O Cruzeiro, magazine que precisa vender uma tiragem de 750.000 exemplares por semana. Depois, passaram a espionar as bases aéreas brasileiras, para avaliar com certeza o poderio bélico da Terra da Santa Cruz, que tem mais generais e almirantes e brigadeiros que soldados. Ora, só e só esta última façanha dos ‘discos voadores’ deveria ser suficiente para os desmoralizar completamente. Tais engenhos teriam de provir de um lugar habilitado por sêres de fenomenal inteligência, e tão somente gente muito burra ignora que nada há para espionar por aqui, já que o Brasil não passa, quanto ao potencial bélico, de um zero bem redondo, ou talvez mais exatamente de um google de zeros, resultância muito lógica da pobreza nacional, sobretudo em matéria de vergonha (LOBO, 1955 apud SUENAGA, 1999, p. 64).

Ao escrever que a *Terra de Santa Cruz tinha mais generais e almirantes que soldados*, Lobo denunciava a precariedade do Exército Nacional, em que a promoção a posições elevadas era facilitada pelo baixo nível das forças armadas, ecoando uma crítica também à ação e papel das forças militares, que àquela época estavam envolvidos com a política nacional. O ano de 1955 foi marcado pelas tensões com a interferência do Exército no cenário

formação, fundou a revista *Ciência Popular* em 1948. Fonte: SILVA, Catarina Capella. *O mundo científico ao alcance de todos: a revista Ciência Popular e a divulgação científica no Brasil (1948-1960)*. 2009. 164f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

político ao tentarem impedir a posse do presidente eleito Juscelino Kubistchek, culminando com o Movimento de 11 de novembro, em que setores democráticos do Exército liderados pelo general Henrique Batista Duffles Teixeira Lott, garantiram a posse do presidente eleito (SCHWARCZ, STARLING, 2015, p. 373).

Em outubro de 1957, novamente a *Ciência Popular*, agora em sua edição 109, reafirmou a farsa das fotos. O físico nuclear canadense, Stanton Friedman, afirmou à *UFO* em 2002, que “uma alegação extraordinária requer evidências extraordinárias que a garantam” (COVO, COVO, 2002, p.13). E isso faltou ao caso de Keffel e Martins. Ninguém havia observado o fenômeno além dos repórteres.

A Aeronáutica e a FAB, porém, mantiveram-se aquém dos questionamentos, que, sobretudo, poderiam chamuscar suas reputações, visto que deram estimada importância e reconhecimento ao caso. O coronel Adil, inclusive, recusou-se a reconhecer a fraude, reafirmando a veracidade do caso em entrevista para a *Cruzeiro*, em 1959:

Você se lembra, Martins, que algumas pessoas declararam ter visto homens jogando um disco para o ar e fotografando? Realmente eles viram este disco que aqui está, mas nós sabemos que não foi jogado por vocês, porque ele foi jogado por nós da FAB, que nos dias seguintes ao fato fomos para o local fazer minuciosos estudos em torno das suas fotografias. Inclusive andamos jogando este disco para o ar, numa tentativa de reproduzir uma seqüência como a de vocês (MARTINS, 1959, p. 24).

O caso chegou até mesmo a constar no famoso Relatório Condon²³. Segundo Alexandre de Carvalho Borges, que escreveu em 2010 para a *UFO*:

O relatório, que foi solicitado pela Força Aérea Norte-Americana (USAF) e foi publicado em 1968, só atentou para a fraude em uma foto. Nesta foto (a quarta) aparece além do UFO no céu, uma palmeira na paisagem que serviu como referencial para se estudar a fotografia. Nela, a iluminação do UFO está para o lado direito e a palmeira abaixo e sua vegetação circundante estão com a iluminação para o lado esquerdo. A posição da sombra no UFO nesta foto só seria possível se o Sol estivesse dentro do mar (BORGES, 2010).

Ou seja, uma série de fotos, ainda que bem construídas, eram facilmente desmascaradas a um olhar técnico apurado. Mesmo assim, o caso fez com que o Brasil entrasse de vez no mapa da ufologia mundial; de início pela importância e qualidade das fotos, pois tratava-se de um dos primeiros registros oficiais de Ovnis no mundo inteiro em boa

²³ O relatório Condon, iniciado em 1968, foi fruto de uma colaboração entre a Universidade do Colorado e a Força Aérea Norte-americana e baseou-se num painel de análise científica sobre o fenômeno OVNI, que passaria a orientar os órgãos e entidades sobre as ocorrências ufológicas.

qualidade, já que vieram de fotógrafos profissionais e de um importante periódico, o que causou repercussão internacional instantânea:

Os principais veículos de informação do mundo abriram manchetes a um assunto que ainda era, num certo sentido, novo e palpitante, suscetível a tremendas polêmicas. Na Alemanha, o *Der Stern*, editado em Hamburgo: “Die ersten fotos”. O *Paris Match*: “Un journal de Rio de Janeiro annonce premieres photos dune soucoupe volante”. O *La Cronica*, de Lima, Peru: “Fantastico, pero real: el platillo volador”. O *Zafer*, da Turquia: “Uçan daireler merih yildizindan mi geliyor?” (SUENAGA, 1999, p.62)

Porém, a posteridade confirmou que se tratava de uma farsa. Como Claudeir Covo e Paola Lucherini Covo assinalam: “É uma triste constatação, mas o fato é que a ufologia brasileira começou com uma fraude gritante.” (2002, p. 14). O ocorrido na Barra da Tijuca foi um ponto de inflexão na prematura ufologia brasileira, e uma pequena amostra de como a mídia trataria o fenômeno UFO a partir de então. Após isso, casos relatados com maior seriedade foram perdidos ao sensacionalismo e chacota da mídia; a exemplo das fotos do OVNI da Ilha da Trindade²⁴, ocorrido seis anos após as fotos da *Cruzeiro*, e o caso Vilas-Boas²⁵, notadamente a primeira alegação de abdução de um ser humano relatada no mundo. O caso Vilas-Boas foi prejudicado por ter sido relatado também por João Martins, que já havia saído em descrédito pela fraude das fotos da Barra da Tijuca. Além disso, outros veículos de imprensa cariocas da época passaram a zombar da ocorrência, como o jornal *Última Hora*:

²⁴ As fotos de OVNIS registradas na Ilha da Trindade, por Almiro Baraúna, que estava a bordo do navio Almirante Saldanha, sofreram com o descrédito da opinião pública em meio a controvérsia do caso Barra da Tijuca. Para saber mais: COVO, Claudeir & COVO Lancherini, Paola. *Trindade restaura a credibilidade*. Edição 82. *UFO*, 2002, p. 17-21

²⁵ O caso Villas-Boas é considerado o primeiro relato de um contato imediato de quarto, quinto e sétimo grau, que em linguagem ufológica é designado a casos de sequestro, contato bilateral e relação sexual de seres humanos com seres alienígenas. O caso refere-se à alegação do agricultor mineiro Antônio Villas-Boas, que afirma que em 1957 foi levado para dentro de uma nave extraterrestre onde passou por inúmeras experiências, incluindo relação sexual com uma suposta entidade biológica extraterrestre (EBE). Villas-Boas foi entrevistado por Martins no Rio de Janeiro em 1958, submetido a baterias de exames que constataram perfurações em seu corpo e sintomas equivalentes a de pessoas que foram expostas a um grau elevado de radiação. Martins, porém, relutou em divulgar a história, guardando-a até a década de 1960, quando foi publicada no periódico britânico *Flying Saucer Review*, após o estouro do Caso Hill nos Estados Unidos. Antônio Villas-Boas morreu em 1991, de complicações de um aneurisma. Ver: SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. *Caso Vilas-Boas 50 anos depois*. Edição 137. *UFO*, 2007. Disponível em: <http://www.ufo.com.br/artigos/caso-villas-boas-50-anos-depois>. Acesso em 13 jan. 2022

Imagem 3: coluna esportiva do *Última Hora*, de 13 de maio de 1952



Fonte: *Última Hora*. 1952, p.6

Ressalta-se as intenções subliminares da ridicularização feita pelo *Última Hora*. A revista *O Cruzeiro*, de Chateaubriand, dono dos Diários Associados, era uma notória opositora do governo Vargas. O *Última Hora*, entretanto, foi fundado por um ex repórter da *Cruzeiro*, Samuel Weiner, sob uma forte retórica getulista, já que o mesmo era identificado como um apoiador de Vargas e partidário do *queremismo*, movimento que queria a continuidade do governo Vargas nas eleições de 1945, ao fim do Estado Novo²⁶. As agruras entre os veículos também se desdobraram com a *Cruzeiro* denunciado a criação do jornal como um caso de corrupção, já que ele havia sido criado com um financiamento suspeito por meio do Banco do Brasil.

²⁶ Governo de Getúlio Vargas, entre 1937 e 1945, caracterizado por uma centralização do poder nas mãos de Vargas, nacionalismo e políticas de cunho populista.

A *Cruzeiro*, a despeito de suas reais intenções ao explorar o fenômeno OVNI por vias não profissionais, foi a responsável por iniciar um debate sobre a ufologia brasileira, que ganhou contornos mais rigorosos ao endurecer a sua investigação de modo a filtrar as ocorrências para que não surgissem mais enganos ou embustes. Ademais, é de se notar que o caso da Barra da Tijuca foi desmascarado por cientistas e pessoas ditas céticas, e não por ufólogos, em razão de a ufologia brasileira à época estar engatinhando, não havendo estudiosos da área no país até então ou que tivessem inserção na imprensa. Isso, de certa forma, contribuiu para a descrença pública que a ufologia se acostumaría, já que a mesma foi desautorizada por pessoas distantes da área.

Por fim, o caso da Barra da Tijuca tornou-se singular pela maneira como a mídia se apropriou da ufologia e do estudo dos extraterrestres de forma oportunista e mercadológica. Como apontado por Capelato: “Na construção do fato jornalístico interferem não apenas elementos subjetivos de quem o produz, mas também os interesses aos quais o jornal está vinculado.” Nesse sentido, a *Cruzeiro* e os repórteres foram além, pois organizou-se uma ação montada com um intuito monetário e midiático, e não uma ocorrência espontânea que foi explorada pela revista (1988, p.22). Através do estudo deste caso, observa-se a construção e manipulação de ideais e fatos por um veículo de imprensa, prática pouco ortodoxa no quesito ético e moral, mas que serve aos mais variados fins e sob os mais diversos assuntos.

1.2 Os discos voadores no período militar (1964-1979)

A virada da década de 1950 para 1960 foi tumultuada no Brasil. A instabilidade política iniciada em 1961 com a renúncia do presidente Jânio Quadros, eleito presidente havia sete meses à época, resultou em uma grave crise política e institucional, que desembocou em uma tomada de poder por um grupo de alto escalão do Exército brasileiro em 31 de março de 1964, com apoio expressivo da sociedade civil organizada, incluindo setores da imprensa.

Justificada pela ameaça de um perigo comunista, a Ditadura militar²⁷ que se iniciou gradativamente processou um aparelhamento do Estado brasileiro, que passou a controlar

²⁷ Neste trabalho será utilizada a nomenclatura Ditadura Militar para se referir ao período iniciado em 1964-1985, partindo da reflexão de Demian Bezerra de Mello em artigo de 2012, que considera outros conceitos, como “civil-militar” imprecisos, ainda que também critique a denominação “Ditadura Militar”, considerando que o termo apropriado seria uma Ditadura “empresarial-militar”. Nesse contexto, “Ditadura Militar” é um termo que se aproxima das considerações de Melo, e que caracterizam, para este trabalho, o período ditatorial, de implementação de um estado policial e de perseguição no Brasil durante 21 anos. Ver: MELO, Demian Bezerra. *Ditadura “civil-militar”? Controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os*

amplios setores da vida social. Através de sua “Doutrina de Segurança Nacional”, sistematizada pelo “Serviço Nacional de Informações (SNI)”, instaurou-se mecanismos de controle e vigilância sobre os cidadãos, em especial militantes de esquerda, artistas de várias áreas, políticos, cientistas, jornalistas, religiosos e intelectuais, considerados inimigos da “revolução” e opositores do regime.

Com isso, o aparelho repressivo do regime militar, após o AI-5²⁸ tornou-se institucionalizado pela legislação, atingindo seu ápice nos anos 1970, que instalou um clima de terror velado no país. Nesse contexto, surgiu a controversa figura de Aladino Félix, um autoproclamado messias e ufólogo, tido como excêntrico, louco, alucinado, envolvido em ações de terrorismo contra a Ditadura, mas não sob o prisma da esquerda armada, e sim da extrema-direita. Félix foi preso pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) em 1968 acusado de diversos crimes:

O grupo liderado por Aladino estaria entre aquelas forças indóceis da direita, sendo responsável por atentados como o da bomba lançada nas proximidades do Quartel General do II Exército a 15 de abril de 1968; a explosão de bomba na noite de 15 de maio de 1968 na Bolsa de Valores; a detonação de explosivos nas “dependências sanitárias” do prédio onde funcionava o Departamento de Alistamento das Forças Públicas de São Paulo; bem como um assalto ao Banco Mercantil a 01 de agosto de 1968. (FARIA, 2019, p. 219)

Félix, porém, não comandou esses ataques no intuito de enfraquecer o regime ditatorial, mas sim, de instigá-lo a ser mais repressivo contra forças contrarrevolucionárias, contribuindo para o clima de agitação no país. Nesse ponto, há controvérsia historiográfica a respeito de se a ação de Aladino Félix teve aval do governo militar, para construir o caminho para a instauração do AI-5, visto que, comprovadamente, Félix mantivera contato com setores governamentais e militares de alta patente²⁹ e acreditava que o governo precisava ser mais duro, implacável e ditatorial (FARIA, 2019, p. 220). Se sim, uma figura ligada à ufologia contribuiu para um dos momentos mais obscuros e importantes da história recente brasileira. De todo modo, a figura de Aladino Félix é relevante por inserir-se no contexto da ufologia no

desafios do tempo presente. Espaço Plural. 2012. Disponível: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=445944369004>. Acesso em: 11 set. 2022

²⁸ Com a proclamação em 13 de dezembro de 1968 do Ato Institucional n. 5, que fechou o Congresso, suspendeu as garantias constitucionais e, entre outras coisas, foi usado para legalizar a censura prévia, o regime passou a exercer de forma mais direta a atividade censória sobre a imprensa e a mídia. Censores foram instalados nas redações dos jornais; circulares eram enviadas a elas, dizendo o que se podia dizer e o que não se podia, vetando assuntos, nomes de pessoas e até palavras, como Brizola, Arraes, “comunismo”, “tortura” etc. Ver: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1. 303p.

²⁹ FARIA, Daniel. *A história de uma história: terrorismo extraterrestre a favor do governo, Brasil 1968*. Revista Hist. Historiogr. v. 12, n. 31, set.-dez., ano 2019, p. 209-243 - DOI 10.15848/hh.v12i31.1472. Pág. 220

âmbito da Ditadura Militar, um personagem favorável ao regime que saiu do controle dos militares.

Durante esse período, o interesse da mídia pelos Ovnis não cessou, embora tenha diminuído consideravelmente em função do contexto sócio-político do país. Dados extraídos do acervo da Biblioteca Nacional apontam que: entre 1950-1959 o periódico Diário da Noite (RJ) noticiou 549 ocorrências envolvendo a palavra “discos voadores”; entre 1960-1969, no mesmo periódico esse número cai para 74; entre 1970-1979 permanece em 74 menções³⁰.

Em 1972, surgiu um dos primeiros periódicos no Brasil a tratar a ufologia com sobriedade e abordagem mais rigorosa: a revista *Planeta*. Tal revista consistia numa versão em português importada da revista francesa *Planète*, que operou de 1961 à 1972. Segundo o jornalista Luís Peregrini, na edição comemorativa de 40 anos da *Planeta* em 2012:

PLANETA nasceu em 1972, quando Domingo Alzugaray e Luís Carta, fundadores da Editora Três, tiveram a ideia de comprar em Paris os direitos de reprodução no Brasil da revista francesa *Planète*. Porta-voz de um movimento de renovação intelectual chamado realismo fantástico, essa revista na época fazia furor na França e em mais de 40 países onde também era editada. Ela surgiu como um estuário editorial para o qual convergiam, ao mesmo tempo, vários vetores da contracultura. Entre eles o das contestações libertárias dos beatniks, nos anos 1950, e dos hippies, cujo movimento, na época do lançamento de *Planète*, começava a despontar (PEREGRINI, 2012).

No tocante à ufologia, *Planeta* diferenciava-se dos demais produtos periódicos no Brasil apenas por sua abordagem, que misturava temas geralmente caracterizados como fantasiosos com saberes científicos. Nesse sentido, evidenciava temas esotéricos, espirituais, parapsicológicos e ufológicos, como teorias conspiratórias envolvendo governos e instituições (como a CIA e os Estados Unidos), casos ufológicos e explicações científicas sobre as ocorrências. Com isso, buscou adentrar no universo ufológico a partir de uma abordagem investigativa mesclada com entretenimento e recuperando ocorrências passadas com seriedade, explorando o interesse público pelo tema. A *Planeta*, com isso, inaugurou uma nova abordagem em relação à ufologia, ajudando a legitimar tais temas no imaginário público e no meio jornalístico não mais como uma chacota ou anedota, mas sim como possibilidade editorial.

³⁰ Dados extraídos do site da Hemeroteca Digital, disponível para consulta

Imagem 4: Edição especial nº 143-B de *Planeta* abordando a ufologia, em 1984.



Fonte: *Planeta*, ed. 143, 1984, capa.

Esta capa, de 1984, é representativa pois ilustra uma nave supostamente extraterrestre vindo em direção à Terra, especificamente ao continente americano. Esta nave, coincidentemente, se assemelha à nave fictícia *Millennium Falcon*, presente nos filmes de ficção científica e *space opera* *Star Wars*. O apelo à saga não é gratuito, visto que *Star Wars* tornou-se um imenso sucesso de bilheteria. Um ano antes, em 1983, ocorreu o lançamento do último filme da trilogia original, *Star Wars – O Retorno de Jedi*.

A Revista *Planeta* continua até os dias atuais em publicação mensal; porém, deixando de abordar com maior frequência os assuntos ocultistas como outrora fazia. Ela continua

sendo editada pela Editora Três, a mesma publicação responsável pelas revistas da série *IstoÉ*, desde os anos 1970.

As edições especiais da Revista *Planeta* foram importantes para a imprensa dos discos voadores pois o conteúdo por ela divulgado veio em um momento em que a ufologia nacional estava ainda em seus primórdios, de modo que a ufologia podia ser lida em um periódico de grande circulação, e pela primeira vez de uma maneira que não fosse jocosa ou sensacionalista. Nesse sentido, muitos amantes e entusiastas da ufologia puderam ser contemplados com uma abordagem precisa e compromissada da revista. Muitos entusiastas, entre eles um jovem A.J. Gevaerd, que em entrevista elucidou a influência da *Planeta*:

[...] Minha mãe tinha uma amiga que vinha a nossa casa. [...] Essa senhora vinha a nossa casa, falar com ela, conversar, pela manhã, e eu estudava a tarde. Eu, fazendo minha tarefa, na mesa da cozinha, e eu as ouvia conversarem. E essa senhora falava muito de discos voadores, terra oca, triângulo das bermudas... Meu Deus! Eu ficava louco com aquilo ali. Aquele assunto me apaixonava. E, de vez em quando, aquela mulher trazia a nossa casa uma revista para minha mãe ler, a *Planeta*. Quadradinha, né? E quem lia era eu! Então desde cedo eu fui formando uma paixão por isso³¹.

Gevaerd, inclusive, comentou que antes de lançar as revistas ufológicas, escrevia artigos para a *Planeta*, e com os recursos vindos dos serviços prestados à *Planeta*, conseguiu lançar a primeira edição da *Ufologia Nacional & Internacional*, em 1985:

[...] Mas eu não tinha grana, eu não tinha conhecimento... mas eu tinha peito. E fui em frente. Eu recebi um dinheirinho de um serviço que eu prestei pra revista *Planeta*. Peguei essa grana, fiz uma mala direta, mandei umas correspondências pra um monte de gente, dizendo que a revista já estava lançada (e não estava) e estava vendendo assinatura. Então eu recebi uma quantidade tal, de pedidos de assinaturas que deu pra pagar a primeira edição, da revista, que se chamou, na época era revista *Ufologia Nacional & Internacional*. Daí eu falei: “bom, e agora e a segunda? (Risos) E a terceira?” Entende? Então eu fui indo, eu fui indo né³².

Não fica esclarecido que tipo de “serviço” Gevaerd prestou para a *Planeta*, se fora um serviço editorial como colunista, ou outra forma de participação, que supostamente garantiu o montante responsável pelo lançamento da primeira edição de *Ufologia*. Este plano de Gevaerd de arregimentar assinaturas antes do lançamento do produto, prática pouco ortodoxa do ponto de vista ético, evidencia a construção de uma ação fantástica em torno do lançamento, de

³¹ A. J. Gevaerd. Entrevista concedida a Kevin Franco. Curitiba-PR. 2018

³² A. J. Gevaerd. Entrevista concedida a Kevin Franco. Curitiba-PR 2018

modo a ressaltar as enormes dificuldades enfrentadas para levar a cabo o projeto de uma imprensa voltada a ufologia e o sucesso futuro, visto que é bastante improvável que centenas de pessoas tenham dado dinheiro de assinatura de um produto sem antes terem contato com o material. Esse plano, também, é contraposto na edição inaugural de *Ufologia*, em seu texto de apresentação:

Quando tivemos a ideia de publicar UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL, nunca esquecemos das dificuldades que passaríamos e, por isso, esquematizamos três estágios consecutivos para estabilização de nossa revista. No primeiro, de janeiro a junho de 1985, UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL teria apenas 12 páginas mensalmente, de julho a dezembro, já no segundo estágio, passaria a ter 20 páginas e tentaríamos, a partir daí, distribuí-las em bancas. Por fim, após janeiro de 1986, teríamos 30 páginas e circulação nacional (GEVAERD, 1985, p. 2)

Neste trecho, Gevaerd elenca as dificuldades enfrentadas no lançamento desta primeira edição, mas, chama a atenção ao fato de a revista ter sido lançada sob um projeto delineado a longo prazo, e completa do ponto de vista editorial, o que contraria a versão relatada pelo mesmo, cujo versão do lançamento deu a entender que fora feito às pressas em razão do anúncio de que a revista já havia sido lançada.

Entrementes, o entrevistado já estava envolvido com as atividades do CPDV (Centro de Pesquisas de Discos Voadores), a entidade que foi a responsável por lançar as revistas ufológicas da década de 1980. E ao analisar a entrevista, é notável o fato de Gevaerd personalizar em si o lançamento de *Ufologia*, como um projeto pessoal, uma iniciativa individual; ao passo que no editorial da revista considera o lançamento desta como uma ação coletiva. Neste caso, as considerações de José Carlos Sebe B. Meihy e Leandro Alonso Seawright auxiliam a compreender essa disparidade:

Torna-se fundamental considerar que a história oral é sempre narrativa de variante do fato dúbio que comporta versões de quem presenciou um acontecimento ou que, pelo menos, dele tenha alguma alternativa que seja discutível ou passível de contestação (BOM MEIHY, SEAWRIGHT, 2020, p. 71).

Nesse sentido, ainda que Gevaerd possa ter sido o idealizador e principal mente criativa por trás de *Ufologia*, a composição e lançamento de um periódico é um trabalho coletivo e que envolve uma série de atores e profissionais de diversas áreas. O tom

personalista pode ser interpretado em razão de, hoje, Gevaerd ser uma figura de renome na ufologia brasileira.

Dito isto, a *Planeta*, com suas edições especiais de ufologia e sua abordagem sóbria, além da participação direta de A.J. Gevaerd insere-se também no contexto de surgimento de uma imprensa voltada a ufologia nos anos 1970. Outro importante ufólogo brasileiro, coeditor da *PSI-UFO* (1986-1987), que também escreveu para a *Planeta* foi Carlos Alberto Reis, entre 1981 e 1990. Mais adiante, no capítulo 2, será abordada com afinco sua trajetória.

A *Planeta*, por fim, foi uma das responsáveis pelo surgimento e edificação da imprensa dos discos voadores na década de 1980. Por ser uma das primeiras revistas de grande amplitude comercial a abordar a ufologia e por todo seu corpo editorial e jornalístico, que davam credibilidade à temática abordada.

1.3 Operação Prato e a efemeridade das revistas ufológicas: *OVNI Documento e Disco Voador* (1977-1980)

Já na metade da década de 1970, o Brasil encontrava-se no período da “distensão” política, da “abertura lenta, gradual e segura”³³ da Ditadura em direção à democracia. Em meio a uma crise econômica e social, o regime não apresentava mais o vigor proporcionado pelo “Milagre Brasileiro”³⁴ do início da década, e já iniciava seu processo de desgaste e desmonte.

Os militares no poder não haviam deixado de atentar-se para a temática ufológica, a despeito da ação belicosa e radical do ufólogo aliado do governo Aladino Félix, no período anterior ao decreto do AI-5, não necessariamente por acreditarem que se tratasse de discos voadores tripulados por extraterrestres, mas sim por quê:

Esses objetos aparentemente se multiplicaram no pós-guerra e suas aparições têm fortes vínculos com a questão da tecnologia militar, não somente em seus aspectos técnicos, mas também as ansiedades, o pânico e os traumas decorrentes da militarização do espaço aéreo, bem como a lógica política da Guerra Fria (FARIA, 2019, p. 216 apud SCHRAMM 2016).

Assim, os militares criaram, a partir de 1969, um órgão especializado para tratar do assunto: o SIOANI (Sistema de Investigação de Objetos Aéreos não Identificados). O SIOANI atuou de forma sistemática e estava vinculado ao IV COMAR (4º Comando Aéreo Regional) da Aeronáutica como o órgão institucional dedicado à investigação ufológica no Brasil. Atuou por três anos, de 1969 à 1972, resultando em dois boletins especiais de investigação: um de março de 1969, e o outro de agosto do mesmo ano, registrando ocorrências em São Paulo, Minas Gerais e cidades que compreendem o atual Mato Grosso do Sul.

A investigação e interesse dos militares pela casuística ufológica ganhou novos contornos quando, a partir de meados de abril de 1977, fora do Eixo Sudeste/Sul, centenas de habitantes das regiões do norte do Pará e Maranhão, nos municípios de Colares, Vigia e Santo Antônio do Tauá, passaram a conviver por meses com uma série de avistamentos e

³³ Frase atribuída a Ernesto Geisel, terceiro presidente militar, cujo projeto consistia na transição pacífica para a democracia e poder civil.

³⁴ O “Milagre Brasileiro” foi um crescimento exponencial da economia brasileira no final da década de 1960 até 1973, em que o PIB (Produto Interno Bruto) cresceu a uma média superior a 10%, legitimando o governo ditatorial em seu período mais repressivo sob uma imagem de progresso e desenvolvimento do país. Ver: LAGO, Luís Aranha Correia do. *Milagre Econômico brasileiro*. Fundação Getúlio Vargas. 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/milagre-economico-brasileiro>. Acesso em 11 set de 2022

ocorrências ufológicas, de luzes que atacavam pessoas e extraíam seu sangue. Tal ocorrência ficou conhecida popularmente como “chupa-chupa”.

As ocorrências atingiram um nível de calamidade pública, que justificou o deslocamento de um aparato militar de reconhecimento e auxílio e agentes da Força Aérea Brasileira e do SNI, além de médicos e enfermeiros, numa grande operação que recebeu o codinome de “Operação Prato”.

A Operação Prato foi uma das mais explícitas intervenções militares em ocorrências ufológicas de todo o mundo. Os relatórios das ocorrências que se seguiram, dos habitantes das cidades afetadas, testemunhos de militares que participaram da operação, tornaram este um dos casos mais famosos da ufologia mundial.

Segundo um dos relatos que consta no relatório oficial produzido pela Aeronáutica, de Manoel Espírito Santo, 20 anos, residente em Belém - PA:

Encontrava-se em frente a sua residência juntamente com alguns/amigos (Júlio, Paulo, Deca e Carlito), quando percebeu uma luz amarelada que deslocava no sentido E/W (nascente/poente), diminuindo a velocidade e quase parando à cerca de 20m do grupo: disse que percebeu então que a “luz” era tripulada por dois elementos de aparência humana, sendo que o “homem” ocupava o lado esquerdo e a mulher o direito do “aparelho”, ambos portavam óculos (formato diferente) e equipamento de intercomunicação; o elemento da esquerda levou as mãos aos “óculos” como se observasse mais atentamente ao grupo de pessoas; no mesmo instante o outro, através de um tubo existente na lateral, dirigiu um feixe luminoso de cor vermelha em direção ao grupo; tendo sido atingido diretamente, sentiu um forte abalo (como choque elétrico) iniciando pelos pés até a cabeça, sobreveio então a paralisação (imobilidade dos membros inferiores e superiores) e semi-inconsciência (sic). O aparelho afastou-se gradativamente aumentando a velocidade, Manoel voltou a movimentar-se se sentindo, porém, entorpecido durante alguns minutos (AERONÁUTICA, 1978, p. 14).

O relato permite apurar os motivos pelos quais a Operação Prato mobilizou um vultuoso aparato militar para àquela região: pela frequência e intensidade das ocorrências no local, que dataram de meses desde os relatos iniciais até a primeira operação - não eram ocorrências esparsas e descontinuadas, mas sim frequentes e diárias, perdurando por meses; pela urgência e gravidade da situação, em que as cidades onde ocorriam os fenômenos encontravam-se à beira de uma histeria coletiva, com centenas de habitantes relatando ataques e estranhos ferimentos diários. Em Colares, no Pará, a única unidade de saúde da região, estava cheia de pessoas apavoradas que contavam semelhantes histórias sobre queimaduras e perseguições (SCHRAMM, 2009, p. 32); pela política de “Segurança Nacional”, onde o Brasil devia ser protegido de inimigos internos e externos, quaisquer que fossem.

É razoável conceber que aqueles que são responsáveis pela defesa do território nacional ao deparar-se com a fenomenologia dos óvnis, dedique-se a estudar atentamente tais presenças (SCHRAMM, p. 30, 2009). Sobre isso, o jornalista Fernando Rodrigues, em reportagem para a *Folha Online*, também considera que:

Quando o SNI tomou parte dessa operação de caça a óvnis, o regime autoritário já entrava em sua fase crepuscular. O Brasil estava menos convulsionado. O governo havia sufocado os focos de esquerda mais radicais. O "milagre econômico" era coisa do passado, mas o país ainda crescia a taxas anuais de 5%. Os órgãos de segurança estavam mais livres para procurar novos inimigos a combater (RODRIGUES, 2009).

A Aeronáutica, em ofício enviado para a Rede Globo na exibição de um episódio do programa Linha Direta – Mistério, inspirado na Operação Prato, considerou o conteúdo do relatório como de apenas registros baseados em dados que teriam sido repassados por um dos participantes dessas atividades. Foi produzido um relatório com diversos depoimentos, aparentemente sem fundamentação científica (AERONÁUTICA, 2005). Os eventos absurdos e fantásticos desta ocorrência, porém, foram testemunhados e relatados por membros de alto escalão das Forças Armadas, de modo que a taxação de “sem fundamentação científica”, serve para salvaguardar a instituição militar e ao mesmo tempo não invalidar completamente o relatório produzido (SCHRAMM, 2016, p. 96).

A Operação Prato consistiu em uma rara ocasião em que um governo e uma força militar, a nível de mundo, conduziria uma operação oficial de estudo e investigação de Ovnis à luz do dia. Os militares já haviam demonstrado seu interesse pelas ocorrências ufológicas anteriormente, mas a Operação Prato foi o evento que oficializou isso. Seus desdobramentos resultaram em um relatório parcial produzido pela Aeronáutica, que em 2009 ganhou a atenção do público ao ser liberado para consulta pública pelo Arquivo Nacional. Anteriormente, em 1991, uma parte deste relatório foi vazado para a revista *UFO*. Em 1997, o coronel Uyrangê Hollanda, comandante desta operação, concedeu entrevista para a *UFO* revelando detalhes anteriormente ocultos. O conteúdo do relatório evidenciou o conteúdo controverso desta ocorrência, com a reprodução de relatos, testemunhos, descrição de desenhos das naves e dos seres humanoides e análise dos ferimentos nos habitantes ribeirinhos, mas, como aponta João Francisco Schramm, a documentação da Operação Prato disponível faz referência a numerosos eventos particulares, mas permanece incompleta como um agrupamento documental coeso (SCHRAMM, 2016, p. 86).

Neste mesmo ano, o filme *Contatos Imediatos de Terceiro Grau*, era lançado. O título do filme referencia a famosa tese de Josef Allen Hynek, astrônomo e ufólogo norte-americano, que em 1972 escreveu o que se conheceria como escala Hynek: enumera de 1 a 3 os tipos de contatos com seres extraterrestres. O contato de primeiro grau seria o de avistamento de Ovnis; o contato de segundo grau seria o de avistamento alinhado a outros fenômenos, como círculos nas plantações, entre outros; o de terceiro grau envolveria o avistamento e observação de seres extraterrestres. Essa teoria foi levada ao cinema nas mãos do diretor Steven Spielberg, se tornando um sucesso absoluto e um dos mais famosos filmes com temática ufológica desde então.

O impacto da Operação Prato e o sucesso de *Contatos Imediatos de Terceiro Grau* foram determinantes para o surgimento das primeiras revistas especializadas em ufologia no Brasil, pois o caso ganhou projeção nacional à época de sua ocorrência e o filme ajudou a manter a ufologia fresca no imaginário popular. Dessa publicidade surgiram *OVNI Documento* e *Disco Voador*. A primeira, coordenada pela ufóloga Irene Granchi, foi lançada em 1978. Era trimestral e durou apenas 8 edições, encerrando suas atividades por volta de 1980. A.J. Gevaerd creditou o encerramento da *OVNI Documento* como um dos motivos que o levaram à criação da *Ufologia Nacional & Internacional*, em 1985:

[...] anos antes também, a dona Irene Granchi, que era uma ufóloga muito conhecida, muito respeitada no Brasil, e muito minha amiga, assim uma espécie de... inspiradora né... eu era um menino e dona Irene Granchi (inaudível)... ela tinha a revista *OVNI Documento*, que era trimestral, saía quatro vezes por ano e durou dois anos, né. Foi até o número oito. [...] Então, eu comprava essa revista na banca, no dia seguinte ia perguntar: “chegou a outra?” Pô, só ia chegar a outra três meses depois, né. Mas era, então, havia uma sede por isso. E dona Irene era minha inspiradora. E aí eu pensei: “Ah eu vou fazer uma revista, de ufologia”³⁵.

As palavras de Gevaerd evidenciam a influência da *OVNI Documento* como mecanismo de imprensa, visto que, mesmo com sua precária distribuição, conseguia mobilizar a audiência de seus leitores. Essa influência de *OVNI Documento* foi demonstrada na primeira edição de *Ufologia*, em que é preservada a coluna *UFO Personalidade*, presente na revista de Irene Granchi, como uma homenagem a este periódico. Granchi, inclusive, tornou-se a primeira personalidade destacada nesta coluna.

³⁵ A. J. Gevaerd. Entrevista concedida à Kevin Franco. Gravação de áudio. Curitiba-PR. 2018

Nossos leitores, que acompanharam a revista *OVNI Documento* ao longo de seus 8 números, devem estar familiarizados com esta coluna de UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL, criada para dar continuidade a de *OVNI*, que durante sua existência homenageou pesquisadores como James MacDonald, Jim e Coral Lorenzen, Olavo T. Fontes, J. Allen Hynek, general Uchôa, Flávio Pereira e Jacques Vallée. E quem se responsabilizou pessoalmente em reconhecer o valor destes UFÓlogos através de *OVNI Documento*, perpetuando-lhes a imagem, tem hoje seu reconhecimento aqui, em nossa primeira coluna *UFO Personalidade*, de UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL: Irene Granchi (UFOLOGIA, 1985, p. 18).

Aliás, o *status* de Irene Granchi na ufologia brasileira sempre fora estimado. Reconhecida internacionalmente por seus pares como uma pioneira na área, a alemã naturalizada brasileira dedicava-se à pesquisa ufológica desde a década de 1950, constituindo num importante quadro da área no Brasil tão logo quando surgiu, vindo a ser presidente de honra do CPDV (Centro de Pesquisas de Discos voadores). Granchi faleceu em 2010, aos 97 anos, por complicações de diabetes.

Pela escassa documentação em torno da *OVNI Documento*, não é possível uma análise mais aprofundada de seu conteúdo. Porém, *scanners* da edição de nº 6, de janeiro/fevereiro/março de 1980 disponíveis na internet nos possibilitam uma análise concentrada em torno dos componentes da revista. Era editada pela Editora Hunos; produzida com um material simples, de cunho artesanal; em preto-e-branco, visto que a impressão colorida no período era cara e de difícil acesso; haviam poucas imagens, com o conteúdo da revista sendo em sua maioria composta por textos; no índice superior da capa, havia a indicação do preço de cada edição: 40 cruzeiros; a capa era de cor amarela, contrastando com o título e as manchetes da revista em cor preta e com um desenho em tom esfumado em preto e branco de uma nave aterrissada com dois seres de baixa estatura conduzindo um homem em direção à ela. A pintura, de autoria de Albery, retratou as ocorrências do Caso Pelotas³⁶, abordada na edição. As outras matérias correspondentes relataram sobre o 1º Congresso Internacional de Ufologia, realizado em Brasília entre 26 a 30 de outubro de 1979; casos de

³⁶ O operário Assis Antônio Caetano de Ávila retornava para casa na citada noite na caminhonete de uns amigos que haviam lhe dado carona. Pouco antes de sua parada, que seria na esquina das avenidas Cristóvão José dos Santos e Salgado Filho, algo despertou sua atenção — era uma estranha luz no céu, semelhante a um farol. Após continuar o caminho a pé, viu novamente o objeto, que passou a se aproximar, até pousar. Logo após o pouso do UFO e o escurecimento do local, Ávila sentiu tontura e, ao mesmo tempo, pareceu ser induzido a caminhar em direção ao aramado. Na sequência, percebeu estar sendo agarrado pelos braços por dois estranhos “homenzinhos truculentos”, que teriam aproximadamente um 1,1 m de altura — os seres vestiam uma roupa justa no corpo de cor branco-prateada e usavam capacetes com viseiras, que lembravam o de um motociclista. Ver: NUSSBAUM JUNIOR, José C. *A abdução do operário gaúcho Assis Antônio Caetano de Ávila*. Revista UFO. Site. 2014. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/a-abducao-do-operario-gaucha-assis-antonio-vila-em-pelotas.html>. Acesso em 11 set de 2022

mutilações de animais no Brasil e no exterior; e outra matéria sobre uma teoria do Universo absoluto.

Imagem 5: Capa da edição Nº 6 da *OVNI Documento*



Fonte: *OVNI Documento*, ed. 6, 1980, capa

Relatos de mutilações de animais sob a ação extraterrestre, como as relatadas pela revista, fazem parte dos aspectos mitológicos que cercam a ufologia moderna. São ocorrências de mortes de animais, principalmente de origem bovina e caprina, com sinais de mutilação nos corpos sob circunstâncias anômalas, ou alegações de sequestro desses animais por naves extraterrestres. A iconografia de uma nave espacial abduzindo vacas ou seres humanos é uma das mais icônicas relacionadas à ufologia, sendo retratada em inúmeros produtos culturais, e explorada também pelas revistas ufológicas, como é visto na capa da *UFO Especial*, de março de 2012:

Imagem 6: Capa da edição Nº 63 da *UFO Especial*



Fonte: *UFO Especial*, ed. 63, 2012, capa

Esses relatos tiveram origem no início da década de 1970, ocorrendo inicialmente na Inglaterra e se espalhando pelo mundo. A explicação que a ufologia oferece é a de que esses sequestros e mutilações ocorrem para que civilizações alienígenas estudem a anatomia da fauna terrestre, ao passo que cientistas e especialistas atribuem a meros ataques de outros animais. Posteriormente, relacionados a esse fenômeno surgem os círculos nas plantações e na década de 1990 uma possível explicação para esses ataques: os chupacabras.

A iconografia de naves abduzindo pessoas também está atrelada a um dos casos ufológicos de maior repercussão já ocorridos: em 5 de novembro de 1975, o lenhador norte-americano Travis Walton desapareceu após ter visto um Ovni que emitia luzes, no estado do Arizona. Walton estava acompanhado de seis colegas de trabalho, que afirmaram terem-no visto ser capturado pelas luzes vindas do Ovni. Os homens, apavorados, saíram em disparada,

retornando horas depois ao local para procurarem por Walton. Relataram a polícia o ocorrido, momento em que a história se dispersou. Walton retornou cinco dias após seu desaparecimento, com aparente perda de memória. Foi submetido, junto a seus colegas, a exames com polígrafo, que averbaram a veracidade do relato, embora nos anos seguintes, inconsistências em seu relato foram encontradas. Mesmo assim, a abdução de Travis Walton é uma das mais famosas ocorrências ufológicas, que levou Walton a um *status* de celebridade no mundo ufológico.

No tocante à capa da *OVNI Documento*, da série de capas disponíveis na internet, a da edição nº 6 é a única que foi ilustrada através de um desenho. As demais são fotografias. Nesse caso, além de demonstrar a precariedade da publicação, percebe-se que a edição priorizou um tom mais subjetivo ao abordar um caso recentemente ocorrido (o Caso Pelotas é referenciado como ocorrido em 1978). Além disso, a liberdade artística proporcionada pelo desenho faz com que o artista possa manipular a arte a seu próprio gosto, dramatizando-a. Sobre isso, a historiadora Ana Cristina Teodoro da Silva atenta que:

A revista, no entanto, jamais satisfaz a necessidade de organização da massa de fatos em que vivemos, e sim contribui, como em outros meios, para manter essa necessidade, devido a sua fragmentação e especialização, mas também devido ao apelo publicitário pela demanda de mais e mais informação (SILVA, 2003, p. 52).

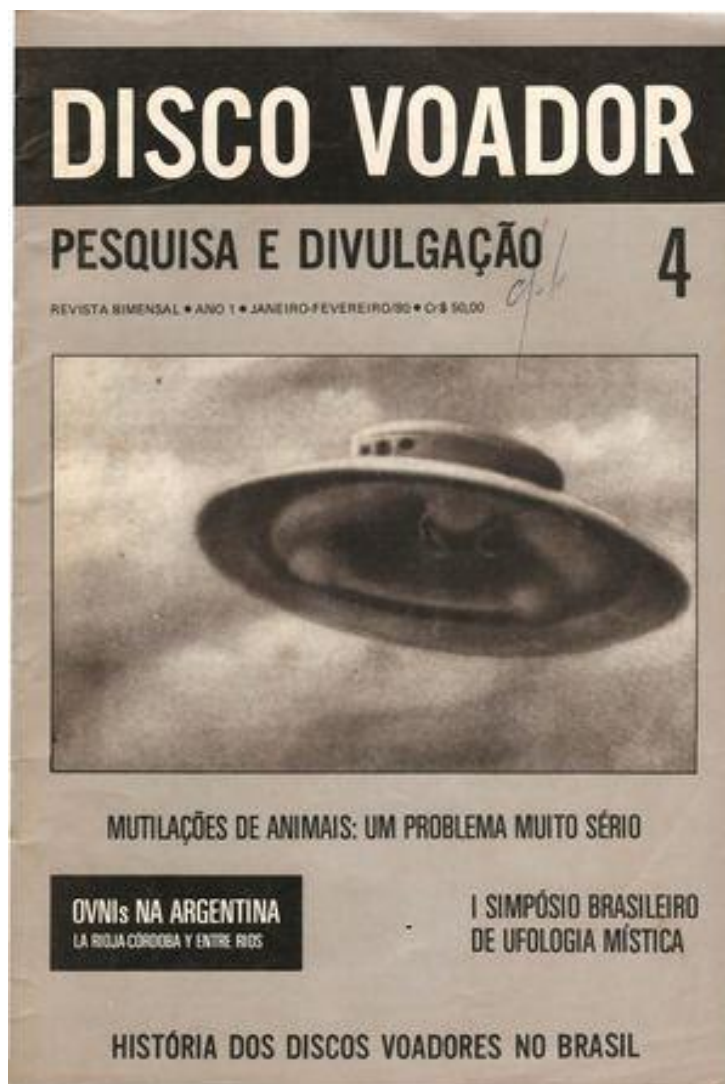
Embora a revista traga à capa um desenho representando o caso, no conteúdo da matéria são mostradas fotografias desse caso: de Assis conversando com Luiz do Rosário Real, presidente do SPIPDV (Sociedade Pelotense de Investigação e Pesquisa de Discos voadores) e investigador deste caso. Ou seja, a dramatização proporcionada pelo uso do desenho na capa busca chamar a atenção em torno da matéria: um homem alegou ter sido levado por dois seres humanoides, e com isso, no interior da matéria traz evidências (fotografias) desse fato de modo a saciar a curiosidade do leitor e cativá-lo, pois, as capas são o primeiro elemento da revista com a qual o leitor entra em contato. Nesse sentido, as capas de revistas têm impactos calculados pelo tempo da novidade (SILVA, p. 21, 2003), tendo o poder de atrair ou não o leitor para a revista.

A *OVNI Documento* teve curta duração, mas foi importante como o primeiro veículo de imprensa voltada aos discos voadores no Brasil, tendo a *Ufologia Nacional & Internacional* se pondo como a herdeira do legado de *OVNI Documento*. Os custos de manter uma publicação ufológica no Brasil, já em fins da década de 1970, se mostravam

exponenciais, num momento em que a crise econômica que caracterizou os anos de 1980 ainda não se manifestava em sua totalidade.

Nesse período, outra revista ufológica editada no país, ainda mais rara de se encontrar, foi a *Disco Voador*. Referenciada na edição comemorativa de 30 edições da *UFO*, de maio de 1994, num artigo que rememora a trajetória da imprensa ufológica, esta revista foi lançada em meados de julho/agosto de 1979. Era bimensal, com publicação irregular e durou apenas 7 edições (GEVAERD, 1994, p.7). A única edição disponível na internet é a edição nº 4, de janeiro/fevereiro de 1980, que abordou como matérias principais casos de mutilações de animais, Ovnis na Argentina, uma matéria sobre a História dos discos voadores no Brasil e o I Simpósio Brasileiro de Ufologia Mística:

Imagem 7: Capa da edição nº 4 da revista *Disco Voador*



Fonte: *Disco Voador*, ed. nº 4, janeiro/fevereiro de 1980

A imagem desta capa é presente na obra *ASTRONOMIA – Conhecimentos atuais*, de Joackim Hermann. Sua definição precária e de baixa qualidade contrasta com os bastidores dessa revista, que detinham grupo editorial em seu entorno. Sobre essa revista, Gevaerd comenta em entrevista:

[...] É, uns anos... um ano antes de eu lançar a revista (Ufologia Nacional & Internacional), uma senhora de Porto Alegre, me chamou para fazer umas palestras lá. Eu morava em Maringá; fui de ônibus para Porto Alegre. E lá soube que ela tinha uma revista chamada *Disco Voador*, uma revista simples. Ai um dia ela me convidou pra... ser... assim, coeditor da revista, morando lá, e eu passei uns meses morando lá³⁷.

Como anteriormente demonstrado, *Disco Voador* durou até meados de 1980, e não há sinais de funcionamento em 1984 como elencado por Gevaerd em seu marco temporal. Além do mais, não havia nenhuma *senhora* ligada à *Disco Voador*, visto que no expediente da quarta edição não há nenhuma mulher entre o corpo editorial da revista; o diretor executivo desta revista chamava-se Neyte R. de Abreu e o editor e redator era Jeferson Borba de Souza.

Mais cara que a *OVNI Documento*, *Disco Voador* custava 50 cruzeiros. O intuito desta revista, como indicado pela capa, era de pesquisa e divulgação da casuística ufológica, embora seu conteúdo interno divague sobre diversos assuntos em detrimento da ufologia. A capa e o interior da revista, em preto e branco, demonstram a precariedade da publicação, embora fosse editada por uma entidade denominada Sociedade Metafísica Aquarius (SOMA), e impressa em uma editora de Porto Alegre, sua sede. Usava a tecnologia de fotolitos, que era amplamente usada na década de 1980. Seu corpo editorial era composto por departamentos: departamento de educação, científico, foto cine som, jurídico. Tais departamentos, entretanto, não parecem ter função na revista, visto que os textos desta edição, com exceção de dois, vêm sem o nome de seus autores.

A escolha de nomear setores da revista como departamentos mostra que seus diretores a viam como um veículo de divulgação científica, embora o conteúdo seja distante do conhecimento científico, de fato. O nome de Gevaerd não constava em nenhum setor da revista. Se participou, estava presente somente nos volumes seguintes ou anteriores, não nesta edição analisada. Havia um jornalista responsável pela publicação, Juarez Antônio B. Fonseca, demonstrando que havia uma tentativa de credibilizar este periódico com a presença de profissional cadastrado no Ministério do Trabalho. O nome de Juarez Antônio e de

³⁷ A. J. Gevaerd. Entrevista concedida à Kevin Franco. Gravação de áudio. Curitiba-PR. 2018

Jeferson Borba de Souza, o editor chefe e redator, entretanto, vinham no final do expediente, demonstrando que hierarquicamente estavam abaixo de Neyte R de Abreu, o real editor chefe desta publicação, que escreve um dos poucos textos nominados, e também consta³⁸ como proprietário da SOMA. A tiragem desta edição girava em torno de ínfimas 3500 cópias. Suas sete edições bimensais indicam que a revista saiu de circulação por volta de julho/agosto de 1980, durando pouco mais de 1 ano.

A crise econômica, que se avizinhava na década de 1980, o grande algoz das revistas ufológicas do período, foi também o provável motivo do término dessas revistas no amanhecer dos anos 1980. No obituário de Irene Granchi, publicado no site da revista *UFO*, em dezembro de 2010, o articulista Paulo R. Poian comentou sobre a trajetória da *OVNI Documento*, sua importância para a imprensa ufológica e as razões pelas quais encerrou suas atividades:

Em 1978, numa parceria com a Hunos Editorial, lançou a revista *OVNI Documento*, o primeiro veículo brasileiro inteiramente dedicado à Ufologia, antecessora direta da *UFO*. A publicação, no entanto, durou apenas dois anos e teve somente oito edições. Foi devido a isso que surgiu a Revista *UFO*, tendo em Irene uma fonte de inspiração direta e constante. A *OVNI Documento* tinha um corpo de colaboradores de peso, que incluía nomes como o citado Hynek, Silvio Lago, Flávio Pereira, Fernando Cleto Nunes Pereira, Mário Martins Ribeiro, Bob Pratt, Bill Chalker, Décio Estrela Maia, Húlvio Brant Aleixo e o general Alfredo Moacyr Uchôa. Entretanto, a união de esforços em prol da excelência não foi suficiente para driblar a falta de patrocínio, de recursos e as sucessivas crises econômicas, obrigando Irene a encerrar precocemente suas atividades. Hoje, as edições da *OVNI Documento* são avidamente disputadas em sebos e zelosamente preservadas por colecionadores (POIAN, 2010).

O corpo editorial da *OVNI Documento*, como mencionado no texto, mantinha colaboradores célebres da área. O principal deles, Josef Allen Hynek, foi o proponente da famosa escala que caracteriza o contato extraterrestre, como anteriormente mencionado. Destaca-se também a presença do general do Exército Alfredo Moacyr de Mendonça Uchôa, uma das vozes da ufologia mais atuantes dentro da Força e colaborador assíduo de *Ufologia Nacional & Internacional*.

O destino da *Disco Voador*, provavelmente, também foi o mesmo da *OVNI Documento*: o alto custo de manutenção de um produto sem plena inserção no mercado editorial, com pouca inserção fora de seu nicho consumidor não suportavam o funcionamento

³⁸ CADASTRO EMPRESA. SOMA. Disponível em: <https://cadastroempresa.com.br/cnpj/91.587.527/0001-10-soma-sociedade-metafisica-aquarius>. Acesso em 23 ago. 2023

de uma revista dessa natureza; embora *Disco Voador* tivesse a presença de uma campanha publicitária da Caixa Econômica Estadual do Rio Grande do Sul na edição abordada, a mesma não foi suficiente para garantir sua continuidade. Porém, o esforço destes periódicos se manteve, sendo os primeiros produtos destinados a divulgação da ufologia por seus próprios pares no Brasil. Vários dos elementos jornalísticos das revistas ufológicas na década de 1980 foram influenciados, em especial, pela revista de Irene Granchi, incluindo os aspectos gráficos de capa mais marcantes da *OVNI Documento*: cores fortes intercalando com o título em branco ou preto, um corpo editorial que congregasse ampla gama de colaboradores e, principalmente, a mensagem de que havia possibilidade de divulgação da hipótese extraterrestre no Brasil, ainda que fosse efêmera.

CAPÍTULO II

“TUDO QUE EXISTE TEM SUA HISTÓRIA”: A IMPRENSA UFOLÓGICA NOS ANOS 1980

2.1 Onde tudo começou: o caso Morenã (1982)

A década de 1980 foi uma das mais agitadas na história contemporânea brasileira. Ela foi marcada pela agonia da Ditadura que comandava o país desde 1964 e não conseguia mais sustentar-se politicamente, atolada sob uma grave crise econômica e social que impulsionava movimentos pela restauração da democracia no país. O movimento *Diretas Já!* com seus volumosos comícios, traduzia em números a insatisfação e mobilização nacional em favor da democracia. Os ares democráticos retornaram, aos poucos em 1985, com a eleição de Tancredo Neves para a presidência pelo voto indireto do Congresso Nacional, o primeiro presidente civil depois de 20 anos de Ditadura, mas os brasileiros só elegeriam um novo presidente pelo voto direto quatro anos depois, amparados por uma nova Constituição, promulgada em 1988. Ainda assim, a esperança por dias e ventos profícuos marcou 1985 como um novo período da história política brasileira.

O acirramento mundial de mais um capítulo da Guerra Fria³⁹ iniciou-se com o governo conservador de Ronald Reagan nos Estados Unidos, que em 1983 propôs um ambicioso programa de defesa espacial: apelidado de Guerra nas Estrelas (em alusão à famosa série de filmes *space-opera* de George Lucas, *Star Wars*), este programa baseava-se num sistema de satélites antimísseis atômicos, para proteger o país da arquirrival União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Foi nesse contexto de transição no Brasil e de acirramento da hegemonia econômica e bélica mundial que surgiu, no seio do recém-criado estado de Mato Grosso do Sul⁴⁰, a série de revistas ufológicas lideradas por Gevaerd: *Ufologia Nacional & Internacional*,

³⁹ Conflito político-ideológico entre os Estados Unidos, representando o mundo capitalista, e a União Soviética, o socialista, em que as superpotências disputavam zonas de influência no mundo.

⁴⁰ Segundo Paulo Roberto Cimó Queiroz (2006), o processo de divisionismo de Mato Grosso e a criação de Mato Grosso do Sul em 1977 foi um processo conduzido pelo governo ditatorial, em razão de ordem geopolítica de ocupar áreas fronteiriças, assim como parte da política interna de criar mais um estado que desse sustentação ao regime, que entrava em sua fase crepuscular. Ver: QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio)*. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 2, p. 149-184, 2006.

Parapsicologia Hoje, *PSI-UFO* e revista *UFO*. Surgiram, obviamente, a partir de um caso ufológico de repercussão: o caso Morenã, ocorrido em terras sul-mato-grossenses. Trata-se do maior caso de sua história e recheado de controvérsias.

A primeira dessas peculiaridades refere-se a seu local de ocorrência: o estádio Pedro Pedrossian, o Morenã, maior estádio de futebol em Mato Grosso do Sul. Na noite do dia 6 de março de 1982, haviam aproximadamente 20 mil pessoas no estádio acompanhando a partida entre Operário⁴¹ e Vasco da Gama⁴², pela segunda fase do Campeonato Brasileiro de Futebol. O jogo em questão ocorreu no período noturno, com lotação máxima do Estádio Morenã. Foi transmitido pela Rede Globo, com narração de Galvão Bueno. A narração de Galvão Bueno, porém, era feita em sistema à distância; o jornalista estava no Rio de Janeiro durante a partida. Logo na primeira metade do primeiro tempo, um acontecimento tirou as atenções dos espectadores, jogadores e demais presentes no Estádio: um objeto luminoso cruzou o céu do estádio em alta velocidade, de norte a sul.

A reportagem do site Campo Grande News, escrita pelo jornalista Rafael Ribeiro, elucida aspectos da ocorrência:

Mas, o que os torcedores se lembram, mais do que os dois gols do centroavante Jones, foi o estranho objeto cilíndrico que cruzou o céu sobre o Estádio Morenã. Emitindo luzes fortes e extremamente silencioso, o ‘tal negócio’ passou por cerca de cinco segundos sobre o gramado, sem registros fotográficos ou filmagens.

[...] Repórter do Campo Grande News, Paulo Nonato de Souza trabalhava no jogo do Morenã naquela noite e é direto: era algo fora da compreensão humana. “Não existia, em 1982, tecnologia adequada para reproduzir algo semelhante”, disse.

[...] O professor Ascanio Bottini, 57 anos, era um dos presentes ao Morenã e também acredita que a aparição foi de extraterrestres: “Lembro que, do meu ângulo de visão, pareciam 4 tubos, dois acima e dois abaixo, em paralelo. Em cada extremidade uma luz forte. Estávamos concentrados na máquina que o Operário tinha quando começou um burburinho nas arquibancadas lotadas e os olhares saíram do gramado para o céu, para ver a outra máquina. Durante alguns segundos ficamos estáticos. Numa velocidade incalculável para nós, humanos, desapareceu” (RIBEIRO, 2017).

⁴¹ Operário Futebol Clube é uma tradicional agremiação de futebol de Mato Grosso do Sul, que teve seu auge nas décadas de 1970 e 1980, onde galgou altas posições no Campeonato Brasileiro de Futebol. Ver: OPERÁRIO FUTEBOL CLUBE. *História*. Site. 2018. Disponível em: <http://www.operario.com.br/historia>. Acesso em 04 dez. 2021

⁴² O clube de regatas Vasco da Gama, tradicional clube do Rio de Janeiro, foi fundado no final do século XIX, e é um dos grandes times de futebol brasileiros. Ver: RONDINELLI, Paula. *Clube de regatas Vasco da Gama*. Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/vasco.htm>>. Acesso em 04 dez. 2021.

A reportagem, feita em 2017, intenta dar credibilidade à ocorrência entrevistando pessoas diversas que se encontravam no Morenã àquela noite. A alegação de um objeto luminoso atravessando o estádio se assemelha à descrição dada a avistamentos ufológicos noturnos. Essas ocorrências, em geral, são testemunhadas por uma, duas, até mesmo um grupo moderado de pessoas. Aqui reside a segunda peculiaridade deste caso: as daquela noite, porém, foram vistas no entorno de 20 mil espectadores. É um recorde mundial⁴³. A reportagem do jornalista Adriano Wilkson, para o portal UOL, em 2015, reforçou a heterogeneidade das pessoas envolvidas no avistamento:

Maria das Dores, uma torcedora fanática do time da casa, viu. Marquinhos Tavares, futuro cartola da federação de futebol local (de Mato Grosso do Sul), viu. O lateral Cocada, do Operário, foi um dos que mais viram. O juiz José de Assis Aragão viu, mas não interrompeu o jogo. Alberto Pontes Filho, funcionário do estádio, também viu. O zagueiro Rondinelli, do Vasco, viu só um pouco (WILKSON, 2015).

Essa variedade de espectadores, desde torcedores até jogadores em campo, contribuiu para criar uma noção de amplitude deste episódio. Pessoas de diferentes classes sociais, escolaridades, localidades, testemunhando o mesmo fato é um dos aspectos mais eloquentes que cercam a ufologia. Confere um grau democrático à área, visto que, para qualquer pessoa, é possível observar um evento ufológico. Conforme os estudiosos do campo, basta estar no lugar certo e na hora certa.

Nos arredores do Morenã, as pessoas que estavam no lugar e hora certos afirmam que foi um evento rápido, significativo, que tirou a atenção completamente do jogo. No dia seguinte, o incidente estava estampado nos jornais de Mato Grosso do Sul. De modo geral, houve alegação de que o suposto objeto cruzou o espaço aéreo do estádio, emitindo luzes coloridas e tinha formato cilíndrico. Essa descrição aparece nas manchetes dos jornais locais, como o *Correio do Estado*, que documentou aquela noite:

⁴³ REVISTA UFO. *Avistamento de Ufo sobre estádio em 1982 é tema de documentário*. Disponível em: <<https://ufo.com.br/noticias/avistamento-de-ufo-sobre-estadio-em-1982-e-tema-de-documentario/>>. Acesso em 4 jan. de 2022

Imagem 8: Capa do jornal *Correio do Estado*, relatando o “espetáculo” do OVNI em Campo Grande



Fonte: Correio do Estado, março de 1982, p. 1

O jornal utiliza o termo correto ao nomear o objeto como Ovní, já que a natureza do mesmo era não identificada; esse elemento é reforçado quando a Base Aérea da FAB (Força Aérea Brasileira) em Campo Grande e a INFRAERO (Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária) relataram desconhecer a presença de voos oficiais e autorizados na cidade. A citação dessas instituições se deu no sentido de dar credibilidade ao ocorrido e ressaltar a natureza misteriosa. Observa-se, também, nesta matéria, a indissociabilidade dos termos “OVNI”, “disco voador” e “extraterrestre” relacionadas no fenômeno de luzes no céu. O caso Moreirão, então, se tornou ufológico de forma imediata por associação da imprensa. O jornal também ressaltou que cerca de 15 das 24 mil pessoas que estavam no estádio àquela noite testemunharam o avistamento, o que demonstra uma estimativa aproximada do real, não necessariamente correta, visto que até mesmo a Rede Globo e Galvão Bueno, transmissores da partida, afirmaram não terem visto nada de anormal, tampouco a transmissão da TV capturou imagens do OVNI.

Maria Helena Rolim Capelato afirma que a imprensa, ao invés de espelho da realidade passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade (CAPELATO, 1988, p. 24). A imprensa é conhecida por destacar fatos em busca de repercussão, e tratando-se da fenomenologia Ovní, historicamente, a ufologia foi utilizada como meio de repercussão instantânea pela imprensa. Segundo Rodolpho Gauthier Cardoso dos Santos, as mídias escritas tem sido uma grande arena de debate público sobre discos voadores, ainda que, deve-se reconhecer, ela também fosse parte interessada nas discussões (SANTOS, 2009, p. 3).

A abordagem do *Correio do Estado* sobre o Caso Morenã foi relativamente sóbria, como demonstrado pela Imagem 8. O jornal não utilizou de superlativos ou adjetivos ao documentar o fato, nem explorou o caso até seu esgotamento. Ao contrário, noticiou no dia seguinte e cessou assunto. Também não se utilizou de sensacionalismos ao noticiar. Documentou o caso sob o tratamento de curiosidade, quase como um entretenimento. Um legítimo *fait-diver*.

Tal abordagem, entretanto, não foi gratuita, já que, como anteriormente mencionado, em 1977 o filme de suspense e ficção científica *Contatos Imediatos de Terceiro Grau*, do diretor Steven Spielberg, atingiu enorme sucesso de público e de crítica: foi um dos primeiros filmes com temática alienígena desde a década de 1950 a monopolizar as atenções do público e ganhar indicações nas categorias principais do Oscar; e também, o ano de 1982 foi marcado pelo grande sucesso de outro filme de Spielberg com a mesma temática alienígena, porém com roupagem familiar e infantil: *E.T., o Extraterrestre*.

Segundo Barros, a história do imaginário não se ocupa propriamente das longas durações nos modos de pensar e de sentir, mas da articulação das imagens visuais, verbais e mentais com a própria vida que flui em uma determinada sociedade (2007, p. 28). Assim, os extraterrestres e os discos voadores novamente estavam no radar da mídia e frescos no imaginário do público na década de 1980, o que contribuiu para a caracterização ufológica na ocorrência do Morenã.

A influência do cinema na realidade e na sociedade é um tema já debatido pela historiografia. Marc Ferro, em sua obra “Cinema e História” (1992), destaca que desde que o cinema se tornou arte, passou a intervir na história com filmes, documentários ou de ficção, que, desde sua origem, sob a aparência de representação, doutrinam e glorificam (FERRO, 1992, p. 13). Além disso, seu efeito na sociedade é perceptível:

[...] sabe-se que *O judeu Süss* alcançou enorme sucesso na Alemanha, independentemente das ordens dadas por Goebbels; sabe-se também que logo após sua projeção, em Marselha, os judeus foram molestados (FERRO, 1992, p. 15)

O filme mencionado por Ferro, lançado em 1940, fazia parte da indústria cinematográfica antissemita do Terceiro Reich e é notório pela deturpação histórica da figura de Joseph Süss Oppenheimer, um banqueiro austríaco do século XVIII que fora executado em 1738, e também por resultar em episódios de linchamento de judeus. Nesse sentido, mostra a força do cinema ao fomentar comportamentos e padrões da sociedade. Marcos Napolitano corrobora ao afirmar que cinema é manipulação e é essa sua natureza que deve ser levada em conta no trabalho historiográfico, com todas as implicações que isso representa (NAPOLITANO, 2005, p. 247).

Maurice Halbwachs, ao comentar a construção dessas memórias e imaginários coletivos, considera que a reconstituição de um fato testemunhado por várias pessoas cria uma realidade não discutível:

Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo. É, por exemplo, um fato cuja realidade não é discutível. Trazem-nos algumas provas exatas de que tal acontecimento produziu-se, que ali estivemos presentes, que dele participamos ativamente. [...] Para retomar um exemplo que nos foi objetado, houve em nossa vida um certo número de acontecimentos que não puderam deixar de acontecer. (HALBWACHS, 1990, p.27)

Mas, ainda que não seja discutível no sentido de sua gênese, pode ser problematizada à luz da ciência histórica. Dessa forma, a ocorrência do caso Morenã oferece duas explicações gerais: a da ciência exata, que considera a aparição como um avião ou aparelho tecnológico voador, de natureza desconhecida, mas explicável; e a ufológica, que afirma que o estádio fora visitado por um objeto voador extraterrestre àquela noite. A isso adiciona-se uma terceira explicação: a histórica. A de que os imaginários gradativamente construídos por produtos culturais e mídias no tocante às luzes no céu ensejaram nos presentes do Morenã àquela noite uma ocorrência de característica ufológica, embora não se saiba sua real natureza.

O caso Morenã foi a ocorrência seminal que disseminou as revistas ufológicas de Gevaerd, o caso de imprensa de cunho ufológico mais longo e bem sucedido, ainda que quase por acaso. Foi a partir desta ocorrência que o ufólogo A. J Gevaerd se mudou para

Campo Grande, fundando as revistas ufológicas anos depois. À época, o mesmo residia em Maringá - PR, e ao tomar conhecimento deste incidente, viajou a Mato Grosso do Sul para investigá-lo:

Esse é o caso que mudou tudo! Eu morava em Maringá na época, e eu namorava a Deise, com quem eu acabei casando, me deu dois filhos. [...] Ela estudava... Eu fazia Química e ela fazia Psicologia na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Aí aconteceu o Caso Morenã, no dia 06 de março de 1982. Aí eu fiquei doido, né: “Putz, eu preciso investigar esse caso... eu preciso investigar esse caso!”. Ai ela:

- Ah, mas eu sou de Campo Grande, ué, vamos pra lá. Você conhece meus pais, conhece a cidade e investiga o caso.

- É mesmo?

Aí fomos na semana seguinte.

O entrevistado, como demonstrado nessa entrevista, não testemunhou o ocorrido em pessoa. Sua participação neste caso foi como investigador. Ao chegar em Campo Grande, peregrinou por sedes de jornais atrás de testemunhas, produzindo uma investigação própria do evento. Sua investigação resultou no seguinte relato:

O incidente aconteceu na primeira metade do primeiro tempo, tá? Lá pelos 20 minutos aproximadamente. Era Operário e Vasco, deu 2 a 0 pro Operário. [...] Ocorreu que havia o jogo. O jogo estava sendo narrado pelo Galvão Bueno, mas é por aquele sistema que o Galvão ficava no Rio, ele não estava no Estádio, né? Parece que é o método do funil. Tem um jeito. Tem um nome isso aí. E todo mundo parou porque um objeto enorme, ele entrou no estádio assim, quem estava nas arquibancadas mais altas viu o objeto praticamente de frente! Era um objeto cilíndrico, enorme, muito bonito, que passou e atravessou ali, sabe, e foi uma coisa muito bonita. O jogo parou! As pessoas pararam o jogo pra ver aquilo. Foi uma coisa sensacional. E eu pesquisando esse caso, descobri, que o mesmo fato aconteceu numa grande quantidade de locais! Umaseiscentas cidades, aproximadamente. Eu estive, em pelo menos, umas duzentas ou trezentas, pessoalmente. Dourados, por exemplo. Corumbá, Três Lagoas. No norte do Paraná, aliás, todo o oeste do Paraná, todo o oeste de São Paulo. Meu professor de Química na Universidade Estadual de Maringá, professor de Cálculo I, que gozava de mim, ele me ligou: “Ô Gevaerd, tem um treco aqui em cima cara!”. Ele falou: “sabe aquelas bolas que se penduram assim, sobre berço de criança?”. Ele falou que parecia aquilo ali. Entende? Então, isso foi visto em Mato Grosso, Rondônia, Bolívia, Paraguai, Santa Catarina, nossa! Foi um lugar, assim, uma quantidade imensa de locais.

Gevaerd colocou o incidente no Morenã no contexto de uma revoada de Ovnis, uma ocorrência fantástica, que norteia o fato em uma cadeia de eventos numa ampla área de estados do Brasil e também do exterior, uma alegação comum na década de 1980, onde se

relatava a ocorrência de “ondas” ufológicas, avistamentos em massa de Ovnis, que seriam um atestado cada vez mais evidente da existência de civilizações extraterrestres.

Como encontrou volumoso material relacionado à casuística ufológica de Mato Grosso do Sul, Gevaerd decidiu permanecer no estado:

[...] E dei meu endereço para quem tivesse um caso pra contar. E o que apareceu de gente pra contar. Olha: delegados, promotores, fazendeiros, gente de todo o tipo. Histórias, assim, impressionantes. Eu falei: “Meu Deus! Esse é o lugar para eu morar. Porque se em Maringá já acontece muita coisa, aqui então... o pau come”. Aí voltei pra Maringá só pra completar o semestre, a Deise também, a gente trancou a faculdade, eu e ela, e nós voltamos e fomos morar em Campo Grande. E aí comecei a minha carreira de ufólogo em Campo Grande. O Caso Morenã me levou pra Campo Grande. O Caso Morenã me fez casar em Campo Grande, eu tive meus filhos em Campo Grande. O Caso Morenã mudou a minha vida⁴⁴.

Tais palavras retratam um vislumbre do entrevistado; ele reforça também uma ligação pessoal e intrínseca com o caso, já que com sua mudança para Campo Grande, ocasionada pelo caso Morenã, veio a constituir família e fundou seu empreendimento de maior sucesso, a revista *UFO*. José Carlos Sebe Bom Meihy e Leandro Alonso Seawright apontam que detalhes da história pessoal do narrador interessam apenas na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central (MEIHY, ALONSO, 2020, p. 71). Ao afirmar que o caso “mudou sua vida” (sic), Gevaerd ressalta sua ligação pessoal com o incidente no âmbito dessa entrevista.

Após a chegada em Campo Grande, começou a trabalhar como professor de Química e Física em escolas da capital e de Dourados, fundando a *Ufologia Nacional & Internacional*, sua primeira revista, três anos depois da chegada em Campo Grande.

Olha, a revista surgiu nos anos 80. Naquela época não havia computador, muito menos internet, essa coisa toda, foi muito difícil fazer revista no início. Eu era professor de química, não tinha formação em jornalismo. Sabia escrever mais ou menos; já escrevia artigos para uma revista em São Paulo chamada *Planeta*. Mas, daí pra você ter conhecimento pra lançar uma revista é outra história. Como é que aconteceu isso? Eu estava sufocado, dando aula em quatro colégios em Campo Grande e um em Dourados, pra poder sobreviver. E eu não tinha mais tempo pra pesquisar a ufologia, que era o que gostava de fazer. Porque tinha que dar aula de manhã, tarde, de noite, de manhã, tarde e de noite. Era uma loucura; eu já tinha uma família; apesar de estar com 21 anos, já tinha filho. Mas era complicado né. E pensava: “puxa vida, se eu continuar assim não vou poder mais pesquisar a ufologia. Então tem que arranjar alguma coisa dentro da ufologia com a qual eu possa ganhar algum recurso, ganhar alguma coisa, me dedicar a

⁴⁴ A. J. Gevaerd. Entrevista concedida à Kevin Franco. Mercado Municipal de Curitiba. Curitiba-PR. 2018

ufologia.” Aí pensei numa revista, mas não tinha nenhuma ideia de como fazer uma revista.⁴⁵

Neste trecho, o entrevistado confirma que a decisão de lançar uma revista não foi automática à sua mudança para Campo Grande. Além dos motivos já mencionados, a decisão de criá-la ocorreu em um momento de frustração pessoal com o trabalho, visto que se encontrava esgotado pela função de professor em colégios regulares em cidades diferentes e distantes entre si. Vale destacar que Gevaerd jamais concluiu o curso de Química na Universidade de Maringá. Com sua mudança para Campo Grande, interrompeu a graduação, mas conseguiu se inserir no mercado de trabalho, em virtude da precariedade de legislação referente à época e escassez de professores da área no mercado da educação.

Sendo assim, Gevaerd decidiu lançar suas revistas primeiramente sob um aspecto mercadológico: era preciso garantir uma fonte de renda em função de já ter família e filhos em Campo Grande, já que esse movimento em sua vida, com diversas responsabilidades e trabalho como professor, o estavam afastando da pesquisa ufológica. Ou seja, a fundação das revistas ufológicas não ocorreu em função de uma tentativa de disseminar e divulgar a ufologia brasileira, mas sim sob um intuito econômico; afinal, estava-se nos turbulentos anos da década perdida⁴⁶.

2.2 O estabelecimento da imprensa ufológica: *Ufologia Nacional & Internacional*, *Parapsicologia Hoje* e *PSI-UFO* (1985-1987)

Mais de dois anos se passaram desde a mudança de Gevaerd para Campo Grande até o lançamento de sua almejada revista. Esse tempo é marcado pela criação do Centro de Pesquisas de Discos voadores (CPDV), entidade sob a qual foram lançadas as revistas ufológicas e parapsicológicas. Em 1985, foi lançada a mais nova revista especializada em ufologia no Brasil: *Ufologia Nacional & Internacional*. Neste período, além de *Ufologia*, outras duas revistas foram editadas sob direção de Gevaerd: *Parapsicologia Hoje* (1986) e *PSI-UFO* (1987).

Essa primeira fase foi caracterizada pela descontinuidade e instabilidade da imprensa ufológica: as três revistas juntas renderam pouco mais de 20 edições durante três anos, sendo

⁴⁵ A. J. Gevaerd. Entrevista concedida à Kevin Franco. Mercado Municipal de Curitiba. Curitiba-PR. 2018

⁴⁶ A terminologia “década perdida” refere-se ao período da história brasileira, na década de 1980, em que a economia conviveu com um fenômeno conhecido como “estagflação”: ao mesmo tempo a economia sofrera recessão econômica, desemprego em alta e hiperinflação. Ver: SILVA, A. K. Brasil e o legado da década de 1980: crise e orientação da política econômica. In: *XII Congresso Brasileiro de História Econômica e 13ª Conferência Internacional de História de Empresas*. 2017. Niterói-RJ. Brasil e o legado da década de oitenta: crise e orientação da política econômica, 2017. p. 36-36.

substituídas gradativamente uma pela outra, e com uma irregularidade de publicações. A *Ufologia Nacional & Internacional* foi a única que passou da sexta edição, chegando ao décimo número. As outras mantiveram-se com 5 e 6 edições, respectivamente.

Nos quesitos técnicos, as revistas *Ufologia Nacional & Internacional* e *Parapsicologia Hoje* se mantiveram num padrão próximo: todas em preto e branco, com exceção das capas; em número de páginas, em torno de 32; e de preço, que oscilou bruscamente devido à instabilidade do câmbio brasileiro em 1985 e 1986, e a troca da moeda corrente⁴⁷. A *PSI-UFO*, concebida como uma junção das duas, destoava de ambas em preço, mais cara, e maior, com uma média superior à 40 páginas em suas 6 edições.

As capas das revistas eram chamativas e coloridas, se apropriando dos símbolos e das imagens que mais são associadas à ufologia e paranormalidade, de modo a despertar a curiosidade e o interesse dos leitores em consumir as páginas dos periódicos. Destaca-se aqui as capas das primeiras edições das três revistas abordadas:

⁴⁷ O cenário de pós-ditadura militar da economia brasileira foi marcado por grave crise econômica e social, e em tentativa de superar as adversidades econômicas, foram feitas duas trocas de moeda no país, em 1986 e 1987: o cruzado e o cruzado novo, respectivamente. Ver: VARGAS, Juliano; FELIPE, Ednilson Silva. *Década de 1980: as crises da economia e do Estado brasileiro, suas ambiguidades institucionais e os movimentos de desconfiguração do mundo do trabalho no país*. Revista de Economia, v. 41, n. 3 (ano 3 9), p. 127-148, set./dez. 2015

Imagem 9: Capa da edição nº 1 de *Ufologia Nacional & Internacional*, de março de 1985



Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*, 1985, ed. 1, capa

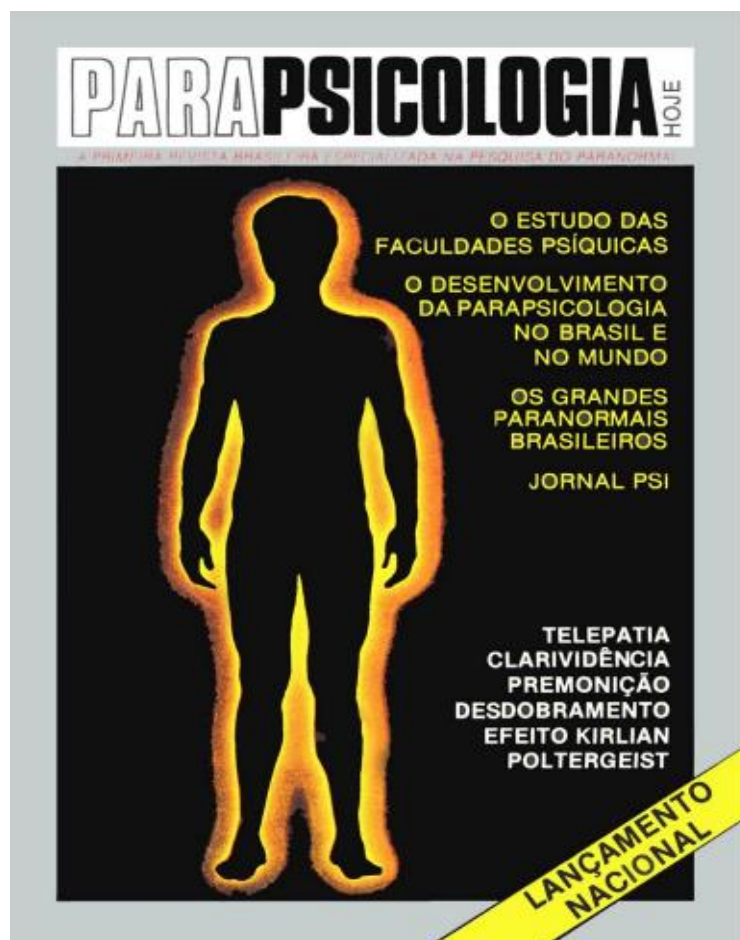
Esta primeira capa apresentava um acabamento e *layout* simples, cujo ornamento se assemelha a um trabalho artesanal, rústico e com acabamento grosseiro, representando as grandes dificuldades de edificar uma revista de ufologia que pretendia ser nacional na década de 1980. A imagem principal, de um disco voador fosco, em baixa qualidade e preto e branco, sintetizava esse aspecto ‘caseiro’ da primeira edição de *Ufologia*.

É destaque a alcunha de “órgão oficial do Centro de Pesquisas de Discos voadores (CPDV), uma tentativa de credibilizar o periódico em lançamento. A capa fazia referência a um famoso caso da década de 1980: o caso Eduard Meier. Este, originário da Suíça, ganhou notoriedade ao apresentar supostas provas de seu contato com civilizações extraterrestres, tais como peças de metal, gravações sonoras e de vídeo, e também previsões apocalípticas. Meier é um famoso ponto de encontro entre a ufologia e a paranormalidade que eram vigentes nos

anos 1980, e essa ocorrência foi explorada pela revista em suas edições seguintes. Também abordou as famosas “ondas” ufológicas, avistamentos em massa de Ovnis que eram comuns na década de 1980, como anteriormente citado. No canto superior, havia a indicação do preço desta primeira edição, sendo de Cr\$ 5.000 cruzeiros.

A capa da edição nº 1 de *Parapsicologia Hoje* apresentava também características que determinavam a proposta e a missão do periódico:

Imagem 10: Capa da edição nº 1 de *Parapsicologia Hoje*, de novembro/dezembro de 1985



Fonte: *Parapsicologia Hoje*, 1985, ed. 1, capa.

Esta capa, diferente de *Ufologia*, apresentava um acabamento mais aprimorado, demonstrando um ligeiro amadurecimento e experiência ganha por parte dos editores no setor de diagramação. A figura principal, um homem envolto por uma aura em cor amarelo e laranja num fundo preto, encaixava-se nos pressupostos da revista ao sugerir a presença de faculdades paranormais e mediúnicas inatas ao ser humano. Não apresentava a indicação de preço e data de lançamento, embora tivesse o selo de “lançamento nacional”. Tinha destaque também a alcunha “a primeira revista brasileira especializada na pesquisa do paranormal”,

sugerindo um pioneirismo desta revista na abordagem do paranormal. As matérias que apareceram na capa contêm temáticas abordadas pela parapsicologia à época, como telepatia, clarividência e premonição.

A capa da primeira edição de *PSI-UFO*, diferente das demais, tinha um acabamento técnico e um layout mais apurados, sendo o lançamento do CPDV com maior rigor técnico até então:

Imagem 11: Capa da edição nº 1 de *PSI-UFO*, de setembro de 1986



Fonte: PSI-UFO, 1986, ed. 1, capa.

O nome da revista, em fonte de cor branca, centralizado, fluía harmonicamente com o fundo em cor azul turquesa, destacando-o. A seleção de imagens desta capa também auxiliava a apresentar a revista ao leitor de forma atrativa. A capa, como consta no expediente, foi idealizada por Gevaerd. A matéria principal, que versava sobre a noite oficial dos OVNI's no

Brasil⁴⁸, era apresentada em caixa alta no intuito de demonstrar a importância que esta ocorrência significou, intercalando com a imagem de um feixe de luz no céu, como se ocorresse uma batalha, emulando o teor bélico deste evento ufológico.

Ana Cristina Teodoro da Silva, a partir das proposições da autora Helouise Costa, aponta que a apreensão de uma fotografia de imprensa dá-se basicamente em três movimentos: o olhar lê a imagem de forma imediata, buscando decifrá-la, depois lê a legenda para completar sua primeira percepção e depois volta à imagem, concluindo a interpretação (SILVA, 2003, p. 79). Dessa forma, as imagens das capas das revistas selecionadas dialogam com a proposta do periódico, explorando elementos característicos dos imaginários dos OVNI's; e o texto das matérias apresentados em destaque faz com que o leitor imediatamente associe as imagens às manchetes e sinta-se convidado a ler e abstrair o conteúdo das revistas.

Neste período, elas eram editadas em parceria com o CPDV, que posteriormente acrescentou a letra “B” à sigla, tornando-se o Centro Brasileiro de Pesquisa de Discos Voadores (CBPDV). Essa entidade, segundo o site da revista *UFO*, foi fundada por Gevaerd em 1983, e era definida em seus Estatutos Sociais como uma associação civil sem caráter político, religioso ou lucrativo, com tempo de duração indeterminado, cuja sede se localiza em Campo Grande (BARBOSA JÚNIOR, 2012); a data de fundação do CPDV, porém, é fruto de inconsistências: ora Gevaerd afirmava que a fundação se deu em 1982 (PSI UFO, 1987, p. 26), ora ela ocorreu em 1981 (UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL, 1985, p. 5); ora afirmava que o CPDV foi fundado em 01 de janeiro de 1984, mas suas atividades “*extra officium*” começaram a partir de março de 1982 (GEVAERD, 1987, p. 4), mês de ocorrência do caso Moreirão. E na trigésima edição de *UFO*, de maio de 1994, Gevaerd reafirmou que o CPDV fora fundado em 1981 e com força total partiu para Campo Grande a fim de investigar o caso Moreirão (GEVAERD, 1994, p. 6). Seja como for, essa flutuação de datas parece ocorrer conforme os interesses narrativos do seu editor-chefe.

A missão do CPDV, conforme consta no expediente da primeira edição de *Ufologia* era a pesquisa dos discos voadores e seus tripulantes, difundir Ufologia sem proveitos financeiros ou participação político-religiosa, de acordo com o parágrafo 3. Artigo 25 do Estatuto do CPDV (UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL, 1985, p. 2). Anos depois, os objetivos do CPDV foram remodelados para ganhar contornos científicos pontuais, constituindo que organizar e conduzir pesquisas, estudos e investigações científicas sobre

⁴⁸ A noite oficial dos Ovnis no Brasil foi uma ocorrência ufológica de grande repercussão, na noite do dia 17 e madrugada do dia 18 de maio de 1986, em que dezenas de objetos voadores não identificados invadiram o espaço aéreo brasileiro, numa área de intenso tráfego aéreo. Se tornou um dos mais importantes casos ufológicos brasileiros.

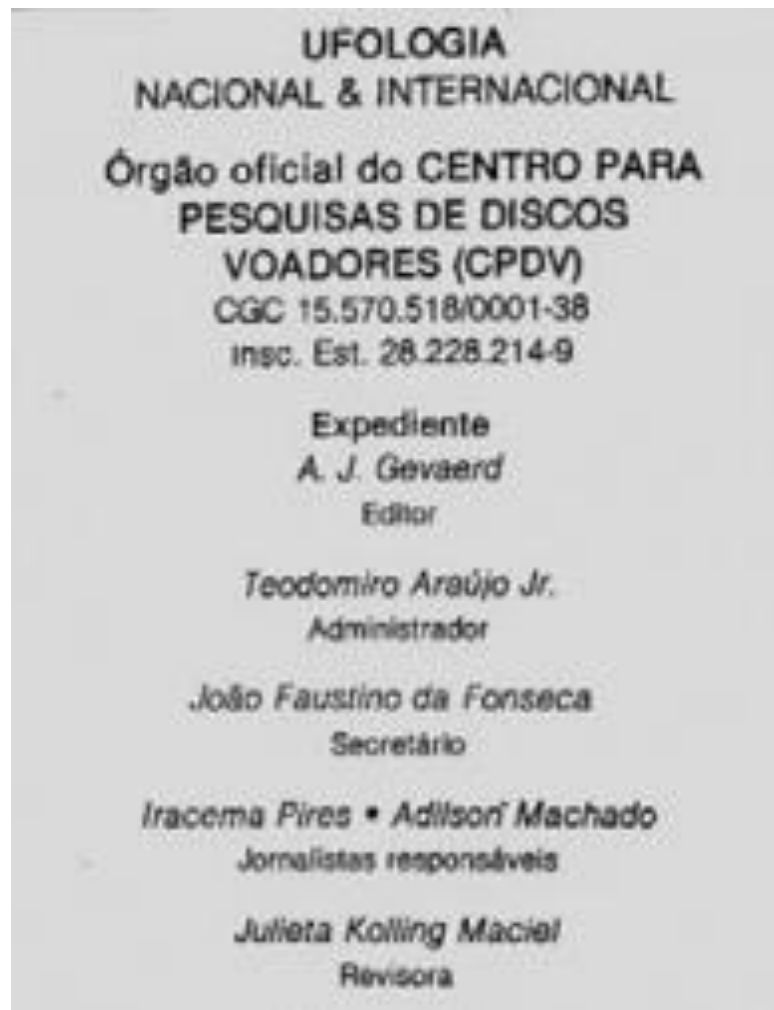
todos os aspectos que constituem o Fenômeno UFO (UFO, 1994, p.6) eram as primazias do CPDV. Na versão em que teve sua fundação em 1981, o CPDV teve como primeira sede Maringá, onde Gevaerd residia, posteriormente sendo transferido para Campo Grande quando Gevaerd se muda para a capital sul-mato-grossense, e por fim, desde 2015, em Curitiba, capital do Paraná, onde a *UFO* foi transferida a partir de nova mudança de Gevaerd, segundo o *site* Econodata⁴⁹, plataforma de *big data* especializada em reunir informações de empresas diversas, a inscrição do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ).

A criação do CPDV surgiu como uma coadunação da comunidade ufológica brasileira ao redor desta entidade e representou um importante momento de tentativa de profissionalização da ufologia brasileira, já que o Centro conseguiu agrupar diversos setores da ufologia nacional, embora com diversas disputas e críticas internas, mas com durabilidade até os dias contemporâneos e norteou a atuação dos ufólogos. Embora transmitisse ares de uma entidade representativa, não era essa a principal atribuição do Centro; a esse cargo ficava responsável a ANUB (Associação nacional dos ufólogos do Brasil). Esta surgiu, segundo *UFO* nº 30, de uma iniciativa de Carlos Vieira Gonçalves, ufólogo gaúcho, durante o 2º Congresso Internacional de Curitiba, ocorrido em 1983 em Brasília. Porém, essa associação teve percurso instável, trocando de presidência várias vezes em curtos períodos de tempo; e até mesmo sendo anexada ao CPDV sob a curta gestão de Gevaerd em 1987; além disso, a ANUB era pouco representativa: o CPDV, foi quem, de fato, congregou a função de centro de “pesquisa” e entidade representativa da ufologia brasileira.

Dentre os periódicos elencados, o que durou mais tempo em atividade foi a *Ufologia Nacional & Internacional*. Dentre os três, *Ufologia* deteve um destaque maior e tratamento diferenciado. A começar por sua caracterização vinda no editorial expediente da revista, em que a mesma era apresentada com a seguinte nomenclatura:

⁴⁹ ECONODATA. *CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS DE DISCOS VOADORES-CBPDV*. Site. 2022. Disponível em: <https://www.econodata.com.br/consulta-empresa/22328431000114-A-J-GEVAERD-UFOLOGIA>. Acesso em: 19 jul. de 2022

Imagem 12: Editorial expediente da edição nº 2 da *Ufologia Nacional & Internacional*



Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*, ed. 2, 1985, p. 2

Neste editorial expediente, a revista foi apresentada como o *órgão oficial* do CPDV. Assim, a revista constituiria não apenas um canal direto de divulgação do pensamento da comunidade ufológica brasileira, e do próprio campo ufológico nacional; mas sim um departamento independente no interior do CPDV. Além disso, a alcunha *oficial* galgava garantir à *Ufologia Nacional & Internacional* o teor da credibilidade e confiança, elementos imprescindíveis a um periódico que se propunha a abordar uma área bastante incompreendida e com histórico de embustes e charlatanismos.

Já a *Parapsicologia Hoje*, em seu editorial expediente, é apresentada de forma diferenciada a de sua irmã: não como um órgão, mas como uma publicação do CPDV:

Imagem 13: Editorial expediente da edição nº 2 de *Parapsicologia Hoje*



Fonte: *Parapsicologia Hoje*, ed. 2, 1986, p. 2

Recebendo o título de *publicação*, a *Parapsicologia Hoje* adquiria um caráter coadjuvante na imprensa ufológica, inferior à da *Ufologia Nacional & Internacional*, embora fossem editadas pela mesma entidade. A isso explica-se o fato de que o CPDV era uma organização que reunia sumariamente ufólogos. A parapsicologia, área independente da ufologia, consistia em um campo mais estável, embora relegado a segundo plano pelo CPDV pois era uma área distinta de sua atuação. A revista era editada em parceria com entidades ligadas à parapsicologia, como a Federação Brasileira de Parapsicologia, o Instituto de Parapsicologia do Rio de Janeiro e a Associação Brasileira de Parapsicologia, resultando numa publicação que, embora tivesse em seu conteúdo e em seu editorial pessoal ligado à área, era tratada num aspecto associado e secundário à ufologia, que era a temática principal do CPDV.

A *PSI-UFO*, no entanto, propondo ser uma união das duas temáticas num mesmo periódico, recebeu distinto tratamento. Se tornando o *órgão oficial de divulgação* (PSI-UFO, 1986, p.10) do CPDV, a revista diferenciou-se das demais ao se tornar um canal de divulgação dos ideais da ufologia e parapsicologia nacionais durante seu curso:

Imagem 14: Editorial expediente da edição nº 2 da *PSI-UFO*



Fonte: *PSI-UFO*, p. 10, 1986, ed. 2

A alcunha de *órgão oficial de divulgação* do CPDV, porém, limitava a *PSI-UFO* a um papel meramente editorial e panfletário, o que a diferencia em relação à *Ufologia Nacional & Internacional*, que consistia num órgão, cuja definição já apresentada aqui a garantia uma independência e distinção à parte das outras revistas.

2.3. “O princípio de tudo”: *Ufologia Nacional & Internacional* (1985-1986)

A primeira edição da *Ufologia*, de março de 1985, foi apresentada ao público num formato pequeno, com modestas 20 páginas, incomuns para um periódico, mas compreensível se tratando da temática e de uma revista iniciante. Em seu editorial de apresentação, Gevaerd destaca a responsabilidade e missão da *Ufologia* e seus planos para o futuro do periódico:

Enfim, aqui está UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL! E eis que surgimos com um grande privilégio: o de sermos, no momento, a única revista UFOlógica especializada no Brasil. Mas, ao mesmo tempo que um privilégio, sentimos uma grande responsabilidade em fazê-la e leva-la até você, leitor. Responsabilidade esta que pedimos que divida conosco, ajudando-nos a mantê-la sempre viva, informativa, atual e participante. (GEVAERD, 1985, p. 2)

Nesta primeira edição, entre os colaboradores usuais, já apareceram aqueles que acompanhariam Gevaerd pelas revistas seguintes e eram considerados como renomados ufólogos por seus pares: Marco Antônio Petit e Claudeir Covo. Os dois colaboraram em quase todos os volumes da revista. Irene Granchi (presente nas edições 1, 2, 3, 4, 5, 6), a pesquisadora que fundou a *OVNI Documento*, em 1978, também apareceu como colaboradora, ficando responsável pela seção *Noticiário Internacional*. Gevaerd era o editor chefe e também contribuiu textualmente para a revista, escrevendo artigos e seções como *UFO personalidade*, mas principalmente os editoriais que abriam as edições. Luiz Gonzaga Scortecchi de Paula e Rafael Cury serviram como coeditores da revista.

A importância em destacar os colaboradores centra-se no pressuposto de que jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita (LUCA, 2008, p. 140). E compreender a trajetória desses colaboradores é primordial para entender a capacidade dessas revistas se manterem em funcionamento e atividade.

Marco Antônio Petit, responsável principalmente pela seção *Pesquisa* (ed. 1, 4, 5, 7, 8, 9) nasceu em 1957, no Rio de Janeiro. Estuda o fenômeno OVNI desde 1975. Junto com Gevaerd ajudou a fundar a *Ufologia Nacional & Internacional* e até hoje é colaborador da *UFO*. Foi um dos líderes de uma bem sucedida campanha pela divulgação de documentos sigilosos pelo Ministério da Defesa, em 2010. Claudeir Covo (ed. 1, 2, 3, 4), responsável pela seção *Registro fotográfico*, foi um ufólogo e pesquisador do fenômeno UFO desde a década de 1960. Engenheiro de formação, foi presidente do Instituto Nacional de Investigação de Fenômenos Aeroespaciais (INFA) e pioneiro na pesquisa sobre extraterrestres e também junto com Gevaerd e Petit fundaram a revista *UFO*. Faleceu em 2012.

Os currículos dos colaboradores não só de *Ufologia*, mas de todas as revistas eram preenchidos com atuações em institutos de pesquisa, de divulgação, investigação de cunho ufológico; nomeados de modo a transparecerem institutos científicos aos moldes acadêmicos,

de maneira a credibilizar a atuação e credenciar a participação destes nos editoriais para os não familiarizados com ufologia e parapsicologia.

Outros colaboradores importantes foram Jaime Lauda, seções *UFO clássico* e *editorial convidado* (edições 1, 2, 3, 4, 6, 8, 10), João Faustino da Fonseca (edições 1); J. Victor Soares, seção *História dos discos voadores no Brasil* (edições 1, 2, 3, 4, 6), Daniel Rebisso Giesse, seção *Pesquisa* (edições 2, 3, 5, 7), Rafael S. Durá (edições 2, 9) seções diversas, Carlos Alberto Reis (edições 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10), seções diversas; Antônio P. S. Faleiro (edição 3) seção *Convidado*; Luiz Gonzaga Scortecci de Paula (edições 4, 5, 6) coeditor, seção *Convidado*; Philippe Piet Van Putten (edições 4, 5, 6, 7, 9) seções *Convidado*, *Astronomia e Exobiologia* e *UFO Jornal*; equipe CPDV/Ufologia (edições 1,2,3,4) responsáveis pela seção *Acontecimento*; Rafael Cury, coeditor, (edições 5) comandou a seção *Entrevista*; Alfredo Moacyr de M. de Uchôa (edição 6) seção *Especial*; Ademar Eugênio de Melo (edição 6) escreveu a matéria principal da edição nº 6 sobre o cometa Halley; Ubirajara Franco Rodrigues (edição 6) editorial *Convidado*; Leandro Stringfield (edição 7), seções diversas; J. J. Horta Santos (edição 9) seção *Investigação ufológica*; Laércio Fonseca (edição 9) seção *Pesquisa x Intuição*; Fina D'armada (edição 10) seção *Investigação ufológica*; Leopoldo Berger (edição 10) responsável pela matéria principal do III Congresso Internacional de Ufologia; Leo Sprinkle (edição 10).

Destaca-se aqui a seção *História dos discos voadores no Brasil*, presente nas edições nº 1 até a nº 6, onde o autor responsável, J. Victor Soares, que não era historiador, jogava luz sobre casos ocorridos no Brasil desde 1943, o que demonstrava a preocupação da revista em evidenciar a historicidade dos discos voadores no país de forma antecessora a Roswell. O texto que abre a coluna da edição nº 1 aponta essa preocupação histórica:

Tudo que existe tem sua história. Os Discos voadores, obviamente, também possuem a sua e é esta que tratamos aqui na *História dos Discos voadores no Brasil*, que objetiva esclarecer, dentro do possível, todas as etapas que envolveram observações e pesquisas UFOológicas no Brasil, até o presente (SOARES, 1985, p. 16)

Na primeira coluna, denominada “O princípio de tudo”, o autor apresentou casos de 1943 e 1946. Em especial neste caso de 1946, o autor expôs sua não-formação em História ao cometer anacronismos quando nomeou o objeto voador estudado no texto como “disco voador” e Ovni, termos aplicados somente após 1947 com o caso Roswell e os avistamentos de Kenneth Arnold, o que é justificável já que, se diversos colunistas da revista abordavam

temáticas científicas que não tinham pleno domínio, um autor exterior da História que propunha abordar uma coluna sobre historicidade de discos voadores não seria um grande problema. Os textos das edições seguintes, porém, tornaram-se longos, confusos e enfadonhos. Após a sexta edição, Soares deixou a revista e a coluna parou de ser publicada.

No tocante aos colaboradores, o trabalho exercido pelos mesmos no entorno da revista era voluntário, visto que a maioria tinha carreiras à parte da ufologia, já que a mesma não era e continua não sendo reconhecida como uma profissão; e a própria revista dava pouca margem de lucro, impossibilitando qualquer tipo de pagamento aos colunistas. Luiz Gonzaga Scortecchi de Paula, por exemplo, era arquiteto; Ubirajara Rodrigues, advogado. Tal evidência é corroborada pelo editorial intitulado *PSI-UFO: o que há por trás dessa revista?* escrito por Gevaerd, na edição nº 5 de *PSI-UFO*, de março/abril de 1987:

Efetivamente, de uma coisa nos orgulhamos dia e noite: da numerosa e talentosa equipe que participa de *PSI-UFO*; pessoas de todas as profissões e formações, vivendo em todo o Brasil e até o exterior, que não medem esforços para tornar esta publicação “algo diferente” no mundo editorial brasileiro.

São essas pessoas, com desgastante e voluntário esforço diário, associadas aos novos e antigos amigos assinantes que dia a dia se incorporam à “*família PSI-UFO*”, que fazem nossas atividades terem a intensidade e a qualidade que apresentam (GEVAERD, 1987, p. 4)

Embora se trate dos bastidores editoriais da *PSI-UFO*, o mesmo pode ser aplicado à *Ufologia*, visto que ambas compartilharam praticamente o mesmo corpo de colaboradores e colunistas. Os únicos colaboradores que se dedicavam integralmente à função de ufólogo eram Gevaerd, após abandonar a sala de aula, Marco Antônio Petit e Irene Granchi.

Os responsáveis pela arte e diagramação durante as 10 edições de *Ufologia Nacional & Internacional* variaram entre Jorge L.M de Almeida (1º edição); Adonis A. de Jesus (2º e 3º edições); Élideo Carlonga Ribeiro (4º e 5º edições); Jairo P. Ribeiro (6º a 9º edições) e Alexandre Farias (10º edição).

As gráficas que imprimiram a revista nestas edições foram a Gráfica Brasília (1º a 6º edição) e a Gráfica Editora Alvorada (7º a 10º edição), gráficas locais de Campo Grande, o que indicava preocupação em poupar custos de produção e diagramação. A partir da segunda edição, Fernando Chinaglia S.A tornou-se a empresa responsável por distribuí-la em território nacional.

Em relação à vendagem e tiragem das revistas, os números da *Ufologia Nacional & Internacional* mantiveram-se estáveis durante seu curso:

Tabela 2: número de tiragens da *Ufologia Nacional & Internacional*

Edições	Exemplares
Edição 1 (março de 1985)	Sem números
Edição 2 (maio/junho de 1985)	20 mil exemplares
Edição 3 (julho/agosto de 1985)	20 mil exemplares
Edição 4 (setembro/outubro de 1985)	20 mil exemplares
Edição 5 (novembro/dezembro de 1985)	20 mil exemplares
Edição 6 (janeiro/fevereiro de 1986)	20 mil exemplares
Edição 7 (março de 1986)	Sem números
Edição 8 (abril de 1986)	30 mil exemplares
Edição 9 (maio de 1986)	20 mil exemplares
Edição 10 (junho de 1986)	20 mil exemplares

Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*

O recorde de tiragem da edição nº 8 explica-se pelo aumento do interesse do público em relação ao Cometa Halley, e também pela edição ser completamente dedicada ao famoso Caso Vasp, voo 169 (1982)⁵⁰. A partir da segunda edição, entre maio/junho de 1985, a revista tornou-se bimestral. O fato foi comentado por Gevaerd no editorial desta edição, que ressaltava as dificuldades e desafios em manter a revista em funcionamento pleno e com conteúdo de qualidade:

Entretanto, uma vasta e variada gama de fatores tem influenciado profundas reformulações em todo nosso funcionamento. A partir desta edição, o leitor observa que estamos, gradativamente, ampliando o número de páginas de *UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL*, na tentativa de sermos mais informativos e completos. Por outro lado, para que possamos dispor de mais

⁵⁰ O Caso Vasp foi um famoso caso ufológico de 1982, onde um avião, com passageiros, pilotos e trabalhadores aéreos alegaram terem avistado um OVNI se aproximar e interagir com aeronave em pleno voo. Ver: TORTAMANO, Caio. *Voo 169: o misterioso avistamento ovni com maior número de testemunhas*. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/voo-169-o-misterioso-avistamento-ovni-com-maior-numero-de-testumnhas.phtml>. Acesso em 11 jul. de 2023

tempo para a execução (sic) editorial e gráfica de *UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL*, aprimorando assim sua qualidade, somos forçados a transformá-la em bimestral a partir deste número (GEVAERD, 1985, p. 2).

O preço das revistas, porém, sofreu oscilação considerável durante o período de atividade:

Tabela 3: preço de *Ufologia Nacional & Internacional*

Edição	Preço	Preço em real
Edição 1 (março de 1985)	Cr\$ 5.000 cruzeiros	1,82 real em 2022
Edição 2 (maio/junho de 1985)	Sem números	
Edição 3 (julho/agosto de 1985)	Cr\$ 7.500 cruzeiros	2,73 reais em 2022
Edição 4 (setembro/outubro de 1985)	Cr\$ 7.500 cruzeiros	2,73 reais em 2022
Edição 5 (novembro/dezembro de 1985)	Cr\$ 10.500 cruzeiros	3,82 reais em 2022
Edição 6 (janeiro/fevereiro de 1986)	Cr\$ 13.500 cruzeiros	4,91 reais em 2022
Edição 7 (março de 1986)	Sem números	
Edição 8 (abril de 1986)	Cz\$ 13.500 cruzados	4,88 reais em 2022
Edição 9 (maio de 1986)	Cz\$ 13.500 cruzados	4,88 reais em 2022
Edição 10 (junho de 1986)	Cz\$ 13.500 cruzados	4,88 reais em 2022

Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*

A precificação foi continuamente afetada pela alta desvalorização da moeda brasileira entre 1985 e 1986, perpassando por uma troca na unidade monetária em fevereiro de 1986, em que o Cruzeiro (Cr\$) deu lugar ao Cruzado (Cz\$), numa tentativa do governo e da equipe econômica do presidente José Sarney de estabilizar a moeda e controlar a hiperinflação que dominava o país ao período.

A exemplo de comparação com outros periódicos, o preço médio da revista *Veja* em 1985 variou de Cr\$ 5000 cruzeiros na edição de 20 de fevereiro para Cr\$ 12000 cruzeiros na

edição nº 900 de dezembro de 1985, o que manteve *Ufologia* com um preço relativamente próximo de outros periódicos, embora tivesse uma circulação bem menor, um produto com número de páginas inferior e fosse bimestral. A *Veja*, com sua distribuição semanal, na edição de 4 de dezembro de 1985, teve 178 páginas e mais de 600.000 mil exemplares lançados nas bancas.

Se a edição inaugural funcionou como um panfleto de apresentação, enxuto, com poucas páginas e pretendendo ser mais objetivo, a partir da edição nº 2 da *Ufologia* a revista ganhou contornos de periódico de fato, com o aumento de seu conteúdo e prenúncio de novidades:

Em nosso próximo exemplar inauguraremos uma nova coluna, imprescindível em qualquer periódico: a Seção do Leitor. Nela todos aqueles que repartem conosco nossas experiências aqui relatadas poderão exprimir suas opiniões, comentar artigos e colunas, submeter trabalhos a publicação, elogiar, criticar, sugerir... Enfim, participar de *UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL* efetivamente, pois foi para isso que surgimos (GEVAERD, 1985, p. 2).

A *Seção do Leitor* é um espaço caracterizado por apresentar fatos e opiniões dos leitores, o que indicava a preocupação dos editores em trazer o público leitor para dentro da revista. Na edição 3, foram previstas mais mudanças na revista, em especial um ambicioso aumento para 40 páginas:

Dentre as mudanças efetuadas na linha editorial de *UFOLOGIA*, encontrasse o aumento de páginas de nossa revista. Esse aumento, ainda insuficiente para conter a demanda de informações que temos para divulgar, deriva, igualmente de nosso objetivo em arrojarmos ainda mais *UFOLOGIA*. Com vagar e firmemente, ampliaremos nosso conteúdo para 40 páginas, variando ainda mais o tipo de enfoque dado à *UFOlogia* nos diversos artigos que aqui se publicarão (GEVAERD, 1985, p. 4).

Na edição nº 4, as 40 páginas prometidas se fizeram presentes, porém mantendo-se apenas nos volumes 4 e 5. A partir do volume 6, no bimestre janeiro/fevereiro de 1986, a revista voltou às suas 32 páginas costumeiras, só voltando a repetir as 40 páginas na décima edição, de junho de 1986. Os custos de produção e distribuição, portanto, interferiam severamente nos compromissos de expandir o conteúdo da revista.

O layout da revista apresentava forte influência da revista *Planeta*, com o editorial expediente vindo logo após a contracapa na parte esquerda, com um texto de apresentação da edição ocupando todo o espaço da página, e o sumário na parte inferior.

Imagem 16: Editorial expediente da edição nº 6 de *Ufologia Nacional & Internacional*

UFOLÓGIA
NACIONAL & INTERNACIONAL
 ISSN 0102/4140
Órgão Oficial do CENTRO PARA PESQUISAS DE
DISCOS VOADORES (CPDV)
 CGC 15.570.518/0001-38
 Insc. Est. 28.228.214/9 Insc. Mun. 04.020-400
 Endereço Comercial: Rua das Garças 67
 Correspondência: Caixa Postal 2182
 79.100 Campo Grande (MS)
 Fone: (067) 382-7246

Expediente
A. J. Gevaerd
 Editor

Luiz Gonzaga Scortecchi de Paula
Rafael Cury
 Co-editores

Irene Granchi
 Coordenadora Internacional

Itacema Pres + Adilson Machado
 Jornalistas Responsáveis

João Faustino da Fonseca
 Diretor de Pesquisas

COLABORADORES:

■ (NACIONAIS) Acélio Toczec, Ademar Eugênio de Mello, Alberto Romero, Alfredo Moacyr de Mendonça Uchôa, André Gondin, Antonio Faleiro, Antonio Jorget Thor, Arismaris B. Dias, Carlos Alberto Machado, Carlos Alberto Reis, Carlos Vieira Gonçalves, Cláudio Covo, Cynthia Newby Luce, Daniel Rebriso Giese, Dante Thomas J. Paniga, Eli Cardoso, Ernesto Bono, Jaime Lauda Vega, Jean Alencar, José Amin Cury Nasser, José Roberto Pereira da Costa, J. Victor Soares, Lúcio Manfredi, Luiz Gonzaga Falcão, Luiz do Rosário Real, Marcos de Freitas, Marco Petit de Castro, Paul Krombéberger, Philippe Piet Van Putten, Rafael Semprini Durã, Reginaldo de Alayde, Teodomir Araújo Jr., Ubirajara Franco Rodrigues, Wagner Dias de Moraes.

■ (INTERNACIONAIS) Antonio Huneeus (EUA), Antonio P. Costa (Índia), Broux Marc (Bélgica), Colmar Vonkevitzky (EUA), Cynthia Hjord (Zimbábue), David L. Rees (Inglaterra), Erik Fredriksson (Suécia), Fábio Zerpi (Argentina), Hans C. Petersen (Dinamarca), Ib Lauum (Inglaterra), James MacCamabell (EUA), Jesús Roberti Rovens (Argentina), John P. Oswald (EUA), Joaquim Fernandes (Portugal), Jorge Arias González (Bolívia), Marc Leduc (Canadá), Merit Darré Kårbo (Noruega), Odd-Gunnar Roed (Noruega), Per Andersen (Dinamarca), R. Leo Sprinkle (EUA), Roberto Enrique Banchs (Argentina), Roland Gehardt (Alemanha), Salman Garçesever (Turquia), Sinto Orrego Priete (Paraguai), Susaonng P. Acharyakul (Tailândia), Vladimir Godic (Áustria).

Consultor Jurídico
 Aldo J. Silva Domingues

Contador
 Lévy Serrou Camy

Revisora desta edição
 Emy Louise

Fotocomposição
 Haroldo Henrique de Abreu e Celso Bejarano Jr.

Diagramação e Arte
 Jairo P. Ribeiro

Composição e
 Gráfica Brasília Ltda.

Distribuição Exclusiva em todo o Brasil
 Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.

Publicidade
 Ligue (067) 382-7246

UFOLÓGIA NACIONAL & INTERNACIONAL é uma publicação do CENTRO PARA PESQUISAS DE DISCOS VOADORES (CPDV), Caixa Postal 2182, 79.100 Campo Grande (MS), especializada na pesquisa dos discos voadores e seus tripulantes, criada com a finalidade de difundir a UFologia sem propositos financeiros ou participação política-religiosa, de acordo com o parágrafo 3º do artigo 25º dos Estatutos do CPDV. O conteúdo de UFOLÓGIA NACIONAL & INTERNACIONAL é determinado pelo CPDV e não representa necessariamente sua posição oficial ou de sua Diretoria. Materiais e colaborações para publicação devem ser enviados à: Redação, para o endereço acima, e estão sujeitos à redução e adaptações quanto à estilo, espaço e objetividade. Matérias enviadas não serão devolvidas e se usadas em alguma publicação, serão registradas contra violações de acordo com o artigo 28º dos Estatutos do CPDV e nas formas da Lei. Reprodução do conteúdo de UFOLÓGIA NACIONAL & INTERNACIONAL somente mediante autorização escrita do Editor.

Nº 06, Janeiro-Fevereiro 86
 Tiragem: 20.000 Exemplares

APRESENTAÇÃO

1986, O ANO DO COMETA E, POSSIVELMENTE, UM ANO DE INTENSA ATIVIDADE UFOLÓGICA, a registrar-se sob forma de ocorrências isoladas, pousos de OVNI's, contatos com seus tripulantes e até ondas abrangentes, segundo a opinião (e estudos, é claro) da maioria dos UFÓlogos brasileiros.

Certamente, UFOLÓGIA NACIONAL & INTERNACIONAL estará de prontidão quando começarem a surgir, como sempre ocorre, os primeiros casos graves. Para tanto, para que possamos "rastrear" as ocorrências com rapidez e qualidade investigativa, os colaboradores de UFOLÓGIA e os investigadores de campo do CENTRO PARA PESQUISAS DE DISCOS VOADORES (CPDV) já se preparam. UFOLÓGIA deixa a eles sua inteira disposição em divulgar cada detalhe deste novo "ano UFOLógico".

O presente exemplar de UFOLÓGIA NACIONAL & INTERNACIONAL, inaugurado em 1986, contém algumas informações imprescindíveis ao leitor atento: nosso co-editor Luiz Gonzaga Scortecchi de Paula tece interessantes considerações que não podem passar despercebidas sobre o andamento da UFologia nacional; o general Uchôa, velho e incansável batalhador, apresenta sua primeira contribuição a UFOLÓGIA, esclarecendo como anda a pesquisa UFológica em relação ao modelo científico vigente; o espetacular astrônomo; UFÓlogo e matemático Ademar Eugênio de Mello cumpre-nos sua promessa de informar nossos leitores quanto ao Halley, mais precisamente quanto aos aspectos "UFOLógicos" do cometa.

Enrriquecendo ainda mais este nº 06, Carlos Reis, Irene Granchi, Philippe Piet, Ubirajara F. Rodrigues, Jaime Lauda e Victor Soares apresentam novidades interessantes e novos métodos de investigação UFológica. Certamente, um pouco de casuística analisada também.

A. J. Gevaerd

ÍNDICE

Apresentação	03
Editorial Convitado	04
UFOfornal	05
Correntes de Pensamento na UFologia Brasileira	07
UFOS x UFOs: A Técnica Fotográfica Vence	11
A Ciência e o Fenômeno UFO	14
Noticiário Internacional: Portugal	16
O Cometa Halley e os UFOs	19
UFO Clássico: Caso Humanóide Acrobata	22
História dos DVs no Brasil	25
Cartas dos Leitores	27
Experiências dos Leitores	28
Astronomia e Exobiologia	29
Agenda, UFO Personalidade	30

A partir do presente exemplar, por questões de espaço, alternaremos algumas seções de UFOLÓGIA NACIONAL & INTERNACIONAL, visando fazer com que todas participem igualmente de nossa revista.



NOSSA CAPA

A edição inaugural de UFOLÓGIA em 1986 não poderia deixar de prestar sua homenagem ao "vagabundo do espaço", o cometa Halley. A foto da nossa capa é, no entanto, do cometa mais semelhante ao Halley que se conhece (existem raríssimas fotos nítidas do Halley): cometa Ikeya-Seki, fotografado em 29 de Outubro de 1965, com sua exuberante cauda. Foto do Observatório Lick, Estados Unidos.

UFOLÓGIA NACIONAL & INTERNACIONAL 3

Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*, janeiro/fevereiro de 1986, ed. 6, p. 3

O expediente no canto esquerdo, o índice na parte inferior, e o texto de apresentação, são alguns dos elementos comuns das duas revistas. A edição analisada da *Planeta* é

relevante, também, por conter dois colaboradores de *Ufologia*: Marco Antônio Petit, que escreveu o artigo *Avistamentos nos livros sagrados: Os UFOonautas da Antiguidade*; e Carlos Alberto Reis, responsável pelo texto *Fraudes, misticóides, depoimentos imprecisos: os obstáculos para um estudo mais eficaz*.

No tocante às publicidades disseminadas pela revista, havia uma grande preocupação em angariar anunciantes, visto que o recurso de campanhas publicitárias, muitas vezes, é a principal fonte de financiamento dessas publicações. Empresas e anunciantes, porém, levam em conta fatores diversos para anunciar em um periódico, tais como a repercussão e o alcance do periódico, sua linha editorial, seu número de assinantes, o preço, e principalmente, sua credibilidade. Entretanto, a área da ufologia nem sempre foi vista como uma temática crível e confiável, se tornando perigoso para um anunciante publicar um anúncio em um periódico desta natureza, já que as campanhas publicitárias postadas em revistas acabam por ser impactadas por essa natureza do veículo (FANINI; OLIVEIRA; SOUZA, 2012, p. 124). Nesse sentido, a revista começou a publicar anúncios para buscar anunciantes:

Imagem 17: Anúncio presente na edição nº 03 de *Ufologia Nacional & Internacional*



UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL 29

Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*, julho/agosto de 1985, ed. nº 3, p. 29

Neste anúncio, direcionado a empresários locais, ressaltam-se a repercussão e o alcance de *Ufologia*, como a frase “a única revista de Mato Grosso do Sul a circular em todo o Brasil” e a indicação da mesma circular em mais de 600 cidades, buscando demonstrar aos empresários a lucratividade e benefícios de publicar na revista, ainda que com sua temática específica. Entretanto, tais informações devem ser questionadas pois, conforme registra o historiador Gabriel Saraiva Lapuente, esses dados podem ser manipulados conforme interesses do grupo editorial:

Ainda assim, deve ser levado em conta que nem sempre as informações são confiáveis, afinal o interesse em atingir um status para atrair anunciantes é uma tática praticada por muitos jornais, não sendo raros os números fornecidos pelos mesmos serem inverídicos, o que dificulta ainda mais conhecer seu alcance (LAPUENTE, 2016, p. 21).

Mesmo assim, em sua maioria as publicidades foram de produtos alinhados com a temática proposta, como anúncios de revistas internacionais especializadas em assuntos ufológicos, como a *MUFON UFO Network*, a *Australia UFO Research*, dentre outras, e também nacionais, como as publicações da editora Esotera e a revista *Vida & Cultura* alternativa, da editora Quatro espaços. Aparecem também anúncios de revistas de outros assuntos, como o anúncio simples, sem imagens e apenas texto, da revista *Executivo Plus*:

Imagem 18: Publicidade da revista *Executivo Plus*, na edição nº 4 de *Ufologia Nacional & Internacional*

dos membros dos Comitês Assessores do CNPq, sociedades científicas e especialistas nacionais e estrangeiros, envolvendo a colaboração de mais de 500 pessoas no total, segundo a apresentação do documento, editado sob os auspícios da Secretaria de Planejamento da Presidência da República (24 páginas).

O documento é lúcido no sentido em que reconhece tacitamente que qualquer tentativa de "segmentar a natureza e a vida" em uma série de áreas e sub-áreas de conhecimento fatalmente incorreria em imperfeições, e alerta que a finalidade é de ordem prática, para que se disponha de uma sistemática comum de classificação convencionada, tendo em vista facilitar as atividades de fomento e coordenação para o desenvolvimento cultural, científico e tecnológico. E agradece comentários, críticas e sugestões que contribuam para o aperfeiçoamento da proposta.

Embora os grupos "paracientíficos", ou "neocientíficos" brasileiros não integrem oficialmente o chamado SNDCT - SISTEMA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, acreditamos que muito valeria a idéia de se propor algumas "aberturas" na classificação em ques-

ocorre a nível dos fenômenos paranormais, como sabemos, também presentes a nível da fenomenologia OVNI. Há fatos notáveis em grande quantidade, fatos de qualidade a atestarem a importância que tal universo de indagações deveria ter junto à pesquisa institucional, como vem ocorrendo nas mais lúcidas e desenvolvidas culturas ocidentais e no mundo socialista. Tais nações, onde a ciência está longe de ser a reprodução monótona de experimentos realizados por outras nações, há muito partiram decisivas para a investigação sistemática dos fenômenos parapsicológicos e ufológicos, sem preconceitos, embora ainda circunscritos aos paradigmas epistemológicos disponíveis, quando a situação, sabemos todos, está a impor reformulações profundas a nível inclusive do próprio método científico e das verdades estruturais que alicerçam as ditas verdades científicas, por sinal bastante vacilantes hoje em dia. Assim se mostra especialmente estranho o fato de não encontrarmos absolutamente qualquer referência à UFologia, por exemplo, que talvez devesse chamar-se "XENOMECANOLOGIA", ou o estudo científico de máquinas - num sentido amplo, cibernético - de origem alienígena, isto é, de

caracterizar como evento de alta complexidade, exigindo abordagens que transcendem mesmo a perspectiva comum da interdisciplinaridade acadêmica.

Dessa maneira, caberia indagar, não seria conveniente destinar uma "nona" Grande Área para abrigar, em sete Áreas, todas essas ciências emergentes, em vias do seu lugar ao sol? Teríamos, então: 9.01 = Parapsicologia; 9.02 = Psicotrônica; 9.03 = Radiônica; 9.04 = Psicobiofísica; 9.05 = Astrobiologia; 9.06 = UFologia; e 9.07 = Vimaanosofia, sem prejuízo de estudos acurados visando alternativas de classificação mais elaboradas e desenvolvidas.

Ao CNPq fica a sugestão, na esperança de que a NOVA REPÚBLICA, zelosa de suas posições em relação à liberdade de pensamento e de informação demonstre em relação a esses assuntos a mesma determinação que tem emprestado a outros setores e preocupações da vida nacional, para que, no futuro, não tenhamos que depender de outras nações mais ainda do que já dependemos, principalmente num setor onde o País é pródigo como nenhum outro do planeta Terra: ocorrências de OVNI's e Paranormais de primeira linha.

CONHEÇA EM DETALHES O MATO GROSSO DO SUL, SUA GENTE E SUAS BELEZAS.

Assine a Revista Executivo Plus, a revista de Mato Grosso do Sul, voltada para os interesses de seu povo.
Escreva para a Caixa Postal 34, 79.100 - Campo Grande (MS), e solicite sua assinatura ainda hoje. Se Preferir, envie um vale postal no valor de Cr\$ 72.000 e passe a receber imediatamente a Revista Executivo Plus.

UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL 27

Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*, setembro/outubro de 1985, ed. nº 4, p. 27

Esta revista, conforme consta nos arquivos do Centro de Documentação Regional da UFGD (CDR/UFGD)⁵¹, foi lançada em 1984, com sede em Campo Grande. Era editada pela revista *Executivo Fiscal* e tinha em sua linha editorial assuntos voltados à economia. Estão presentes no arquivo do CDR setenta edições, de 1984 até 1994, da ed. nº 1 até a ed. 89. A *Executivo Plus* foi a segunda revista desta empresa, sendo a primeira a *Executivo Fiscal*, que durou aproximadamente até a década de 1990; confere-se no CDR a existência de um número 56 da *Executiva Fiscal*, de maio/junho de 1990; já a terceira revista foi a *Executivo Rural*, lançada em 1987 e com nove edições até 1988.

De cunho regional também foi a publicidade em formato de notícia da Prefeitura de Campo Grande no verso da edição nº 3, em página inteira, sobre um programa de assentamento e distribuição de terras ociosas a população vulnerável socioeconomicamente:

⁵¹ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL. *Revistas*. Universidade Federal da Grande Dourados. Acervo. Pág. 20-21. Disponível em: <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/CDR/Revistas.pdf>. Acesso em 03 ago. de 2022.

Imagem 19: Campanha publicitária da Prefeitura de Campo Grande na ed. nº 3 de *Ufologia Nacional & Internacional*

CAMPO GRANDE (MS):

Prefeitura cede 2,4 milhões de m² de áreas ociosas aos “Sem-Terra”

PRODUZIR EM TERRAS OCIOSAS

A inexistência de uma política de assentamento do homem no campo acabou se transformando na principal responsável pelo êxodo rural. E, em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, o prefeito Lúdio Martins Coelho encontrou uma alternativa: está cedendo extensas áreas, em regime de comodato, à pessoas carentes. A Prefeitura Municipal de Campo Grande já distribuiu mais de 2,4 milhões de metros quadrados à cerca de 250 famílias. Estas assinam um contrato por um prazo de 3 anos, ficando obrigadas a produzirem nestas terras antes ociosas, tirando daí o seu sustento. Encerrando-se a vigência deste contrato, o mesmo poderá ser renovado, desde que haja interesse por parte das famílias usuárias das terras cedidas.

SUSTENTO E COMERCIALIZAÇÃO

Iniciado há pouco mais de 1 ano, o Programa de Comodato da Prefeitura Municipal de Campo Grande já apresenta excelentes resultados, uma vez que todos beneficiados (que recebem terras de meio a um hectare) estão produzindo hortaliças e mesmo fazendo criações de pequenos animais. Além de terem melhor alimentação em suas mesas, estes comodatários comercializam verduras, legumes e frutas, aumentando, desta forma suas fontes de renda. Para muita destas famílias a situação, agora, é completamente diferente da que sempre tiveram, pois passaram da condição de “invasores” de áreas do Poder Público para comodatários que contribuem com o desenvolvimento da cidade. A Administração Lúdio Coelho conseguiu, com este Programa, encontrar uma definitiva solução para um caso antes irremediável.




Cidade de Campo Grande
Prefeito Lúdio Coelho

Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*, julho/agosto de 1985, ed. nº 3, p. 32

Esta edição, de julho/agosto de 1985, fazia referência ao programa de comodato da prefeitura de Campo Grande, à época da gestão de Lúdio Martins Coelho, pecuarista de família tradicional de Mato Grosso do Sul, que foi prefeito de Campo Grande por dois mandatos (de 1983 a 1985; e 1989 a 1992). Sua persona política foi caracterizada por uma

imagem de simplicidade e modéstia, portando sempre um chapéu de couro, que se tornou sua marca registrada, ainda que sob viés populista. Ademais, é curiosa a presença de publicidades estatais na revista, tanto a nível municipal quanto estadual. Em virtude da presença efêmera e descontinuadas de publicidades na revista, essa publicidade da Prefeitura de Campo Grande demonstra o pouco critério estabelecido pelo poder público para o custeamento de publicidades do governo, tentando atingir amplos públicos, com diversas iniciativas.

Segundo Guttenberg Weingartner este programa originou-se da iniciativa do executivo municipal, que elaborou a Lei n. 2175/83. Essa lei autorizava a cessão em comodato de áreas públicas pela municipalidade (WEINGARTNER, 2008, p. 115). Indicada como da gestão de Lúdio Martins Coelho, o prefeito de Campo Grande à época desta edição era Juvêncio da Fonseca. Coelho havia deixado a prefeitura em março de 1985, supondo que esta edição foi produzida no período anterior a março.

Outros anúncios publicitários de destaque foram da empresa *Boeing*, que publicou em duas edições (ed. 3 e 4) sua nova aeronave lançada em 1982: o boeing modelo 767 200ER; um anúncio do banco Bamerindus, que faliu em 1997 e se tornou subsidiário do banco HSBC no Brasil; anúncio de um restaurante vegetariano do Rio de Janeiro, denominado *Health's*, fundado em 1975 e aberto até os dias de hoje; e dois anúncios da empresa de distribuição de energia de Mato Grosso do Sul, que serão abordados mais adiante.

2.4. Diversificando abordagens: *Parapsicologia Hoje* (1985-1986)

Em novembro de 1985 foi lançada a segunda revista de conteúdo esotérico de Gevaerd: *Parapsicologia Hoje*. Lançada de forma paralela à *Ufologia Nacional & Internacional*, este periódico, voltado ao estudo de temas paranormais, expandiu os conteúdos abordados e estudados pela *Ufologia*, que, além dos conteúdos ufológicos, também se aventurava por outras linhas. A *Parapsicologia Hoje*, por ventura, dedicava-se a uma vertente mais espiritualista e mediúnica que vigorava no campo ufológico àquele período (GEVAERD, 2013), mesclando faculdades da paranormalidade e do espiritismo nem sempre relacionadas à ufologia, servindo como um complemento ao conteúdo de *Ufologia*, mas num periódico à parte. O lançamento dessa revista foi antecedido por uma intensa campanha publicitária, sendo anunciada a partir da edição nº 4, de setembro/outubro de 1985 nas páginas da *Ufologia Nacional & Internacional*.

A revista, vendida como a “primeira revista brasileira especializada na pesquisa do paranormal”⁵², foi lançada com 20 mil exemplares de tiragem, e assim como sua congênita *Ufologia*, também era bimestral. Durou apenas 5 edições, saindo de circulação em maio de 1986 para dar lugar à *PSI-UFO*, a união da *Parapsicologia Hoje* e *Ufologia Nacional & Internacional*. Em termos técnicos e editoriais, apresentava seções como *Editorial*, *Apresentação*, *A estante do estudioso*, *Livros pelo reembolso*, *Teste seus conhecimentos na Parapsicologia*; *Jornal PSI*, *Carta dos leitores*; *Glossário*, evidenciando uma adaptação de seções existentes em *Ufologia* (como a *Jornal PSI*, que lembra a seção *UFO Jornal de Ufologia*), assim como seções próprias ausentes da primeira revista (*Glossário* e *Teste seus conhecimentos*).

O corpo técnico e editorial de *Parapsicologia* tinha Gevaerd como editor chefe, sem presença de coedição, e alguns colaboradores identificados com o campo da ufologia, como Luiz Gonzaga Scortecchi de Paula, Philippe Van Putten, Ubirajara Franco Rodrigues; e outros da área da parapsicologia, como Mário Amaral Machado, diretor do então Instituto de Parapsicologia do Rio de Janeiro, Gloria Lintz Machado, médica e parapsicóloga, José Gerônimo Horta Santos, Henrique Rodrigues, M. B Tomassia, Geraldo dos Santos Sarti, Vicente Ambrósio Jr, dentre outros.

As matérias e temáticas discutidas nas edições vinculavam-se nos conteúdos abordados pela parapsicologia à época. O contexto do paranormal, nas décadas de 1970 e 1980, o principal tema desta revista, estava em alta no Brasil. Programas televisivos, reportagens de jornais e revistas eram recheados de figuras que alegavam ter faculdades mentais e psíquicas, que possibilitavam entortar metais com a mente, ler o pensamento humano através da telepatia, mover objetos com telecinese, dentre outras habilidades fantásticas, o que refletia nas temáticas abordadas pela revista.

Figuras como Uri Geller, um famoso entortador de talheres israelense, que veio ao Brasil em 1976 e se apresentou em programas da TV Globo; Thomaz Green Morton, o Uri Geller brasileiro, que posteriormente tentaria curar a cantora Clara Nunes⁵³ de seu coma e

⁵² A primeira revista de Parapsicologia e paranormalidade que circulou no Brasil que se tem conhecimento foi “*Revista de Parapsicologia*”, da década de 1970, editada pelo Centro Latinoamericano de Parapsicologia (CLAP), presidido por Óscar González-Quevedo Bruzón, conhecido como Padre Quevedo, religioso pioneiro na área no Brasil, que se dedicou a pesquisa da Parapsicologia, famoso por desmascarar charlatões em programas de televisão na década de 1990 e 2000.

⁵³ A cantora Clara Nunes, em março de 1983, após um procedimento cirúrgico que ocasionou um forte choque anafilático, que a deixou em coma por 28 dias, recebeu inúmeros médiuns que prometiam curá-la e acordá-la com seus poderes e habilidades psíquicas, entre eles Thomaz Green Morthon, que foi impedido pela irmã da cantora. Clara Nunes viria a falecer em 02 abril de 1983. Para saber mais: FERNANDES, Vagner. *Clara Nunes: Guerreira da Utopia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007

seria comprovado ser um charlatão; Edson Cavalcante Queiroz, médico com faculdades mediúnicas, e que supostamente fazia cirurgias sob incorporação de um espírito conhecido como Dr. Fritz; Padre Óscar González-Quevedo Bruzón, o Padre Quevedo, que comandava estudos dentro da Igreja Católica sobre parapsicologia e desmascarava farsantes e charlatões em programas de televisão; dentre vários outros, eram frequentes em programas de televisão no Brasil, ajudando a cristalizar no público temáticas paranormais.

A televisão, segundo Marcos Napolitano, deve ser vista pelo historiador como uma nova experiência social do tempo histórico, na medida em que "a TV faz coincidir o verdadeiro, o imaginário e o real no ponto indivisível do presente" (NAPOLITANO, 2005, p. 252). A televisão, enquanto mecanismo de comunicação e entretenimento, é ainda mais subordinada a vontade do público que mídias impressas, já que o espectador detém o poder de selecionar o conteúdo a seu bel prazer no clique do controle remoto. Dessa forma, o conteúdo paranormal visto em programas televisivos da década de 1980 atendia a essa vontade popular, já que rendia audiência e repercussão.

A edição nº 3 da revista, de março de 1986, trazia como matéria principal um outro elemento da paranormalidade bastante comum no Brasil na década de 1980: as curas e cirurgias espirituais, através de um caso de grande repercussão no país em 1986: o envenenamento por sapos do cientista Augusto Ruschi⁵⁴ e sua agonia pública. A revista, inclusive, durante seu curso, deu ênfase a chamada Medicina Espiritualista, e a tentativa de institucionalizar a parapsicologia, com a divulgação da criação de um Instituto no Distrito Federal que dedicava-se a pesquisa de tecnologias e tratamentos alternativos, além de recuperar a memória de um projeto de Lei proposto na Câmara Federal, que criava a cadeira de parapsicologia nos cursos de Medicina, sendo anexa à área da Psiquiatria, pelo deputado federal por São Paulo, Freitas Nobre, que fora arquivado em 1983.

⁵⁴ Augusto Ruschi (12 de dezembro de 1915 – 03 de junho de 1986) era um naturalista brasileiro que desde a década de 1960 lutava contra o desmatamento na Amazônia e deposição dos indígenas de suas terras. Em 1975, sofreu envenenamento por sapos da espécie dendrobatídeos, comuns na Amazonia e de toxina extremamente potente, que o fragilizaria pelo resto de sua vida. Viria a falecer em decorrência de cirrose, ocasionada por consumo de medicamento contra Malária.

Imagem 20: Editorial que anunciava a criação de um Instituto em Brasília dedicado a tecnologias alternativas, e um projeto de lei, que criava a cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do Brasil

EDITORIAL

A CAPITAL DA ESPERANÇA

INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PARAPSIKOLOGIA NO BRASIL: UMA META ALCANÇADA!!!

Além de capital da Nova República, Brasília vem se firmando como capital de uma série de coisas particularmente notáveis. Pelo menos do ponto de vista positivo, claro, já que ela ainda ostenta, também, alguns títulos não muito recomendáveis, como por exemplo: capital da mordomia, capital da estratificação social (uma das mais antidemocráticas distribuições espaciais de renda...), "capital bíblica", e assim por diante. De qualquer forma, é capital da espiritualidade aquariana, capital do terceiro milênio, do esotérico, do UFOológico, das medicinas naturais, da comunhão universal e eclética de todas as religiões. Capital da síntese ciência-filosofia-religião, capital da Parapsicologia Avançada, enfim... capital do código despertar de novas realidades para a Humanidade terrestre.

Tal perspectiva contamina rapidamente quem dela se aproxima com antenas ligadas ao futuro, no realismo fantástico, na alquimia da vida, no rumo do eterno "Vira-Ser Cósmico", transcendente. Inclui-se governantes, como de Minas Gerais, por exemplo, que tem um de seus filhos — de Conceição do Mato Dentro, cidade histórica do alto da UFOológica Serra do Cipó — como Governador do Distrito Federal: deputado José Aparecido de Oliveira.

Esse ilustre cidadão, num raio de sensibilidade que pegou de surpresa meio mundo, abriu um notável espaço para a chamada Cultura Alternativa no plano institucional de governo. Querida e vem lutando para institucionalizar, levar à prática, os revolucionários postulados da grande, cósmica e universal "Conspiração Aquariana", no dizer de Marilyn Ferguson (Editora Record). E para quem ainda sabendo das coisas, isso significa que, uma vez concretizado o fato, ou seja, a implantação por lei e decreto da proposta desenvolvida por uma muito séria e competente equipe de "bruxos", especialmente convidada mediante um decreto do governador de 17 de setembro de 1985 para botar no papel o "Caminho Alternativo", várias portas se abrirão para o estudo e a pesquisa científica de importantes aspectos da Parapsicologia e da Psicoônica, por exemplo.

Nelas informações que se tem, deverá acontecer o lançamento em Brasília, brevemente, da Fundação Instituto Planalto de Tecnologia Alternativa que, dentro de suas frentes de atuação, deverá ter de pesquisa e desenvolvimento, conforme cotista da referida proposta, escrito sob o título de "Política de Ação Complementar para o Desenvolvimento Integral do Distrito Federal", documento que também já está nas mãos do Presidente Sarney e das cúpulas do PMDB e do PFL, bem como nas mãos de alguns ministros de Estado, como os da Previdência e Assistência Social, Educação, Ciência e Tecnologia, e na Secretaria Especial de Ação Comunitária. Es-

tá também nas Comissões de Ciência e Tecnologia da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. E está lá, escrito na página de número 88: "Programa de Pesquisa e Desenvolvimento de Tecnologia Alternativa / Código PDDT 8510 — Projeto "Psicoônica Aplicada a Usos Agrícolas e em Medicina Curativa", com a seguinte observação programática adicional: "estabelecer cooperação técnica internacional no setor e em áreas imediatamente afins". Na página 85, por sua vez, dentro do mesmo citado programa, encontramos, sob o código "PDDT 8504" um projeto denominado "Pesquisa do Fenômeno da Cura Paranormal e das Cirurgias Psíquico-Médicas".

Para o bom entendimento, em que pese o fato de Instituto ainda estar em fase embrionária, tal iniciativa digna do mais amplo reconhecimento da cultura em geral e da ciência brasileira em particular, e muito especialmente de todos os que há anos vêm lutando para que aconteçam aberturas desse tipo no âmbito das políticas oficiais de desenvolvimento científico e tecnológico.

Parapsicólogos, psicofísicos, psicobiólogos... vamos nos unir, nos organizarmos, nos erudicarmos para um bom e competente tráfego nos quadros da ciência e da tecnologia de interesse social.

Vamos levar à Brasília, motivados pelos seus sagrados fardos e pela boa vontade e sensibilidade que felizmente a Nova República está mostrando ter em relação ao nosso universo de preocupações, o que sabemos fazer, o que já foi feito e nossas ideias para o futuro.

Vamos sair dos nossos "queros culturais" e participar do novo tempo, do esforço coletivo pela superação do atraso relativo de nossa civilização planetária. Vamos realizar a profecia que diz que nessa terra brasileira nascido ao nosso universo de preocupações, o que sabemos fazer, o que já foi feito e nossas ideias para o futuro.

Na prática... talvez possamos até começar levando nosso apoio e solidariedade ao governador José Aparecido e ao próprio Presidente Sarney, que também tem livre trânsito nos bastidores da Brasília Esotérica. Depois podemos até somar nossas vozes para que a LUZ de um tempo de PAZ e SABEDORIA se faça no mundo todo.

Temos certeza de que os caminhos estão abertos tão logo renovadas estão nossas esperanças. Não há dúvida: Brasília, de fato, merece ser chamada de Capital da Esperança.

Por Luiz Gonzaga Sartecci de Paula
Da Regional do Brasília

Dimitrie Grano

CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI
N.º 6.162, de 1982
(Do Sr. Freitas Nobre)

Cria a Cadeira de Parapsicologia.
(As Comissões de Constituição e Justiça, de Educação e Cultura e de Serviço Público.)

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º As Faculdades de Medicina acrescentarão ao currículo escolar a cadeira de Parapsicologia como matéria conexa à Psiquiatria.

Parágrafo único. O curso será de um ano, devendo ser incluído no 4.º período anual escolar.

Art. 2.º O preenchimento da cadeira será feito através de concurso público de provas e títulos.

Art. 3.º O Poder Executivo regulamentará a presente lei no prazo de 120 (cento e vinte) dias.

Art. 4.º Esta Lei entrará em vigor na data de sua aprovação, retroagida às disposições em contrário.

Justificação

Várias foram as tentativas no sentido de obter a criação dessa cadeira, valendo ressaltar a primeira delas que se deveu ao Deputado Campos Vergal, cujo deslanche ocorreu recentemente.

A argumentação do Dr. Hernani Guimarães Andrade que durante vários anos presidiu o Instituto Brasileiro de Pesquisas Psico-biológicas em São Paulo, tendo obtido ótimas divulgações em diversos países, deve aqui ser reproduzida com a melhor argumentação, incluindo o plano do referido curso.

Transmissão Telegráfica Tipo "Código Morse": Processo usado por Karl Nikolaev e Yuri Karamayev.

Parte Prática

1 — Para a efetivação, em laboratório, da parte prática deste item, pressupõe-se a existência de aparelhagem adequada: calças blindadas (Paraday), electroencefalógrafo, polígrafo, registrador de EEG's (movimentos rápidos dos olhos). Do mesmo modo, a instrutor e os alunos deverão preparar as instalações com equipamento de registro de som, intercomunicações, etc.

Os interessados em obter mais detalhes completos do Decreto de Lei nº 6162 (factura), 52 páginas, poderão solicitar ao do Centro para Pesquisas de Ditos Voadores (CPDV), à Depto. Publicações, Caixa Postal 2182, 78-021 Campo Grande (MS). Preço Cr\$ 75,00 (incluindo envio postal). Remeter cheque nominal cruzado ou vale postal.

Fonte: Parapsicologia Hoje, ed. 3, 1986, p.4-5

A "capital da esperança", alardeada pela revista no topo da página, atendia pelo nome de Brasília. A capital federal, num contexto pós-Ditadura, converteu-se num centro de disputas ideológicas e proposições sobre o Brasil que se ergueria após 21 anos de Ditadura Militar, com diversos grupos sociais e políticos do país inteiro, incluindo os ufólogos e parapsicólogos, atuando em busca de representatividade na Assembleia Nacional Constituinte, a responsável pela escrita da nova carta constitucional do país. Tanto o instituto e a criação do curso de Parapsicologia, porém, não obtiveram êxito, sendo abandonados posteriormente; tampouco a comunidade ufológica e parapsicológica se viu representada na escrita da Constituição. A iniciativa política da revista e seus pares, porém, evidenciava a aproximação entre a ufologia e a parapsicologia com a política, num intuito de se tentar um reconhecimento institucional, político, científico e social dessas áreas, num momento em que pipocavam nas

médias supostos médiuns e curandeiros com habilidades diversas; uma tentativa, também, de distanciar-se e diferenciar-se dos charlatões, com uma abordagem da parapsicologia dita séria e compromissada com a veracidade.

A essa suposta “institucionalização” da parapsicologia, surgiam outras iniciativas, como o anúncio na segunda edição de *PSI-UFO*, em novembro/dezembro de 1986, de que haveria uma “Graduação em Parapsicologia em breve no Brasil” (MACHADO, 1986, p. 5). Esse texto, escrito por Mário de Amaral Machado, aponta que esse projeto de lei proposto por Freitas Nobre evidenciava mais uma derrota do que propriamente uma vitória, em vista de que a Parapsicologia tem muito a ver com outras áreas do conhecimento, mas não deverá ser absorvida por elas, sob pena de perder sua própria identidade (MACHADO, 1986, p. 5). Assim, deveriam ser criados cursos de graduação com currículos completos em torno da Parapsicologia.

A utópica proposição de Machado exemplifica a tentativa notória da ufologia e parapsicologia à época de serem aceitas como disciplinas científicas pelos setores acadêmicos e científicos; em especial a parapsicologia, que era vista como uma “disciplina” mais amadurecida que a ufologia, sejam quais fossem os parâmetros observados para tal. Ademais, o texto de Machado, ao invés de oferecer outras oportunidades de atuação, se mostrou como uma tentativa de mascarar o fracasso desses setores em arregimentar reconhecimento científico através dessa aventura política, rejeitando a outrora bandeira defendida e agrupando-se em outro objetivo.

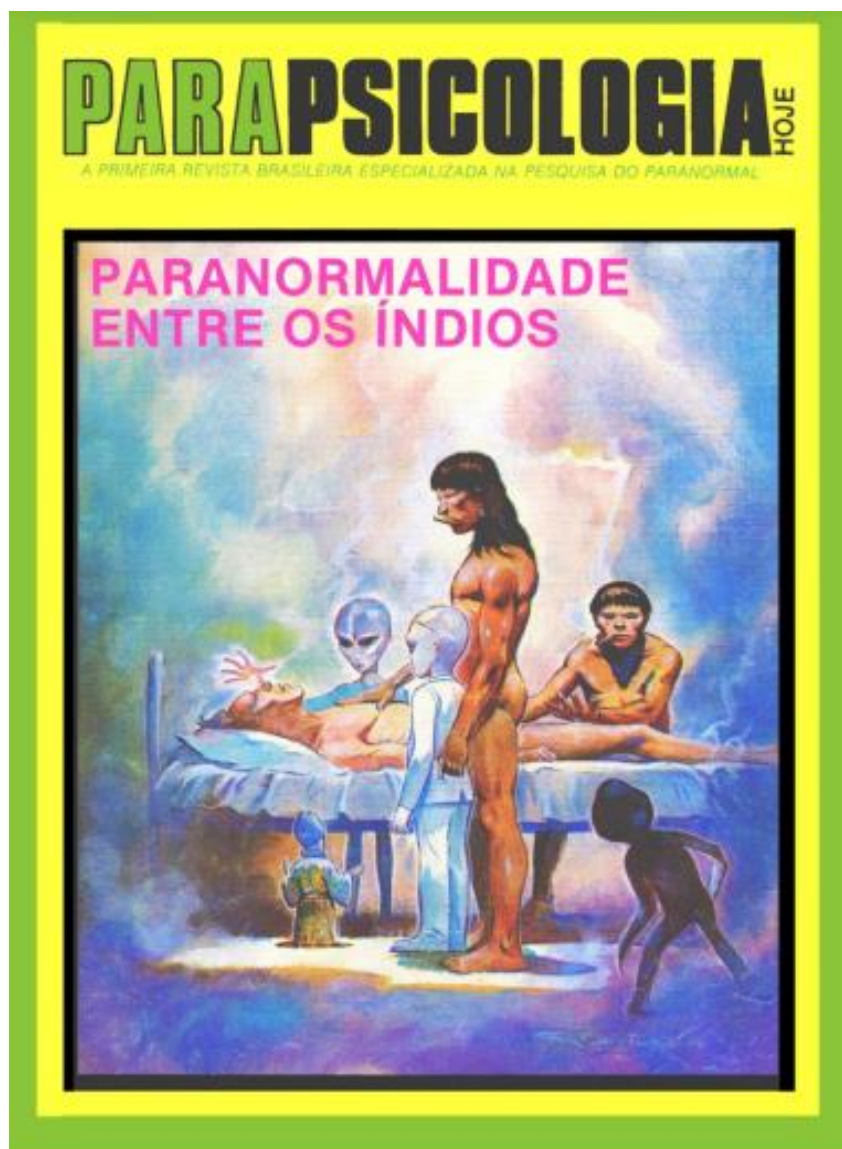
Voltando ao caso Augusto Ruschi, o ocorrido em questão se deu em janeiro de 1986, quando, por sugestão do então presidente da República José Sarney, Ruschi recebeu os caciques pajés Raoni e Sapaim, que empreenderam rezas e orações em prol de sua recuperação. Ruschi sofria, à época, de complicações de esquistossomoses, malária, dentre outras enfermidades adquiridas durante seus trabalhos de campo na Amazônia. A revista, em um tom curandeirista, expôs a reza como fundamentais para a cura e salvação de Ruschi:

DA SELVA AMAZÔNICA PARA A CIVILIZAÇÃO, UMA SESSÃO DE
“PAJELANÇA” SALVA O CIENTISTA RUSCHI DA MORTE.
Enquanto a Medicina tradicional é incapaz de curar um paciente envenenado
por sapo dendrobata, a medicina indígena, secular e arcaica, o faz
(MACHADO, 1986, p. 18)

A matéria, assinada pela médica psiquiatra Gloria Lintz Machado, formada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e uma das principais vozes propositoras da institucionalização acadêmica da Parapsicologia, trazia um balanço da sabedoria dos rituais

indígenas e as curas espirituais delas advindas, ressaltando a incapacidade da Medicina acadêmica de curar o cientista. A capa da edição também destacava a ação dos indígenas:

Imagem 21: Capa da edição nº 3 da *Parapsicologia Hoje*, de março de 1986, em que se vê a ação de seres extraterrestres na cura de um homem.



Fonte: Parapsicologia Hoje, ed. nº 3, 1986, capa

Chama a atenção a capa, ao tratar dos indígenas em sua edição, utilizar uma coloração verde e amarelo, identificadas como as cores nacionais do Brasil, uma utilização sugestível se tratando de indivíduos que supostamente carregavam a verdadeira brasilidade e os conhecimentos fundamentais e originários do povo brasileiro. A mensagem da capa, inclusive, vai além, ao sugerir que esse conhecimento e saber viriam de inteligência extraterrestre e de seres elementais, um discurso e tática bastante comuns utilizados pelos

propositores da ufologia, de que povos indígenas ao redor do mundo foram os primeiros a terem contato com seres extraterrestres. É a famosa teoria dos antigos astronautas⁵⁵, uma tese mirabolante e com contornos racistas, em virtude de desconsiderar os saberes e conhecimentos avançados de povos exteriores ao continente europeu, colocando como reais responsáveis por essa instrução seres extraterrestres.

Segundo Vasconcelos e Trócoli (2004), as crenças no paranormal são consideradas como respostas das pessoas a eventos incontroláveis ou um sistema de crenças ao qual as pessoas recorrem quando se sentem desamparadas ao lidar com eventos de vida críticos (VASCONCELOS, TRÓCOLI, 2004, p. 156). Além disso,

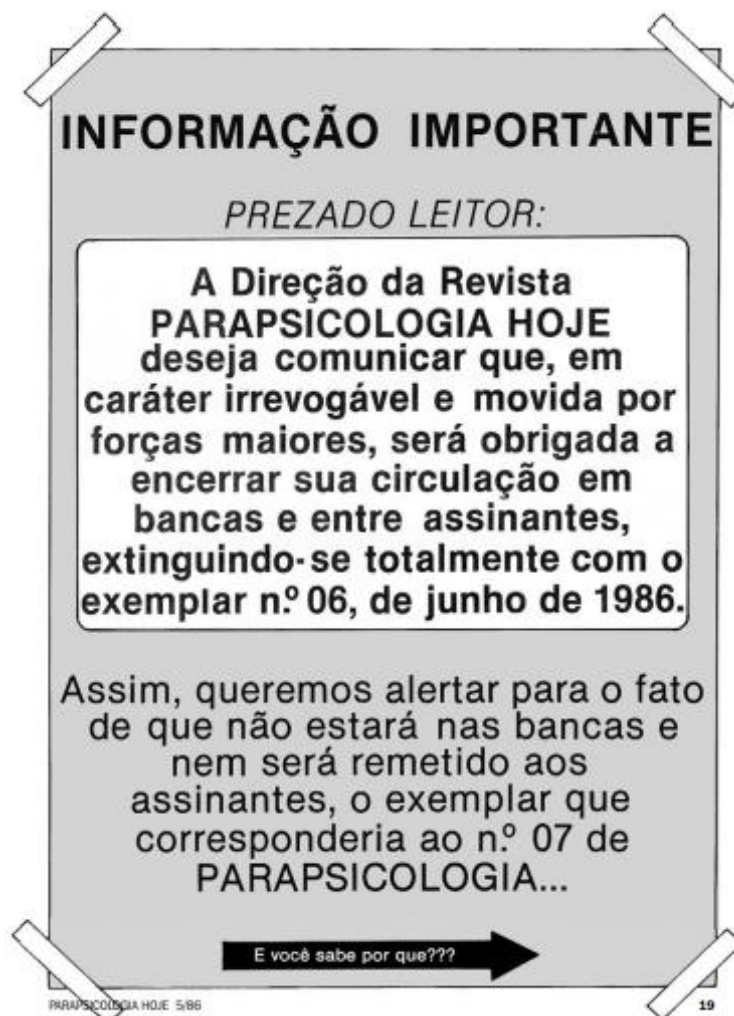
Crenças dessa natureza podem fazer com que os problemas das pessoas pareçam menos difíceis e mais solucionáveis, diminuindo a probabilidade de ocorrências inesperadas e oferecendo esperanças de que os resultados possam ser influenciados (VASCONCELOS, TRÓCOLI, 2004, p. 156).

Um país assolado por crise econômica e saído de uma ditadura que durou 21 anos era um terreno propício para a crença e consumo de materiais de cunho esotérico e da paranormalidade, visto que suas teses fantásticas funcionavam como uma válvula de escape frente a realidade da carestia econômica, política e social do país.

A revista, que durou meras 5 edições, anunciou que, a partir de junho de 1986, cessaria suas atividades para dar lugar à *PSI-UFO*, a nova revista de ufologia e paranormalidade do Brasil, mesclando as abordagens da *Ufologia* e da *Parapsicologia Hoje*. Alegando “forças maiores”, a revista anunciou o fim de suas atividades a seus leitores no meio das páginas da edição nº 5:

⁵⁵ A Teoria dos antigos astronautas, ou deuses astronautas, refere-se a uma crença de que civilizações antigas surgiram em função do contato com seres extraterrestres, que os cultuavam como seres celestiais e deuses que desciam dos céus. Esta teoria ficou conhecida após a divulgação do livro “Eram os deuses astronautas?”, do escritor sueco Erick Von Däniken, lançado em 1968, uma das obras teóricas basilares da ufologia contemporânea.

Imagem 22: Anúncio indicando o fim de *Parapsicologia Hoje*, na edição nº 5, de maio de 1986



Fonte: *Parapsicologia Hoje*, ed. nº 5, 1986, p. 19

Porém, a revista não teve uma sexta edição em junho de 1986. Foi encerrada com as cinco edições em maio de 1986. Curioso também notar que o anúncio do fim de uma revista, um acontecimento relevante, vir no meio de suas páginas e não numa seção editorial ou em lugar de destaque, visto que é de primordial importância e respeito para com seus leitores e consumidores ter conhecimento sobre o fim de um produto que os mesmos pagam para tê-lo.

A exemplo de comparação, o anúncio do fim da *Ufologia Nacional & Internacional*, que apareceu no mesmo mês da última edição da *Parapsicologia Hoje*, em maio de 1986, teve destaque no editorial e foi anunciada uma edição antes de seu fim. A *Ufologia* parou de circular com a edição de junho de 1986.

Outro exemplo do papel acessório da *Parapsicologia Hoje* foi um editorial escrito por Gevaerd na penúltima edição de *PSI-UFO*, em março/abril de 1987:

Quando estávamos no 5º número de UFOLOGIA, nos ocorreu que continuando somente com uma revista, e em caráter bimestral, não conseguiríamos ter sucesso e acabaríamos por fechar as portas. Assim, lançamos *PARAPSIKOLOGIA HOJE*, e passamos a fazê-las ambas juntas, com periodicidade mensal (GEVAERD, 1987, p. 5).

Nesse ínterim, a *Parapsicologia Hoje* surgiu como uma necessidade editorial do CPDV para continuar em funcionamento com *Ufologia Nacional & Internacional*, não constituindo numa iniciativa espontânea da entidade em abordar um conteúdo que também se relacionava com sua área principal. O intuito fora comercial e exploratório. Assim, o anúncio do fim de *Parapsicologia*, seu número de páginas, de edições e sua missão, demonstram que a mesma ocupava um lugar secundário e coadjuvante no panteão de revistas ufológicas e esotéricas de Gevaerd, que não estava rendendo o esperado por seus propositores dentro de uma ótica de mercado e que, por fim, viam suas fontes de arrecadação escassas frente a altos custos de produção.

Os anúncios publicitários, que poderiam dar uma sobrevida à revista, não se concretizaram, tendo pouquíssimas publicidades em sua trajetória, de alguns produtos que também se encontravam em *Ufologia Nacional & Internacional*, como a publicação da Esotera, revista *Vida & Cultura Alternativa*.

Já as “forças maiores” explicitadas por Gevaerd atendiam pelo nome de Plano Cruzado, um plano de estabilização econômica anunciado em 28 de fevereiro de 1986, no governo do presidente José Sarney (1985-1990). Inicialmente bem-sucedido, pois os índices inflacionários caíram consideravelmente, o recrudescimento da inflação levou o plano ao fracasso no final de 1986 (BARBOSA, 2009). Além disso, a inflação média em 1986⁵⁶, permaneceu de janeiro a outubro acima dos 100%, corroendo a moeda, o poder de compra e a capacidade da revista de se manter em funcionamento, encerrando, assim, melancolicamente suas atividades, após apenas 6 meses de existência.

2.5. 1986: o ano do cometa

O ano de 1986 foi extensamente agitado para o meio astronômico e ufológico no Brasil e no mundo. Foi o ano em que o cometa Halley fez sua passagem pela Terra após 76 anos de hiato, levantando uma série de anseios e expectativas de contato com civilizações extraterrestres no âmbito de *Ufologia Nacional & Internacional*. Foi também o ano marcado

⁵⁶ INFLATION.EU. *Inflação no Brasil em 1986*. 2010. Disponível em: <https://www.inflation.eu/pt/taxas-de-inflacao/brasil/inflacao-historica/ipc-inflacao-brasil-1986.aspx>. Acesso em 11 jul. 2022

pela “noite oficial dos Ovnis no Brasil”, famosa ocorrência ufológica que foi explorada pela revista já em seus números finais.

Sobre o cometa Halley, na edição nº 6, de fevereiro de 1986, a *Ufologia Nacional & Internacional* manifestou suas expectativas para a passagem do cometa em sua capa:

Imagem 23: Capa da edição nº 6 de *Ufologia Nacional & Internacional*, destacando o cometa Halley



Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*, edição. nº 6, 1986, capa

As capas compõem a imagem do próprio meio de comunicação, no caso as revistas, da mesma forma que ocorre com uma primeira página de jornal, com o símbolo de uma emissora de televisão ou de uma marca comercial conhecida (SILVA, 2003, p. 19). Dessa forma, as

capas constituem o primeiro contato do leitor em potencial com o periódico, necessitando de uma chamada atrativa que faça com a revista seja lida. Na capa compartilhada, imagem 23, o cometa apresentado não é o Cometa Halley, fato que foi admitido pela revista logo em suas páginas iniciais, no canto inferior direito e em letras minúsculas, num formato de errata:

A foto da nossa capa é, no entanto, do cometa mais semelhante ao Halley que se conhece (existem raríssimas fotos nítidas do Halley): cometa *Ikeya-Seki*, fotografado em 29 de outubro de 1965, com sua exuberante cauda. Foto do Observatório *Lick*, Estados Unidos. (UFOLOGIA, 1986, p. 3)

A historiadora Ana Cristina Teodoro da Silva, ao analisar capas da revista *Manchete*, aponta que:

Para atrair um olhar tão inquieto, é necessário enfocar um interesse imediato, enfocar necessidades do momento, seduzir propondo respostas, propondo resolver um problema, entreter ou informar e simultaneamente manter o ritmo; qualquer tema é trabalhado, qualquer problema, desde que não se precise abrir mão do ritmo. As imagens são compostas para um olhar que não tem tempo a perder. (SILVA, 2003, p. 20)

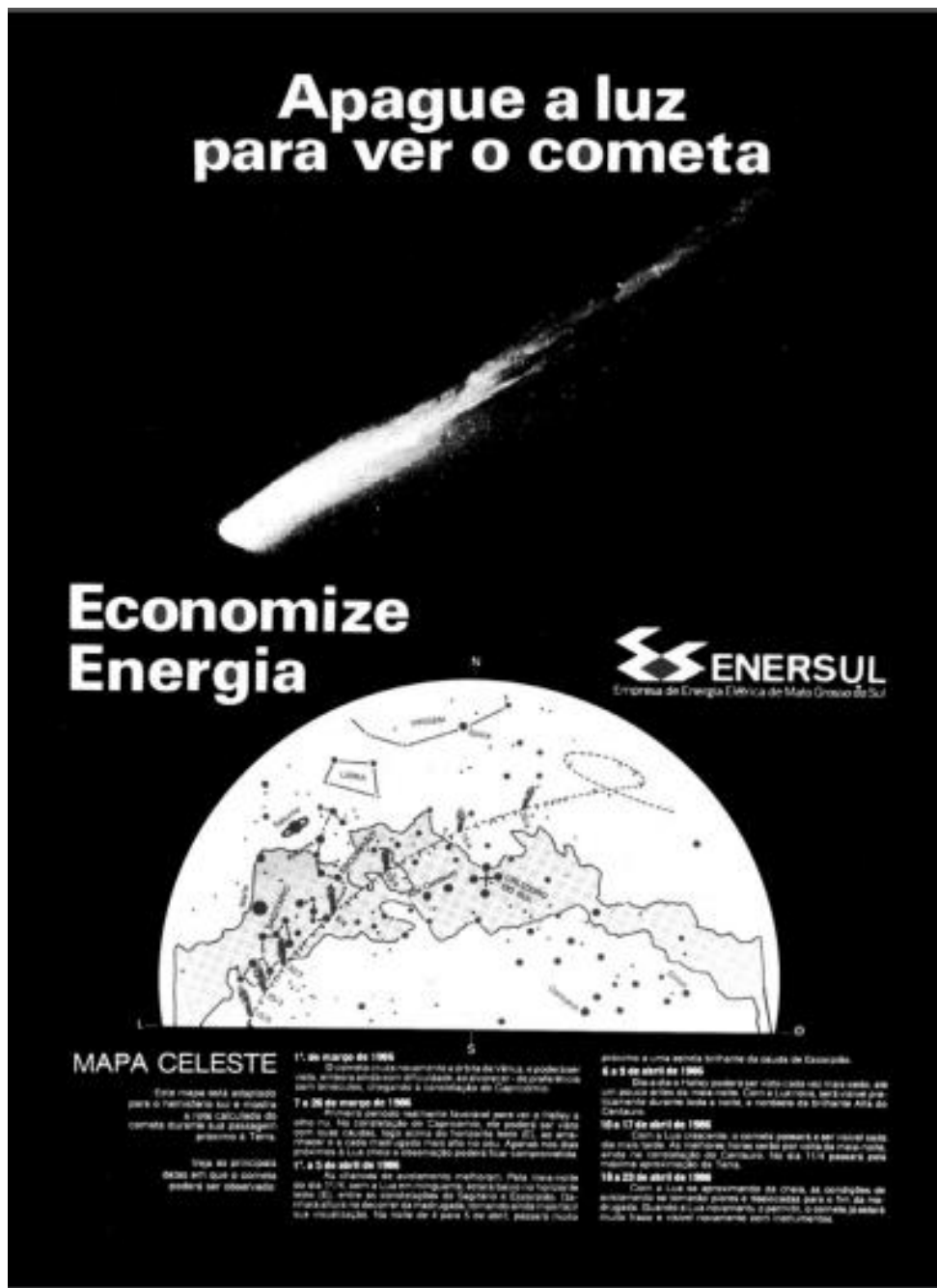
Nesse sentido, o uso da foto de um cometa que não era o Halley atendia a essa necessidade momentânea, mas preciosa para a revista, que necessitava ilustrar o tão importante cometa daquele ano, fazendo uso, assim, de uma manipulação com fins editoriais, de um sistema de representação que envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão (PESAVENTO, 2003, p.22).

Já no editorial desta edição, Gevaerd escreveu suas expectativas para esse ano:

1986. O ano do cometa, e possivelmente, um ano de intensa atividade ufológica, a registrar-se sob a forma de ocorrências isoladas, pousos de Ovnis, contatos com seus tripulantes e até ondas abrangentes, segundo a opinião (e estudos, é claro) da maioria dos UFÓlogos brasileiros (GEVAERD, 1986, p. 3)

Na contracapa das edições nº 7 e 8 foi apresentada uma curiosa campanha publicitária da Enersul, à época a empresa de distribuição de energia elétrica de Mato Grosso do Sul. A publicidade da Enersul, que em 1986 era uma empresa estatal administrada pelo governo de Mato Grosso do Sul, demonstrou que alguns pares da revista mantinham contatos institucionais com setores governamentais, justificando uma publicidade da empresa em uma revista dessa natureza. Esta contracapa apresentava um mapa celeste da trajetória do Halley e os dias em que o cometa podia ser visto:

Imagem 24: Contracapa da edição nº 7, patrocinada pela Enersul, em que se recomendava economizar energia para ver o cometa Halley:



Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*, ed. nº 7, 1986, p. 2

Não há certeza se o cometa que apareceu na contracapa era, de fato, o Halley. Provavelmente não, em razão de a própria revista admitir que fotografias de qualidade do Halley eram escassas em 1986. Outrossim, esta campanha publicitária estava alinhada aos temores e dificuldades energéticas do país na década de 1980. Em 1984 e 1985, o país foi assolado por grandes blecautes e interrupções de energia elétrica, sendo o de 1985 o maior

registrado no país até então, sendo superado apenas pelo blecaute ocorrido em 1999, gerando interrupção de energia elétrica em mais de 8 estados, incluindo o Mato Grosso do Sul.

A campanha publicitária da Enersul aludindo ao contexto de passagem do Cometa Halley é criativa, pois aliava a economia de energia a uma melhor visão da passagem do cometa, ainda que mascare a incompetência e insuficiência de um governo em atender de forma satisfatória a demanda de energia de um país que há pouco havia construído a Usina Hidrelétrica de Itaipu (1982). Por fim, campanhas publicitárias dessa natureza não se repetiram mais após a passagem do Halley, evidenciando seu caráter periódico.

A reportagem principal da edição nº 6 abordando o Halley, escrita pelo astrônomo autodeclarado e ufólogo Ademar Eugênio de Mello, ressaltou a ansiedade e as expectativas da revista e dos ufólogos pela passagem do cometa, e relatou os motivos pelos quais o Halley era tão esperado:

- 1) Será uma experiência (sic) minuciosamente estudada e servirá para refletirmos os mecanismos envolvidos em uma vigília;
 - 2) Como muitas pessoas estarão de “olho no céu” nessa época, é de se esperar um número maior de avistamentos de UFOs;
 - 3) Existem correlações entre cometas e UFOs, como veremos mais adiante, na casuística dos anos 50;
 - 4) Qual UFÓlogo que, no fundo, também não é um astrônomo amador?
- (MELLO, 1986, p. 19)

O texto de Mello expôs o caráter místico e sobrenatural atribuído a passagem do Halley, uma visão há séculos construída. Já o astrônomo, graduado e pós-graduado, do Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), Eugênio Scalise Junior, em 1985, analisou em artigo as antigas aparições do cometa. Sobre as razões pelos quais era tão aguardado, considerou que:

Historicamente porque vem sendo observado há mais de 2000 anos e suscita o interesse geral da população a cada passagem, gerando sensações tanto de curiosidade quanto de pânico. [...] Cientificamente é o único cometa periódico que mostra de forma intensa e nítida todos os fenômenos cometários: uma grande coma e longas caudas de plasma e poeira (SCALISE JUNIOR, 1985, p. 1)

Ou seja, em razão de sua passagem periódica e por demonstrar suas características “cometárias” (uma grande coma e ser caudaloso), o Halley sempre gerou fascínio em suas passagens. E, de fato, na passagem anterior do Halley, em 1910, as reações foram extremas:

A sua passagem em 1910 foi acompanhada com muito temor pela população, pois havia sido previsto que a Terra passaria através da cauda do cometa e consequentemente o mundo acabaria, com pessoas envenenadas pelo gás emanado pelo cometa (SCALISE JUNIOR, 1985, p. 3).

O jornal dos Estados Unidos *The New York Times*, em 1910, foi um dos veículos de imprensa que ajudou a disseminar pânico na população, com matérias alarmistas e de cunho apocalíptico, evidenciando o potencial catastrófico da passagem do Halley. A imagem seguinte, de uma manchete do jornal norte-americano à época, evidencia esse teor escatológico da passagem do Halley:

Imagem 25: reportagem do *The New York Times* relatando o ‘fim do mundo’, com a passagem do Halley em 1910

COMING END OF WORLD

Halley's Comet May Snuff Out Life on the Earth

Berkeley, Cal., Feb. 9.—"If the astronomers are right in their estimations of the amount of cyanogen gas in the tail of Halley's comet, and if that body's vapors do envelop the earth, we may have a chance to feel the sensations of the bugs and insects which are killed by the use of this deadly gas as an exterminator."

IN FEAR OF COMET RANCHER SUICIDES

ALBUQUERQUE, N. M., May 18.—Telling his friends that he believed the comet would destroy the earth tonight, and that he did not want to see the spectacle, Augustine Parasiz, a wealthy ranchman, committed suicide today by drinking poison.

To Escape the Comet, Hire Submarine Boat

Deadly cyanogen gas does not travel through the water. So to escape the comet hire a submarine boat, fill it with three days' edibles and drinkables, and go under water to-morrow. The deeper the spot the better.

Stay under for three days, not even poking your nose above for one moment. At the end of that time, if nothing happens to your submarine, the cyanogen gas in the world will have spent itself.

Then, if all the people in the world have perished under the deadly gas, you can claim the world for your own.

If they are not dead—perhaps you can stand the laugh.

Fonte: *The New York Times*, 1910

Aumento de casos de suicídios, a possibilidade de o gás proveniente da cauda do cometa exterminar a vida na Terra, a alternativa de escapar do cometa se refugiando num submarino para escapar do gás, esta reportagem enumerou os inúmeros temores em relação à passagem do Halley em 1910, numa situação que estimulou a histeria coletiva. O sensacionalismo, em que pese a razoabilidade de conhecimento científico sobre cometas no início do século XX, foi a tônica da abordagem do *The New York Times* em 1910.

M. F. Thomaz, professor de Astronomia da Universidade de Aveiro, em artigo de 1985 considerou que essas abordagens sensacionalistas tinham intuito comercial para fins de impacto emocional no público leitor, explorando alguns contornos supersticiosos e sobrenaturais:

Apesar do razoável nível científico de conhecimentos da época as superstições do grande público foram exploradas com fins comerciais para criar impacto emocional dando explicações ingénuas a factos que não constituíam mais do que meras coincidências. O nascimento do escritor americano Mark Twain a 30 de novembro de 1835 (duas semanas após o periélio) e a sua morte a 21 de abril de 1910 (um dia após a passagem pelo periélio seguinte), bem como a morte do rei Eduardo VII de Inglaterra (ocorrida a 6 de maio de 1910) após a qual observadores das Bermudas noticiam «um comportamento estranho» do cometa, são apenas dois dos inúmeros exemplos atribuídos às influências sobrenaturais do cometa (THOMAZ, 1985, p.10)

Além dessas superstições e eventos sobrenaturais apontadas por Thomaz, Eugénio Scalize Junior, em outro artigo, de 1986, apontou a associação das passagens do Halley ao longo dos anos a grandes fatos da História e a prenúncios de maus presságios:

[...] Jerusalém foi conquistada no ano de 66, quatro anos após sua passagem; em 455 coincidiu com a morte o imperador Valentino; em 1066 ocorreu a conquista da Inglaterra pelos Normandos; em 1453, três anos antes de sua passagem, caiu Constantinopla (SCALISE JUNIOR, 1986, p. 2)

Dos fatos mencionados por Scalize Junior, apenas o ano de 1066 coincidiu com a passagem do Halley; a morte do imperador Valentiniano III não teve registros de passagem de cometa; os demais, apresentavam um lapso temporal considerável, jogando os fatos elencados no campo das suposições. E os eventos de nascimento e morte do escritor Mark Twain marcados pelas passagens do Halley sustentam coincidências facilmente explicáveis, já que centenas de pessoas ao redor do mundo também nasceram e morreram nessas datas, porém nem todas com a notoriedade e fama de Mark Twain.

Em 1986, o interesse pelo cometa estava acentuado em razão de, pela primeira vez, a humanidade vivenciar a era espacial, com conhecimento e tecnologias disponíveis para estudo e observação do corpo celeste e dos céus. Ademar Eugênio de Mello, na reportagem da edição nº 6 de *Ufologia*, comentou sobre esse avanço tecnológico:

O que a humanidade pôde reunir entre a última aparição do Halley e sua próxima aparição é colossal. Hoje existem milhares e milhares de dados a respeito desses “vagabundos do espaço” e neste ano de 1986 vultuosas somas em dinheiro serão gastas para estudar mais profundamente ainda esse cometa (MELLO, 1986, p. 19)

De fato, em 1985 foi lançada ao espaço uma sonda espacial que acompanharia a passagem do Halley, Giotto, nome dado em homenagem a Giotto di Bondone, pintor italiano do século XIII que documentou a passagem do cometa em 1301 e representou-o como a Estrela de Belém, na obra “Adoração dos Magos”.

Portanto, em vez do pânico por envenenamento de gás do cometa, ou combustão instantânea da atmosfera como era temido em 1910, a passagem do Halley em 1986 trocou essas previsões apocalípticas pela cautela da comunidade científica em acalmar o público diante de possíveis notícias falsas e sensacionalistas, e pelo otimismo dos ufólogos em relação ao fenômeno OVNI, em que a passagem provocaria formidáveis descobertas e eventos de natureza ufológica, o que justificava a abordagem ansiosa do periódico. Coincidências ou não, esses eventos vieram em maio de 1986, cerca de dois meses após o periélio do Halley, na forma de uma ocorrência que marcou para sempre a ufologia brasileira.

2.6: O festival dos discos voadores⁵⁷ e o abrupto fim da *Ufologia Nacional & Internacional*

O aumento da casuística ufológica com a passagem do Cometa Halley era esperado pelos ufólogos e pela *Ufologia Nacional & Internacional*, já que se havia o consenso de que a passagem de um cometa periódico como o Halley, aliado ao avanço tecnológico da humanidade em 1986, possibilitaria a observação de eventos de natureza ufológica no mundo inteiro; mas, ainda assim, nada os havia preparado para o que ocorreria em maio de 1986.

A chamada “noite oficial dos Ovnis no Brasil” foi uma ocorrência ufológica midiática, peculiar e incomum, envolvendo setores da Força Aérea Brasileira numa perseguição

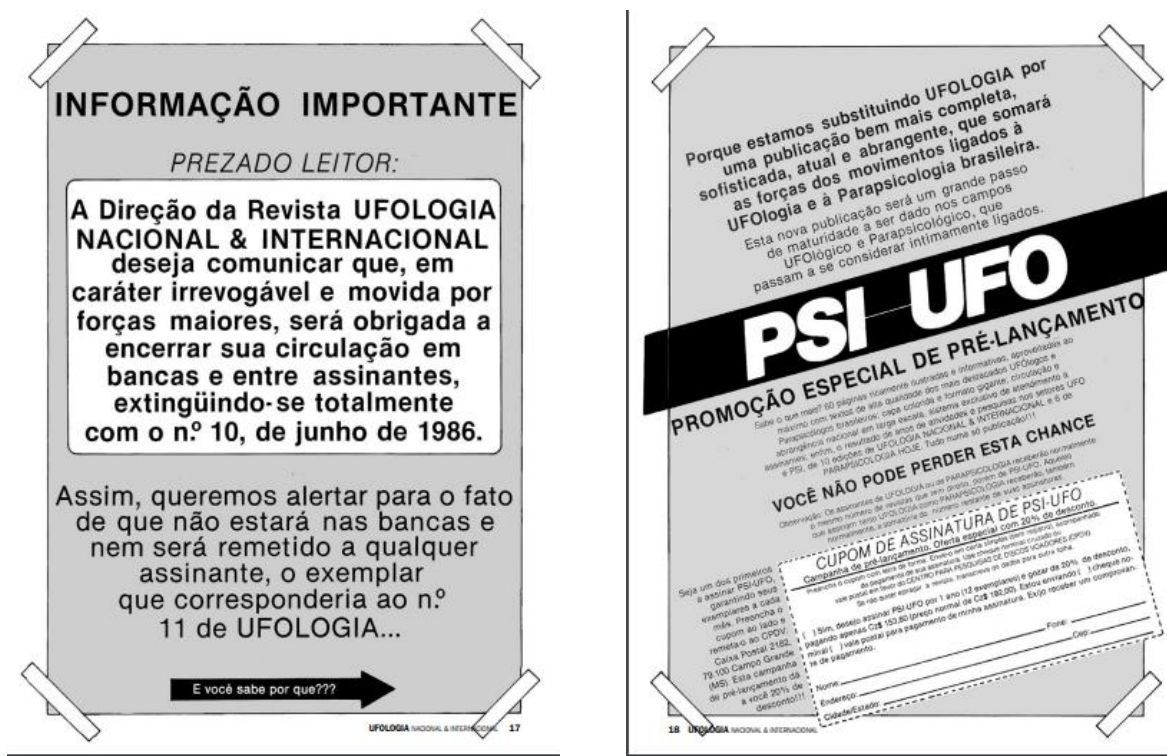
⁵⁷ Frase de Sergio Mota da Silva, à época controlador de voo do Aeroporto de São José dos Campos, ao comunicar a presença de OVNIS no espaço aéreo da região ao Cindacta de Brasília.

dramática a uma extensa frota de objetos voadores não identificados, que invadiram os céus do sudeste brasileiro na noite do dia 18 de maio de 1986, ameaçando a integridade e a segurança do espaço aéreo, numa área movimentada por aeronaves comerciais, civis e militares.

Essa ocorrência tem a alcunha de “oficial” em razão do pronunciamento ocorrido dias após a ocorrência, em que o então ministro da Aeronáutica do governo Sarney, brigadeiro Octávio Júlio Moreira Lima, viria a reconhecer em coletiva de imprensa a veracidade da ocorrência e abrangência da perseguição aos supostos Ovnis.

Neste período, a *Ufologia Nacional & Internacional* anunciava, em seu 9º número, na edição de maio, o fim de suas atividades, de forma idêntica à *Parapsicologia Hoje*:

Imagem 26: Anúncio do fim da *Ufologia Nacional & Internacional* e lançamento da *PSI-UFO*



Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*, ed. n.º 9, 1986, p. 17-18

Completamente diferente da suscinta edição de encerramento da *Parapsicologia Hoje*, a última edição de *Ufologia Nacional & Internacional* encerrou o ciclo com doses elevadas de otimismo, já se iniciando na edição n.º 9, que trouxe fotografias do III Congresso Internacional de Ufologia, sediado em São Paulo, evento cujo a revista considerou:

Um importante passo em direção ao amadurecimento da pesquisa ufológica brasileira: estamos chegando lá

A UFOlogia brasileira viveu verdadeiros momentos de glória, quando da realização do III Congresso Internacional de Ufologia, III CIUFO, [...] registrando um passo definitivo na concretização de uma de suas fases mais esperadas: atingir maturidade suficiente para poder se fazer representada e representar todos os diversos setores da sociedade (UFOLOGIA, 1986, p.5)

Era evidente o quanto os próprios ufólogos consideravam a ufologia uma área ainda em maturação, com potencial de crescimento. E esse crescimento estava atrelado à ação da imprensa ufológica. Na décima edição, com uma das matérias principais dedicada ao Congresso, o coeditor Carlos Alberto Reis fez um balanço da ufologia brasileira, e também do periódico:

[...] a ufologia brasileira vem forçando a barreira do preconceito e do ceticismo, em todos os níveis, buscando atingir sua maturidade. Evidentemente que tal fato não se dará assim, abruptamente, de um dia para o outro, num piscar d'olhos... Será, na verdade, uma transição da “adolescência” para a “idade adulta”, em doses homeopáticas, graduais [...], mas não podemos estabelecer prazos e medidas. O que podemos fazer para dar impulso e motivação para isto já está sendo respondido. Num primeiro estágio, justiça se faça à iniciativa corajosa do grupo ufológico que edita esta revista, que, sem qualquer apoio oficial ou mesmo publicitário, alcança uma qualidade editorial elogiada no país e no mundo; sobrevivendo às custas de malabarismos financeiros, ela busca sobretudo aglutinar todos os esforços e todos os projetos no sentido de unificar e tornar compacto o alicerce de nossos ideais (REIS, 1986, p. 8).

Reis evidenciou as dificuldades enfrentadas pela revista e seu corpo editorial, principalmente financeiras, embora houvessem, de fato, campanhas publicitárias na revista, mas, obviamente, insuficientes para mantê-la em funcionamento pleno e saudável sem depender diretamente do dinheiro das assinaturas. Essa fala recorrente faz pensar que o corpo editorial da revista sempre quisesse ressaltar as dificuldades enfrentadas, mas superadas para efetivar a “vitoriosa” missão do CPDV em difundir a ufologia. Reis evidencia também as dificuldades da ufologia como área de estudo, trazendo novamente uma alegoria com adolescência e maturidade. E ressaltou, mais uma vez, o papel que a imprensa ufológica teria como veículo divulgador da área.

A capa desta edição também contém elementos que ressaltam o otimismo e as expectativas para o campo ufológico graças a um caso de enorme repercussão e um congresso bem-sucedido. O título principal da edição “Voltam os discos voadores!” soa como um suspiro de alívio no contexto de transição no meio editorial ufológico:

Imagem 27: Capa da ed. nº 10 de *Ufologia Nacional & Internacional*, de junho de 1986



Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*, ed. nº 10, 1986, capa

Esta capa apresenta adjetivos e expressões superlativas que destacam a grandiosidade da “noite oficial”, como *a grande onda ufológica que abalou o Brasil*. A imagem que ilustra esta capa, de autoria de Rodval Matias, futuro diretor de arte da sucessora *PSI-UFO*, ressalta os relatos das testemunhas envolvidas e a ação dos caças da Força Aérea Brasileira, num ambiente soturno e misterioso, que caracterizou esta ocorrência, fazendo referência a elementos consolidados no imaginário dos extraterrestres, e ainda que os mesmos estejam ausentes nessa capa, sua presença é sugerida.

E o anúncio, na contra capa da edição, num lugar destacado, veio informar sobre o fim da revista, a continuidade na *PSI-UFO* e os eventos que encerram a “carreira” de *Ufologia* com uma chave de ouro (GEVAERD, 1986, p.2).

PREZADOS AMIGOS LEITORES:

Eis o nº 10 de UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL, resultado de um ano e meio de incessantes atividades na divulgação do Fenômeno UFO, seu comportamento e sua relação com o ser terrestre. E, como está sendo anunciado desde UFOLOGIA 09, este é o último exemplar que editaremos, para que UFOLOGIA (e sua parceira PARAPSIKOLOGIA HOJE) dê lugar à nova publicação do Centro para Pesquisas de Discos Voadores (CPDV): PSI-UFO, Revista Brasileira de UFOlogia e Parapsicologia.

Na Redação de UFOLOGIA há uma certa expectativa para ver a transição de nossas revistas para PSI-UFO, principalmente devido ao fato de que, recentemente, em ambos os setores, PSI e UFO, tem havido grandes novidades.

Estamos terminando a “carreira” de UFOLOGIA com uma chave de ouro: em meio a uma das maiores concentrações UFOológicas já observadas em nosso país, especialmente porque caracterizou-se por pronunciamentos de autoridades quanto ao assunto. Autoridades que só faltaram dizer: “*É, realmente eles estão por aí...*”

Neste exemplar de UFOLOGIA, também temos grande motivo para nos sentirmos orgulhosos, pois damos inteira cobertura a um dos maiores eventos de UFOlogia que já se promoveu no Brasil: o III Congresso Internacional de UFOlogia (III CIUFO), um passo definitivo para o reconhecimento da pesquisa UFOológica civil brasileira.

Estamos fechando UFOLOGIA com chave de ouro e esta mesma chave abrirá, dentro de poucas semanas, a carreira de PSI-UFO, já em preparação: 60 páginas, capa colorida e formato gigante; textos fartamente ilustrados e da melhor qualidade; serviço de atendimento ao assinante; distribuição nacional com vasta abrangência; diversificação de abordagem nos temas UFO e PSI; participação das maiores autoridades brasileiras nestes setores e muito mais. PSI-UFO promoverá constantemente a junção do leitor com o assunto tratado, formando uma corrente nacional, um movimento intelectual alternativo.

Assim que você acabar de ler esta edição, e quando fechá-la para devolver à prateleira, tenha em mente que em menos de um mês, você terá emoções multiplicadas, quando acabar de ler o primeiro número de PSI-UFO, com as surpresas que temos reservadas para você. Então, até lá e aguarde!!!

A. J. Gevaerd
Editor

Observação: mais informações sobre PSI-UFO, assim como assinaturas, reservas, colaborações, etc.: veja na página 20 desta edição. Aproveite para assinar PSI-UFO com desconto, na promoção que vai até seu lançamento.

Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*, ed. nº 10, 1986, p. 2

Este texto fez um retrospecto da trajetória de *Ufologia*, ressaltando seu papel como veículo de informação, e também preparava o leitor para a transição que virá com o hiato na imprensa ufológica ocasionado pelo fim de *Ufologia* até o lançamento de *PSI-UFO*. Gevaerd também enumerou e publicitou as qualidades da futura revista: 60 páginas, capa colorida, formato gigante, textos ricos, num duplo intuito de cativar e manter o leitor de *Ufologia* ansioso e à espera do novo produto e evitar que o mesmo se dispersasse.

Essa edição voltou a conter 40 páginas, que não se repetia desde as edições nº 4 e 5. Esses elementos salientavam as expectativas do campo ufológico brasileiro para com o futuro da ufologia no Brasil, a despeito das mudanças e descontinuidades no seu principal órgão de divulgação: a revista *Ufologia Nacional & Internacional*. E também demonstravam o grau de importância que a mesma tinha, já que este foi o projeto inicial de Gevaerd e seus colaboradores, encerrando-se, de forma irônica, no auge de um dos maiores casos da ufologia brasileira de sempre.

2.7 PSI-UFO: disputas e discordâncias e uma nova tempestade econômica (1986-1987)

Mais ambiciosa que suas antecessoras, a *PSI-UFO* foi lançada em setembro de 1986 com expectativas comerciais elevadas por seus propositores. Esta revista foi concebida como uma nova etapa de consolidação e efetivação da imprensa ufológica no meio editorial, unindo estratégias e experiências advindas das duas revistas que a antecederam, de modo que o periódico conseguisse sobreviver em meio às intempéries econômicas daquele período. Assim, seu lançamento se deu com um acabamento técnico e editorial não visto antes em *Ufologia* e *Parapsicologia*.

A começar pela tiragem das revistas. O montante na edição 1 superou as tiragens das revistas antecessoras com folga: 45 mil exemplares nas bancas, o que demonstrou o investimento e a confiança dos editores no novo produto. Outro exemplo de maior profissionalização dedicada a *PSI-UFO* foi, pela primeira vez, ela ser lançada sob o selo de uma editora, a Editora Nova Ciência.

Em quesitos técnicos e editoriais, a revista apresentava um layout diferenciado em relação às suas antecessoras: anteriormente, o editorial expediente, seção que contém as informações editoriais e técnicas, era apresentado logo no início da edição junto ao Índice, na área esquerda do layout. Nas edições 2, 3 e 4 da *PSI-UFO*, entretanto, foi deslocado para a página 10, à direita, junto de uma nova seção, o *Conversa com o Leitor*, em que Gevaerd enquanto editor apresentava a edição e seu principal conteúdo; o editorial expediente era sucedido por outras novas seções como *Nossa livre opinião*, um editorial em que era debatido uma temática em caráter opinativo; e o *Jornal PSI-UFO*, que se dedicava a noticiar eventos e casuísticas ufológicas e paranormais no Brasil e no mundo.

Conversa com o Leitor

Campo Grande, 20 de outubro de 1986

Prezados amigos leitores:

O lançamento nacional de PSI-UFO, ocorrido há pouco mais de 20 dias, foi absolutamente surpreendente para nós, e confirmou uma expectativa que vínhamos alimentando há bom tempo.

Como testemunha de um visível sucesso alcançado por PSI-UFO, logo ao ser lançada, está nossa caixa postal, por onde recebemos centenas e centenas de cartas nas últimas duas semanas. Leitores de norte a sul do Brasil, de todos os segmentos e setores da Sociedade, escreveram-nos comentando PSI-UFO nº 1.

Obviamente, as cartas versaram sobre os mais variados assuntos, indo desde alucinadas moções de irrestrito apoio à nossa revista, até as previsíveis críticas quanto à fusão de assuntos como Ufologia e Parapsicologia. Todas as cartas e a opiniões que expressam, no entanto, são muito bem-vindas para nós.

Mas, entre as mensagens mais tocantes ao trabalho que estamos desenvolvendo através de PSI-UFO, certamente estão aquelas expressadas por amigos, leitores, colaboradores e associados ao CPDV, onde se colocam a disposição de nossa Equipe para, de suas cidades, colaborarem com a divulgação de PSI-UFO.

Para estes (em especial) e para todos nossos leitores, colaboração na divulgação de PSI-UFO é palavra de ordem. É muito mais que necessário: é urgente.

Como colaborar com esta divulgação? É simples, a princípio comunicando-a a pessoas de sua relação, que possam se interessar por PSI-UFO; e, de maneira "mais ostensiva", colaborando com a distribuição de folhetos explicativos, fixação de cartazes publicitários, distribuição (gratuita) de exemplares promocionais, etc. Procure-nos pelo fone (067) 382 7246, ou Caixa Postal 2182, 79021 Campo Grande (MS), e daremos todas as instruções. Sua participação é importante!

Gevaerd, editor.

PSI-UFO

Órgão oficial de divulgação do
CENTRO PARA PESQUISAS DE DISCOS
VOADORES (CPDV)
CGC 15.570.518/0001-38. Insc. Est. 26.226.214/9

EDITORA NOVA CIÊNCIA

EXPEDIENTE

A. J. Gevaerd
Editor

Mério Amarel Machado, Luiz Gonzaga Scortecchi de
Paula e Carlos Alberto Reis
Co-Editores

Irene Granchi Antonio Hunneus
Coordenadores Internacionais

CONSULTORES

Ademar Eugênio de Melo, Gal Alfredo M. M.
Uchôa, Claudelir Covo, Jaime Lauda, Philippe Piet
van Putten, Ubirajara F. Rodrigues, José Victor
Soares, Henrique Rodrigues, América P. Marques,
Gerardo S. Sarti, Glória Lutz Machado, J. J. Hora
Santos, Octávio M. Ulysses, Waldo Vieira, Ernesto
Bono, Walter R. Borges

COLABORADORES

Antonio J. Thor, Reginaldo de Alheyde, Jean
Alencar, Alberto Romero, Marco A. Pett de Castro,
Paulo F. Kronemberger, Antonio Faleiro, Carlos V.
Gonçalves, Daniel Rebisso Giese, Osní Schwarz,
Luiz do Rosário Real, Lúcio Manfredi, Gerson
Maciel de Brito, Newton Milhomens, Rafael S.
Dará, Osvaldo Cardoso, Maria da Glória Freire
Meira, Luiz Carlos Franken, Eli Cardoso, Marcos da
Silva, Luciano Stankia e Silva, Pedro Durilli,
Arismaris B. Dias, Alvaro Fernandes, Sonia M. Trigo
Alves, Vicente Ambrósio Jr., Cláudio Capparelli,
Roberto Amaro Lucena, Laércio Fonseca, Edson A.
Rocha, Jefferson Oliveira e Silva, Edson Salgueiro,
Luiz Fernando V. Mendes, Herbert Espuny, Ivo Cyro
Caruso, Carlos A. Jacob, Dioclelio Luz

DEPARTAMENTO DE ARTE

Alexandre Souza Farias (diretor de Arte),
Martius Americano do Brasil, Jami Viana-Nova.

SERVIÇOS EDITORIAIS E ADMINISTRAÇÃO

Julieta Kolling Maciel, Adelaido dos Anjos
Revisores

Fátima Mustafá, Susany de Freitas, Hosana
Florentino
Secretárias

Levy Serrão Camy, Aida J. S. Domingues
Assessoria Jurídica e Contábil

Impressão Gráfica e Editora Alvorada Ltda.

Fernando Uhinaglia Distribuidora S.A.

Distribuição Exclusiva em todo o Brasil

ASSINATURAS E PUBLICIDADE

Rua das Garças nº 67, Centro
Caixa Postal 2182, Agência Rodoviária,
79.021 Campo Grande - Mato Grosso do Sul,
Fone (067) 382 7246 (Horário Comercial).

PSI-UFO, Revista Brasileira de Parapsicologia e
Ufologia, é uma publicação do Centro para
Pesquisas de Discos Voadores (CPDV), Caixa Postal
2.182, 79.021 Campo Grande (MS), especializada na
pesquisa e divulgação científica da Ufologia e da
Parapsicologia. O conteúdo de PSI-UFO é
determinado pelo CPDV e não representa
necessariamente sua posição oficial ou de sua
Diretoria. Material e colaborações para publicação
devem ser enviadas a/c da Redação, para o
endereço acima, e estão sujeitas à redução e
adequações quanto à estilo, espaço e objetividade.
Toda a colaboração é bem-vinda. Manter
recebidas não serão devolvidas e se usadas em
alguma publicação do CPDV, serão registradas
contra violações. Não publicamos matérias pagas
nem autorizamos qualquer indivíduo ou empresa a
usar nosso nome. Para assinaturas, multiplicar
preço de capa por 12; para números atrasados, o
preço válido é o do último exemplar editado.
Informações sobre filiação ao CPDV, conferências e
cursos, uso de material e reprodução de arquivos,
entre outros assuntos, podem ser obtidos no
endereço acima. Reprodução do conteúdo de PSI-
UFO somente mediante autorização escrita do
Editor ou citando-se corretamente a fonte, o nº e
data do exemplar.

Número 02 - Outubro 86

Imagem 30: Editorial expediente e índice da edição nº 6, de maio/junho de 1987

PSI-UFO

Órgão oficial de divulgação do
CENTRO PARA PESQUISAS DE DISCOS VOADORES
COC 15.570.518/0001-38 Insc. Est. 28.228.214/8
Insc. Mun. 04.020.400

EDITORA NOVA CIÊNCIA

EXPEDIENTE:
A. J. Gevaerd, *editor*

Carlos Alberto Reis, Luiz Gonzaga Scorтеcci de Paula e
Mário Amaral Machado, *co-editores*
Irene Gránchi e Antonio Hunneus,
coordenadoras internacionais
Philippe Plet van Putten,
coordenador de parapsíquicas
Adilson Machado, Iracema C. Pires e Dicolécio Luz,
jornalistas responsáveis

CONSULTORES:
Alemar Eugênio de Melo, Alfredo Maccay de Al. Uchida,
Américo Paoliello Marques, Claudir Covo, Ernesto Bone,
Gerardo S. Sarti, Glória Lintr Machado, Henrique Rodri-
gues, Jaime Lauris, J. J. Horta Santos, J. Victor Soares,
Marta Julia M. Prieto Pires, Ney Prieto Pires, Océlio
Melo Mendes Ulyssés, Raul Pessoa Sobral, Ubirajara F. Re-
driguius, Walter de Rosa Borges, Waldo Vieira.

COLABORADORES:
Abigail M. Caracili, Alberto Romero, Álvaro Fernandes,
Antonio Faleiro, Antonio J. Thor, Arismaris B. Dias,
Basílio Baranoff, Carlos A. Jacob, Carlos A. Machado,
Carlos V. Gonçalves, Cláudio A. Caparelli, Daniel Rebelo
Gusso, Edson A. Rocha, Edson Salgueiro, Geerson Manoel
de Brito, Harbert Espany, Ivó Cyro Caruso, Jean Alencar,
Jefferson O. e Silva, Laércio B. Fonseca, Luiz Carlos
Franco, Luiz F. Viana Mendes, Luiz do Rosário Reis,
Marco A. Petit de Castro, Marcos Silva, Maria de Glória
Frêre Meiro, Neyda Ulyssés, Ozni Schwarz, Osvaldo
Cordeiro, Paulo Kronemberger, Pedro Durelli, Rafael Du-
rá, Reginaldo do Althayde, Roberto Amaro Lucena, Ro-
berto A. Beck, Sorila M. Trijo Alves, Vicente Ambrósio
Jr.

DEPARTAMENTO DE ARTE:
A. J. Gevaerd, Jamil Váta-Nova e
Marlius Americana do Brasil (responsáveis),
Rodval Matias (consultor).

SERVIÇOS EDITORIAIS:
Revisores: Julieta Kolling Maciel e Adelaíno dos Anjos;
Secretárias: Márcia Garcia, Rosana Fiorentino e Luciene
Cezário; **Acessoria Jurídica e Contábil:** Aldo J. S. De-
miniques, Levy Serrou Camy; **Composição:** Edição Extra
Linha; **Fotocomposição:** Jornal da Manhã Ltda.; **Fotolito:**
Fotilites Artes e Lintas; **Impressão e Acabamento:**
Gráfica Editora Alvorada Ltda.; **Distribuição Exklusiva**
para todo o Brasil: Formando Chinafina Distribuidora S.A.;
Rio de Janeiro: Criação de capa e diagramação: A. J. Ge-
vaerd.

ASSINATURAS E PUBLICIDADE:
Rua Couto de Magalhães, nº 84, Jardim dos Estados;
Caixa Postal 2182, Agência Rodoviária, CEP 78071;
Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Preço de assinatura anual: 12 vezes o preço de
capa desta edição; Exemplos atrasados
igual ao preço de capa desta edição.

PSI-UFO (Revista Brasileira de Parapsicologia e Ufo-
logia) é uma publicação do CENTRO PARA PESQUISAS
DE DISCOS VOADORES (CPDV), EDITORA NOVA
CIÊNCIA, Caixa Postal 2182, 78071 Campo Grande (MS),
especializada na pesquisa e divulgação científica da Ufo-
logia e Parapsicologia, como formas alternativas, para-
científicas, de conhecimento. O conteúdo de PSI-UFO é
determinado pelo CPDV mas não representa, necessa-
riamente, sua opinião ou posição, ou de sua Diretoria. O
direito do CPDV atua como editor de PSI-UFO, nas for-
mas estabelecidas pelos Estatutos da Entidade. Material e
colaborações para publicação devem ser enviados à Fi-
liação, para o endereço acima, e estão sujeitos à adapta-
ção e reduções quanto à estilo e clareza. Toda a participa-
ção de leitores é bem vinda e apreciada. Manuscritos re-
cebidos não serão devolvidos e se usadas em alguma publi-
cação do CPDV, serão registradas contra violações, de
acordo com a Lei. Não publicamos matéria paga. Repro-
dução do conteúdo de PSI-UFO somente com autoriza-
ção escrita do Editor, ou citando-se a fonte, para casos
posteriores: à 100 palavras.

Uma Revista Sulmatogrossense
para todo o Brasil.
Integralmente Editada e
Produzida em Campo Grande.

 **CPDV**

PSI-UFO

EDITORA NOVA CIÊNCIA
NÚMERO 06 - MAIO/JUNHO DE 1987 - ISSN 0102-7417

- 04** UFOLOGIA: 40 ANOS SEM
DEFINIÇÃO E ASSIMILAÇÃO PELA
HUMANIDADE
- 06** A POSIÇÃO DOS UFÓLOGOS
BRASILEIROS SOBRE O FENÔMENO
UFO
- 11** OS FENÔMENOS PARANORMAIS
NO CONTEXTO RELIGIOSO
- 16** ATIVIDADE UFOLOGICA NO
INTERIOR DE MINAS GERAIS
- 19** CONTATO DE 3.º GRAU
INVESTIGADO DO RIO GRANDE DO
SUL
- 20** OVNI'S SEQÜESTRAM JOVEM EM
FORTALEZA, CEARÁ
- 24** PSI-UFO ENTREVISTA LUIZ
GONZAGA SCORTECCI DE PAULA
- 29** A RESPOSTA DE PSI-UFO E
GEVAERD ÀS DECLARAÇÕES DE
LUIZ GONZAGA
- 32** CONTRIBUIÇÕES UFO E PSI DOS
LEITORES

- 04.....**editorial**
22.....**assine PSI-UFO/TEMAS AVANÇADOS**
24.....**serviços de assinatura**
36.....**filiação ao CPDV**
38.....**cartas dos leitores**
40.....**experiências dos leitores**
42.....**bibliografia**
43.....**anuncie em PSI-UFO**

CAPA: GEVAERD

REVISTA PSI - UFO

3

Fonte: *PSI-UFO*, ed. 6, 1987, p. 3

Essas mudanças explicam-se pelas mudanças na direção do Departamento de Arte da revista, que na edição nº 1 pertenceu a Rodval Matias, desenhista e cartunista natural de Belo Horizonte, passando para Alexandre Souza Farias nas edições 2, 3 e 4; e por fim terminando

com A.J Gevaerd nas edições 5 e 6. Gevaerd também foi o responsável por todas as capas da revista e passou a se responsabilizar pela diagramação. Isso evidencia uma decomposição dos setores técnicos da revista, que inicialmente estavam nas mãos de profissionais da área, e em seus números finais, recaiu sob a tutela de Gevaerd. Não obstante, a qualidade técnica das capas e da revista caiu conforme esses profissionais foram deixando a mesma. No tocante aos bastidores de um periódico e a variedade de colaboradores, Tânia Regina de Luca considera as redações espaços plurais onde se verificam dinâmicas que reverberam não somente no aspecto intelectual do periódico, mas também em sua composição estética:

As redações, tal como salões, cafés, livrarias, editoras, associações literárias e acadêmicas, podem ser encaradas como espaços que aglutinam diferentes linhagens políticas e estéticas, compondo redes que conferem estrutura ao campo intelectual e permitem refletir a respeito da formação, estruturação e dinâmica deste. Nesta perspectiva, o sumário que se apresenta ao leitor resulta de “intensa atividade de bastidores” (LUCA, 2008, p.141).

A organização técnica e estética da revista modificou-se a partir do estilo e das preferências de cada diagramador, editor e ilustrador, de modo que as concepções desses profissionais permearam o entorno da revista durante seu curso, refletindo em sua composição e organização interna e externa.

O número de páginas de *PSI-UFO* variou, mas manteve-se superior à das antecessoras: 48 páginas na 1ª, 2ª e 3ª edições; 44 páginas em suas edições 4 e 6; e 40 páginas na edição 5. Esse número é compreendido pela nova e arriscada proposta da revista: uma junção das temáticas da *Ufologia* e da *Parapsicologia*, que acarretariam num aumento no número de páginas. Segundo o coeditor Mario A. Machado, na edição inaugural, o ideal motor desta mudança seria fundir (sem confundir) Parapsicologia e Ufologia (MACHADO, 1986, p.7).

Mas será que esta estratégia teria sido bem-sucedida? Para isso, analisar-se-á o corpo editorial da revista: no cargo de editor chefe manteve-se Gevaerd, já que este também presidia o CPDV, responsável pela publicação da *PSI-UFO*. Como coeditores tentou-se criar um corpo que representasse os segmentos da revista de forma igualitária: Mário Amaral Machado, jornalista, formado em letras pela Universidade de Nancy e Engenharia Operacional pela Aeronáutica e criador o Instituto Brasileiro de Investigação da Sobrevivência – IBIS⁵⁸.

⁵⁸ O Instituto Brasileiro de Sobrevivência – IBIS foi fundado em 1988 por Mario Amaral Machado e sua esposa, a médica psiquiatra e parapsicóloga Gloria Amaral Lintz, e baseava-se em pesquisas sobre a continuidade da mente após a morte.

Falecido em 2006; Luiz Gonzaga Scortecci de Paula, arquiteto, entusiasta da ufologia e da parapsicologia, organizador Projeto Aurora⁵⁹. Falecido em 15 de julho de 2022; Carlos Alberto Reis, paulista, designer gráfico, e microempresário em Juiz de Fora. Passou a atuar como ufólogo a partir da década de 1970, e foi articulista da revista *Planeta*.

Tanto Gonzaga quanto Reis eram ufólogos que se identificavam com aspectos da parapsicologia; Machado era o único que priorizava unicamente a parapsicologia. Esse equilíbrio também se dispunha no conteúdo da revista, embora houvesse uma disparidade da ufologia em relação à parapsicologia nas matérias principais das edições, o que contrariava as expectativas da revista em equilibrar as abordagens: das seis edições de *PSI-UFO*, em três (ed. 1, 3, 6) a ufologia foi a temática preponderante da edição; a parapsicologia foi a principal temática em apenas uma edição (ed. 4); e em duas houve uma mesclagem das abordagens (ed. 2, 5). Vale relembrar que a revista era o panfleto oficial de divulgação e editada pelo CPDV (Centro de Pesquisas de Discos Voadores); e se destaca a ausência de entidades da parapsicologia no corpo editorial da revista, como ocorria com a *Parapsicologia Hoje*.

A *PSI-UFO* foi concebida como uma junção de duas abordagens próximas e idealizada sob altas expectativas. Entretanto, qual teria sido o impacto desta mudança no público leitor? Segundo Mário Amaral Machado, aqui nomeado como Doutor, embora não apresentasse formação de doutorado e um dos principais nomes por trás de *PSI-UFO*:

O estudioso da Parapsicologia é, via de regra, um estudioso da UFOlogia, porque ambas as ciências são ciências de vanguarda com as mesmas e intensas motivações em relação aos espíritos sensíveis à ação renovadora dos tempos que estamos vivendo (MACHADO, 1986, p. 7).

Teria sido essa a visão dos leitores? A seção *Carta dos leitores*, da edição nº 1, de setembro de 1986, apresentou vigorosas opiniões do público consumidor de ambas as revistas, com a ampla maioria dos leitores apoiando a junção das mesmas, embora dois houvessem discordado da decisão:

⁵⁹ O Projeto Aurora foi uma iniciativa de Luiz Gonzaga Scortecci de Paula de construções de estações celestes ao redor do Brasil a partir de previsões apocalípticas de Gonzaga, que angariou adeptos e compradores de lotes para construção dessas casas. Com a não-realização dessas previsões, gradativamente o projeto foi abandonado durante a década de 1980

Imagem 31: Carta de Neuzi Bragança, da ed. nº 1; uma das leitoras que criticaram a união das duas revistas

Prezados Senhores: No número 9 de UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL, deparei-me com duas páginas inteiras preocupadas em convencer o leitor que esta revista seria extinta para dar lugar à uma outra, "bem mais completa e sofisticada". Ora, essa! Eu nunca vi piada tão intolerante assim, já que estamos acostumados a golpes como este, para burlar a reforma econômica e o congelamento dos preços. Desejo expressar meu veemente desaprovação por esta atitude que, tenho certeza, foi tomada para burlar a estabilidade social, reformando "desavergonhadamente" um produto para elevar seu preço, que, arrisco um palpite, será de Cz\$ 18,50. Meus sinceros pêsames. Neuzi Bragança, Goiânia (GO).

Fonte: *PSI-UFO*, edição nº 1, 1986, p. 44.

Esta seção é característica por apresentar opiniões, comentários e visões trazidos pelo público leitor sobre as edições ou assuntos das reportagens. Pode conter críticas e elogios, e sua seleção é feita pelo editor-chefe. A presença de opiniões contrárias, assim, evidenciava uma preocupação da revista e dos editores em se manterem como democráticos e respeitosos com opiniões discordantes. Dessa forma, o comentário da leitora demonstrava os enormes desafios que esta fase da revista carregou ao propor esta junção de temáticas que são próximas, mas independentes uma da outra, e que poderiam se chocar e desagradar os leitores de ambas as antigas revistas; e principalmente, escancarou o caráter mercadológico e comercial em torno da junção de *PSI-UFO*, já que duas revistas se fundiram, tornando-a mais cara ao consumidor e otimizada do ponto de vista estrutural a seus editores. Ou seja, fundindo as revistas, os custos se barateariam e a escalada dos preços seria justificada para mantê-la em funcionamento. Uma incrível jogada comercial do CPDV.

Nesta capa observa-se o equilíbrio da parapsicologia, da ufologia e demais conteúdos esotéricos, aproximando-se da abordagem pretendida por *PSI-UFO*. Além disso, a decomposição de cores quentes presente na capa, destacando ao centro a imagem de Blavatsky, é característica dos volumes que se dedicavam a temáticas psíquicas e parapsicológicas, variando conforme a abordagem da edição. As edições que se dedicavam à ufologia eram identificadas com cores frias, como o azul. As que abordavam temáticas relacionadas à espiritualidade eram vistas com a cor verde. No sumário da edição nº 13 foram detalhados os temas em tópicos.

Imagem 33: Sumário da edição nº 13 da revista *Inexplicado*, destacando as matérias abordadas nesta edição

SUMÁRIO DESTA EDIÇÃO

ALQUIMIA
209 Sexo e simbolismo

TEOSOFIA
213 A ousadia de ser deus

A REENCARNAÇÃO
218 Memórias, sonhos ou invenções

ARQUIVO OVNI
222 ETs do dia e da noite

PLANO DA OBRA

INEXPLICADO é uma obra publicada em fascículos semanais, formando no final uma valiosa coleção de volumes encadernados. Cada fascículo contém 16 páginas internas (miolo) e 4 capas. As capas são descartáveis. Os miolos deverão ser encadernados a cada 15 fascículos.

COMO ENCADERNAR

Os volumes de **INEXPLICADO** são formados, cada um, por 15 mi-

Fonte: *Inexplicado*, edição nº 13, 1985, sumário.

A matéria principal desta edição sobre a teosofia, “a ousadia de ser deus”, se conectava aos preceitos desta crença, que acredita que tudo é Deus. Na teosofia não se admite

a figura de um Deus potente e poderoso presidindo a formação de tudo. Deus seria o Princípio Transcendental Supremo, chamado de Logos Cósmico (RINALDI, 2003, p. 11). Sendo assim, a “ousadia de ser deus” reverberava a crença desafiadora da teosofia de se contrapor à ideia universal de divindade e à teologia cristã.

De circulação semanal, outra característica distinta deste fascículo residia na coloração interna da edição, totalmente colorida, que não ocorria nas revistas do CPDV. A isso explica-se por ter tido um conteúdo menor de páginas, pelo fato de haver um grupo editorial relativamente grande por trás, o grupo Cultura e Educação, e pela revista estar situada no eixo Rio-São Paulo.

O preço das edições de *PSI-UFO* sofreu modificações como suas antecessoras. Variou de 16.000 Cz\$, na primeira edição (quase acertando a aposta da leitora Neuzi Bragança), para 33.000 Cz\$ na edição final. A variação do preço, que dobrou entre a primeira e a última edição, demonstrava a aguda volatilidade da inflação naquele período, na era dos fiscais de Sarney (AVERBUG, 2006, p. 221), em que os preços oscilavam bruscamente num mesmo dia, tornando os mesmos obsoletos até o findar do mês, mesmo com a ação fiscalizadora dos agentes dos governos nos mercados. Nesse contexto, a revista passou a investir e estimular as assinaturas anuais e bianuais da *PSI-UFO*, que também oscilaram:

Tabela 3: Preços anuais e bianuais de *PSI-UFO*

Edição	Preço
Edição 1 (setembro de 1986)	Sem informações
Edição 2 (outubro de 1986)	Anual: Cz\$ 153,60 Bianual: Cz\$ 268,80
Edição 3 (novembro/dezembro de 1986)	Anual: Cz\$ 201,60 Bianual: Cz\$ 352,80
Edição 4 (janeiro/fevereiro de 1987)	Anual: Cz\$ 226,80 Bianual: Cz\$ 403,20
Edição 5 (março/abril de 1987)	Anual: Cz\$ 356,40 Bianual: Cz\$ 633,60
Edição 6 (maio/junho de 1987)	Anual: Cz\$ 356,40 Bianual: Cz\$ 633,60

Fonte: *PSI-UFO*

O preço das assinaturas anuais e bianuais variou o dobro em menos de 6 meses, gerando reclamação generalizada no público leitor. Para a revista, havia vantagem das assinaturas anuais e bianuais em razão de haver a movimentação de um montante considerável de caixa, que poderia dar sobrevida à revista nesses períodos difíceis, apontando a preocupação dos editores em criar estratégias para sanar estas dificuldades econômicas. Para o público leitor, entretanto, não havia segurança em contratar esse serviço, já que não havia a segurança de que o produto seria entregue, de que a revista sobreviveria por todo esse tempo e honraria seus compromissos editoriais. O passado os condenava.

O processo de finalização da *PSI-UFO* começou a dar sinais na revista a partir da edição nº 5, de março/abril de 1987, com um editorial escrito por Gevaerd intitulado “PSI-UFO: O que há por trás dessa revista?”. Neste editorial, Gevaerd apresentou um panorama geral dos bastidores da revista, apontando seu modo de produção, o orgulho e as principais qualidades da imprensa ufológica, ressaltando a importância das três revistas no sentido de alavancar e publicizar os inúmeros grupos ufológicos e parapsicólogos no país. Reconheceu também as inúmeras dificuldades econômicas do período para manter as revistas em funcionamento:

Como *PSI-UFO* não possui publicidades (que é o que mantem todas as publicações do mundo) e como não temos gráfica própria – o que nos obriga a usar empresas *que tem que ter seu lucro sobre nosso produto* - (grifo do autor) e isso já vem desde UFOLOGIA e PARAPSICOLOGIA, só temos duas opções: ou andamos no “vermelho” ou não simplesmente não andamos. E, se andamos no vermelho, estamos sempre nos arriscando a não sair mais dele. Neste caso, melhor seria optar pela segunda alternativa, do que ser inevitavelmente tragado por ela! (GEVAERD, 1987, p. 5)

As publicidades presentes em *PSI-UFO*, periódicas e ocasionais, assim como as de suas antecessoras, evidenciavam que empresas e anunciantes tinham receio de publicizar seus produtos em uma revista dessa natureza, liquidando as possibilidades de lucro e recursos para manter a revista em funcionamento.

A vendagem, outra forma de arrecadação, não supria as necessidades, visto que, neste artigo, Gevaerd comentou que cerca de 18 mil exemplares de *PSI-UFO* eram lidos no Brasil inteiro, sendo 15 mil de vendas e 3 mil de assinaturas (GEVAERD, 1987, p. 4), o que gerava um montante aproximado de 594 mil cruzados bimensais, insuficientes para fazer a revista deixar de andar no vermelho (GEVAERD, 1987, p. 5) devido a altos custos de produção.

Na edição nº 6, a edição final, embora não tenha sido anunciada como tal, um outro indicativo de que a revista caminhava para seu fim foi um conflito público ocasionado por uma polêmica entrevista do coeditor Luiz Gonzaga Scortecchi de Paula para Dioclécio Luz, jornalista e à época correspondente do CPDV em Brasília. Nesta entrevista, De Paula teceu opiniões duras sobre a revista e a ufologia num aspecto geral, suscitando numa intervenção de Gevaerd para rebater a argumentação do coeditor de *PSI-UFO* logo ao final do texto.

Na seção *EntreVista*, De Paula reclamou de um artigo publicado pela *PSI-UFO* na ed. nº 2, onde discutia-se o perigo de linhas fanáticas da ufologia, o que a revista nomeou como *ufolatria*, neologismo que, etimologicamente, seria uma forma de culto e adoração de Ovnis. De Paula considerou que

Eu acho que aquele artigo foi um descuido editorial. Talvez devesse circular para os leitores, mas como uma coisa independente, algo que jamais ficasse nos arquivos e na história da *PSI-UFO*. Parece-me um acidente do editor, e que resultou na promoção do grupo ufólotra (LUZ, 1987, p. 27)

O artigo mencionado, denominado “Ufologia: separando o científico do misticismo”, escrito pelo ufólogo e analista de sistemas Osni Schwarz, denunciou o perigo que seitas ufológicas mal-intencionadas oferecem não só a entusiastas da ufologia e pessoas sensíveis, como apontado no texto, mas também a própria área, que ficava refém de farsantes, descredibilizando a ufologia como um todo. O artigo foi mais um atestado da preocupação da ufologia brasileira na década de 1980 em ser vista como uma área de conhecimento confiável em detrimento de figuras e entidades pouco críveis.

De Paula queixou-se especialmente por ver o texto como uma crítica velada à atuação do Projeto Aurora, comandado pelo mesmo:

Absolutamente eu não concordo com essa generalização, de um caso isolado de ufolatria o autor faz julgamento sobre tudo que existe. O próprio PA sofreu a desmistificação. O Projeto nunca teve doutrina, mas muita gente chegou a dizer que chegou a dizer que ele determinava isso e aquilo (LUZ, 1987, p. 27)

Em seguida, De Paula centrou sua crítica na falta de cientificidade da ufologia e ausência de formação científica para ufólogos:

Pelo menos por enquanto não existe um fórum científico no Brasil. Você encontra engenheiros, médicos, psicólogos, mas gente da área de Ufologia científica com formação você não encontra. E acredito que para fazer Ufologia científica, você tem que trabalhar rigorosamente dentro dos

cânones que a ciência determina; inclusive a nível de formação profissional (LUZ, 1987, p. 27).

E, o mais polêmico, criticou a ação de entidades da ufologia ao considerar, assim como a parapsicologia, de que essas instituições são de uma pessoa só (LUZ, 1987, p. 27), fazendo alusão não só ao CPDV mas também às próprias revistas do Centro, além de um enrijecimento da linha editorial de *PSI-UFO*:

De Paula: O sujeito cria uma entidade e ele é o presidente, secretário, tesoureiro e o único pesquisador. É o único arquivista, e seu arquivo é particular, fechado, lacrado ao público. É ele quem cobre as despesas; no máximo tem dois ou três auxiliares, amigos pessoais, que colaboram. São instituições famosas. A ufologia brasileira está cheia disso

PSI-UFO: Dê um exemplo. Nomes, quero nomes...

De Paula: Eu acho que, dada a sua responsabilidade, o primeiro a ser citado é o CPDV (Centro de Pesquisas de Discos Voadores) ...

O CPDV é um grupo imenso, com associados no Brasil inteiro, mas não é um grupo de pesquisadores. [...] Consideram-se o maior grupo de pesquisadores do país, mas não fazem pesquisa.

[...] A revista está em cima do muro. E por isso reflete muito bem a falta de objetividade da pesquisa no Brasil. A *PSI-UFO* não consegue nem atender o público interessado no assunto.

[...] **PSI-UFO:** Falta-lhe uma linha editorial?

De Paula: Exatamente. [...] A revista hoje, tentando manter esse aspecto formal, confunde seriedade com complicação e fornece a informação intraduzível para quem busca. É muito fechada, hermética, cheia de termos pesados. [...] Ela é repetitiva, insistindo nos temas que os pesquisadores estão cansados de ver; raramente, vêem algo novo (LUZ, 1987, p. 27-28)

A respeito da figura de Luiz Gonzaga Scortecchi de Paula, o mesmo era o mais proeminente defensor da criação de um método científico da ufologia dentro do CPDV. Para ele, a ufologia só alavancaria no momento em que os ufólogos adotassem critérios rígidos e precisos em sua pesquisa. Concomitante a essa preocupação, De Paula comandava o Projeto Aurora, uma iniciativa de construção de áreas de abrigo para uma suposta catástrofe que se avizinhava conforme a chegada do segundo milênio.

Uma atuação em um projeto recheado de misticidade e conspiracionismo versus uma defesa de aportes científicos e metodológicos para a ufologia, De Paula era um exemplo das inúmeras contradições da junção de *Ufologia* e *Parapsicologia* em torno de *PSI-UFO* e do próprio caráter da ufologia como campo de conhecimento. Suas críticas ecoaram ainda na edição, com a incomum intervenção de Gevaerd, que, citado indiretamente, tentou rebater os argumentos do entrevistado:

Em primeiríssimo lugar, devo começar discordando de sua opinião sobre o CPDV, ou seja, de que ele é uma entidade imensa e, ao contrário do que deveria, segundo Luiz, não se dedica à pesquisa, o que me leva a “segurar tudo sozinho”[...] O CPDV, durante este período todo, reuniu uma quantidade imensa tão espantosa de material ufológico que, assim como costume dizer a quem nos visita, brincando, se a Ufologia acabasse hoje, e não existissem mais UFOs, teríamos material e informações suficientes para fazer mais um 20 anos de revistas... Já a quantidade de pessoas que reunimos, e os talentos que possuem é enorme: termos desde contínuos office-boys, até doutores em Física Nuclear, astrônomos, pilotos, engenheiros, passando por artistas, autoridades, vereadores, etc. [...] Já quando Luiz Gonzaga diz que PSI-UFO é repetitiva porque bate encima de teclas que os pesquisadores nos setores UFO e PSI no Brasil estão fartos de ver, evidencia que não fazemos revista pensando exclusivamente nos pesquisadores (traduza-se por aqueles já participantes dos movimentos UFO e PSI há um bom tempo, na grande totalidade representantes, colaboradores e consultores da própria PSI-UFO), mas também e principalmente nos iniciantes (GEVAERD, 1987, p. 29-30)

É curioso notar o teor dessa entrevista e as razões dela ser publicada. Logo no início da edição, Dioclécio Luz argumentou de que essa entrevista seguida de resposta é a primeira tentativa de *PSI-UFO* em agilizar seus diálogos com o imenso público leitor e esperava-se que isso fosse apreciado pelo mesmo (LUZ, 1987 p. 24). Porém, mais do que um fomento de debate público e discussão de ideias, esta entrevista se caracterizou mais como uma *lavação de roupa suja* e sinal de litígio dentro do corpo editorial da *PSI-UFO*, e que em vez de ressaltar a pluralidade de pensamentos e ideias do periódico, evidenciou crises pelas quais o mesmo estava passando. O fato de essa entrevista vir na edição final torna essas conjecturas ainda mais evidentes.

Assim, foi de forma completamente tensa e conflituosa que *PSI-UFO* encerrou suas atividades, sem comunicar o fato a seus leitores, sem dar satisfação a seu público consumidor, e às vésperas de uma nova tempestade econômica: em 12 de junho de 1987 foi lançado o Plano Bresser, nome pelo qual ficou conhecido o conjunto de medidas econômicas lançado pelo ministro da Fazenda Luís Carlos Bresser Pereira com o objetivo de conter a inflação (CPDOC, 2009). Assim como os demais planos, de início conseguiu conter a inflação devido ao choque fiscal, mas, após enormes dificuldades econômicas e fracasso em implementar suas medidas de forma integral, Bresser pediu demissão do Ministério da Fazenda em dezembro de 1987, pondo fim ao plano econômico com a inflação ainda alta. A imprensa ufológica ficou novamente em silêncio até março de 1988, com o lançamento de mais uma tentativa editorial: a revista *UFO*.

CAPÍTULO III

“ASSIM CAMINHA A UFOLOGIA BRASILEIRA”: EXPANSÃO E CONTINUIDADE DA REVISTA UFO (1988-1996)

3.1. “Fenômeno UFO: Hora de mudanças”: qual o destino da ufologia brasileira? (1988-1993)

UFO se tornou a quarta revista lançada sob o selo do CPDV no intuito de divulgar a ufologia no Brasil. A primeira fase da revista que se iniciou com o lançamento da edição nº 1, em março de 1988, foi caracterizada pela contínua instabilidade nas publicações, ainda flutuantes de acordo com o vai e vem da economia. Os anos de 1989 e 1992 foram os mais conturbados, com a publicação de apenas dois números. Gradativamente, porém, a revista conseguiu se recuperar, atingindo a inédita marca de 30 edições em maio de 1994, conforme se avançava o programa econômico do Plano Real⁶⁰.

O período de 1988-1993 foi caracterizado por um arrefecimento da ufologia do noticiário nacional e internacional, com a ocorrência de casos com pouca ou nenhuma repercussão, nada comparado aos estridentes casos da década de 1980, além de poucos produtos culturais temáticos, como filmes, séries, músicas de temática extraterrestre⁶¹. Com isso, o conteúdo abordado por *UFO* tornou-se redundante, insistindo em narrativas de supostos aumentos de avistamentos no mundo, ao passo que começou a explorar mais a casuística ufológica regional, de Mato Grosso do Sul.

A revista foi apresentada como uma publicação mensal, ainda que publicasse números bimestrais, e era editada sob responsabilidade do Grupo Editorial Paracientífico (GEP), com consultoria técnica do CPDV. O Grupo Editorial Paracientífico foi uma empresa fundada por Gevaerd em janeiro de 1988 especialmente para o lançamento de *UFO*, e até maio de 1991 foi

⁶⁰ Em maio de 1993, com a nomeação de Fernando Henrique Cardoso para o Ministério da Fazenda, teve início a montagem de um programa econômico que revelaria grande eficácia em matéria de combate à inflação e resultaria no alinhamento de aspectos centrais da política econômica do país ao modelo de estabilização e integração internacional que vinha sendo aplicado em outros países da América Latina, particularmente no México e na Argentina. O programa econômico ficou conhecido como Plano Real, sendo o real a nova moeda brasileira. Ver: BATISTA JUNIOR, Paulo Nogueira. *O Plano Real à luz da experiência mexicana e argentina*. IN: ESTUDOS AVANÇADOS 10 (28), 129-197, 1996

⁶¹ Embora poucos filmes ou séries com temática extraterrestre tenham alcançado sucesso comercial e crítico neste período, o filme “Fogo no céu”, de 1993, é digno de nota pois é uma obra que dramatiza um dos maiores casos de abdução dos Estados Unidos: o caso Travis Walton, de 1975.

responsável pela publicação do periódico. A fundação dessa empresa por trás do novo lançamento servia para dar roupagem editorial/científica à *UFO* e diminuir a influência do CPDV dentro do periódico, já que um dos pontos criticados nas experiências anteriores era a linguagem “protocientífica” e pouco aberta a iniciantes. Posteriormente, o CPDV novamente toma a frente da função editorial de *UFO*. Salienta-se, entretanto, pouco se modificou na estrutura interna ou no conteúdo da revista durante a supervisão do GEP.

As críticas face à linha editorial de *PSI-UFO* feitas pelo coeditor Luiz Gonzaga Scortecchi de Paula em entrevista na edição nº 6 da supracitada revista ecoaram na primeira edição de *UFO*, lançada em março de 1988, três anos após o lançamento de *Ufologia*, e cerca de nove meses após o último lançamento do CPDV. De Paula, na entrevista concedida a Dioclécio Luz, comentou que a linha editorial de *PSI-UFO* era fechada ao grande público e insistia em temáticas exaustivamente abordadas pelos ufólogos e parapsicólogos, mas incompreensíveis para os não familiarizados com os temas:

Ela teria que levar, de forma traduzida, acessível ao grande público – que é o grande potencial de mercado, no mínimo 10 milhões de pessoas – o pensamento oficial da *Ufologia* e de suas diversas correntes. [...] *PSI-UFO* deveria ser escrita para leigos e não para iniciados como nós. A revista hoje, tentando manter esse aspecto formal, confunde seriedade com complicação e fornece uma informação intraduzível para quem a busca (LUZ, 1987, p. 28).

Neste trecho, De Paula manifestava uma posição contrária à linha editorial da revista, que desperdiçava um público potencial com edições e matérias pouco inspiradoras, já que a revista não era direcionada a um público não familiarizado com a ufologia, e sim a pesquisadores. Esse não direcionamento a um público leigo à ufologia tornava a antiga revista incoerente, visto que a mesma se colocava como veículo de divulgação do pensamento ufológico e parapsicológico brasileiros. Porém, os leitores que outrora tinham contato com essas áreas tinham conhecimento das temáticas abordadas. Então, a revista continuava falando e escrevendo apenas para os seus, sem atingir audiência significativa.

A edição inicial de *UFO* atendeu a essa crítica sob uma tônica de mudança e, logo em suas páginas iniciais, apresentou uma seção com conceitos primordiais para se compreender a ufologia num aspecto geral direcionada a um leitor iniciante. A contracapa apresentou a seção em formato de glossário, de forma que tão logo o leitor abra a revista, seja apresentado à definição de conceitos e expressões que irá ter contato nas páginas seguintes:

O que você precisa saber sobre os discos voadores:

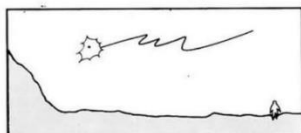
O termo UFO passou a ser conhecido mundialmente a partir dos anos 50 como abreviatura da expressão em inglês de "Objetos Voadores Não Identificados", ou simplesmente "OVNI", e representa o nome mais comum para se designar um objeto, nave ou veículo, normalmente tripulado, procedente do espaço exterior, construído e enviado por uma ou mais civilizações extraterrestres em estágio tecnológico superior: ao nosso para, segundo as teorias mais atuais, estabelecer-se conhecimento e contato com nossa sociedade.

Ao longo dos últimos 40 anos, já foram registradas mais de 1,5 milhão de observações de UFOs pelas forças armadas de pelo menos 133 países do planeta, o que significa que o fenômeno representa um dos eventos mais importantes para a Humanidade Terrestre neste século: a

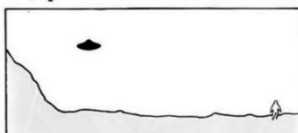
evidência de que não só não estamos sós no universo, como também de que outras civilizações adiantadas se interessam por nossa existência.

Embora não se saiba exatamente a procedência planetária destas naves, foram erigidos padrões de pesquisa e identificação do fenômeno UFO para que possamos acompanhar o desenvolvimento e comportamento deste evento. A área que se dedica a estudar os UFOs é conhecida como "Ufologia" e hoje é disseminada em todo o mundo. A Ufologia rotula as observações de UFOs de acordo com suas características e em grupos: são os chamados "contatos imediatos" com tais naves e/ou seus tripulantes que, segundo a definição do Centro para Pesquisas de Discos Voadores (CPDV), podem dar-se em até 6 diferentes maneiras.

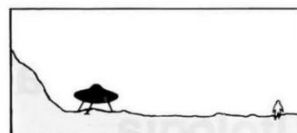
Tipos de contatos:



Contato Imediato de 0º Grau: é a ocorrência em que se observa um UFO a grande distância, o que impossibilita o observador de distinguir detalhes precisos sobre o aparelho.



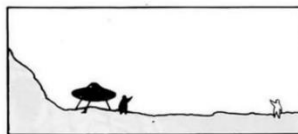
Contato Imediato de 1º Grau: é a ocorrência em que se observa um UFO a distância relativamente pequena, quando o observador é capaz de distinguir detalhes do aparelho, tais como forma, cores, trajeto, etc.



Contato Imediato de 2º Grau: é a ocorrência em que o UFO, em sua passagem ou manobras, provoca algum tipo de interação com o meio ambiente animado ou inanimado, na forma de queimadura de vegetação, reações fisiológicas em seres humanos ou animais, etc.



Contato Imediato de 3º Grau: é a ocorrência em que o observador é capaz de reconhecer a existência de ser ou seres extraterrestres, dentro, ao lado ou próximo ao UFO observado.



Contato Imediato de 4º Grau: é a ocorrência em que além de haverem seres ligados à observação do UFO, há ainda a comunicação entre estes e o observador, seja na forma falada, gesticulada ou mesmo telepaticamente.



Contato Imediato de 5º Grau: é a ocorrência de maior envolvimento entre o observador e os seres do UFO, onde há o ingresso daquele para o interior do objeto, seja amistosa ou forçadamente.

Ilustração Zito

O que é o Centro para Pesquisas de Discos Voadores (CPDV):

O Centro para Pesquisas de Discos Voadores (CPDV), responsável técnico por esta publicação, é uma organização aberta à participação de todos os interessados na dissolução do mistério que envolve os UFOs, assim como na aplicação prática de conhecimentos adquiridos em pesquisas, estudos, investigações e eventual intercâmbio que venha a ser travado com os emissários e as civilizações que nos visitam.

O CPDV é uma organização sem finalidades lucrativas ou participações religiosas ou políticas, cuja natureza é essencialmente científica e voltada para a análise profunda e completa de todas as características e aspectos da manifestação do fenômeno UFO. É atualmente a

maior organização brasileira de pesquisas ufológicas e a 5ª maior organização no gênero em todo o mundo.

O corpo filiativo do CPDV é composto por pessoas dedicadas à análise da questão, residentes em todo o Brasil e exterior, cujas capacidades e habilitações especiais são usadas na investigação do fenômeno UFO, através de atribuições e atividades estabelecidas pela Sede do CPDV. Seus filiados podem ser consultores, especialistas, representantes estaduais e municipais, investigadores de campo e coordenadores de pesquisa.

Solicitação para ingresso no CPDV pode ser feita através do endereço: Caixa Postal 2182, 79021 Campo Grande (MS); ou através de cupom existente no interior desta publicação.

Fonte: revista *UFO*, ed. nº 1, contracapa, 1988

A contracapa trazia o significado de UFO e OVNI, como as siglas, em inglês e português, para os avistamentos de objetos voadores de natureza desconhecida; apresentava, também, o marco temporal da ufologia contemporânea, há 40 anos à época remontando ao

caso Roswell; elencava os tipos de contato imediatos, entrando em consonância com a matéria principal desta edição: uma entrevista com Josef Allen Hynek, o proponente da escala Hynek para contatos imediatos com seres extraterrestres. E por último, trazia também, uma das entidades responsáveis pela publicação de *UFO*, o CPDV, e os meios de apoiá-la.

A partir desta edição de *UFO*, o GEP e o CPDV abandonaram a linha editorial dedicada à parapsicologia, concentrando esforços na abordagem da ufologia. Nesta fase da revista, inclusive, houve um esforço da revista em se portar como um manual de compreensão para um leitor não familiarizado com o campo ufológico, contextualizando a todo momento expressões e conceitos característicos da ufologia, reforçando os comentários de De Paula. Na seção *Conversa com o Leitor*, houve a explicação para o termo UFO, que denomina a revista, como a sigla em inglês para *unidentified flying objects*, traduzido em português para objetos voadores não identificados.

O uso da sigla em inglês, UFO, em detrimento da em português, OVNI, para intitular a revista não é explicado. O GEP passou a se referir à casuística ufológica repetidamente como “Fenômeno UFO”, em caixa alta, num intuito de referenciar a própria revista. Uma das hipóteses para a utilização do termo UFO como nome da revista em vez de OVNI, foi para diferenciar-se do periódico de Irene Granchi, *OVNI Documento*, de 1978. Outra hipótese foi a respeito da influência da revista de Josef Allen Hynek, *International UFO Reporter*, que foi anunciada na primeira edição de *Ufologia Nacional & Internacional*, em março de 1985.

Imagem 35: Anúncio de publicações internacionais de interesse da ufologia, presente na edição nº 1 de *Ufologia Nacional & Internacional*, destacando a *International UFO Reporter* no canto inferior direito (1985)

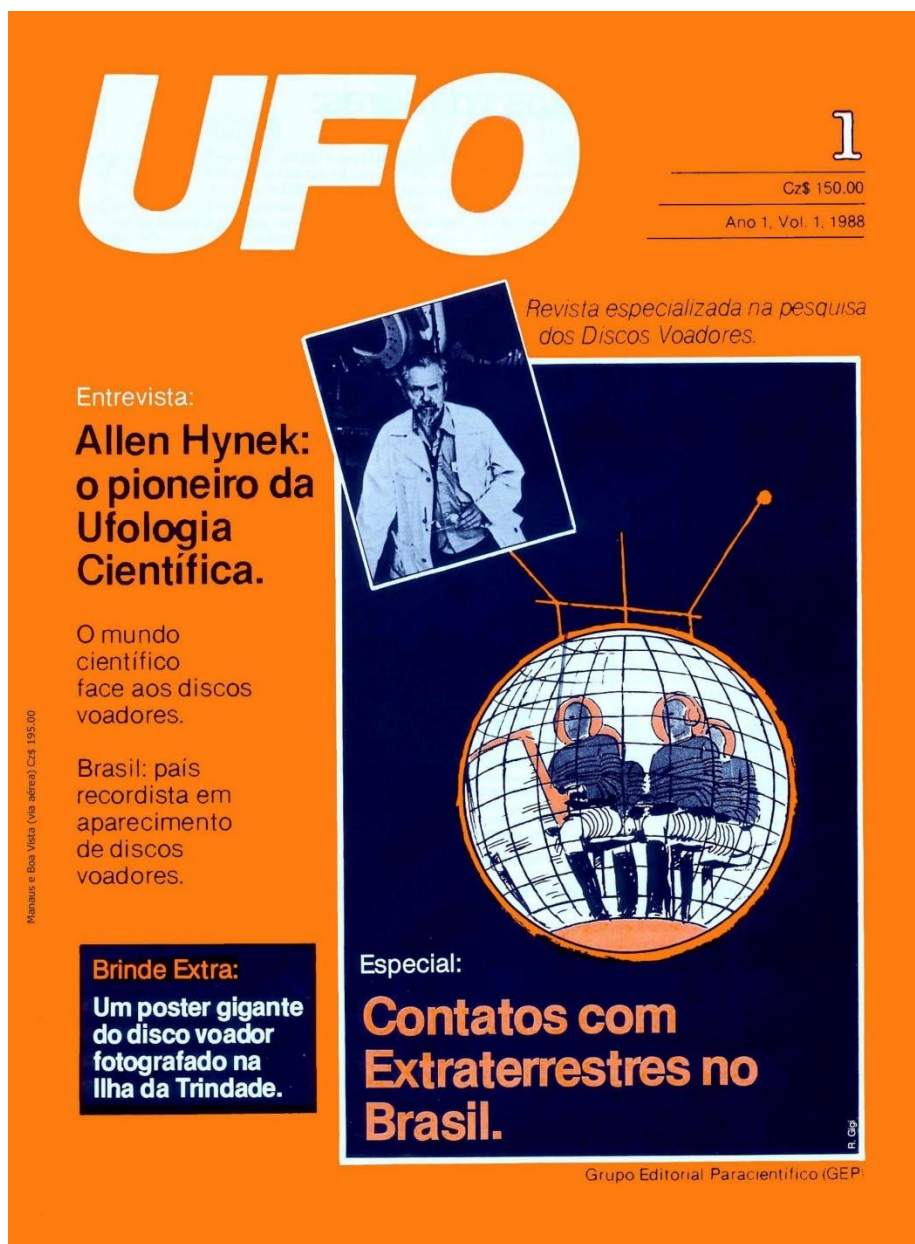
PUBLICAÇÕES

<p style="text-align: center;">AUSTRÁLIA</p>  <p>Boletim ilustrado mensal, editado por Dennis Stacy, escrito em Inglês, com 20 páginas. Preço: US \$ 16 a assinatura anual. Produzido por Mutual UFO Network, 103 Oldtowne Road, Seguin TX 78155 USA.</p> <p style="text-align: center;">EUA</p>  <p>Revista ilustrada bimestral, editada por Vladimir Godic, escrita em Inglês, com 34 pág. Preço: Aust. Dollar \$ 18 a assinatura anual. Produzido por UFO Research Australia, P. O. Box 229, Prospect, South Australia 5082, Australia.</p>	<p style="text-align: center;">CANADÁ</p>  <p>Revista bimestral ilustrada, editada por J. Allen Hynek, escrita em Inglês. 16 páginas. Preço: US \$ 30 a assinatura anual. Produzido pelo Center for UFO Studies, P.O. Box 1621, Lima OH 45802 USA.</p> <p style="text-align: center;">EUA</p>  <p>Boletim trimestral, editado por Marc Leduc, escrito em Francês e sem ilustrações. 12 páginas. Preço: \$ 15 a assinatura anual. Produzido por Corporation pour la Collection des Observations Inexpliquées, B. P. 161, Saint-Bruno QC J3V 4P9 Canadá.</p>
---	--

Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*, ed. nº 1, 1985, p. 15

Esta revista, bimestral e ilustrada, apresentava o título principal em destaque (UFO) com uma fonte semelhante à adotada não somente por *UFO* em seu lançamento e nos anos posteriores, mas também por sua antecessora. *PSI-UFO* utilizou a mesma fonte no título (verificar imagem 11), com a pequena diferença do itálico, ausente da revista de Hynek, mas herdado por *UFO*. A semelhança é evidente na primeira capa de *UFO*.

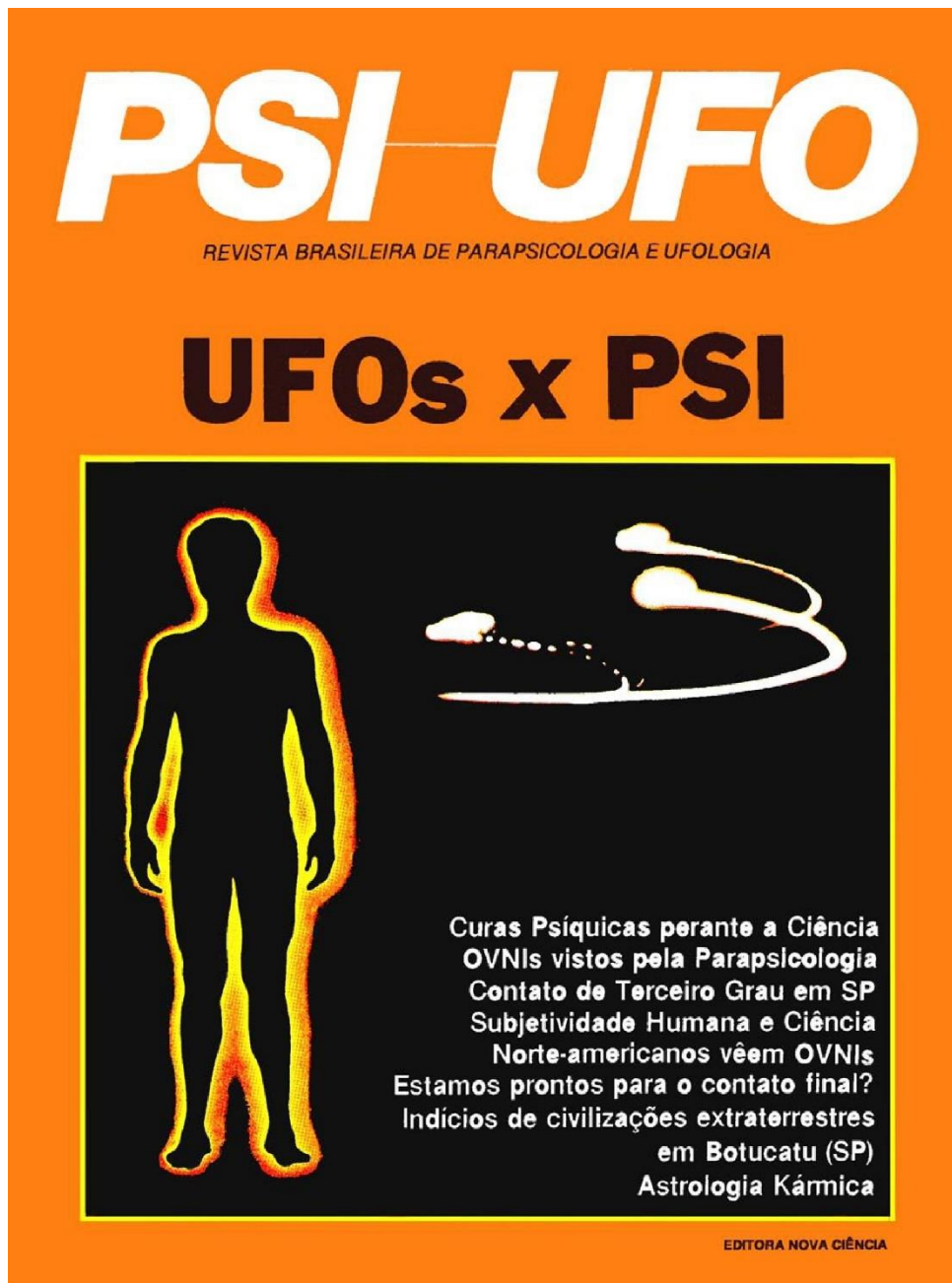
Imagem 36: Capa da primeira edição de *UFO*, de março de 1988



Fonte: *UFO*, ed. nº 1, 1988, capa

A partir desta capa, elenca-se a terceira hipótese para o uso do nome *UFO*: como uma forma de referenciar a revista antecessora, com uma ideia de continuidade, visto que ela mantinha elementos característicos de *PSI-UFO*, como o nome, o uso das imagens para ressaltar as matérias, a margem das capas, que eram idênticas e até mesmo a cor, que foi usada na edição nº 5, de março/abril de 1987 e repetida na edição inicial de *UFO*.

Imagem 37: Capa da ed. nº 5 de *PSI-UFO*, de março/abril de 1987



Fonte: *PSI-UFO*, ed. nº 5, 1987, capa

Ainda que haja semelhanças entre as capas, diferenças na composição estética são perceptíveis: o título de *PSI-UFO* vinha centralizado na capa, ao passo que *UFO* vinha no canto esquerdo; *PSI-UFO* geralmente utilizava uma imagem de destaque preenchendo todo o layout da capa, consumindo todo o espaço, enquanto *UFO* utilizava as imagens de forma arrojada, tornando a divulgação das matérias mais dinâmica; e também a indicação de preço e do número da revista, presentes em *UFO* e ausentes em *PSI-UFO*. Além disso, a revista

reciclou nesta capa a mesma imagem da edição nº 1 de *Parapsicologia Hoje* (ver Imagem 10), lançada em 1986. Por conseguinte, as três revistas anteriores eram ligadas por um elo: *Ufologia Nacional & Internacional* abordando a ufologia; *Parapsicologia Hoje* divulgando os preceitos da paranormalidade; *PSI-UFO* sendo a junção das duas. *UFO*, então, seria a continuidade de *PSI-UFO*, porém sem a nomenclatura e a abordagem da parapsicologia, caracterizado pelo prefixo *PSI*. E uma última hipótese, mais simplória, a de que o título *UFO* é curto e de fácil pronúncia e associação.

O editorial desta edição, intitulado “Fenômeno UFO: Hora de mudanças” denotou a tônica de mudanças desejadas com essa nova revista, e expôs a contínua crise passada pela ufologia, em que pesasse a amplitude do fenômeno ufológico, não conseguia divulgar seus ideais de forma objetiva e convincente para o grande público.

Imagem 38: Editorial de abertura da edição nº 1 de *UFO*, de março de 1988

Editorial

Fenômeno UFO: Hora de Mudanças.

A. J. Gevaerd, editor.

Estamos nos aproximando do ano 2000 e com isso estaremos prestes a completar um milênio em que talvez o evento de maior importância para o conjunto da sociedade planetária terrestre seja, justamente e sem exageros, o Fenômeno UFO. No entanto, não existe ainda, nesta mesma sociedade, o mínimo sentido da magnitude do significado que tem o Fenômeno UFO para nós.

Vivemos nosso dia-a-dia sem nos preocuparmos ou sequer pensarmos no fato de que a cada instante um UFO é observado em algum lugar deste planeta, e que esta “presença” em nosso meio ambiente não está ocorrendo há poucos meses ou dias, mas há tempo idêntico à idade do homem na Terra. Vivemos, trabalhamos, comemos, dormimos e não nos damos conta de que existem registrados, oficialmente, mais de um milhão e meio de observações de UFOs, e bem acima de 30 mil casos de contatos com seus tripulantes.

A nós parece que nada ocorre de anormal entre o céu e a terra, mas a situação é bem diferente. Sempre foi bem diferente, mas não nos importamos com isso. Simplesmente, temos informações, provas e evidências históricas, recentes e até em fluxo regular, que nos indicam uma espécie de “invasão” de nosso planeta por objetos não identificados, tripulados sabe-se-lá por quem ou pelo quê, procedentes evidentemente do espaço exterior e com objetivos que sequer desconhamos...

Nossas autoridades fingem não se importar ou nada saber sobre o assunto, os militares não se manifestam para nada, as instituições científicas sequer tentam examinar o assunto publicamente, a igreja faz de conta que não é com ela... É como se ninguém quizesse tocar no assunto, com receio ou vergonha; ou ainda, é

como se houvesse com “conspiração” das instituições em geral para, talvez, não se criar mais polêmica sobre o assunto, citando-o por demais e, com isso, levantando novas discussões que poderiam trazer mais participação popular ao questionamento existente, e isso, absolutamente, não interessa às mesmas instituições, que por isso se calam!

Não é uma teoria, é um fato: há realmente uma conspiração em manter-se o assunto dos UFOs em sigilo. É óbvio. Ou será que ufólogos, trabalhando sem recursos com suas modestas condições, sabem mais do que militares bem equipados e com tempo de sobra? Ou mesmo: será que as evidências da existência dos UFOs não é o bastante para alertar os chefes das grandes (e até pequenas) nações? Se não são, então temos que admitir que nós, ufólogos civis com todas as nossas restrições, somos muito mais espertos do que Reagan ou Gorbachev... o que não é sensato! Mas nós temos a sensibilidade de reconhecer no Fenômeno UFO um evento de máxima importância para a Humanidade.

Se estamos errados, refaçamos nossos cálculos: é possível que mais de um milhão e meio de pessoas mentiu ou se enganou ao relatar ter visto UFOs sobrevoando casas, escolas, fábricas, pousando em fazendas e até fundo de quintais? É possível que radares se enganem tão constantemente detectando nuvens, pássaros, ao invés de UFOs? Ou será possível que pilotos, astronautas, técnicos de alto nível, engenheiros, astrônomos, etc são tão estúpidos ao ponto de confundirem estrelas ou cometas com UFOs? Não, não há como estar errado: os UFOs estão aí mesmo, mas por que então permanece o silêncio?

Diversas razões levam às instituições já referidas acima a se calarem, mas a mais visível e flagrante é sua impotência ante

ao Fenômeno UFO. Por não poderem deter o fenômeno e fazê-lo trabalhar em seus próprios benefícios, tanto os governos e políticos, quanto os militares de todas as armas, as instituições científicas de todos os tipos e as igrejas diversas fingem ignorá-lo. Pior que isso: distribuem informação falsa, de que os UFOs não existem e tudo é uma grande piada...

No Brasil, tivemos oportunidade de presenciar tal comportamento, quando, por exemplo, mais de 20 UFOs de enorme diâmetro congestionaram o céu e os radares da região de São José dos Campos, Angra dos Reis e adjacências. Nesta ocasião, praticamente apavorado com a repercussão do assunto, o próprio ministro da Aeronáutica, Brig. Moreira Lima, declarou publicamente na TV que a Força Aérea Brasileira entregaria um relatório a respeito em 30 dias... Já se passaram quase 2 anos e nada! Noutra ocasião, durante o voo da VASP, de Fortaleza para São Paulo, episódio que ficou conhecido mundialmente por ter sido o Boeing 727 da empresa paulista seguida por um UFO por mais de 3 horas, o presidente da entidade máxima da Igreja Católica no Brasil, Don Ivo Lorscheider, da CNBB, recusou-se terminantemente a acompanhar 150 passageiros que viam, acenam e fotografavam o UFO, brilhante por trás das janelinhas. Não quis se envolver...

É bem hora de se fazer alguma coisa contra este estado de coisas. É tempo suficiente para um amadurecimento no pensamento nacional, e por que não mundial, sobre o Fenômeno UFO. É também possível começar um trabalho sério e gradativo, abrangente e profundo, difundido por toda a sociedade, com os recursos que temos à mão.

Isso é o que pretendemos fazer através desta publicação: sem sensacionalismo, efetuar uma campanha nacional de alerta e divulgação sobre o Fenômeno UFO, em toda a sua extensão e por através de todas as suas características. Nosso instrumento de trabalho imediato é esta revista. Futuramente teremos mais recursos. **UFO** será uma publicação sem censuras, sem receio de afirmar o que sabe e sem qualquer preconceito ou mesmo ligação com movimentos alheios à divulgação da verdade completa sobre o Fenômeno UFO.

Nossos leitores são convidados a participar deste projeto, tornando-se colaboradores da revista **UFO** em suas cidades ou regiões. Se você deseja fazer parte do grande movimento nacional que moveremos a partir desta edição, seja um colaborador de **UFO**: escreva para o endereço Caixa Postal 2182, 79021 Campo Grande (MS), fornecendo seu nome e endereço completo. Será um grande prazer trabalharmos juntos.

(Os colaboradores da Revista **UFO** receberão carteira de identificação emitida pela Direção do Centro para Pesquisas de Discos Voadores (CPDV).)

Ainda que falasse sobre a ufologia num âmbito geral, Gevaerd não deixava transparecer sua fala direcionada à linha editorial contestada de *PSI-UFO* e às mudanças ocorridas com o lançamento de *UFO*. Face à chegada do ano 2000, que em finais da década de 1980 já evidenciava o misticismo em torno desta data,urgia a união do movimento ufológico brasileiro para modificar a abordagem dada ao fenômeno UFO frente às descobertas que poderiam vir com a proximidade da virada do milênio. O tão esperado processo de amadurecimento da ufologia devia acontecer de forma rápida, deixando de lado conflitos e embates desnecessários como os vistos em *PSI-UFO*, em razão das expectativas almejadas por este editorial. E essa união da comunidade ufológica ocorreria a partir de *UFO*, que era encarada como o veículo oficial de divulgação da ufologia no Brasil.

Em 1988, houve uma ligeira periodicidade de publicações de *UFO*, apresentada como uma revista mensal. Entre março até junho deste ano, ocorreram lançamentos regulares da revista, tendo em julho a primeira interrupção, retornando em agosto. Após agosto, a revista voltou a circular em novembro, resultando em 6 edições de *UFO* lançadas no ano de 1988. O cenário de 1989, porém, foi mais sombrio, com apenas duas edições sendo lançadas, em maio e agosto de 1989.

A edição nº 8 de *UFO*, de agosto de 1989, trouxe uma explicação para o hiato da revista nos meses anteriores, vinda no editorial “A informação ufológica aumenta seu espaço”, escrito por Gevaerd:

Hoje, ao lançarmos **UFO** nº 8, damos ainda mais um passo para consolidarmos tal posição: acabamos de fechar o primeiro ciclo de nossas publicações, que prevê o lançamento de uma edição de **UFO** alternada com uma de **UFO ESPECIAL** e uma de **UFO DOCUMENTO**. Pois bem, **UFO** nº 7 circulou nos meses de abril, maio e junho, sendo seguida por **UFO ESPECIAL** nº 3, que circulou nos meses de maio, junho e julho, e por uma nova estreante, a revista **UFO DOCUMENTO** nº 1, que acaba de ser lançada e teve circulação nos últimos três meses (GEVAERD, 1989, p. 5).

Em destaque do autor, a coleção *UFO Especial* foi uma série de edições anexas a revista principal, num ciclo iniciado em 1988 durando até 2014, com 80 edições bimestrais. A *UFO Especial* dedicava-se a uma abordagem concentrada de temáticas ufológicas, na mesma tônica da revista *Temas Avançados*, que acompanhou *PSI-UFO* durante o ano de 1986 e 1987. Foram lançadas quatro edições de *UFO Especial* entre 1988 e 1991, com a mesma saindo de circulação e só retornando a partir de 1995, em que estabeleceu uma regularidade até 2014.

Já a outra revista, *UFO Documento*, apenas três edições foram lançadas. A primeira, de junho/julho de 1989, foi lançada sob o selo do GEP. A segunda, em agosto/setembro de

1991. Após isso, essa coleção parou de ser publicada. Somente em 2006 seria lançada outra edição da *UFO Documento*, sem estabelecer relação com suas antecessoras da década de 1980 e 1990. Como sugerido pelo nome, essa coleção de revistas era dedicada à exposição de documentações referentes a casos ufológicos. A edição de 1991 foi marcada pela divulgação de parte do relatório da Operação Prato, concedida pelo coronel que a chefiou, Uyrangê Hollanda. E a respeito do título da publicação, era bastante próximo do da extinta revista de Irene Granchi, *OVNI Documento*. Percebendo essa similaridade, Gevaerd trouxe na edição original uma nota de rodapé explicando o título da revista:

A presente edição é dedicada à Irene Granchi e a Átila Martins, respectivamente redatora e editor da extinta revista *OVNI Documento*. O título desta revista oriunda não daquela publicação nem é esta revista continuação da série. Seu título deriva da série já estabelecida de revistas *UFO*, *Normal*, *Especial*, *Documento* e - futuramente - *Pesquisa*. (GEVAERD, 1988, p. 3)

Como se observa, havia um projeto a longo prazo de lançamento de edições a parte de *UFO*, que parou em *UFO Documento*. A almejada *UFO Pesquisa* nunca saiu do projeto. Essas duas revistas, assim como a *Temas Avançados*, além de serem mais uma tentativa editorial de angariar recursos, visto que eram comercializadas a parte de *UFO* e *PSI-UFO*, se portavam como possíveis sucessoras de *UFO* em caso da mesma ser novamente descontinuada. Isso é corroborado no editorial de abertura de *UFO Especial*, de junho/julho de 1988, em que Gevaerd menciona que:

Mas, para lançá-la, aproveitamos inúmeras sugestões recebidas e vários estudos que já havíamos realizado no setor, para promover não uma edição especial somente, mas para lançar uma série de edições especiais com identidade própria, como uma nova revista (GEVAERD, 1988, p. 4)

Assim, elas propunham aprofundar o conteúdo abordado em *UFO*, mas em uma revista à parte e com identidade própria. As primeiras edições desta fase de *UFO Especial*, de 1988 a 1991, trouxeram principalmente fotografias de OVNI's ao redor do mundo; *UFO Documento*, apresentou documentos referentes a casos de grande expressão. O conteúdo de *UFO Especial* era supérfluo: um leitor assíduo de *UFO* não se veria contemplado com edições que traziam apenas fotografias mal diagramadas e com baixa resolução. O conteúdo de *UFO Documento*, porém, apresentava um atrativo maior ao leitor. Porém, seus salgados preços (*UFO Especial*, Cz\$ 3000 em junho/julho de 1988; *UFO Documento*, Cz\$ 420 em

agosto de 1988) foi motivo de reclamação dos leitores. E tampouco tais revistas ganharam identidades a parte de *UFO*: seu layout e diagramação eram totalmente copiados da revista mãe.

A respeito da nomenclatura das revistas, há uma mudança considerável: entre a edição nº 7, trimestral de abril/maio/junho de 1989 e a edição nº 15, de junho/julho de 1991 de *UFO*, e também em *UFO Documento* e *Especial*, aparecia no rodapé ou cabeçalho o subtítulo “Revista especializada na pesquisa científica dos discos voadores”. Que a ufologia ser alçada à categoria de ciência fosse uma obsessão dos ufólogos nesse período já não era novidade, mas, até então, o CPDV nunca havia nomeado suas revistas como de orientação científica, ou de pesquisa científica. Isso mudou durante a gestão do Grupo Editorial Paracientífico que, tentando dar uma roupagem mais rigorosa, nomeou essas revistas como voltadas à pesquisa científica dos discos voadores. Após a saída desse grupo da junta editorial da revista, essa nomenclatura parou de ser utilizada.

Essa ‘ambição’ dos ufólogos em terem a ufologia reconhecida como ciência se solidifica com o editorial de abertura da edição nº 1 de *UFO Documento*:

Após o I Congresso Internacional de Ufologia do Rio de Janeiro, nada mais pode permanecer como estava, na Ufologia Brasileira. É hora, é o momento e é urgente que se dê *status* de disciplina científica à essa área “forteana” de investigação que pode dar todas as respostas que a Humanidade procura por outros meios (GEVAERD, 1989, p. 3)

Como se observa, altas expectativas e um vislumbre utópico por parte dos editores em tornar a ufologia uma área científica. E para isso, valiam-se de vários dos aportes que a ciência utiliza para a produção e disseminação de conhecimento: centros de pesquisa, congressos e até mesmo uma revista de divulgação científica. Mas, carecia à ufologia algo preponderante para ser reconhecida como tal: sustentação lógica e racional na realidade.

Na edição de junho de 1989, a de nº 9, as atividades de *UFO* foram retomadas após cerca de 10 meses sem publicações. A revista retornou com mudanças substanciais em sua composição estética, díspares das revistas anteriores, a começar por sua capa:

Imagem 39: Capa da edição nº 9 de *UFO*, de junho de 1990



Fonte: *UFO*, ed. nº 9, 1990, capa

Nesta nova fase da revista, as capas apresentavam um plano colorido que preenchia o canto esquerdo e envolvia o título da revista, destacado com a fonte em cor branca e com um sombreamento. Este traço variava de cor conforme a edição. O fundo das capas era de um fundo preto e estrelado, ressaltando o caráter cósmico da ufologia, e num aspecto técnico que destacava as matérias principais. A exploração de imagens nas capas era reduzida, geralmente uma em tamanho maior e outra menor, de modo que eram estrategicamente colocadas para destacar as chamadas das matérias, o que denota uma preocupação com custos na elaboração e diagramação do periódico. Foram retirados dados sobre preço e número da edição, endereçados para o expediente.

O interior da revista também se modificou. Em edições anteriores, os textos das matérias eram extensos e elencados em tripla coluna. As imagens eram utilizadas em

abundância. Com o novo processo de diagramação, que foi anunciado pela revista na seção *Apresentação* como uma técnica moderna à época chamada *desktop publishing*, uma editoração eletrônica com uso de computadores e programas específicos para diagramação, foram usadas apenas duas colunas divididas ao meio, com o tamanho da fonte aumentada, tornando o processo de leitura mais dinâmico e menos cansativo. O uso de imagens foi bastante econômico, tendo poucas imagens nas edições, sendo priorizados os textos.

Os colaboradores, nesta fase, eram, em sua maioria, os mesmos de *Ufologia*, *Parapsicologia* e *PSI-UFO*. Mantiveram-se enquanto colunistas e colaboradores nomes como Carlos Alberto Reis, Irene Granchi, Ubirajara Rodrigues, Ademar Eugênio de Mello, Claudeir Covo, Dioclécio Luz, Jaime Lauda, Marco Antônio Petit, dentre outros que também escreveram para *Ufologia Nacional & Internacional*, *Parapsicologia Hoje* e *PSI-UFO*. Gevaerd continuava no cargo de editor chefe, inexistindo a função de coeditor.

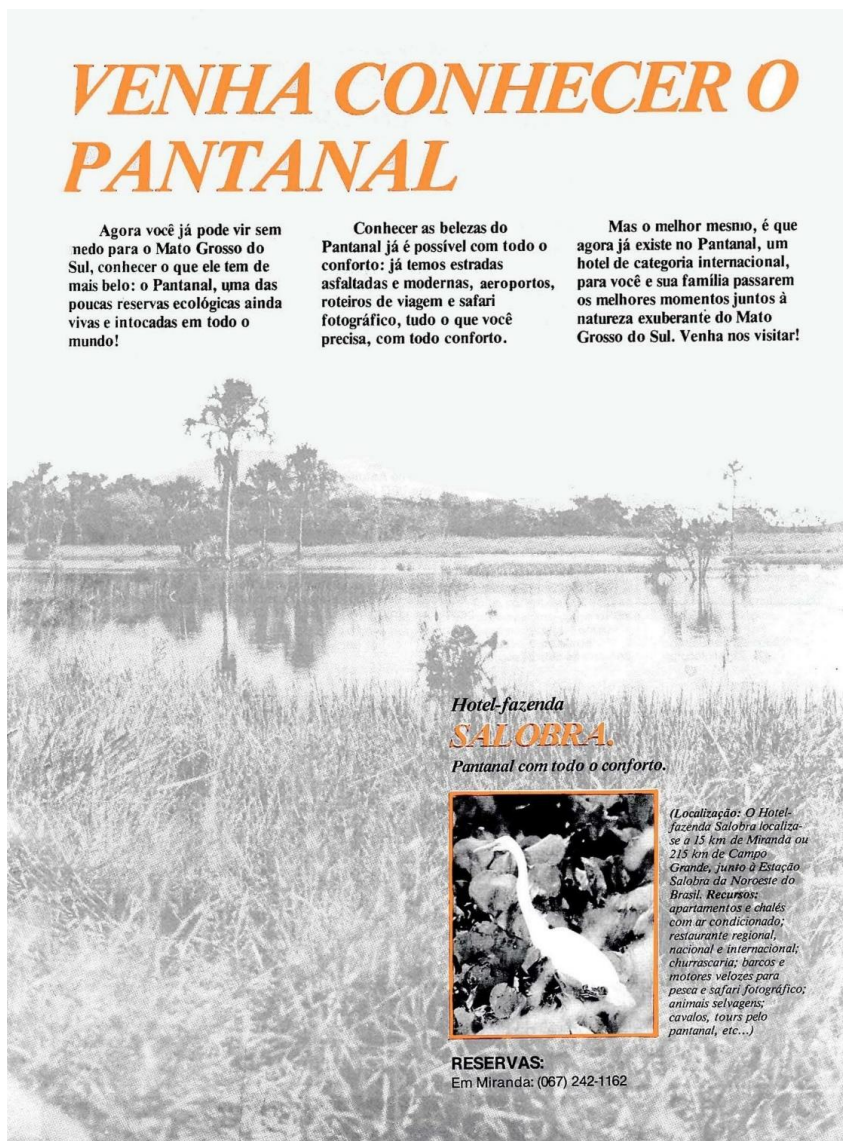
Chamou a atenção a permanência de Luiz Gonzaga Scortecchi de Paula como colaborador, mesmo com sua discordância e posicionamento polêmico em *PSI-UFO*. Em que pese sua continuidade enquanto colaborador da revista nesta fase, da edição nº 1 até a edição nº 8, De Paula contribuiu com apenas um artigo para a revista, na edição nº 8, sugerindo uma contribuição maior nos bastidores da revista e menor enquanto colunista e escritor.

Novos colaboradores nesta fase eram membros e leitores assíduos das revistas, nomes geralmente desconhecidos e sem nenhuma menção nas revistas anteriores, como Thales Cabral, pesquisador autônomo de ufologia residente em Campo Grande - MS; Cataldo Bove, investigador residente em Campinas - SP; Lucio Manfredi, consultor do CPDV e morador de São Paulo - SP; J Marra Stutz, brasileiro naturalizado americano e representante do CPDV nos Estados Unidos; dentre outros. A presença desses novos colaboradores foi efêmera, não se repetindo em outras edições, e encaixava-se nos pressupostos de aumentar o corpo participativo e editorial da revista com leitores e participantes do CPDV, de forma a oxigenar as abordagens do periódico.

As campanhas publicitárias e produtos divulgados pela revista não tiveram grandes modificações. Em sua maioria eram de produtos oriundos do CPDV, e da editora Esotera, que comercializava produtos voltados à temática ufológica e ocultista. Entretanto, chamou a atenção um anúncio publicitário vindo na última folha da revista durante todo esse período. Tendo seu início na edição nº 5 de *PSI-UFO*, de março/abril de 1987, passando pela edição nº 1 de *UFO*, de março de 1988, até a edição nº 17, de outubro/novembro de 1991, na página final da revista foi apresentado um anúncio publicitário temático sobre o Pantanal. O teor dos

anúncios variou conforme a edição, mas em todos havia a publicidade do Hotel-Fazenda Salobra, um empreendimento situado em Miranda- MS, destinado a turistas que quisessem conhecer as terras pantaneiras. Nas edições 1 e 2, o anúncio publicitário destacava o Pantanal e sugeria ao turista hospedar-se no Hotel-Fazenda.

Imagem 40: Anúncio publicitário vindo na página final da primeira edição de *UFO*, de março de 1988



VENHA CONHECER O PANTANAL

Agora você já pode vir sem medo para o Mato Grosso do Sul, conhecer o que ele tem de mais belo: o Pantanal, uma das poucas reservas ecológicas ainda vivas e intocadas em todo o mundo!

Conhecer as belezas do Pantanal já é possível com todo o conforto: já temos estradas asfaltadas e modernas, aeroportos, roteiros de viagem e safari fotográfico, tudo o que você precisa, com todo conforto.

Mas o melhor mesmo, é que agora já existe no Pantanal, um hotel de categoria internacional, para você e sua família passarem os melhores momentos juntos à natureza exuberante do Mato Grosso do Sul. Venha nos visitar!

Hotel-fazenda
SALOBRA.
Pantanal com todo o conforto.

RESERVAS:
Em Miranda: (067) 242-1162

(Localização: O Hotel-fazenda Salobra localiza-se a 15 km de Miranda ou 215 km de Campo Grande, junto à Estação Salobra da Noroeste do Brasil. Recursos: apartamentos e chalés com ar condicionado; restaurante regional, nacional e internacional; churrascurias; barcos e motores velozes para pesca e safari fotográfico; animais selvagens; cavalos, tours pelo pantanal, etc...)

Fonte: *UFO*, ed. nº 1, 1988, p. 28

Neste anúncio, é evidente um discurso tradicionalmente atribuído a Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que a historiadora Lylia da Silva Galetti denominou como “estigma da barbárie”. Segundo Galetti, o estigma da barbárie contornava-se numa visão estereotipada e dúbia, uma combinação de ufanismo e pessimismo, desenhando o mapa de um país cujos

atributos naturais ora favoreciam a construção, no futuro, [...] ora pareciam condená-lo a submergir na barbárie (GALETTI, 1995, p. 50). Tratava-se de uma visão propagada por viajantes e pessoas exteriores a Mato Grosso, que cultivavam essas representações que oscilavam entre o trágico e o bucólico (GALETTI, 1995, p. 52).

Ainda que fosse uma revista editada em Mato Grosso do Sul, todo o corpo editorial de *UFO*, incluindo Gevaerd, era formado por pessoas originárias de outros estados brasileiros. Nesse sentido, é notório o teor destes ao se referirem a Mato Grosso do Sul e ao Pantanal com um misto de barbárie (“Agora você já pode vir sem medo para o Mato Grosso do Sul”), de admiração e idílio (“O Pantanal, uma das poucas reservas ecológicas ainda vivas e intocadas em todo o mundo”).

O caráter selvagem de Mato Grosso do Sul ficava novamente exposto quando o anúncio menciona que já se tem estradas asfaltadas e modernas, aeroportos, roteiros de viagem e safári fotográfico, tudo o que você precisa, com todo conforto (UFO, 1988, p. 28). Junto a isso pesava a Mato Grosso do Sul, à época, ser um estado relativamente jovem, com 11 anos desde a divisão ocorrida em 1977, mas também por historicamente ser uma área menos povoada e habitada.

As discussões de Durval Muniz Albuquerque Junior sobre o conceito de região são relevantes para entender a criação deste discurso e visão, ao considerar que a região é também produto dos devaneios, dos sonhos, das utopias, dos investimentos imaginários, das simbologias, dos mitos, das lendas, das invenções poéticas e estéticas dos homens (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008, p.62). Nesse contexto, Mato Grosso do Sul, estado jovem e com potencialidades ainda a serem descobertas, seria um dos focos de progresso e desenvolvimento no futuro graças à sua natureza exuberante e seu estado quase que desconhecido. Ademais, o anúncio publicitário das edições 3 e 4 manteve o foco no Hotel-Fazenda, porém com uma abordagem completamente diferente até então, pois entrava em cena o discurso ufológico da revista.

Imagem 41: Anúncio publicitário presente nas edições 3 e 4 de *UFO* (1988)

Venha conhecer o Pantanal, e aproveite para ver um UFO!

É isso mesmo: um dos lugares mais lindos do Planeta Terra é também um dos pontos onde há maior índice de observações de UFOs no Brasil. Assim, você já pode conhecer a beleza quase intocada deste santuário ecológico ao mesmo tempo em que tenta manter um contato imediato! (*)

O Pantanal Sulmatogrossense é uma das poucas reservas ecológicas em todo o mundo onde a Natureza ainda não foi depredada pelo homem. Aqui você ainda encontra jacarés, tucanos, araras, tuiuiús, cardeais, garças, antas, capivaras, etc, convivendo pacificamente ao lado do homem pantaneiro.

Além do turismo e safári fotográfico, o Pantanal apresenta como uma de suas grandes opções a pesca, abundante e farta, de dourados, pintados, jaús, surubins, pacus, piranhas etc.



No Pantanal já existem todos os recursos para você fazer um bom passeio com sua família: temos vôos diários, estradas de rodagem asfaltadas, recursos de todos os tipos e até um hotel de classe internacional. Visite-nos!

Hotel-Fazenda
SALOBRA
Pantanal com todo o conforto!

(localização: O Hotel-Fazenda Salobra situa-se no município de Miranda (MS), a 215 km de Campo Grande, junto à Estação Salobra da Noroeste do Brasil, ao lado da ponte sobre o Rio Miranda. **Reservas:** Podem ser feitas pelo fone (067) 242-1162. **Recursos:** apartamentos com ar condicionado, restaurante regional, nacional e internacional, barcos a motores, animais selvagens, cavalos, tours pelo Pantanal, piscina, safári fotográfico etc)

(*) Pesquisas realizadas pelo CPDV na região do Pantanal indicam uma observação de UFO a cada 72 horas, sendo que este índice aumenta em períodos regulares.

Fonte: *UFO*, ed. nº 3, 1988, p. 28

Este anúncio é formidável pela adaptação da publicidade ao discurso ufológico propagado da revista. Nelson Werneck Sodré aponta que a importância do crescimento da publicidade está relacionada com a opinião que a imprensa veicula (SODRÉ, 1999, p. 14). Ou

seja, a publicidade, que se reflete em financiamento do periódico, numa imprensa fundada sob o ordenamento capitalista, condiciona e redireciona a opinião emitida pelo veículo em questão. Ora, se havia indicação de uma formidável casuística ufológica no Pantanal, porque a mesma não aparecia nos anúncios anteriores publicados pela revista e de forma contínua nos meses seguintes?

Segundo este anúncio, os dados a respeito dos avistamentos ufológicos do Pantanal foram obtidos a partir de uma pesquisa comandada pelo CPDV, que indica a observação de um UFO a cada 72 horas. Aparecendo em letras minúsculas como uma referência de rodapé, como se quisesse esconder a informação, é explícita a fragilidade destes dados e desta suposta pesquisa.

Além disso, a edição nº 4 de *UFO*, de junho/julho de 1988, dedicou-se completamente ao estudo da casuística ufológica em áreas interioranas do país. Destacaram-se matérias de avistamentos ambientados em Minas Gerais, Ceará e Mato Grosso do Sul. Importa ressaltar que, segundo Galetti, não apenas Mato Grosso era um *sertão* de barbárie, mas também porções do Nordeste, zonas da Mata atlântica, a imensidão dos pastos gaúchos, os chapadões e cerrados do Planalto Central, pantanais e florestas das regiões Oeste e Amazônica (2012, p. 207). De fato, o -resto- do Brasil distante da costa litorânea.

Na matéria principal desta edição, que abordou os casos de Minas Gerais, houve uma ligeira introdução feita por Gevaerd para apresentar o autor do texto, o mineiro Antônio Faleiro:

Entre essas pessoas, no entanto, poucas tem à disposição e o engajamento para o trabalho - difícilíssimo, por sinal - quanto o autor da matéria que UFO apresenta a seguir. Antônio Faleiro é, talvez, uma das poucas pessoas no Brasil que mantêm atividades de vigília e investigação de campo ininterruptamente há 10 anos, desde que começou suas atividades em Passa Tempo, interior de Minas Gerais e região de incidência "alarmante" de observações de Ufos (GEVAERD, 1988, p.8).

Ao mencionar o enfoque das pesquisas de Faleiro, que englobavam aspectos de lendas do folclore mineiro com a ufologia, Gevaerd considerou que:

Portanto, esta face da Ufologia merece uma atenção destacada de seu contexto geral, justamente porque atinge uma cultura cabocla pura, despouçada, límpida e cristalina, surgida num meio onde as pessoas ainda não estão (ou estiveram) absorvidas pela vida tresloucada da Humanidade atual. (GEVAERD, 1988, p.8)

Nessa perspectiva, a partir das ocorrências testemunhadas por uma população interiorana, que residia nesses espaços pouco tocados pela -civilização-, seria possível conferir uma maior autenticidade a eventos dessa natureza em razão da pouca familiaridade desse grupo com o conceito e a área da ufologia. Isso seria ocasionado pela sua “cultura cabocla” (sic) e pouco tocada pela vida urbana; ou seja, pelo pouco conhecimento que essa população adquiriu com o fenômeno OVNI. Nesse aspecto, a própria revista considerava este um fenômeno de caráter urbano e, de certa forma, letrado.

Sobre Mato Grosso do Sul, Gevaerd, que assinou a matéria vinda num quadro anexo à matéria principal, considerou que, assim como em Minas Gerais e na maioria dos estados mais "interioranos" do Brasil, também se verificava uma acentuada e diversificada casuística ufológica ocorridas nas áreas não-alagadas do Pantanal:

Voltando à região pantaneira, é no Pantanal da Nhecolândia (Corumbá e Ladário) que se verifica a maior incidência de UFOs em Mato Grosso do Sul. Tal região, no entanto, com sua extensão rural, é pouquíssima habitada, devido à dificuldade de locomoção encontrada por proprietários de fazendas na área. [...] É dessas pessoas que ouvimos a maior quantidade de testemunhos de ocorrências ufológicas. [...] É dentro dessa região que se situam a Fazenda Bodoquena, [...] e o Hotel-Fazenda Salobra, uma reserva de animais onde se pode fazer turismo ecológico e “correr o risco” de ver um UFO (GEVAERD, 1988, p.11).

Na matéria foi exposta a associação entre o caráter alagado e despovoado do Pantanal e a facilidade para a observação de Ufos. Além disso, registrou-se, de forma velada, a publicidade do Hotel-Fazenda. Sobre a população residente nessas áreas isoladas, Galetti assinala:

No que respeita às vastas regiões do interior do país, as visões mais otimistas destacavam sua natureza exuberante, que uma vez explorada as transformaria em verdadeiros paraísos modernos, e a importância de sua população como portadora de manifestações culturais que expressavam, pelo isolamento em que se mantivera, longe de influências alienígenas, as mais autênticas tradições brasileiras (GALETTI, 1995, p.50)

Apropriado ao contexto, o trocadilho de Galetti nos possibilita compreender que era por se manterem longe dos conglomerados urbanos e estarem em uma área pouco habitada, as influências alienígenas (não as urbanas, e sim as extraterrestres) se faziam presentes e comuns na região do Pantanal. Ou seja, ao ressaltar a aura selvagem e intocada do Pantanal, esta roupagem, que foi propagada pela revista, criou condições subjetivas para a proliferação

destas ocorrências em um estado próximo da naturalidade ou, como Gevaerd mencionara posteriormente, da endemia.

Após as duas edições em que se misturou publicidade com a ufologia, os outros anúncios ressaltando o Pantanal continuaram até a edição nº 17, em outubro/novembro de 1991, ora destacando o Hotel-Fazenda, ora exaltando as belezas do Pantanal e sua preservação. Essa continuidade longa de anúncios sugere que o Hotel-Fazenda era propriedade de alguém próximo do campo editorial da revista, ou contribuiu substancialmente com verba para publicidade no intuito de aproveitar o *hype* vivenciado pela região à essa época, já que em março de 1990, na extinta rede de televisão Manchete, estreou a novela *Pantanal*. Esta revelou-se um enorme sucesso de audiência, contribuindo para maior atenção à região pantaneira.

Impactados diretamente pela economia, o preço das revistas continuou numa escalada exponencial neste período. Em 1988, o preço da revista saiu de Cz\$ 150 cruzados, na edição nº 1 em março, para Cz\$ 720 cruzados, em novembro/dezembro na edição nº 8, um aumento significativo e maior do que o experimentado nos períodos anteriores. A revista vivenciou uma nova troca de moeda, em janeiro de 1989, quando o Cruzado Novo substituiu o Cruzado como a moeda corrente⁶². Eram as mudanças trazidas pelo Plano Verão, uma nova tentativa de conter o cenário de hiperinflação que acometia o país no período. Como em anos anteriores, a hiperinflação cessou momentaneamente, mas tão logo caiu, recrudescendo de forma exponencial⁶³. O cenário mais grave ainda estaria por vir, com a eleição de Fernando Collor de Mello para a presidência da República, em fins de 1989, e a cataclísmica instituição do Plano Brasil Novo, ou como ficou conhecido, Plano Collor.

Este foi o quarto programa de governo implementado para conter a hiperinflação no Brasil no período pós-ditadura. Assim como os anteriores, o programa econômico, implementado em março de 1990, trazia o retorno do Cruzeiro como moeda corrente e baseava-se no congelamento de preços, ativos de mercado, salários, indexação de impostos à inflação, restrição de dinheiro público, dentre outras medidas. O último item tornou-se o aspecto mais marcante deste plano, pois atrelado as outras medidas, houve o bloqueio da liquidez, o confisco de créditos em contas correntes, poupanças e cadernetas, com o intuito de

⁶² BRASIL. *Lei nº 7.730, de 31 de janeiro de 1989*. Institui o cruzado novo, determina congelamento de preços, estabelece regras de desindexação da economia e dá outras providências. Brasília. Congresso Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7730.htm. Acesso em: 10 out. 2022.

⁶³ A média da inflação no Brasil em 1989 foi de 1 232,71 %, uma taxa superior nos períodos de vigência dos Planos Cruzado e Bresser, respectivamente. Ver: INFLATION.EU. *Inflação no Brasil em 1989*. 2010. Disponível em: <https://www.inflation.eu/pt/taxas-de-inflacao/brasil/inflacao-historica/ipc-inflacao-brasil-1989.aspx>. Acesso em 10 out. 2022

reduzir a circulação e a emissão da moeda, para segurar a desvalorização da moeda e o aumento desenfreado dos preços. O efeito, porém, foi o contrário do almejado:

O bloqueio da liquidez dos haveres financeiros não atingiu seu objetivo maior: impedir que, após a queda brusca da inflação, a monetização da economia se desse da forma rápida e desordenada que teria levado ao fracasso programas de estabilização anteriores. O Plano Collor pretendia superar o problema criando condições para que a oferta da nova moeda (o cruzeiro) fosse mantida sob estrito controle. A monetização deveria ser “ordenada” e “lenta”, para evitar o aquecimento da demanda por bens reais e ativos de risco até que as expectativas tivessem se revertessem a favor da estabilização (CARVALHO, 2003, p. 328).

Dessa forma, houve uma queda abrupta do PIB (Produto Interno Bruto) em 1990⁶⁴ e uma queda no consumo da população, e o retorno da hiperinflação, após uma breve queda ocasionada pelo choque fiscal do plano econômico. O arrombo proporcionado pelo Plano Collor também foi um dos motivos elencados pela revista pela demora na publicação da edição nº 9 de *UFO*:

Assim, tomamos liberdade de compartilhar com o leitor tais obstáculos e dificuldades, atrasando involuntariamente edições em épocas de inflação muito alta ou de “pacotes” financeiros, tal como o último. Para se ter uma ideia, *UFO* 9 já estava pronta desde janeiro deste ano. Estávamos apenas aguardando melhores condições econômicas no país, para lançá-la, e como isso só viria com o governo Collor, aguardamos até sua posse para colocar nossa circulação em ordem. Ao chegar o tão esperado dia, no entanto, como todos os brasileiros, fomos surpreendidos com as medidas econômicas e, até mais do que antes, impedidos de trabalhar (*UFO*, 1990, p. 5).

O confisco de dinheiro das cadernetas de poupança foi devastador, impedindo não só a revista de ser publicada, mas também impactando em diversos outros setores da sociedade, como evidencia Francine de Lorenzo Andozia:

A falta inesperada e brusca de dinheiro obrigou muitas pessoas a não apenas alterar seus hábitos de consumo e ajustar as finanças domésticas, como a rever suas relações familiares. Casamentos, divórcios, filhos custam dinheiro e o Plano Collor inviabilizou o planejamento de muitas famílias. [...] Diante de toda a pressão psicológica desencadeada pelo Plano Collor, crises emocionais se mostraram mais frequentes e surgiram casos de suicídio 173 relacionados ao pacote econômico. No fim de semana que se seguiu ao anúncio do Plano Collor, o Corpo de Bombeiros em São Paulo registrou um

⁶⁴ FOLHA DE SÃO PAULO. *Queda do PIB em 1990 pode chegar a 4,3%*. São Paulo. 26/01/1991, p.6, c.1-2. 1Cad.

aumento de 10% na média de atendimentos relacionados a distúrbios emocionais (ANDOZIA, 2019, p. 172-173).

O impacto do plano Collor na revista reverberou não só na publicação, mas também em seu número de tiragens produzidas e enviadas às bancas. Nesta fase, *UFO* não ultrapassou 15 mil exemplares por edição. O recorde fora de 13 mil, uma média que se estabeleceu após a edição nº 16, de agosto/setembro de 1991. A menor tiragem, de 10 mil exemplares, na edição 15, de junho/julho de 1991. Tal fato foi comentado na edição anterior, de janeiro/fevereiro de 1991, num quadro anexo à seção *Contato com o Leitor*, justificando o enxugamento na produção de exemplares:

Face à continuada e elevada inflação e à instalação de um estado altamente recessivo na economia brasileira, o Grupo Editorial Paracientífico (GEP) deseja comunicar aos leitores e assinantes de *UFO* as novas medidas tomadas para minimizar a influência desses processos em nossas atividades:

1) A partir da próxima edição (número 15), **UFO** terá sua tiragem reduzida ao máximo. Com isso, infelizmente, deixará de circular em vários municípios do interior do Brasil e em muitas bancas de pouco movimento em cidades de médio e grande portes, inclusive capitais.

2) Também a partir da próxima edição, estão suspensas todas e quaisquer assinaturas de cortesias de **UFO**. Assim, lamentamos, deixarão de receber a revista gratuitamente cerca de 1200 destinatários, entre universidades, escolas, repartições, bibliotecas e associações.

3) A partir desta edição (número 14), **UFO** terá seus preços de capa e de assinatura corrigidos mais regularmente e em níveis idênticos aos aumentos constantes nos custos de matérias-primas e de serviços gráficos e compatíveis com a real inflação brasileira. O preço desta edição é um árduo exemplo disso (GEVAERD, 1991, p. 5)

Os sublinhados, grifos de Gevaerd, expunham as medidas de contenção de gastos de *UFO* para que a revista conseguisse sobreviver às intempéries econômicas e não sucumbir como as revistas anteriores na década de 1980. Como uma forma de recompensar o público leitor, *UFO* aumentou seu número de páginas, atingindo 44 páginas de conteúdo na edição nº 16, de agosto/setembro de 1991.

O problema da inflação, porém, era crônico. Em janeiro de 1991, o acumulado anual da inflação (janeiro de 1990-janeiro de 1991) foi de 1.140,27 %⁶⁵. O avanço da segunda fase do Plano Collor, efetivado em janeiro deste ano, conseguiu controlar o aumento dos preços,

⁶⁵ INFLATION.EU. *Inflação no Brasil em 1989*. 2010. Disponível em: <https://www.inflation.eu/pt/taxas-de-inflacao/brasil/inflacao-historica/ipc-inflacao-brasil-1991.aspx>. Acesso em 11 out. 2022

que caiu de 20% ao mês em janeiro até 4% em abril. Em maio, porém, voltou a crescer descontroladamente.

Os anos de 1992 e 1993 foram marcados pela crise política que derrubou Fernando Collor de Mello da presidência, num processo de impeachment ocasionado por um escândalo de corrupção no interior do governo, o esquema PC Farias; e o recrudescimento da crise econômica, onde a inflação atingiu a marca de 2.477,15 % anuais em dezembro de 1993. Nesse tempo, a revista paralisou suas atividades, publicando apenas duas edições em 1992, entre elas a inédita, e muito comemorada, marca de 20 edições, em maio/junho.

Quase um ano depois, em abril de 1993, *UFO* retornou às bancas com sua 21ª edição, com otimismo frente às mudanças previstas no cenário econômico, estabelecendo algumas metas e projetos para o ano no editorial “Projetos inéditos e ousados marcarão a Ufologia Brasileira em 1993”:

Desde julho do ano passado que *UFO* não vai para as bancas, e pelos mais variados motivos, mas principalmente – como suspeitaram nossos leitores e assinantes – a gravíssima recessão brasileira. Neste período infeliz para a Sociedade brasileira, também nossa *UFO* sofreu imensamente, tendo que reduzir seu patrimônio e efetivo. Mas foi só isso que diminuiu, pois nossa determinação em continuar editando-a jamais sofreu abalos, por maiores que fossem os obstáculos que a era Collor impôs ao nosso ritmo de trabalho. [...] Nossas prioridades para 1993 são: (a) acertar definitivamente a periodicidade de *UFO*, mantendo-a mensal e com uma média de 50 páginas; (b) crescer pelo menos 20% este ano, aumentando o quadro de associados do CBPDV de 5 para 6 mil; e (c) finalizar um projeto importantíssimo, iniciado no primeiro semestre de 1992. Este projeto é o estabelecimento do primeiro levantamento nacional sobre o Fenômeno *UFO* (GEVAERD, 1993, p. 4)

As metas estipuladas pela *UFO* neste editorial, porém, não se concretizaram: a circulação do periódico manteve-se regular até meados de outubro, que foi sua última edição em 1993; as páginas da revista neste ano giraram em torno de 36 por edição, distantes da meta de 50 páginas; o quadro de associados do CBPDV não teve alterações substanciais, pois inexistem menções comemorativas nas edições da revista sobre um aumento de associados; e a finalização do levantamento nacional sobre os Ufos também não teve menções. Entretanto, o fato de a *UFO* ter conseguido sobreviver à grave crise econômica, a três planos econômicos, diminuição de suas tiragens, aumento subsequente de preços, uma ampla gama de adversidades, foi a maior conquista da revista neste período. Se no começo, a ufologia brasileira patinava num cenário econômico desafiador e por inconstâncias editoriais, agora os caminhos a serem trilhados eram mais plácidos. A imprensa ufológica, enfim, respirava.

3.2 “A hora da verdade”: um polêmico vídeo e o caso que definiu a *UFO* (1994-1996)

O Caso Roswell, de 1947, é considerado o marco inicial da ufologia contemporânea e um dos mais famosos desde então. Considerado o maior mito da história dos OVNI's (SUENAGA, 1999, p.15), o incidente na cidade de Roswell veio na esteira dos relatos do piloto Kenneth Arnold, que uma semana antes observou objetos parecidos com “discos voadores deslizando sobre as águas” do Monte Rainier, perto do estado norte-americano de Washington. As alegações de Roswell trouxeram uma das primeiras referências sobre queda e captura de destroços de discos voadores, promovendo a ligação da ufologia com o conspiracionismo pela presença de militares norte-americanos numa operação cujos objetivos nunca ficaram esclarecidos. Uma confusa reportagem de um jornal local de Roswell, que narrou a retirada de corpos de seres extraterrestres, logo desmentida pela Força Aérea Norte-Americana, aumentou o grau de mistério desta ocorrência.

Roswell tornou-se um símbolo para os ufólogos, mas permaneceu durante décadas em ostracismo. Somente na década de 1970 e 1980 houve um interesse por este caso após a publicação de uma série de livros, como o best-seller *The Roswell Incident* (1980), do escritor e mergulhador Charles Berlitz e do ufólogo William Bill Moore, e uma famosa entrevista de Jesse A. Marcel, tenente-coronel da Força Aérea Norte-Americana e figura central na recuperação dos destroços do objeto caído em Roswell.

O incidente continuou relevante para a ufologia na década de 1990, e pautou a nova fase de *UFO* quando ocorreu, em 1995, a publicação de um polêmico vídeo de uma suposta autópsia de um extraterrestre que caiu em Roswell, sendo levado para o centro do debate público ao ser exposto em rede nacional no programa televisivo dominical da Rede Globo, *Fantástico*. Em novembro deste ano, a série de televisão norte-americana ambientada em ufologia e temáticas paranormais, *Arquivo X*, exibiu no nono episódio de sua terceira temporada, um episódio inspirado por esse vídeo: o episódio *Nisei*, ou em português “Os japoneses”, que narra a trajetória dos agentes do FBI (*Federal Bureau of Investigation*) Fox Mulder e Dana Scully, quando ocorre a divulgação de um vídeo de uma suposta autópsia de um extraterrestre. Esta série merece destaque pois ela se tornou um dos marcos televisivos da década de 1990 e ajudou a manter a ufologia em evidência na cultura pop, abordando e suavizando ao grande público temáticas próprias da ufologia. Seu mote *A verdade está lá fora* tornou-se um mantra para a comunidade ufológica. A revista, inclusive, anunciou lançamentos de produtos da série, como coleções em VHS das temporadas e revistas e livros da série para os leitores.

O referido vídeo marcou a 40ª edição da revista, que foi lançada em outubro de 1995, sendo apresentado como matéria principal numa polêmica capa, com um teor apelativo e escatológico incomuns para os padrões de *UFO*. E, ainda na esteira de repercussões do vídeo, em 1996 ocorreu aquele que foi considerado pelos ufólogos brasileiros o homônimo de Roswell no Brasil: o incidente de Varginha, que trouxe elementos de mistério e conspiração que caracterizaram Roswell, porém ocorrendo no centro de uma cidade brasileira, sendo considerado até maior do que seu congênere norte-americano, com três testemunhas oculares que afirmaram terem visto um ser extraterrestre agachado e ferido em um terreno baldio. Varginha é o mais importante caso da ufologia brasileira desde então.

Após anos de vendavais econômicos, instabilidades e incertezas sobre sua continuidade, a segunda fase da revista *UFO* encontrou um cenário mais propício para a atividade editorial, possibilitado pelo bom cenário da economia, cujo avanço do Plano Real garantiu a estabilização da moeda e o fim da hiperinflação no país, e pelo retorno da ufologia ao debate público, contribuindo para que este fosse o momento de maior expansão da revista enquanto produto midiático, o que manteve a regularidade das publicações e uma contínua linha editorial.

Foi um período de recordes e grandes feitos também: recordes de edições (30ª e 40ª edições), de tiragens (25 mil exemplares), o desenvolvimento do primeiro site da revista (1994), entrevistas para canais de televisão famosos, e o lançamento da primeira revista colorida (edição nº 60, 1998), um propósito almejado desde o surgimento de *Ufologia Nacional & Internacional*, em 1985, agora possibilitado pela estabilização e expansão da *UFO*.

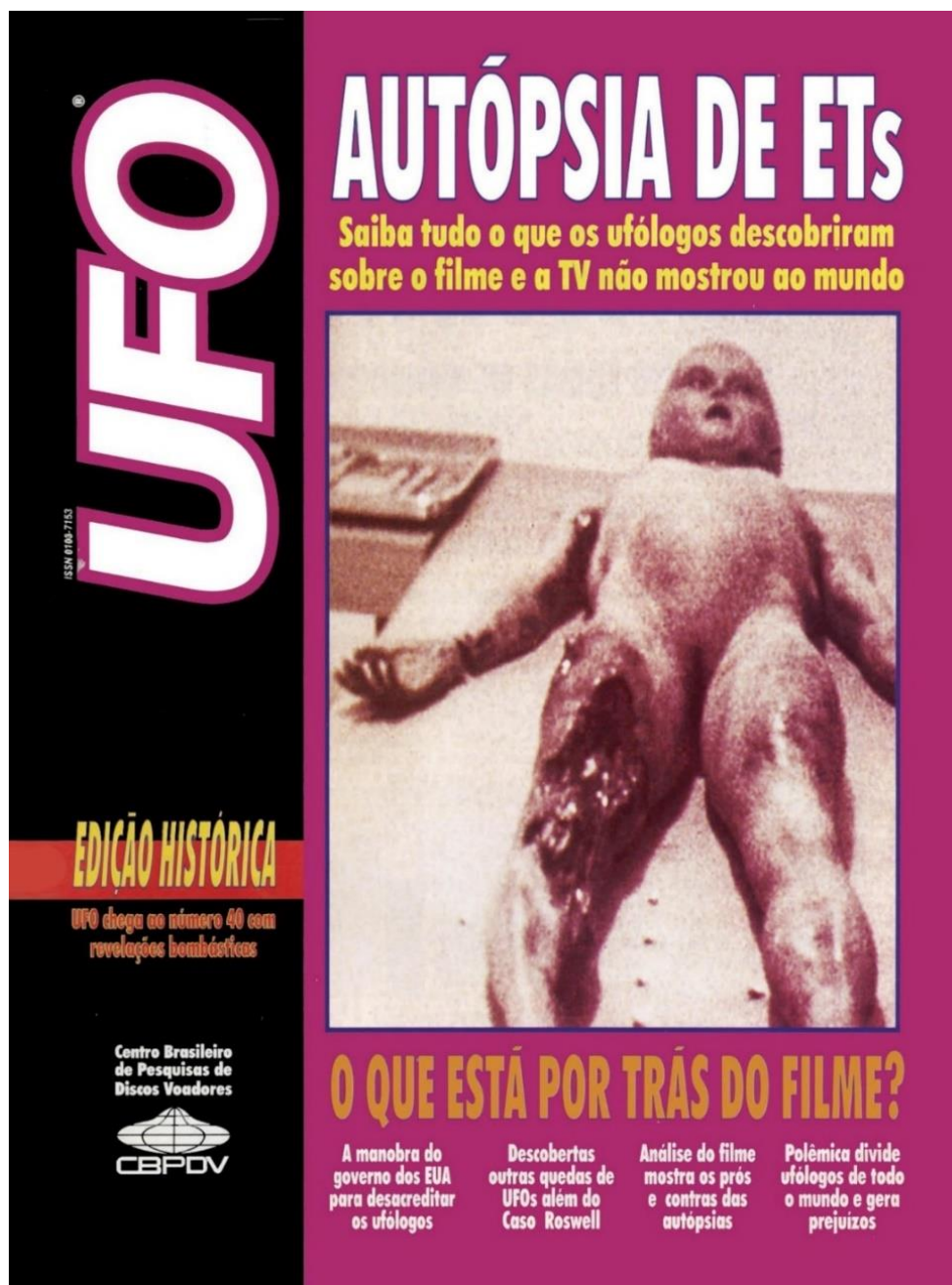
Esta fase se iniciou com a edição nº 30, lançada em maio de 1994. Foi uma edição comemorativa das trinta edições lançadas, com um extenso editorial que rememorou a trajetória da fundação da imprensa ufológica e a criação do CPDV, além das diversas dificuldades enfrentadas na empreitada de construir uma revista ufológica em Mato Grosso do Sul. Esse editorial é curioso por tratar do preâmbulo da imprensa ufológica pela própria revista, de modo que Gevaerd superestima as experiências anteriores, tratando seus lançamentos anteriores como “imensos sucessos” (*UFO*, 1994, p.6-7). Ora, se foram imensos sucessos por qual motivo foram descontinuados?

Essa edição trouxe novidades em termos editoriais, visto que a matéria principal desta edição foi a própria comemoração das trinta edições da revista, embora na capa tivesse uma notícia em destaque de supostos aumentos de contatos com extraterrestres no mundo. Porém,

a edição nº 30 foi representativa pois continha elementos de transição: foi a última a ser comercializada pelo Cruzado (Cr\$); a última com um estilo de capas que vinha desde 1991; uma das maiores desta etapa da revista, com 48 páginas; e por finalmente trazer os resultados da pesquisa que havia prometido na 21ª edição, um ano atrás, apresentando a existência de 140 grupos ufológicos atuantes no Brasil em 1994. A edição nº 30 foi o ponto final e de início de uma nova fase de *UFO*, que durou até a edição nº 60, de setembro de 1998.

A partir da edição nº 31, o padrão técnico das revistas se modificou substancialmente: o tamanho das revistas continuou com o padrão 28x21 cm, porém as capas se modificaram, as páginas aumentaram, o papel utilizado, que nas edições anteriores a 30 era mais áspero e rústico, dá lugar a um papel liso, porém fosco, com menor brilho, até a edição nº 60, que passou a utilizar o papel couchê característico de revistas e periódicos. Nesta fase, o layout das capas se modificou ao trazer uma faixa preta em todo o canto esquerdo, de cima a baixo, e o título “UFO” invertido no canto esquerdo superior.

Imagem 42: Capa da edição nº 40 de *UFO*, de outubro de 1995, destacando o novo layout das capas e a polêmica do vídeo da autópsia do extraterrestre de Roswell



Fonte: *UFO*, ed. nº 40, 1995, capa

As capas tornaram-se mais informativas, contendo poucas imagens, exibindo uma série de chamadas de matérias e artigos da edição. O logo do CBPDV (Centro Brasileiro de Discos Voadores) vem no canto esquerdo inferior, onde aparece o número da edição, a data e o preço correspondente.

Em que pese a denominação de “Edição Histórica” trazida pela revista nesta capa, muitas vezes utilizada de forma banal, esta foi, de fato, uma das edições mais importantes da

trajetória da *UFO*, devido ao significativo número de quarenta edições lançadas, ao furor causado pelo vídeo da autópsia e pela caracterização histriônica, escatológica e sensacionalista da capa, digna de um *Notícias Populares*⁶⁶. A imagem exposta do corpo do suposto extraterrestre sendo autopsiado destoou das capas e da abordagem trazida pela *UFO* e, ainda que abordando uma temática controversa, jamais havia utilizado tais estratégias como apelo comercial.

A imagem da capa insere-se, também, numa noção de imagem-síntese refletida por Ana Cristina Teodoro da Silva, em que estas são escolhidas pelos editores de modo a sintetizarem as edições e as matérias reproduzidas. Silva (2003) conceitua as imagens-síntese como rituais de sedução e iniciação do leitor. Gera-se uma linguagem adensada, cada capa constituindo uma narrativa que propõe uma certa orientação e educação do olhar (2003, p. 68). Desta forma, a imagem ruidosa vinda na capa traduzia a temática central da edição, que foi imediatamente associada ao suposto vídeo.

A edição também foi importante por centrar-se na abordagem deste vídeo, que fora exibido no programa *Fantástico* na noite do dia 27 de agosto de 1995, angariando enorme publicidade e repercussão. Essa edição, de outubro, seguia a repercussão da reportagem da Rede Globo, tendo uma tiragem de 25 mil exemplares, um número alto considerando que as tiragens anteriores giravam em torno de 12 mil exemplares (edição nº 31 e 32) e 20 mil exemplares (edição nº 33 até nº 39), o que ressaltou as expectativas comerciais dessa edição.

A revista tentou adotar um discurso cauteloso em virtude da possível fraude envolvendo o vídeo, mas não conseguiu conter a euforia com a divulgação e enorme repercussão que resultou. A matéria principal, intitulada “Chegou a hora da verdade: Revelações extraordinárias sacodem a ufologia mundial e dividem os pesquisadores” traz uma série de reportagens de ufólogos internacionais, como Michael Hesemann, editor da revista *Magazin 2000*, da Alemanha, que abre a reportagem; Graham W. Birdsall, ufólogo britânico; Stanton Friedman, o responsável pelo reavivamento do caso Roswell, dentre outros; traduzidas pela Equipe UFO. O entusiasmo da revista com as imagens do vídeo é um indicativo da importância de Roswell e da chegada do tão aguardado momento de as autoridades esclarecerem ao mundo a hipótese extraterrestre.

O uso de reportagens importadas e traduzidas, incomum para a revista, faz acreditar que essa edição foi refeita após o lançamento do vídeo e o furor por ele causado. Isso é

⁶⁶ O *Notícias Populares* foi um jornal que circulou no estado de São Paulo, de 1963 até 2001, e tornou-se notório pela sua abordagem sensacionalista e apelativa, ao trazer matérias absurdas, mas que se tornaram famosas, como a do nascimento de um suposto bebê diabo, no ABC paulista, na década de 1970.

justificado pelo texto de apresentação da reportagem, que afirma: “O mundo foi surpreendido há poucos meses pela revelação bombástica (e inesperada) de que existem filmes de uma autópsia de seres extraterrestres resgatados em acidentes de UFOs nos Estados Unidos, provavelmente em Roswell” (UFO, 1995, p. 10). O adjetivo “inesperada” vir em parênteses, de forma destacada, faz supor que a *UFO* foi pega de surpresa com os eventos causados pelo vídeo e na ausência de trabalhos e textos brasileiros sobre o tema à disposição, recorreu a seus contatos internacionais que viabilizaram textos para esta edição. Porém, os colunistas brasileiros participaram da edição tecendo comentários que apareceram em *boxes* anexos das matérias principais, afirmando se concordavam ou não com a veracidade do vídeo.

Este vídeo, que se trata de um *hoax*⁶⁷, foi elaborado pelo músico e produtor de filmes britânico Ray Santilli, que afirmou ter encontrado por acaso o vídeo da suposta autópsia quando efetuou a compra de uma série de vídeos do cantor Elvis Presley através de um sargento reformado do Exército norte-americano. Em 2006, Santilli confirmou que forjou os vídeos com intuito midiático e monetário.

Reportagens que abordavam Roswell começaram a circular a partir de *UFO* n° 33, lançada em outubro de 1994, um ano antes da emblemática 40ª edição, dedicada a supostas descobertas e a divulgação de documentos secretos que relatavam a queda e captura de seres extraterrestres no incidente de Roswell; o que se encaixava no contexto de redescoberta desse caso. São reportagens extensas esmiuçando os detalhes deste caso, misturando teorias conspiratórias de acobertamento por parte do governo dos Estados Unidos, como também relatos de pessoas no interior da burocracia estatal norte-americana supostamente envolvidas numa campanha de acobertamento e que, agora, falariam a verdade dos fatos. A reportagem, em si, trouxe poucas novidades, procurando estabelecer uma cronologia do caso Roswell, mas foi relevante por mencionar que os supostos extraterrestres encontrados nos destroços foram, de fato, autopsiados, como é evidenciado pela ilustração abaixo.

⁶⁷ Podemos entender o *hoax* como um tipo de SPAM - em poucas palavras, mensagens não solicitadas enviadas a várias pessoas. O conteúdo de um SPAM pode ter várias finalidades. No caso do *hoax*, é o de propagar boatos pela internet de forma que a informação distorcida chegue ao maior número possível de indivíduos. Ver: ALECRIM, Emerson. *Hoax: os perigos dos boatos na internet*. Site. 2012. Disponível: <https://www.infowester.com/hoax.php>. Acesso em 24 out. 2022

Imagem 43: Desenho que ilustra o suposto ser extraterrestre submetido à autópsia em Roswell.



CETICISMO - Naturalmente, há objeções às interpretações dos ufólogos. Cientistas céticos não aceitam o fato de que o governo esconde informações sobre Roswell ou qualquer outro assunto relacionado aos UFOs. Um deles, o arqui-cético Philip Klass, ex-editor da revista *Aviation and Space Technology* e autor do livro *UFOs: The Public Deceived* [Editor: *UFOs: O Povo Enganado*], vê as coisas bem diferentemente. "Pelo que pude entender do contexto em que foi escrito, o memo tentava apenas solucionar o problema sobre o que aconteceria com os registros sobre UFOs, de qualquer espécie, após o fim do Projeto Livro Azul. Bollender estava simplesmente dizendo que, quaisquer que fossem os problemas (como por exemplo os mísseis soviéticos), já existiam canais para tratar tais casos". Klass não convenceu ninguém. O memorando fala por si só, sem contar o fato de que dele fazem parte simplesmente 16 apêndices referentes aos arquivos da Força Aérea sobre UFOs, e estes anexos desapareceram quando o memo foi liberado sob força da Lei de Liberdade de Informações. Por quê?

Outubro 94 **Edição Especial UFO 15**

Fonte: *UFO*, ed. n.º 33, 1994, p. 15

Esse desenho, que na mitologia ufológica é referenciado como de um extraterrestre da raça *Grey*, os cinzas, uma das mais famosas representações dos extraterrestres, assemelha-se à imagem da capa da edição n.º 40, o que atesta que boatos deste vídeo e da suposta autópsia corriam nos bastidores do mundo ufológico ao menos dez meses antes de sua divulgação.

As descrições vindas nessa edição n.º 33, porém, apresentavam detalhes distintos do vídeo da edição n.º 40: o tamanho das criaturas, que, neste trecho afirmava serem pequenos, de pouco menos de 90 centímetros, contrastava com a criatura da capa da edição n.º 40, que era grande em tamanho e peso. Outro detalhe eram os dedos que a reportagem afirmava serem três, e no vídeo aparecem como uma mão de aparência humana, mas com seis dedos.

A iconografia dos *greys* torna-se relevante por constituir a criação de uma imagem de algo até então jamais visto ou comprovado, mas sim idealizado. A imagem cadavérica dos *greys* tornou-se a mais recorrente do que é um extraterrestre pois foi uma das primeiras a representá-los com características ligeiramente humanas.

Na década de 1930, o padrão de representação de seres extraterrestres era o chamado *Bug Eyed Monster*, um extraterrestre com características de insetos, como moscas e gafanhotos, com comportamento violento, constantes nas páginas de revistas do gênero *Pulp*⁶⁸. A partir da década de 1950, iniciou-se a representação de extraterrestres benevolentes e pacíficos, com características físicas humanas, mas robóticas, o artífice apresentado em *O dia em que a Terra parou* (1951); e também dos homenzinhos verdes de Marte, que guardavam semelhanças com os *Bug Eyed Monster*. Os *greys*, porém, começaram a aparecer como síntese de extraterrestres após a década de 1960 com a divulgação do famoso caso *Betty e Barney Hill*⁶⁹, em que o casal afirmava ter sido abduzido e ter sofrido experimentos por criaturas com características aos dos *greys*: baixos, com olhos que chegavam às têmporas e de pele acinzentada.

A representação de algo desconhecido, debatido por Jean Delumeau em sua *História do Medo no Ocidente (1300-1800)* ao mencionar o medo dos europeus pelo mar no início das Grandes Navegações, fazia com que os navegantes idealizassem criaturas monstruosas e representações violentas e perigosas do oceano:

Polifemo, Cila, Circe, as Sereias, Leviatã, Lorelei: seres ameaçadores que vivem na água ou à beira d'água. Seu objetivo comum era apanhar os humanos, devorá-los ou pelo menos, como Circe, fazê-los perder sua identidade de homem. (DELUMEAU, 1978, p. 62)

Essas criaturas, porém, eram conhecidas dos europeus advindas da mitologia grega, como as sereias, Polifemo, Cila e a feiticeira Circe; ou da tradição judaico-cristã, como o Leviatã. Nessa medida, na construção do mundo, o imaginário é capaz de substituir-se ao real concreto, como um seu outro lado, talvez ainda mais real, pois é por ele e nele que as pessoas conduzem a sua existência (PESAVENTO, 2003, p. 27), nesse caso, representando o medo absoluto dos perigos dos mares.

⁶⁸ As revistas do gênero *Pulp* tiveram enorme sucesso no início do século XX e foram precursoras dos gibis, cartuns e HQs, abordando temáticas de ficção científica e fantasia. Essas revistas eram produzidas com material barato, extraída da polpa da madeira da árvore, para baratear os custos de produção. Isso tornava as edições muito mais acessíveis a um público massificado, abrangendo tanto classes médias quanto grupos proletarizados das cidades modernas. Ver: RICCI, Guilherme. *Revistas Pulp no Brasil: indústria cultural, consumo e modernização na sociedade de massas*. 2021. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História, Cultura e Sociedade) – Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto.

⁶⁹ Betty e Barney Hill foram um casal que, em 1961, afirmaram terem sofrido uma abdução após testemunharem ovnis se aproximando de seu carro durante a volta de uma viagem. O caso tornou-se célebre pois foi a primeira alegação de uma abdução por extraterrestres até então. Posteriormente, considerou-se a ocorrência como uma *folie a deux* por parte do casal. Ver: SOUZA, Alana. *Betty e Barney Hill, o primeiro caso de abdução alienígena*. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-betty-e-barney-hill-o-primeiro-caso-de-abducao-alienigena.phtml>. Acesso em 12 jan. 2023

Idealizações e imaginários constituem interesse da História Cultural, que investiga essas relações dos humanos com representações do real e também do imaginário:

O real é sempre o referente da construção imaginária do mundo, mas não é o seu reflexo ou cópia. O imaginário é composto de um fio terra, que remete às coisas, prosaicas ou não, do cotidiano da vida dos homens, mas comporta também utopias e elaborações mentais que figuram ou pensam sobre coisas que, concretamente, não existem. Há um lado do imaginário que se reporta à vida, mas outro que se remete ao sonho, e ambos os lados são construtores do que chamamos de real. (PESAVENTO, 2003, p. 27)

Imagens e iconografias dos *greys*, assim como os monstros dos oceanos, não representam o não-visto, mas sim o que supostamente se viu, já que as imagens construídas desses seres se edificaram a partir dos relatos de abduções, apresentando um padrão dúbio e ao mesmo tempo contraditório, pois eles assemelham-se às características humanas, mas são desfigurados, rejeitando a própria humanidade, de forma que, ainda que se assemelhem à raça humana, são distantes de nós.

Outro ponto importante é que os *greys* foram apresentados ao mundo a partir do relato da abdução de Betty e Barney Hill, que envolvia o sequestro seguido de experiências científicas corpóreas e contra a vontade do casal, que alegavam estarem imobilizados numa espécie de transe durante a experiência. Dessa forma, exteriorizam o medo do comportamento violento da própria raça humana. Extraterrestres benéficos e pacíficos, como o Superman, o personagem principal de *O dia em que a Terra parou*, entre outros, aparentavam características humanas pois não apresentavam ameaça aos humanos. Já extraterrestres violentos e bélicos, como os *Bug Eyed Monster*, tinham características monstruosas pois representavam perigo.

Os *greys*, por ventura, apresentavam essa dualidade pois suas intenções eram dúbias. Ademais, 1961 era distante apenas quinze anos após o fim dos horrores testemunhados no Holocausto, em que seres humanos também sofreram experiências nos campos de concentração, e o período estava sob constante lembrança desta época, com a captura de ex oficiais nazistas, como Adolf Eichmann, que fora preso pelo Mossad⁷⁰ em 1960 e levado a julgamento em Israel. Ou seja, dadas as devidas proporções, a imagem dos *greys* conduzindo experimentos era recorrente no contexto da época em vista da memória dos campos de concentração.

⁷⁰ Serviço de inteligência de Israel. O Mossad capturou Adolf Eichmann, um dos principais arquitetos da Solução Final, em 1960, nos arredores de Buenos Aires. Eichmann foi levado a julgamento e enforcado em 1962 em Ramla, há 15 km de Tel Aviv.

As reportagens que mencionavam o vídeo iniciaram-se na *UFO* nº 38, de junho de 1995, quando a revista noticiou em destaque em sua capa um *filme secreto de Ufos acidentados*. Nessa edição, porém, ainda não haviam imagens, apenas descrições do vídeo. Na edição nº 39, de agosto, porém, a revista continuou abordando o caso ao veicular fotos de cadáveres de extraterrestres que estavam na internet, e divulgou as fotografias do extraterrestre sendo dissecado, sem afirmar que as imagens eram do vídeo de Santilli. Posteriormente, a edição nº 42 abordou novamente o vídeo, ao dizer que era uma fraude; e por fim, a edição nº 44, de junho de 1996, reviveu o caso ao trazer novos debates em torno da veracidade do vídeo.

O vídeo da autópsia do extraterrestre foi um escândalo a nível mundial e continuou pautando o debate da ufologia no exterior nos meses seguintes. No Brasil, ele se tornou coadjuvante a partir de janeiro de 1996 quando se deu a descoberta de um caso com características próximas a Roswell e que se tornaria um marco para a ufologia brasileira. O caso Varginha, como ficou conhecida a alegação de avistamento de um ser extraterrestre por três meninas num terreno baldio da cidade de Varginha, em Minas Gerais, é até hoje o caso mais famoso da ufologia nacional.

Esse caso definiu a trajetória da revista *UFO* pois a revista dedicou ampla repercussão aos acontecimentos relatados. A investigação teve participação de um integrante da revista, Ubirajara Rodrigues, morador de Varginha, investigou pessoalmente as ocorrências, fazendo com que a revista se apropriasse dos eventos seguintes, transformando-os em motor financeiro. O caso deu origem a dois livros lançados pela Biblioteca UFO⁷¹, *O Caso Varginha*, lançado em 2001 e escrito por Rodrigues, e *Varginha: toda verdade revelada*, escrito por Marco Antônio Petit e lançado em 2015. E diversas edições dedicadas ao caso, em especial a 43ª, de abril de 1996, na esteira dos acontecimentos; e a comemorativa 100ª edição, de junho de 2004, que trouxe novidades e supostas descobertas desse caso. Dessa forma, o caso Varginha deu fôlego comercial e apelo mitológico não só à revista, mas também à ufologia brasileira.

O episódio de Varginha desdobrou-se a partir do relato das irmãs Liliane, 16 anos, e Valquíria Fátima da Silva, 14 anos, acompanhadas da amiga Kátia Ferreira Xavier, 22 anos, que relataram terem encontrado, num terreno baldio no bairro Jardim Andere, uma estranha criatura encostada num muro, aparentemente ferida:

⁷¹ Editora anexa à revista que lançou vários livros temáticos sob o selo da *UFO*. Foi inaugurada em 1998, perdurando com lançamentos ocasionais até 2021.

Kátia estacou a cerca de sete metros do muro que divide a oficina mecânica com o lote vago que tentavam transpor. Olhou, cerrou os olhos e, assustada, gritou às amigas: “Gente! O que é aquilo ali?” Liliane parou logo atrás e se limitou a colocar a mão na boca, no típico gesto de quem se ache subitamente diante de algo notável. E Valquíria suplicou para que saíssem imediatamente dali. [...] Tinham visto uma criatura com cabeça, tronco e membros. Agachada a um canto como se, de sua feita, estivesse mais apavorada e perdida do que suas surpresas observadoras. Sofria a olhos vistos, como sempre afirma Liliane. Os braços por entre os joelhos, por um breve instante o ser dirigiu seus grandes olhos vermelhos e saltados, dispostos verticalmente fora da cavidade ocular, sem pálpebras, córnea e íris imperceptíveis, para as garotas. Ergueu levemente a cabeça e voltou a abaixá-la, fitando novamente o chão. Sem cheiro. Sem som ou ruído. A pele era como se coberta por uma camada oleosa, brilhante e úmida. De cor marrom escuro. Nenhum traje, completamente nu. Algumas veias grossas saltadas pelas espáduas, subindo pelo pescoço curto e indo até a base do crânio. O crânio, bem desenvolvido desproporcionalmente, era encimado por protuberâncias saltadas, duas laterais e uma na parte superior, à semelhança de chifres desde o ponto em que as garotas observavam. “Parecia com um enorme coração de boi, escuro”, comparou Valquíria” (RODRIGUES, 2001, p. 50-51-53).

O relato das irmãs e de Kátia se tornou o aspecto mais importante do caso pois representou o avistamento de uma E.B.E que, em ufologia, é a sigla de Entidade Biológica Extraterrestre, ainda com vida e no centro de uma cidade brasileira, algo inédito no cenário ufológico mundial, pois a regra dos relatos de avistamentos de seres extraterrestres era os mesmos serem acompanhados também de relatos de abdução e outros elementos que por ventura contaminam a veracidade dos relatos. Dessa vez, porém, haviam testemunhas oculares, pessoas comuns, que não haviam passado por experiências dessa natureza, e em cujas entrevistas apresentavam o relato com precisão e sem incongruências, o que deu certa legitimidade ao caso.

Os eventos que seguiram ao relato das três garotas centraram-se numa não confirmada captura de um outro ser extraterrestre por bombeiros e militares, que foi encaminhado ao Hospital Humanitas de Varginha e depois transportado ao ESA – Escola de Sargentos das Armas, da cidade vizinha, Três Corações, onde foi submetido a um procedimento de autópsia (referenciando a fresca ocorrência do vídeo de Roswell); e uma não esclarecida morte do policial militar Marco Eli Chereze, que supostamente entrou em contato com a pele do extraterrestre capturado; além de avistamentos de Ovnis na cidade. Além disso, Kátia, Valquíria e Liliane começaram a relatar coações e ameaças de homens supostamente vestidos de preto para que desmentissem a história que apresentaram.

Ao longo das semanas seguintes, o relato das meninas alastrou-se pela cidade, indo parar nas mídias locais e, posteriormente, às mídias nacionais, novamente sob a ótica do programa *Fantástico* que, duas semanas após a ocorrência, em 4 de fevereiro de 1996, levou

ao horário nobre da Globo uma reportagem⁷² de sete minutos sobre o caso. Como em outras reportagens em que abordou a ufologia, o programa utilizou de uma trilha sonora enigmática e intrigante, entrevistando as meninas envolvidas, mas também transeuntes de Varginha, além de uma suposta enfermeira, em anonimato, que confirmou que o extraterrestre foi levado ao Hospital Humanitas; elementos constituídos para criar um ar de tensão e de mistério. Ubirajara Rodrigues, investigador do caso, o prefeito de Varginha em exercício à época, Paulo Vitor Freire, e o diretor do Hospital Humanitas, Adilson Usier, também foram entrevistados.

Porém, a posteridade tratou de desanuviar certos eventos do caso Varginha, de modo que em 1997 foi produzido um Inquérito Policial Militar da Polícia Militar de Minas Gerais, só liberado em 2011, que atesta que a suposta criatura era, na verdade, uma pessoa com deficiência física e mental moradora de Varginha, popularmente conhecida como “Mudinho”, que, agachado e sujo após a torrencial chuva que atingiu a cidade àquele dia, foi confundido pelo trio de garotas com “uma criatura do espaço” (SANTOS, 1997, p. 334).

Sobre a presença de militares, Valdir Ernesto Mendes dos Santos, 3º Sargento lotado na ESA, considerou que: [...] naquele final do mês de janeiro, as viaturas Mercedes Benz ainda em garantia estavam sendo conduzidas à concessionária Automaco, em Varginha, para fazerem manutenção necessária (SANTOS, 1997, p. 272), o que justificava os militares nas ruas de Varginha.

A respeito da participação dos militares no transporte do extraterrestre, o major do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais José Francisco Maciel Dias Ferreira, comandante da 13ª Companhia Especial de Bombeiros de Varginha, considerou que:

[...] pelas instruções de Conduta Operacional vigentes naquele órgão, é proibido o recolhimento para as viaturas de qualquer animal ou coisas que não sejam do aparelhamento normal da viatura e destinadas ao serviço operacional (SANTOS, 1997, p. 269)

Dessa forma, o inquérito produzido pela Polícia Militar desautorizou o teor ufológico do caso Varginha, pondo em descrédito a atuação dos ufólogos que investigaram o caso, em especial: Ubirajara Rodrigues, colunista de *UFO*; e Vitorio Pacaccini, autor da obra “Incidente em Varginha: criaturas do espaço no sul de Minas” junto a Maxs Portes, lançado prematuramente em 1996, e que motivou a produção do inquérito da PM para servir como

⁷² CASO VARGINHA. *Fantástico*, São Paulo – SP: Rede Globo, 04 fev. de 1996.

contraponto oficial ao livro lançado pelos autores, que continha partes que supunham ações de coação e acobertamento por parte das forças policiais.

Como observa-se, o caso Varginha tem elementos em paralelo com Roswell, fato que foi reconhecido pela revista em sua edição nº 45, de agosto de 1996, na matéria “Roswell e Varginha: comparação inevitável”. Marco Antônio Petit, autor do texto, até mesmo fez um quadro comparativo dos dois casos: alta presença de militares, mortes não esclarecidas, eventos em cadeia, relatos de pessoas supostamente envolvidas, resposta da comunidade ufológica. Um outro elemento relevante foi a presença dos chamados “homens de preto” no caso. A figura dos homens de preto, na ufologia, corresponde a altos emissários de governos que servem para acobertar casos ufológicos ameaçando e intimidando testemunhas para manterem silêncio sobre os casos. Ternos e óculos pretos são características marcantes desses personagens, que servem para desumanizá-los e tornar impossível sua identificação. Um filme foi lançado em 1997 com essa temática, *MIB – Homens de Preto*, angariando enorme sucesso.

A representação artística da criatura testemunhada pelas meninas apareceu na capa da *UFO* nº 43, abril de 1996, com características distintas dos *greys*:

Imagem 44: Capa da edição nº 43 de *UFO*, abril de 1996, destacando o suposto extraterrestre avistado em Minas Gerais



Fonte: *UFO*, edição nº 43, capa, 1996

O alienígena representado nessa capa, feito pelo artista Alberto Romero, difere-se dos greys de Roswell pelas protuberâncias na cabeça, a pele amarronzada e os olhos vermelhos. Assemelha-se mais ao extraterrestre do icônico filme, *E.T – O Extraterrestre*, de Steven Spielberg. Outra edição importante dessa fase de *UFO*, a 43ª edição confirmou a importância e a amplitude do caso Varginha para a ufologia brasileira, ao mencionar que o ser extraterrestre foi capturado vivo e noticiar uma “onda ufológica sem precedentes” no Brasil de norte a sul. Para a revista, o momento do contato finalmente havia chegado, corroborado pela divulgação da carta do leitor Eustáquio Andréa Patouna intitulada “A humanidade está pronta para o contato?”, na seção *Opinião* dessa 43ª edição, em que o leitor discutiu se, face

às descobertas do caso Varginha, a humanidade estaria madura o suficiente para a verdade sobre o fenômeno ufológico.

De outra forma, Varginha conecta-se a Roswell como a síntese da ufologia brasileira pois concedeu aquilo que ainda lhe carecia, mesmo com casos famosos como a Operação Prato: mitologia. O mito, segundo Roland Barthes (1999), é um sistema de comunicação, é uma mensagem, definido não pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como a profere (BARTHES, 1999, p. 131). Dessa maneira, o caso Varginha propiciou elementos de identificação e de coesão no discurso ufológico da *UFO* e da comunidade ufológica brasileira, de modo que a mensagem que a revista propaga, de que há a existência de vida extraterrestre inteligente e que esses mantêm contato com os humanos, se materializaram no relato e nas ocorrências relatadas em Varginha. Não apenas isso, a presença dos militares, as mortes, os eventos subjacentes relatados, tudo aumentou o grau de suspeição, de mistério e entusiasmo em torno de Varginha.

Importante ressaltar o aspecto memorialístico dessa ocorrência. A memória liga-se ao mito pois a construção do mito na memória tem, ao mesmo tempo, um caráter social-individual e social-coletivo, já que é o indivíduo que faz o seu registro e a acumula e é o coletivo que a recupera (ROSSI, 2007, p.38). Assim, mesmo após conclusão do inquérito que a Polícia Militar de Minas Gerais comandou sobre o caso, e que atestou como infundadas as alegações extraterrestres, o mito construído em Varginha a partir do relato das três meninas e das ocorrências supostamente não esclarecidas, imbuído pela memória, tornou-se um elemento de identificação e categorização absoluto da comunidade ufológica brasileira, que o recebeu como discurso e como verdade, rechaçando qualquer explicação crível que contradiga essa memória edificada e a narrativa extraterrestre construída.

Memória essa capitalizada pelo poder público, visto que governos municipais seguintes criaram monumentos e construções que rememoram o incidente, auxiliando na construção da memória através do monumento. Pontos de ônibus e caixas d'água com formato de disco voador, extraterrestres espalhados pela cidade e até mesmo a inauguração de um memorial ao E.T de Varginha, em 2022, tornaram-se amplamente famosos e referenciados no município. Até mesmo a cidade ficou conhecida como a “a cidade do ET de Varginha”. O incidente, por fim, tornou-se uma vitrine para o município de Varginha. Construções que entram na linha abordada por Jacques Le Goff em seu “Documento/Monumento”:

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência

do passado e do tempo que passa, os historiadores. [...] O monumentum é um sinal do passado. Atendendo as suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos (LE GOFF, 1996, p. 535).

Outro detalhe importante foi que Ubirajara Rodrigues, em 2009, rompeu com a comunidade ufológica e rejeitou seu trabalho como ufólogo quando lançou o livro “A desconstrução de um mito”, desacreditando a ufologia e a mitologia dos extraterrestres como uma possibilidade factível, além de rechaçar a hipótese extraterrestre do caso Varginha. Nas edições 153 e 154 de *UFO*, de maio e junho de 2009, respectivamente, Rodrigues concedeu entrevista ao veículo, em que reafirmou sua nova posição perante a ufologia, posição que caiu como uma bomba para a comunidade ufológica, que reagiu com um misto de negação, estarecimento e descrédito, em vista da figura estimada de Rodrigues e sua atuação em Varginha. Até mesmo a teoria de que Rodrigues fora silenciado por policiais foi elencada como uma possibilidade, como aponta o antropólogo Rafael Antunes Almeida:

Contava sobre o envolvimento do pesquisador mineiro Ubirajara Franco Rodrigues no referido caso, comentava sobre a qualidade da sua investigação do episódio, mas apontava que recentemente, por ocasião da divulgação de documentos pelo Exército, ele e outros membros da comunidade ufológica passaram a desconfiar de que o principal ufólogo responsável pela investigação do caso fora coagido a não mais se pronunciar sobre a questão. (ANTUNES, 2015, p. 325)

Rodrigues, em entrevista a Almeida em 2014, rechaçou tais proposições, ressaltando a defesa científicista em torno da ufologia, e rejeitando a categoria de cético que lhe foi atribuída. Um editorial em resposta, intitulado “Respostas ao ceticismo na Ufologia”, escrito pelo colunista Fernando A. Ramalho, na edição nº 156, de agosto de 2009, foi preparado para rebater as argumentações de Rodrigues. Nesse editorial, Ramalho tentou contra-argumentar pontos abordados por Rodrigues que faziam referência a falta de cientificidade da ufologia brasileira:

Em primeiro lugar é preciso deixar claro que, dentre os membros da CBU, nenhum aplica o subjetivismo como fator preponderante em suas pesquisas, assim como nenhum usa tal critério para afirmar tácita ou explicitamente a realidade de um caso ufológico, ou defender sua maior e mais confiável hipótese, a da origem extraterrestre. Todos, sem exceção, na medida do possível, buscam aplicar o método científico ao estudo da presença alienígena na Terra, isso ao mesmo tempo em que sabem que a ortodoxia pode não ser o melhor caminho (RAMALHO, 2009).

A sigla CBU refere-se à Comissão Brasileira de Ufólogos, órgão criado em 2004 com o intuito de conseguir acesso junto ao Governo Federal à documentação da Operação Prato, Noite oficial dos OVNI's e Varginha, numa campanha lançada pela revista como “UFOS: Liberdade de informação já!”, no ano de 2004. Em 2009, após latente negociação com entes governamentais, essa comissão de nomes ligados à revista obteve acesso a esses documentos.

Ainda sobre a falta de embasamento científico da ufologia, de Ramalho apresentou estranha argumentação:

Outro equívoco demonstrado pelo ex-ufólogo mineiro está em se basear na filosofia da ciência para explicar sua visível rejeição à tese da origem extraterrestre aplicada à Ufologia – que, segundo ele, “não é uma hipótese séria”, uma vez que “é a mais frágil e menos embasada”. O embasamento a que se refere o doutor Rodrigues se apóia única e exclusivamente no fato de nenhum ufólogo ter colocado um disco voador dentro de uma universidade. Ou de nenhuma banca examinadora composta por cientistas civis, dispostos e com coragem suficiente para investigar e revelar o enigma, ter tido qualquer audiência com um ufonauta, retirando dele e traduzindo palavras como “olá, eu sou um extraterrestre!” Não existe nada mais materialista, reducionista e cartesiano do que tal postura. Redundantemente falando, o entrevistado está procurando ser mais objetivo do que o objeto, ou “mais real que o rei”, o que até seria louvável se tais afirmações não viessem de um estudioso que se nega a colaborar com os objetivos científicos da Ufologia, como veremos adiante. (RAMALHO, 2009)

É curiosa a reviravolta argumentativa no âmbito da revista *UFO* em rejeitar a refutação científica da hipótese extraterrestre com o passar dos anos, indagando que esta é, na verdade, anticientífica quando, no período abordado por essa dissertação, a aproximação com a ciência era um dos objetivos primários a serem alcançados pelos ufólogos. E ainda mais, taxando Rodrigues como “reducionista”, “cartesiano” e “cético”, como apontado no título deste editorial. Ademais, o caso Varginha tornou-se tão importante para a *UFO* e a ufologia brasileira que, mesmo com a negação de seu principal investigador, a comunidade ufológica resistiu a aceitar tal posição e passou a centrar fogo amigo no antes “conceituado” ufólogo Ubirajara Rodrigues.

Marcando definitivamente a trajetória da revista *UFO*, o caso Varginha continuou em vigência nos anos seguintes e, atualmente, goza de um *status* folclórico semelhante ao que representa Roswell nos Estados Unidos. A imprensa ufológica, em seu primeiro decênio, passou por inúmeros percalços e esteve à beira da extinção, sobretudo nos anos de 1991 e 1992. Porém, ao término deste período, os ufólogos tinham em mãos um veículo de divulgação sólido, permeado pela construção de uma utopia ocasionada pelo incidente de Varginha, que os perseguiriam e motivariam nos anos posteriores, e uma comunidade

unificada sob um ideal, lutando para serem ouvidos frente ao eminente contato com civilizações extraterrestres no findar do século. A “hora da verdade” para os ufólogos havia chegado, mas esta última, ainda continuaria lá fora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os silêncios da História

A escrita dessa dissertação se deu em um momento transitório da vida em que, preocupado pelo cenário pandêmico e apático por frustrações pessoais, fui estimulado pelo meu orientador (à época, ex orientador) a me inscrever no processo de seleção do PPGH/UFGD no início de 2021. Sem qualquer pretensão ou expectativa, fiz a inscrição e me vi seguindo adiante nas fases do certame, até ser definitivamente aprovado, ingressando como aluno do PPGH/UFGD. O decorrer do curso do Mestrado que, em anos passados havia sido sonhado e idealizado, mostrou-se diferente das pretensões anteriores.

Aulas remotas, reuniões de orientações pelo *Google Meets*, escrita de artigos, apresentações de trabalho em formato online, se há uma palavra que descreve o cotidiano deste aluno mestrando em um cenário de pandemia foi: silêncio. Não vivi a universidade como geralmente se vive o período da Pós-Graduação. Lembro-me de, durante a graduação, observar os alunos do Mestrado/Doutorado com admiração e respeito, ao ver olhos alegres e mentes sábias confraternizando nos eventos e intervalos de aulas nas dependências da Faculdade de Ciências Humanas da UFGD. Não vivi nada disso. O contato com os colegas de turma, tão desejado pelas interações humanas, mas também pelo compartilhamento de informações, vivências e visões sobre pesquisa, foi incipiente. O contato com os professores, fora do ambiente da sala de aula, tão proveitoso e leve, não houve. O que tive foi o silêncio após cada saída da sala do *Google Meets* ao fim das aulas e reuniões. E o silêncio continuou até o fim, já que nesse tempo me mudei de Dourados, impossibilitando qualquer contato físico com a UFGD.

E escrever sobre discos voadores também foi um exercício de silêncio em razão da pouca produção acadêmica sobre o tema. Mais dúvidas que respostas surgiram com esta pesquisa, dúvidas essas que poderão ser sanadas nos anos à frente com um possível ingresso no Doutorado. Isso mostra as posições ainda conservadoras da academia para com temas pouco críveis e controversos, embora, há de se reconhecer, isso está em processo de mudança. Mas, ainda que sejam aspectos presentes, junto a desconfiança e descrédito outro elemento percebido no estudo da ufologia é o fascínio pelo tema. Pessoas de variadas origens,

formações e pensamentos são fascinadas pela hipótese extraterrestre, pois a consideram fantástica, uma realidade, ou simplesmente uma besteira que entretém. Mesmo que não se acredite, as pessoas sempre tem uma opinião a propagar sobre a ufologia. E este é o maior potencial que segue este trabalho. Há muito o que se estudar, o que se investigar sobre ufologia, pois a humanidade produz incontáveis representações relacionadas aos discos voadores. Que este trabalho guie e inspire outros pesquisadores sobre a temática dos ovnis, ampliando as discussões de nossa área sobre o tema e diminuindo o silêncio que permeou esta pesquisa.

Outro elemento que caracterizou o silêncio desse período foi ter sido um aluno mestrando e professor da rede básica de ensino. Durante todo o curso do Mestrado fui professor com 40 horas semanais, uma carga horária extensa, mas necessária para se viver com um pouco de dignidade. Não temos qualquer tipo de apoio da rede estadual de ensino para se especializar, ainda mais sendo um professor convocado em regime temporário. A escrita desta dissertação, portanto, é uma vitória pessoal pois só foi possível, ironicamente, pelo período pandêmico ter flexibilizado o formato das aulas remotas.

E, embora não seja propriamente um objeto de interesse dessa pesquisa, vale ressaltar que nunca presenciei uma experiência ufológica em meus 27 anos de vida, ou qualquer outro tipo de experiência não explicada. Dessa forma, a escrita desse trabalho funcionou como uma válvula de escape para preencher sentimentos não vividos ou experimentados. Novamente, o silêncio se fazia presente. Agora não mais.

As silenciosas representações dos discos voadores: extraterrestres? Terrestres? Históricas?

Se a humanidade sempre tem opiniões sobre a ufologia, incontáveis representações surgem com essas opiniões. Neste trabalho, estudamos as representações que produzem imagens e signos de extraterrestres baseados nas ansiedades e medos humanos. A curiosidade pela existência de vida fora da Terra sempre foi uma constante na ciência desde, ao menos, Demócrito e seus pensamentos em torno da estrutura do universo, que futuramente fundaria a teoria atômica. As descobertas de Galileu e Isaac Newton, no século XVII, que puseram em xeque a ordem geocêntrica do universo, também inquietaram a humanidade com a comprovação da existência de outros planetas orbitando o Sol e como o universo se estrutura. Mas a principal diferença dessas para o surgimento da ufologia no século XX, um outro tipo

de representação, foi de que a ufologia usurpou elementos científicos para construir uma estrutura pseudocientífica de visão de mundo.

Isso não é novidade, já que diversos movimentos pseudocientíficos e obscurantistas se apropriaram de elementos da ciência para justificar suas teses (como a teoria da Terra plana ou convexa), mas a diferença da ufologia para essas é, novamente, o silêncio. A ufologia se mantém, até hoje e principalmente hoje, por conta da não-descoberta de vida fora da Terra. Os ufólogos, desde 1947, idealizaram e imaginaram uma verdadeira visão de ordem do universo com a existência de diversas raças de seres extraterrestres, dotados de notável capacidade técnico-científica e habitantes de áreas longínquas do universo, que visitam nosso mínguo planeta em busca de estudo e conhecimento.

Toda essa justificativa serve para suprir a crise existencial do ser humano com sua própria existência. Esses pensamentos colocam a Terra e os humanos como protagonistas de visitas desses seres extraterrestres pois nossa existência depende desse protagonismo etnocêntrico de nos colocarmos no centro dos acontecimentos, visto que o homem necessita de esquemas classificatórios que deem sentido às suas experiências e percepções e que ordenem o mundo (SANTOS, 2017, p. 183). Se nunca foram encontrados elementos que comprovem vida extraterrestre, também não foram encontrados elementos que a impossibilitem, visto que o universo gradativamente é descoberto e (re)compreendido pelos cientistas. Dessa forma, a possibilidade de ela existir, para a ufologia, se mantém.

E esse silêncio faz surgir toda série de representações dessa vida extraterrestre. Desde os *greys*, os reptilianos⁷³, pleiadianos⁷⁴, os chupa-cabras, círculos nas plantações, incontáveis visões surgem da imaginação dos seres humanos em torno da existência ou inexistência da vida fora da Terra. Misturados e inspirados por mitologias, historicamente, essas representações são, nada mais que, representações terrestres de possíveis extraterrestres.

História dos, nos, por meio dos, a partir e para os periódicos

A historiografia de imprensa, em especial a das revistas periódicas, possibilita ao historiador a checagem do tempo presente por vias além da História científica. A nós, requer a

⁷³ Raça extraterrestre que, supostamente, tem características de répteis e lagartos gigantes vindas do sistema Alfa Draconis. Na Tipologia extraterrestre, os reptilianos controlam os governos humanos e se transformam em seres humanos.

⁷⁴ Raça de extraterrestres habitantes das Plêiades, grupo de estrelas da Constelação de Touro, que teriam características semelhantes aos habitantes da Escandinávia: olhos claros e cabelos louros.

investigação das origens, intencionalidades, representações, dos vieses por dentro dos editoriais que estão elípticos no interior do produto final: a revista em si.

Se tratando de nosso objeto de pesquisa, não foi fácil o caminho trilhado pelas revistas *Ufologia Nacional & Internacional*, *Parapsicologia Hoje*, *PSI-UFO* e *UFO*. Surgidas em um período de transição política marcado por dificuldades econômicas, lapidadas sob a égide de anos difíceis, essas revistas foram constituídas com o intuito de divulgar seriamente uma área que era notoriamente jocosa e pouco confiável. Lançadas fora da região Sudeste, berço do poderio econômico e político do país, estavam fadadas ao fracasso tão logo eram lançadas. Uma a uma se sucederam, com poucas mudanças, mas o mesmo objetivo. O que explica então o sucesso de apenas uma revista?

A principal diferença da revista *UFO* para suas irmãs antecessoras foi, sem dúvidas, o aspecto econômico. Se tratando de uma revista de nicho muito específico, *UFO* e as demais sempre foram produtos de consumo bem limitado. Constituintes de itens de coleção, o cenário econômico sempre foi determinante para o humor da revista. Se a economia ia bem, as revistas eram lançadas e compradas por seu público. Se a economia ia mal, a revista ou paralisava ou funcionava até seu esgotamento.

Ainda que tenha sofrido um abalo monumental em 1992, quando esteve à beira do desaparecimento com mais uma forte crise cambial, crise essa que fez Plano Bresser parecer eficiente, a *UFO* resistiu graças à parcimônia de seus editores que, ao contrário das revistas da década de 1980 em que os lançamentos ocorreram continuamente até seu estrangulamento, optaram pelo adiamento nesses anos de carestia econômica, com o intuito de preservar o capital da revista e diminuir custos. Lançando as edições das revistas com hiatos consideráveis, a revista *UFO* conseguiu manter o público cativo, enquanto esperava por ares mais confortáveis na conjuntura econômica.

O sucesso desse tipo de lançamento à conta gotas só foi possível por dois aspectos: a imprensa ufológica de Gevaerd conseguiu manter um público estável e fiel a seus produtos, de modo que as tiragens em torno de 10 a 15 mil exemplares por edição garantiam o custeamento das revistas. Para garantia de lucro, Gevaerd passou a investir em diversificações de seu arsenal ufológico, com a criação da *Temas Avançados*, da *UFO Especial*, *UFO Documento* e da *Biblioteca UFO*, transformando *UFO* não apenas em uma revista, mas uma marca editorial. E o outro motivo, responsável não só pela manutenção desse público, mas também pela continuidade da revista nos anos seguintes foi de o CBPDV fagocitar toda a comunidade ufológica brasileira.

Praticamente a totalidade dos ufólogos brasileiros ditos profissionais na década de 1980 e 1990 estava vinculada ao Centro Brasileiro de Pesquisa de Discos Voadores, e conseqüentemente, à revista *UFO*. Dessa forma, evitou que surgissem revistas especializadas em ufologia que competissem em mercado com a *UFO*. Isso possibilitou a manutenção do público, já que não haviam concorrentes, e a *UFO* manteve-se como o único produto especializado em ufologia no país, possibilitando pôr-se em hiato quando o cenário econômico assim o exigisse.

Outro efeito colateral dessa reunião dos ufólogos brasileiros no entorno da revista foi a fundição do campo da ufologia no Brasil com a revista. Quando se fala em ufologia no país, imediatamente recrutam-se pesquisadores ligados a revista *UFO*, de modo que ela, de fato, tornou-se o principal veículo de divulgação da área no Brasil.

Outro elemento importante que permitiu a continuidade de *UFO* em detrimento das outras foi a experiência adquirida após sucessivos lançamentos. A revista se profissionalizou ao longo do tempo e tornou-se um produto que, se não atingiu a expectativa dos editores em divulgar seriamente a ufologia, ao menos era divertida e cumpria seu papel como produto de entretenimento ao leitor.

Mas, nada disso teria levado a *UFO* a atingir a marca de quase trezentas edições não fosse o principal aspecto que a tornou única: ter por trás de sua concepção a mente de A.J Gevaerd. Este, como se sabe, gestou a *UFO* junto a um corpo editorial praticamente intacto desde *Ufologia Nacional & Internacional*: os principais colaboradores foram Claudeir Covo (até sua morte em 2012) e Marco Antônio Petit. Ambos garantiram à *UFO* profissionalização e dinamização nas páginas e matérias da revista, funcionando como coeditores chefes junto a Gevaerd. Porém, não fosse a presença deste, a revista não teria personalidade e marca que tem até hoje.

Nas antecessoras, esse personalismo era presente, mas Gevaerd compartilhava esse protagonismo junto com outros autores. Na trajetória de *UFO*, entretanto, conceber, editar, escrever e difundir-la, Gevaerd personalizou a revista em si, tornando-se a principal marca da revista. Sobre esse conceito de marca, o autor David Aaker escreve:

[...] um nome diferenciado e/ou símbolo (tal como um logotipo, marca registrada, ou desenho de embalagem) destinado a identificar os bens ou serviços de um vendedor ou de um grupo de vendedores e a diferenciar esses bens e serviços daqueles dos concorrentes. Assim, uma marca sinaliza ao consumidor a origem do produto e protege, tanto o consumidor quanto o fabricante, dos concorrentes que oferecem produtos que pareçam idênticos (AAKER, 1998, p. 7).

Embora fale sobre aspectos visuais (logotipo, desenho, etc.), Aaker consente que uma marca é o que diferencia um produto de outro. E no caso da *UFO*, a presença de seu editor-chefe sempre foi o seu principal diferencial, ainda que provocasse críticas e resistências a esse personalismo excessivo. Não obstante, pouquíssimas revistas de ufologia foram lançadas pós-*UFO* e todas tiveram curta existência.

E, ainda sobre Gevaerd, se sua presença foi determinante para o sucesso de *UFO*, sua morte, precocemente ocorrida em dezembro de 2022, põe uma sombra sobre o destino da revista, que já estava paralisada desde março de 2022, após ter sofrido novamente um hiato considerável de lançamentos durante a pandemia de Covid-19, em que ficou sem edições de março a setembro de 2020, algo que não acontecia desde o período trabalhado nesta pesquisa.

Ademais, a presença de Gevaerd na revista a tornava próxima do leitor, e confiável do ponto de vista ufológico, já que este também se destacava como pesquisador no Brasil e no mundo. Dessa forma, a revista conseguiu divulgar e publicizar a figura de Gevaerd em suas páginas, que participava de congressos internacionais e fazia pesquisas de campo, ao passo que o prestígio crescente de sua imagem garantia à *UFO* uma distinção entre as outras revistas. A personalização da revista em Gevaerd atingiu um ponto em que ambos eram indissociáveis, e com sua morte, a revista perde um pilar importante e é um ponto de inflexão em sua trajetória.

Portanto, nesse momento de dúvida e instabilidade, além de uma História dos, nos, por meio dos e a partir dos periódicos, essa pesquisa serve também como uma História para os periódicos, como homenagem a esse gênero de imprensa praticamente inaudível ao grande público, mas com extensa e curiosa trajetória aos que se dedicam a estudá-lo. Por mais de trinta anos, a *UFO* foi a única representante de um gênero de imprensa no Brasil, algo inédito no extenso mercado editorial do país, conseguindo se manter relevante na sua bolha e, em alguns momentos, ter furado essa bolha. Nunca foi *mainstream*, altamente popular e midiática, mas sempre foi ouvida e lida por quem a conhecia.

Ademais, a imprensa ufológica foi testemunha, espectadora e agente das principais mudanças ocorridas no Brasil pós-Ditadura Militar, no período que a historiografia costuma nomear como Nova República (1985-atualmente). Desde os anos de fragilidade econômica da Década Perdida (1980), passando pela Constituinte que elaborou o atual texto constitucional (1986-1988), os sucessivos planos econômicos fracassados, passando pela era Collor e o primeiro impeachment da história do Brasil, até chegar ao sucesso do Plano Real, nas páginas das revistas observou-se a evolução e as contradições do novo período político da história de

nosso país e como esse cenário impactava esses produtos. Assim, remodelando a frase de Maria Helena Rolim Capelato, a imprensa ufológica no Brasil, a seu modo, registrou, comentou e participou da história (CAPELATO, 1988, p. 13).

FONTES

JORNAIS

CORREIO DO ESTADO. *Um Ovni, espetáculo na capital*. Campo Grande/MS. 1982

FOLHA DE SÃO PAULO. *Queda do PIB em 1990 pode chegar a 4,3%*. São Paulo. 26/01/1991, p.6, c.1-2. 1Cad.

HAYDON, S.E. *A Windmill Demolishes It*. The Dallas Morning. 1987. Aurora, Texas, p.5

TESLA, Nikola. *Talking with the planets*. Collier's Weekly, 1901, p. 4- 5. Disponível em: <http://earlyradiohistory.us/1901talk.htm>. Acesso em 28 nov. de 2022

THE DAILY INTER OCEAN. *Kirk's soap* anúncio publicitário. 1892. Chicago, Illinois, p. 8

ULTIMA HORA. *Sherlockadas*. São Paulo/SP. Grupo Folha. 1952.

FONTES ORAIS

GEVAERD, Ademar José. *Entrevista concedida a Kevin Franco dos Santos*. Mercado Municipal de Curitiba. Curitiba-PR. 2018

PERIÓDICOS

COVO, Claudeir; COVO, Paola Lucherini. Resgatando a história da Ufologia brasileira: Casos Barra da Tijuca e Ilha da Trindade: dois clássicos nacionais em situações opostas. In: *Revista UFO*. Campo Grande. Novembro de 2002. p. 10-16.

DEFESA DA FÉ. *Teosofia - A filosofia religiosa que lançou as bases para o atual movimento da Nova Era*. Instituto Cristão de Pesquisas (ICP). Ed. 62. 2003

DISCO VOADOR. *Capa*. Brasil. 1984

LOBO, Ary Maurell. *Os 'discos voadores'*. Ciência Popular, Rio de Janeiro, junho de 1952, no 45, p. 52. (AESP)

INEXPLICADO. São Paulo. Ed. nº 13. Editora rioGráfica. 1985

LOBO, Ary Maurell. *Desvendando o mistério dos 'discos voadores'!* Ciência Popular, Rio de Janeiro, novembro de 1952, no50, p. 45.

LOBO, Ary Maurell. Os discos voadores, uma chantagem, uma imbecilidade e uma psicose. In: *Ciência Popular*, Rio de Janeiro, janeiro de 1955, no 76, p. 2. (AESP)

MARTINS, João; KEFFEL, Ed. Extra! Discos Voadores na barra da Tijuca. In: *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952 (ABI e CEMM)

MARTINS, João; KEFFEL, Ed. O disco voador. In: *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 24/05/1952 (AEL)

MARTINS, João. Revelado o segredo da Barra da Tijuca. In: *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1959.

MARTINS, João. Extra! “Discos Voadores” – A conferência do Coronel Adil de Oliveira. In: *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1954 (BMA)

OVNI DOCUMENTO. *Capa*. Ed. nº 6. Editora Hunos. 1977

PARAPSIKOLOGIA HOJE. Campo Grande/MS. Ed. 3. Centro Pesquisas de Discos Voadores (CPDV). Março de 1986

PLANETA ESPECIAL UFOLOGIA. *Capa*. São Paulo. Ed. nº 143. Editora Três. 1984

PLANETA ESPECIAL UFOLOGIA. *Editorial*. São Paulo. Ed. nº 187. Editora Três. 1983

PSI-UFO. Campo Grande/MS. Ed. 1. Centro Pesquisas de Discos Voadores (CPDV). Editora Nova Ciência. Setembro de 1986

PSI-UFO. Campo Grande/MS. Ed. 5. Centro Pesquisas de Discos Voadores (CPDV). Editora Nova Ciência. Março/abril de 1987

PSI-UFO. Campo Grande/MS. Ed. 6. Centro Pesquisas de Discos Voadores (CPDV). Editora Nova Ciência. Maio/junho de 1987

UFO. Campo Grande/MS. Ed. 1. Centro Pesquisas de Discos Voadores (CPDV). Editora Nova Ciência. Março de 1988

UFO. Campo Grande/MS. Ed. 09. Grupo Paracientífico Brasil (GEB). Editora Nova Ciência. Junho de 1990

UFO. Campo Grande/MS. Ed. 09. Grupo Paracientífico Brasil (GEB). Editora Nova Ciência. Junho de 1990

UFO. Campo Grande/MS. Ed. 15. Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV). Editora Nova Ciência. Junho/junho de 1991

UFO. Campo Grande/MS. Ed. 19. Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV). Março/abril de 1992

UFO. Campo Grande/MS. Ed. 21. Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV). Abril de 1993

UFO. Campo Grande/MS. Ed. 30. Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV). Maio de 1994

UFO. Campo Grande/MS. Ed. 33. Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV). Outubro de 1994

UFO. Campo Grande/MS. Ed. 40. Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV). Setembro/outubro de 1995

UFO. Campo Grande/MS. Ed. 43. Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV). Abril de 1996

UFO. Campo Grande/MS. Ed. 153. Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV). Editora Mythos. Maio de 2009

UFO. Campo Grande/MS. Ed. 154. Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV). Editora Mythos. Junho de 2009

UFO ESPECIAL. Campo Grande/MS. Ed. 01. Grupo Editorial Paracientífico (GEP). Centro de Pesquisa Discos Voadores (CPDV). 1988

UFO ESPECIAL. *Capa*. Curitiba/PR. Ed. 63. Centro Brasileiro de Pesquisa Discos Voadores (CBPDV). Editora Mythos. 2012

UFO DOCUMENTO. Campo Grande/MS. Ed. 01. Grupo Editorial Paracientífico (GEP). Centro de Pesquisa Discos Voadores (CPDV). 1989

UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL. Campo Grande/MS. Ed. 1. Centro Pesquisas de Discos Voadores (CPDV). Março de 1985

UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL. Campo Grande/MS. Centro Pesquisas de Discos Voadores (CPDV). Ed. 6. janeiro/fevereiro de 1986

UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL. Campo Grande/MS. Ed. 10. Centro Pesquisas de Discos Voadores (CPDV). Junho de 1986

SITES CONSULTADOS

Andrade, Jorge. *Longe da Terra, próximo de Marte. O namoro do século XIX com o "Planeta Vermelho"*. Disponível em: <https://www.dn.pt/ciencia/longe-da-terra-proximo-de-marte-o-namoro-do-seculo-xix-com-o-planeta-vermelho--14091859.html>. Acesso em 28 nov. de 2022.

BARBOSA JÚNIOR. O que é o Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV) e como se filiar. Revista UFO. 2012. Site. Disponível: <https://ufo.com.br/o-que-e-o-centro-brasileiro-de-pesquisas-de-discos-voadores-cbpdv-e-como-se-filiar/#>. Acesso em 11 jul. 2023

BORGES, Alexandre de Carvalho. *A fraude do Caso Barra da Tijuca completou 55 anos*. IN: Revista UFO. Disponível em: <https://ufo.com.br/noticias/a-fraude-do-caso-barra-da-tijuca-completou-55-anos/>. Acesso em: 04 set. de 2022

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Órgão*. Site. 2017. Disponível: <https://www.dicio.com.br/orgao/>. Acesso em 18 jul. 2022.

ECONODATA. *CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS DE DISCOS VOADORES-CBPDV*. Site. 2022. Disponível em: <https://www.econodata.com.br/consulta-empresa/22328431000114-A-J-GEVAERD-UFOLOGIA>. Acesso em: 19 jul. 2022

HEMEROTECA DIGITAL. *Discos voadores*. Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 04 set. 2022

INFLATION.EU. *Inflação no Brasil em 1986*. 2010. Disponível em: <https://www.inflation.eu/pt/taxas-de-inflacao/brasil/inflacao-historica/ipc-inflacao-brasil-1986.aspx>. Acesso em 11 jul. 2022

OPERÁRIO FUTEBOL CLUBE. *História*. Site. 2018. Disponível em: <http://www.operario.com.br/historia>. Acesso em 04 dez. 2021

PEREGRINI, Luis. *40 anos de conhecimento*. Revista Planeta, Ed. Nº 482. Site. Disponível em: <https://www.revistaplaneta.com.br/40-anos-de-conhecimento/>. Acesso em 04 set. 2022

REVISTA UFO. *Avistamento de Ufo sobre estádio em 1982 é tema de documentário*. Disponível em: <https://ufo.com.br/noticias/avistamento-de-ufo-sobre-estadio-em-1982-e-tema-de-documentario/>. Acesso em 04 jan. 2022

RIBEIRO, Rafael. *Há 35 anos, OVNI pairava sobre o Morenã e até hoje intriga testemunhas*. Campo Grande News. 2017. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/esportes/ha-35-anos-ovni-pairava-no-morenao-e-ate-hoje-ainda-intriga-testemunhas>. Acesso em: 04 set. 2022

RODRIGUES, Fernando. *SNI investigou óvnis durante a ditadura*. Folha de São Paulo. Site. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1101200907.htm>. Acesso em 04 set. 2022

RONDINELLI, Paula. *"Clube de regatas Vasco da Gama"*. Brasil Escola. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/vasco.htm>. Acesso em 04 dez. 2021

SUEGANA, Cláudio Tsuyoshi. *Caso Vilas-Boas 50 anos depois*. Site. Revista UFO, 2007. Disponível em: <http://www.ufo.com.br/artigos/caso-villas-boas-50-anos-depois>. Acesso em 13 jan. 2022

TORTAMANO, Caio. *Voo 169: o misterioso avistamento ovni com maior número de testemunhas*. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/voo-169-o-misterioso-avistamento-ovni-com-maior-numero-de-testumnhas.phtml>. Acesso em 11 jul. 2023

TSCHKE, Jean. *1938: Pânico após transmissão de "Guerra dos mundos"*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2017/10/30/1938-panico-apos-transmissao-de-guerra-dos-mundos.htm>. Acesso em 13 jan. 2022

VELASQUES, Musa Clara Chaves. *CRUZEIRO, O*. Site. Fundação Getúlio Vargas. CPDOC. 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/cruzeiro-o>. Acesso em 04 set. 2022

WILSON, Adriano. *Óvni em jogo de futebol tornou professor de química o maior ufólogo do país*. Site. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2015/02/02/ovni-em-jogo-de-futebol-tornou-professor-de-quimica-o-maior-ufologo-do-pais.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 04 set. 2022

DOCUMENTOS

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL. *Revistas*. Universidade Federal da Grande Dourados. Acervo. Pág. 20-21. Disponível em: <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/CDR/Revistas.pdf>. Acesso em 03 ago. 2022.

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA. *Operação Prato – II Parte Informativa*. 1º Comando Aéreo Regional. Novembro de 1977. 10f. Disponível em: <https://fenomenum.com.br/documentos/brasil/prato/Opera%C3%A7%C3%A3o%20Prato%20-%202001.01.01%20-%20Relat%C3%B3rio%20de%20Miss%C3%A3o%201.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2022.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO; SANTOS, Vinicius Proba dos. *Inquérito Policial Militar nº 18/97*. 1997. Disponível em: https://arquimedes.stm.jus.br/uploads/r/superior-tribunal-militar-in/d/c/4/dc4ab3d1fd231177d352187b6e156919edc2c38718b37e1408b5811e4f1928c3/Autos_Findos_908_-_vol._1_OT.pdf. Acesso em 11 set. de 2023

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAKER, David. ANDRADE, André (TRAD). *Brand Equity: gerenciando o valor da marca*. São Paulo. Negócio. 1998.

ALMEIDA, Rafael Antunes. *“Objetos intangíveis”: Ufologia, ciência e segredo*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de Brasília, Brasília. 508p.

ANDOZIA, Francine De Lorenzo. *Passaram a mão na minha poupança: um estudo sobre o impacto do Plano Collor no cotidiano da população brasileira urbana em 1990*. 2019. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região*. *Fronteiras*. Dourados: UFGD, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008

AVERBUG, Marcelo. *Plano Cruzado: Crônica de uma Experiência Plano Cruzado: Crônica de uma Experiência*. *Revista do BNDES*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 24, p. 211-240, dez. 2005

- BARROS, José D'Assunção. *História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis*. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, jan./jun. 2007
- BARTHES, Roland. BUONGERMINO, Rita (Trad). SOUZA, Pedro de (Trad). *Mitologias*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999
- BATISTA JUNIOR, Paulo Nogueira. *O Plano Real à luz da experiência mexicana e argentina*. IN: ESTUDOS AVANÇADOS 10 (28), 129-197, 1996
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto (Coleção Repensando a História), 1988. 78p.
- CARLOS, Daniel Pícaro. *Extraterrestres: Ciência e Pensamento Mítico nas Sociedades Modernas*. 2007. 157f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Universidade Federal de São Carlos
- CARVALHO, Carlos Eduardo. *O fracasso do Plano Collor: Erros de execução ou de concepção?* Economia (Campinas). Niterói, v. 4, n.2, p. 283-331, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010
- FARIA, Daniel. *A história de uma história: terrorismo extraterrestre a favor do governo, Brasil 1968*. Revista Hist. Historiografia. v. 12, n. 31, set.-dez., ano 2019, p. 209-243 - DOI 10.15848/hh.v12i31.1472.
- FANINI, Ângela Maria Rubel; OLIVEIRA, Alessandra Lemos de; SOUZA, Maurini. *Campanhas publicitárias na revista Veja: construções da globalização*. Revista de Ciências Humanas (UFSC), v. 46, p. 123-146, 2012.
- FERNANDES, Vagner. *Clara Nunes: Guerreira da Utopia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007
- FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Terra, 1992
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.
- GADDIS, John Lewis. *Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003, p. 15-69; p. 148-171.
- GALETTI, Lylia da S. Guedes. *Mato Grosso: o estigma da barbárie e identidade regional*. Textos de História (UnB), Brasília, v. 3, n.2, p. 48-81, 1995.
- GALETTI, Lylia da S. Guedes. *Sertão, Fronteira, Brasil. Imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. 1ª. ed. Cuiabá: Entrelinhas; EDUFMT, 2012. v. 1000. 309p.
- GIACONETTI, Milton José. *As luzes no céu e a Guerra Fria: do limiar do conflito ao imaginário dos discos voadores*. 2009. 123p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade

de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Porto Alegre

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990

HEITLINGER, Paulo. *Revistas e magazines: introdução*. Site. Disponível em: <http://tipografos.net/magazines/introducao.html>. Acesso em 04/09/2022

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. *A imprensa como fonte: apontamentos teórico-metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica*. Revista de História Bilros. História(s), Sociedade(s) e Cultura(s), v. 4, p. 11-29, 2016.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos (1a ed. 2005; 2a ed. 2006, 2a ed. 1a reimpressão 2008). In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. 2aed. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153.

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. 1ª. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. 326p.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1. 303p.

MEIHY, José Carlos Sebe. SEAWRIGHT, Leandro Alonso. *Memórias e Narrativas: História Oral Aplicada*. São Paulo: Contexto. 2020. 192p.

NAPOLITANO. Marcos. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. 2aed. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 235-289.

FANINI, Angela Maria Rubel; OLIVEIRA, Alessandra Lemos de; SOUZA, Maurini. *Campanhas publicitárias na revista Veja: construções da globalização*. Revista de Ciências Humanas (UFSC), v. 46, p. 123-146, 2012.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio)*. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 2, p. 149-184, 2006

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ROSSI, Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho. *Mitologia: abordagem metodológica para o Historiador da Antiguidade Clássica*. História (UNESP. Impresso) (Cessou em 2004), v. 26, p. 36-52, 2007.

SANTOS, Maria E. V. Antropologia: diversidade, etnocentrismo e diversidade cultural. In: ANDRADE, Juliana Alves de; SILVA, Tarcísio Augusto Alves da. (org.). *O ensino da*

temática indígena: subsídios didáticos para o estudo das sociodiversidades indígenas. Recife: Edições Rascunhos, 2017, v. 1, p. 161-180.

SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. *A invenção dos discos voadores. Guerra Fria, imprensa e ciência no Brasil (1947-1958)*. 2009. 265f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas.

SCALISE JUNIOR, Eugênio. *O Cometa Halley e sua próxima passagem*. 1985. Disponível em: <http://acervo.if.usp.br/uploads/IF/MS/V/IF-MS-V-04-042-0000-04216-0.pdf>. Acesso em 04 set. de 2022

SCHRAMM, João Francisco. *A alteridade alienígena no discurso militar*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília. 2009. 76p

SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo. Companhia das Letras. 2015.

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. *O Cruzeiro – A maior e melhor revista da América Latina*. Governo do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Junho de 2002

SILVA, Ana Cristina Teodoro Da. *O tempo e as imagens de mídia - capas de revistas como signos de um olhar contemporâneo*. 2003. Tese (Doutorado em História). Universidade do Estado de São Paulo, Assis. 231 p.

SILVA, Catarina Capella. *O mundo científico ao alcance de todos: a revista Ciência Popular e a divulgação científica no Brasil (1948-1960)*. 2009. 164 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

SILVA, Alessandra Kelly da. *Brasil e o legado da década de 1980: crise e orientação da política econômica*. In: XII Congresso Brasileiro de História Econômica e 13ª Conferência Internacional de História de Empresas, 2017, Niterói-RJ. Brasil e o legado da década de oitenta: crise e orientação da política econômica, 2017

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1999.

SOUZA, Danilo Rodrigues; FILHO, Severino Cabral. *O periódico como fonte na pesquisa histórica: trabalho e trabalhadores no jornal “Diário da Borborema” – Campina Grande 1957-1980*. In: XXVII Simpósio Nacional de História - ANPUH Brasil, 2013, Natal. XXVII Simpósio Nacional de História - ANPUH Brasil, 2013.

SUEGANA, Cláudio Tsuyoshi. *A dialética do real e do imaginário: Uma Proposta de Interpretação do Fenômeno OVNI*. 1999. 396p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita” campus Assis (UNESP)

THOMAZ, M. F. O Cometa de Halley ao longo da história. In: *Conferência Nacional de Física — Física 84, Évora (abril, 1984)*. Disponível em: <https://www.spf.pt/magazines/GFIS/449/article/1602/pdf>. Acesso em: 04 set. de 2022

VASCONCELOS, Tatiana Severino de; TRÓCCOLI, Bartholomeu Tôrres. *Crenças no paranormal e estilos de pensamento racional versus experiencial*. Psico-USF, São Francisco, v. 9, n.2, 2004.

WEINGARTNER, Guttemberg dos Santos. *A construção de um sistema: os espaços livres públicos de recreação e de conservação em Campo Grande, MS*. 2003. Tese (Doutorado em Arquitetura). Universidade de São Paulo, São Paulo. 192 p.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados, 21 de agosto de 2023.

Kevin Franco dos Santos